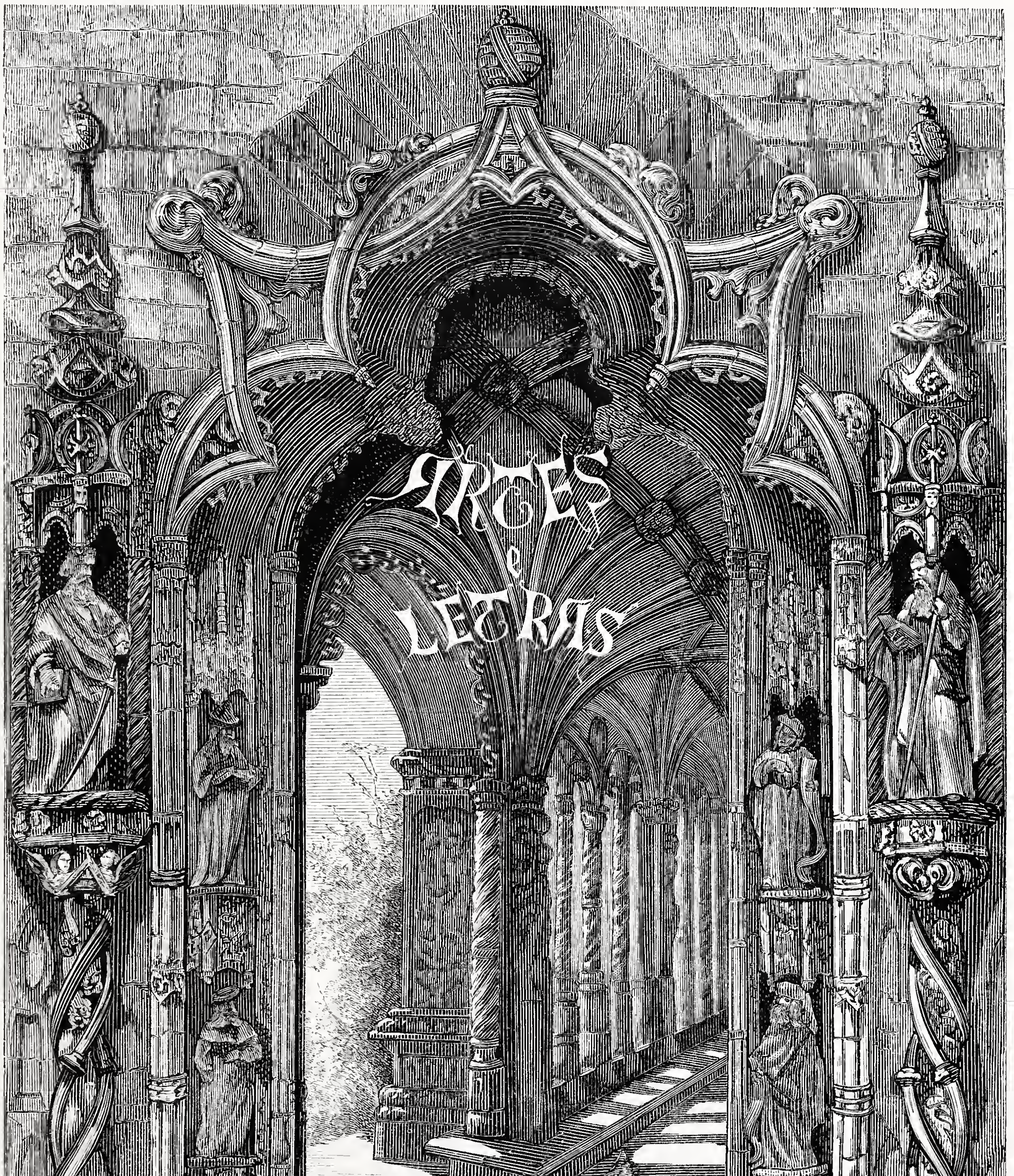



ARTES E LETRAS

TERCEIRA SERIE

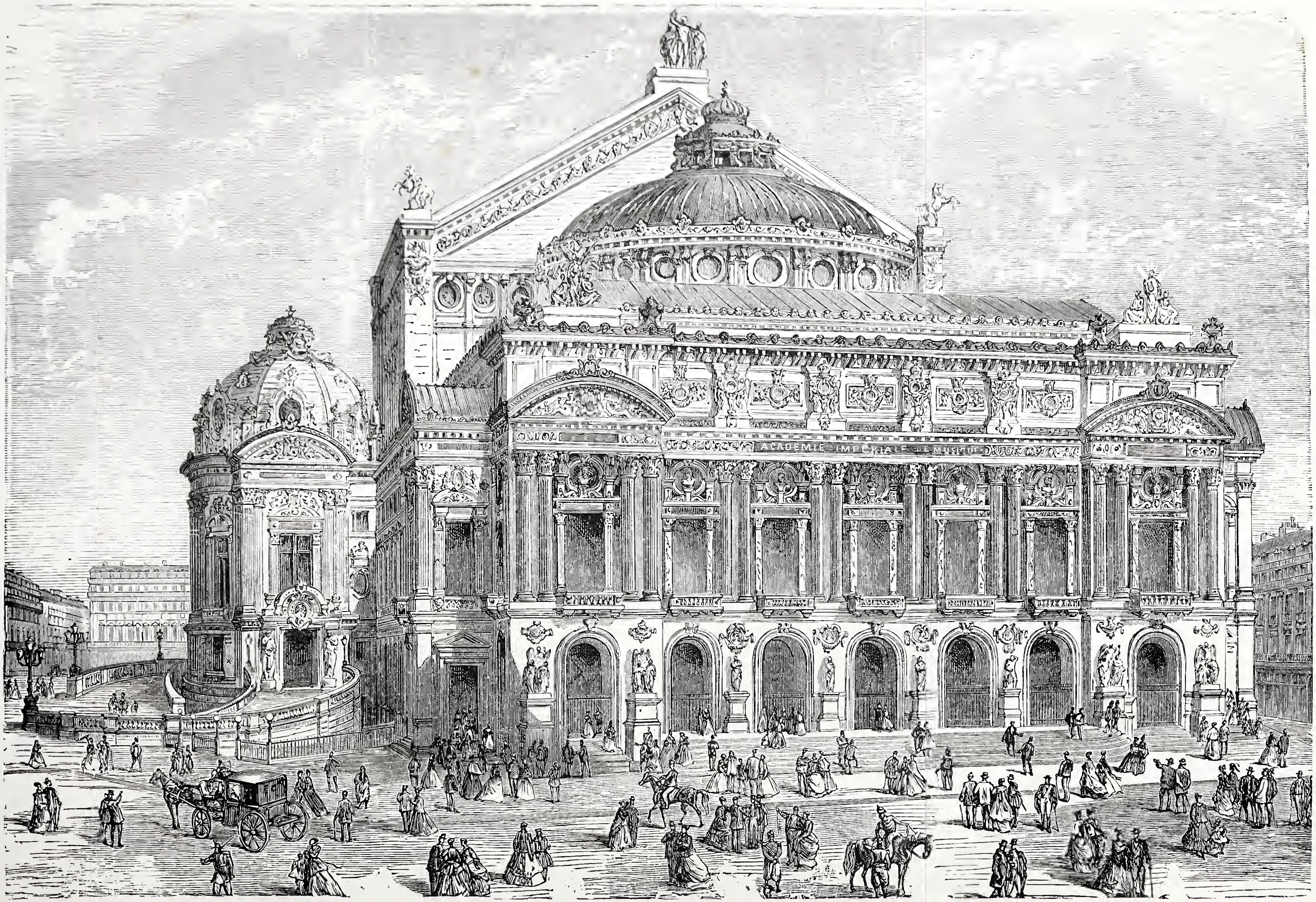


EDITORES ROLLAND & SEMIOND LISBOA

Collaboradores

Abilio A. da Fonseca Pinto — Alberto Pimentel — Alberto Telles — Alfredo Campos — Antonio Ennes — Antonio de Sousa e Vasconcellos — Antonio X. Rodrigues Cordeiro — Affis de Carvalho — Augufto (dr.) Filippe Simões — Augufto Soromenho — Brito Aranha — Bulhão Pato — Camillo Caftello Branco — Campos e Oliveira — Chriftovam Ayres — Chriftovam de Sá — Claudio de Chaby — Coelho de Carvalho — Eduardo Augufto Vidal — Eduardo Coelho — Ernefto Marecos — Francisco Antonio Barata — Francisco Gomes de Amorim — Francisco M. Tubino — Frederico Laranjo — Gomes Leal — Gonçalves Crespo — Guilherme Franco — Guimarães Fonseca — Ignacio de Vilhena Barbosa — Innocencio Francisco da Silva — Jayme Batalha Reis — Joaquim de Araujo — José Maria de Andrade Ferreira — Julio Cesar Machado — Latino Coelho — Luciano Cordeiro — Lucio de Mendonça — Luiz Augufto Palmeirim — Luiz Guimarães Junior — Manuel M. Bordallo Pinheiro — Maria (D.) Amalia Vaz de Carvalho — Marquez de Sousa Holftein — Marx de Sori — Narcisa (D.) Amalia Oliveira Martins — Osorio de Vasconcellos — Pereira Caldas — Pinheiro Chagas — Ramalho Ortigão — Ramos Coelho — Raphael Bordallo Pinheiro — Ribeiro Guimarães — Simões Dias — Sousa Viterbo — Thomaz Ribeiro — Visconde de Benalcanfôr.

Rangel de Lima — Director



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARIS

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



Numero 1—Lisboa—3.ª Serie

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARÍS



RANDIOSA se levanta a futura sala da Opera, que ficará sendo a duodecima, a partir da fundação do theatro, em 1671.

Antes de amiudarmos pormenores, julgâmos ser de interesse apresentar algumas noticias referentes ás diversas salas em que, no lapso de dois seculos, se têem dado as representações da academia de musica. Quanto á origem da opera fallaremos de relance, por isso que o nosso fim principal é dar a historia das salas, ainda que em esboço.

Tinha o cardeal Mazarino feito já executar na côrte varias operas incumbidas a artistas vindos de Italia, quando em 1659 Pedro Perrin, mestre-sala de Gastão, duque de Orleans, mandou cantar em Issy, na casa do M.r de la Haye, a pastoral de Cambert, intitulada *Pomona*.

N'esta composição não havia coros, nem bailados, nem artificios; era unicamente a primeira obra dramatica onde a musica se alliava ao idioma francez.

Do exito nasceram idéas de fundar um theatro consagrado a trabalhos d'este genero. Perrin associou-se então com o marquez de Sourdeac, homem de apurado gosto em artes mechanicas, e que tanto no seu castello de Neubourg, como em Paris, no palacio da rua Garancière, punha em scena diversas obras,—sendo de seu invento o mechanismo theatral.

A morte do cardeal Mazarino trouxe estorvo ao projecto, sendo só a 28 de junho de 1669 que Perrin obteve carta regia, pela qual lhe era concedido *fazer representar e cantar em publico as operas com versos francezes.*

Paris, a esse tempo, contava tres theatros: O do *Hotel de Bourgogne,* na rua Mauconseil, destinado ás representações da companhia real, o dos *Comédiens du Marais,* no cimo da antiga rua do Templo, e no Palais Royal a companhia de Molière *(troupe de Monsieur),* que funccionava n'essa sala mandada construir pelo cardeal Richelieu, com o fim de se representar a *Mirame.*

A *Salle des machines,* edificada nas Tulherias em 1660, era do uso privado da côrte.

Os theatros eram estes.

Os comediantes italianos e hespanhoes mostravam-se quer no Palais Royal, quer no *Hotel de Bourgogne.*

Urgia altear outra fabrica para o novo espectaculo. Perrin tinha a sua pastoral musiqueada por Cambert, desde 1659, o privilegio datava-lhe de 1669, o marquez de Sourdeac enriquecera-lhe o poema com transformações, visualidades, phantasmagorias, etc., etc.; não obstante, ainda alguma cousa faltava: o dinheiro. Entrou um novo associado na empreza. Chamava-se Lourenço de Bersac, senhor de Champeron, homem de haveres; passando-se a arrendar em 8 de outubro de 1670, por 2:400 libras, o recinto em que devia erguer-se o primeiro salão de espectaculo.

Este recinto, que servia para o jogo da pella, era propriedade de Maximiliano de Laffemas, e estava situado na rua dos Fossos de Nesle, depois chamada rua Mazarina, em frente da rua Guénégaud. A construcção foi dirigida por Guichard, intendente das obras do duque de Orleans, superintendendo em tudo o marquez de Sourdeac. A inauguração foi a 19 de março de 1671.

Na *Pomona,*—que foi a primeira obra representada,—havia mudanças de scena, transformações, garrafas que fugiam quando se lhes ía a pegar, trasgos que baixavam das nuvens, e alguns dos quaes raptavam os personagens. O successo foi rumoroso, e *Pomona* figurou por oito mezes consecutivos. Os lucros da empreza tornaram-se avultados; mas, apesar d'isso ou por causa d'isso, a sizania começou a lavrar entre os emprezarios.

Lully, que desde muito compunha a musica dos bailados palacianos, não podia vêr com bons olhos os accrescentamentos de Cambert, e a boa fortuna dos associados. Tomando mão nas dissensões para negociar com Perrin, fez com que o primeiro privilegio se annullasse, terminando as representações em virtude de uma ordem do rei, de 30 de março de 1672. Esta opera, a primeira, durára pouco mais de um anno na sala da rua Mazarina.

O favor concedido a Lully destruíra o de Perrin, sem comtudo implicar com o do Sourdeac e Champeron, que permaneciam locatarios. Para evitar discussões, Lully mandou edificar um novo theatro no sitio de Bel-Air, rua de Vaugirard, proximo ao Luxembourg, do qual foi architecto Vigarani. A 15 de novembro de 1672 fazia elle a sua estreia com as *Festas do Amor e de Baccho.*

A musica era uma rapsodia das composições de Lully. Os versos tinham saído da collaboração de Molière, Quinault e Benserade. É a partir de fevereiro de 1673, que começam pelo *Cadmo e Hermione* os fecundos trabalhos de Lully e Quinault.

Parece que o theatro do Bel-Air, erecto de afogadilho, dava seus rebates de quéda. Pela morte de Molière, Lully pediu ao rei a sala do Palais Royal,—sendo-lhe concedida.

Devia ella a sua existencia a Lemercier, que a construíra em 1657, no angulo direito do palacio do cardeal, na rua Santo-Honorato. Em 1763 um violento incendio consumiu o theatro e grande parte do edificio.

A sala das Tulherias, devida ao architecto Levau, durante a minoridade de Luiz XIV, serviu para a representação da *Psyche* em 1671, e ao diante para n'ella se executarem bailados. Em 1738 Servandoni deu ao publico as suas pantomimas vistosas. A sala ficou-se chamando *Sala das machinas*. Pelo incendio da Opera foi ahi estabelecido um theatro provisorio, sendo os trabalhos encaminhados por Soufflot, espaçando-se as suas representações até inicios de 1770. Depois da Opera estabeleceu-se o Odeon. Foi nas Tulherias que se coroou o busto de Voltaire na decima representação da *Irene,* em 1778.

Os comediantes italianos succederam-se aos francezes; e a estes, em 1792, os membros da convenção nacional. Os derradeiros vestigios do monumento apagaram-se com o incendio de maio de 1871.

A segunda sala do Palais-Royal, destinada especialmente para a Opera, e incumbida a Moreau, custou perto de 2.400:000 francos. Os desenhos, tanto do seu complexo como das ornamentações e machinismo, encontram-se gravados na *Encyclopedia.* Ahi se deram as composições de Gluck, de Piccini, de Sacchini, até que onze annos depois da abertura, a 8 de junho de 1781, as chammas o devastaram, como ao seu predecessor.

N'esse tempo, a unica sala que podia offerecer guarida á Opera era a dos *Menus plaisirs du roi,* rua Bergère, no local onde depois se estabeleceu o salão dos concertos do conservatorio. Ahi foi cantado *Le devin du village,* de J. J. Rousseau.

Em 27 de outubro de 1781 inaugurou-se no *boulevard* Saint-Martin um theatro provisorio construido por Lenoir em oitenta e seis dias. Abonava-lhe elle a duração em trinta annos, e a noventa chegou,—podendo ainda ser mais longa, se acaso a não tivesse açoutado, como a tantos monumentos de Paris, o facho assolador da commuma.

Em 1793 a cidadã Brunet Montansier mandou edificar na rua da Lei (depois rua Richelieu) um amplo theatro denominado *Theatro nacional.* Como este estivesse na frente da bibliotheca, a cidadã foi enclausurada, com o pretexto de que similhante construcção em tal sitio envolvia o *designio despatriotico de queimar o repositorio dos conhecimentos humanos.*

N'uma d'essas salas morreu o duque de Berry, a 13 de fevereiro de 1820, assassinado por Louvel. Os ultimos sacramentos foram-lhe ministrados pelo arcebispo de Paris, sob condição que o edificio fosse demolido, o que se pôz em obra e foi levado a remate.

A opera accommodou-se então na sala Favart, onde permaneceu desde 19 de abril de 1820 até 11 de maio de 1821; passando em seguida para a Louvois, e depois para a da rua Lepeletier.

Um decreto de 9 de agosto de 1820 abríra concurso para o projecto de um theatro de opera, prescrevendo a construcção immediata de uma sala provisoria no palacio Choiseul. Escolheu-se o jardim, olhando o edificio para a rua Lepeletier, o que deu margem á causticidade dos periodicos da época. Ahi, pela primeira vez, se empregou o gaz na illuminação.

O decreto de 9 de agosto de 1820 permanecia, comtudo, em esquecimento profundo. A 29 de setembro de 1860 declarou-se que um novo theatro de opera era de reconhecida utilidade publica. Em 29 de dezembro seguinte marcavam-se, n'estes termos, as condições do concurso:

O ministro d'estado

Visto o decreto de 29 de setembro de 1860, que declara de utilidade publica a edificação de um novo theatro destinado a opera, com todos os seus accessorios, no local situado entre o *boulevard* das Capuchas, a rua da Chaussée-d'Antin, a rua nova dos Mathurinos e a passagem Sandrié;

Considerando que o plano do novo theatro excita, com justo motivo, a attenção publica, e que é dever do governo convidar todos os architectos e rodear-se de todas as intelligencias;

Resolve:

Artigo 1.º Está aberto concurso publico para a organisação de um plano de theatro destinado a opera, o qual tem de ser edificado em París.

O concurso effectuar-se-ha, não pelos projectos definitivos, mas simplesmente pelas indicações ou esboços que dêem a conhecer o pensamento de seus auctores, segundo a economia geral do edificio e o seu aspecto monumental.

O concurso terminará a 31 de janeiro de 1861.

Os documentos a apresentar consistirão n'um plano geral, n'um alçado geometrico da fachada principal, n'um córte longitudinal da sala, e no orçamento descriptivo e estimativo. Os artistas poderão addicionar a estes documentos os que julgarem tendentes ao esclarecimento de seus trabalhos.

As escalas dos desenhos deverão ser as seguintes:

Plano geral, 4 millimetros.

Plano das fachadas e dos córtes, 8 millimetros.

Haverá em cada projecto uma epigraphe correspondente a outra que deverá estar sob sêllo. A esta ultima juntar-se-ha o nome e o domicilio do concorrente, sendo o involucro aberto depois da votação do jury.

Art. 2.º O jury, presidido pelo ministro d'estado e composto de membros da academia das bellas artes (secção de architectura) e de membros do conselho geral de obras publicas, examinará os projectos, e classifical-os-ha conforme o merito.

O auctor do projecto que fôr considerado não só como o melhor do concurso senão como respondendo dignamente á expectativa do governo, sob o ponto de vista architectonico, será encarregado de organisar o projecto definitivo e de dirigir os trabalhos.

O auctor do projecto classificado em segundo logar terá jus a um premio de 6:000 francos. O auctor do projecto n.º 3 receberá 4:000 francos.

Se nenhum dos projectos fôr digno de execução, não haverá primeiro premio a conferir e o governo conservará plena liberdade de acção quanto ao projecto definitivo. Os dois melhores projectos terão, comtudo, direito aos premios estabelecidos.

Os planos-esboços serão entregues ao ministro d'estado, na repartição de obras publicas.

París, 29 de dezembro de 1869.=(Assignado) *A. Waleswsky.*

O primeiro exame do jury deu em resultado a admissão de 43 projectos, entre os 171 que se apresentaram,

sendo em novas deliberações reduzido a 16 e por ultimo a 7. Os numeros dos projectos, suas divisas e os nomes dos candidatos vão em seguida:

N.º 6 — *Denique sit quod vis simplex duntaxat et unum* (Ginain).
N.º 17 — *L'art elève l'âme* (Garnaud).
N.º 29 — *Forum ædibus, non autem ædes foro* (Duc).
N.º 31 — *L'architécture est l'histoire vivant des nations* (Henard).
N.º 34 — *Nourri dans le sérail, j'en connais les détours* (Botrel e Crépinet).
N.º 38 — *Bramo assai, poco spero* (Garnier).
N.º 40 — *Rudis, indigestaque moles* (Tetaz).

O voto definitivo não concedeu premio grande, mas adjudicou a Mr. Ginain o de 6:000 francos, a Botrel e Crépinet o de 4:000 francos, a Garnaud o de 2:000 francos, e por ultimo a Duc e Garnier, individualmente, o de 1:500 francos.

O jury deliberou que houvesse novo concurso entre os cinco candidatos preferidos, cuja recompensa seria a execução do edificio.

O projecto de Garnier foi proclamado por unanimidade.

O programma redigido por Felix Martin, secretario geral da Opera, constituiu um *in-folio* de 60 paginas.

A analyse d'este documento é a mais cabal apreciação, tanto da importancia da fabrica que se ía erigir, como da multiplicidade de exigencias a que o architecto havia de attender, e á grande somma de tantas outras e tão variadas dependencias.

A primeira parte do programma dizia respeito ás construcções destinadas ao publico.

(Continua.)

O VEADO PERSEGUIDO

Como prosegue veloz na carreira o pobre veado rudemente perseguido por um dos cães da matilha, que lhe ficou atraz, pisando as ondulações das pastagens, por onde ambos vão cortando!

Que vida não respira em seus menores accidentes o quadro de Ansdell, de cuja tela se nos affigura que vão desapparecer os dois, tão rapidos correm!

Ao passo que o veado, voltando a cabeça para o lado de onde lhe salta o perigo, forceja menos por incutir mêdo, meneando a floresta de sua armadura, do que por espreitar a curta distancia que mal o separa do lebréo, este — com as orelhas hirtas, os dentes anavalhados e o pello erguido — redobra de ardor na perseguição implacavel.

Esforços de ligeireza, compita de energias, vigor de musculaturas, elasticidade de articulações, tudo concentrou admiravelmente o insigne pintor inglez n'este singelo episodio de caça, ou antes n'esta porfia teimosa de dois animaes, ajudada sómente das forças physicas, e dirigida pelo mero instincto.

Debaixo do pincel do artista, o que é apenas um lance trivial, assume o interesse palpitante de um drama, a cujos protogonistas, o veado e o cão, Ansdell soube transmittir a mobilidade extrema dos seres vivos.

E para que tudo quadre, esta scena venatoria, em que logo se adivinha a Inglaterra, é allumiada por um céo melancolico, baço, onde pairam duas gaivotas, percursoras do mau tempo, companheiro habitual dos prazeres e exercicios animados do *sport*.

Quantas vezes, na minha segunda visita a Londres, percorrendo de novo as salas de Burlington-house — o amplo edificio da academia real de que Ansdell é socio —, me convenci da influencia poderosa da vida rural, com suas lidas e diversões sobre os artistas inglezes contemporaneos!

Impera na pintura o mesmo culto apaixonado da natureza, o mesmo amor da vida rustica, que de ha muito seduzem e namoram os romancistas e poetas inglezes.

Ou nas descripções ideaes de Milton, ou nas obras de Dryden, quer em Shaskspeare, quer em Thompson, para não citar outros, a musa britannica extasia-se sempre perante os encantos e as scenas da natureza agreste e da existencia campesina.

Se recuarmos para além do poeta sublime do «Paraiso Perdido» hão de deparar-se-nos em Spencer, o Ariosto inglez, imagens e quadros deleitosos do idyllio permanente da natureza.

Obedecendo a tendencia igual, os pintores mais afamados folgam de reproduzir na tela os innumeros accidentes da paizagem que os cerca, fonte perenne das suas inspirações.

Nas dez galerias, por onde divagámos, a cada passo viamos os nomes distinctos da escola ingleza contemporanea, Cooper, Landseer, Horsley, Redgrave, Lewis, Webster firmando quadros cujos singelos titulos eram, *Uma aurora nas montanhas, Uma tarde serena, Um luar de inverno no parque, O fim do anno, etc.*

Desde a arvore que sussurra com o vento até a gota de orvalho a scintillar nas petalas de uma flôr; desde os pincaros escalvados da serra, ora toucados de nevoas, ora mirando-se na agua espelhante dos lagos sobre que se debruçam, até ás hervinhas verdes dos prados prateadas pela neve matutina que o sol ainda não derreteu; arreboes festivos, crepusculos saudosos, furacões, tempestades, tudo abrange na sua escala infinita de gradações e de tonsa palheta dos pintores inglezes. E por que? Porque a natureza inteira com suas galas e seus crepes, ou pompeando as côres vivas do idyllio ou velando-se das tristezas da elegia, é, e ha de ser sempre, o enlevo predilecto, a paixão dominante da Inglaterra, e por isso, dos seus litteratos, dos seus poetas e pintores.

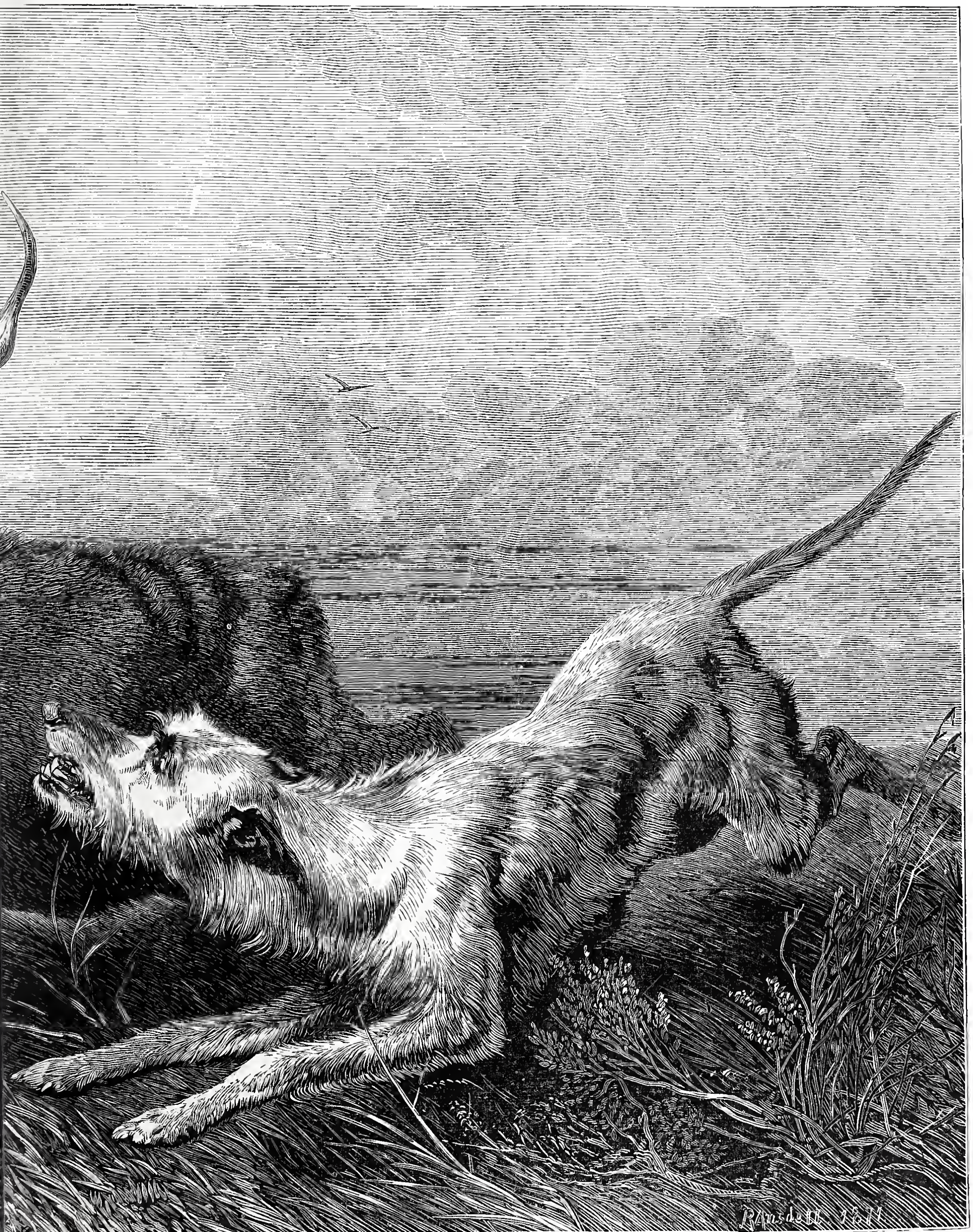
Enfeites vivos dos campos e das tapadas de caça, os animaes são tambem attentamente estudados nas suas multiplas expressões, quer sejam destinados ás rudes tarefas da lavoura, quer os appliquem aos exercicios das corridas ou ás diversões venatorias.

A cada momento nos prendem a attenção, nos museus, quadros excellentes, cujos assumptos são, ora um rebanho de carneiros Dishleys ou South Downs, ora uma manada de vaccas de Alderney ou de Durham.

Os cães mais celebrados nas caçadas; os cavallos mais corredores e laureados no hippodromo de Epsom; a matilha inteira dos mais abastados solarengos; as raposas rudemente victimadas nas caçadas famosas de Melton-Mowbray; os gamos e veados; os gallos domesticos e de combate; muitos outros animaes, em que se desvelam as attenções e até a protecção philantropica dos inglezes, figuram em todas as galerias de pintura. Á imitação da escola dos lagos, pleiade de pintores que reproduzem as paizagens mais sylvestres, a dos animalistas compraz-se em estudar a plastica dos animaes, buscando surprehendel-os em toda a verdade das suas fórmas e habitos, quer no remanso das estabulações, quer na li-



O VEADO I



ERSEGUIDO

berdade caprichosa e vagabunda que disfructam no meio das campinas e na espessura dos parques.

Voltando ao artista e ao seu quadro, é justo accrescentar, que Ansdell, se não póde medir-se com o inspirado Landseer, é todavia um animalista de subido merito. É sempre acertada a disposição geral dos seus quadros; os grupos fundem-se harmoniosamente; a sua pintura tem extraordinaria correcção e uma adoravel frescura de colorido, que nunca é arbitrario nem convencional; os typos de animaes, que pinta, resaltam da tela, tão intensa e verdadeira é a vida que os anima.

Emquanto ao assumpto do quadro, se não fosse, como dissemos, um episodio frequente das caçadas inglezas, assaltava-nos a velleidade de filiar a inspiração creadora do artista na reminiscencia d'aquelle sabido capitulo do «Vigario de Wakefield», em que o veado, perseguido pelos cães, vem caír na herdade de Primrose, a dois passos da mesa improvisada e alegre do vigario,—um mólho de feno coberto com uma toalha de linho onde loureja o *roast-beef* succulento, especie da vacca e riso do sobrio frei Bartholomeu dos Martyres.

No quadro de Ansdell ha todavia duas circumstancias que affastam a menor analogia com a scena tão adoravelmente pintada por Goldsmith. Não só o veado não parece disposto a caír, mas não se avista, como no famoso romance, nem sequer a sombra do fidalgo do solar proximo, imponente e magestoso sobre o seu cavallo, que relincha, fumegante, com a victoria do seu cavalleiro.

V. DE BENALCANFÔR.

La Rabbiata

(A DAMNADA)

NOVELLA DE PAULO HEYSE

(Traduzida do allemão)

O sol ainda não tinha nascido. Sobre o Vesuvio estendia-se uma espessa camada de nevoa pardacenta que descia até Napoles, occultando as povoações de toda a linha da costa. O mar estava sereno. N'uma praia situada na pequena enseada que dominavam as altas penedias de Sorrento, já os pescadores e as mulheres lidavam, puxando para terra com cabos grossos, os barcos e as redes com que de noite se havia pescado no mar alto. Outros preparavam os barcos, erguiam as vélas e tiravam silenciosamente os remos e as vergas das grutas naturaes cavadas na rocha e fechadas por grades, onde de noite guardavam os apparelhos. Ninguem descansava: os velhos que já não saíam ao mar juntavam-se aos que em grandes filas puxavam as redes;—aqui e ali, nos terraços, as mulheres fiavam, ou tratavam das creanças emquanto os filhos mais velhos ajudavam os maridos.

—Olha, Rachel, vês? É o nosso padre cura, dizia uma velha a uma creança de dez annos, que fiava ao pé d'ella n'uma roca pequena;—vae no barco com o Antonino para Capri. Ih! Maria Santissima! o reverendo parece que ainda não acordou de todo.—E apontava-lhe para um homem baixo, de physionomia bondosa, que se havia sentado no barco depois de ter erguido cuidadosamente a sua batina preta e de a haver arranjado sobre o banco.

Os pescadores na praia tinham suspendido os seus trabalhos para verem partir o padre que os saudava amigavelmente.

—Porque vae elle a Capri, ó avó? perguntou a creança. A gente de além não tem padres, para vir pedir-nos os nossos?

—Cala-te lá tonta, disse a velha. Têem muitos padres, e muito bonitas igrejas; e até um ermitão como nós não temos. Mas vive lá uma senhora nobre que d'antes morava em Sorrento, tão doente, tão doente, que por mais de uma vez o padre teve de lhe levar o Santissimo Sacramento, por se julgar que não viveria nem mais uma noite. Mas a Santissima Virgem soccorreu-a e agora está fresca e de saude, e toma um banho de mar todos os dias. Quando ella foi d'aqui para Capri deu muitissimos ducados á igreja e aos pobres, e não quiz partir sem que o padre lhe promettesse ir vel-a para ella se lhe confessar. É muito amiga d'elle, e tambem é uma benção um padre assim! Recebe esmolas e presentes que nem um arcebispo, e a gente rica dá-se muito com elle. A Madonna o acompanhe!—e a velha voltou-se para o barco que ía largar.

—Teremos bom tempo, meu filho? perguntou o padre olhando na direcção de Napoles.

—Ainda não nasceu o sol, respondeu o rapaz; deixe-o vir e verá o que elle faz a essas nuvemsitas.

—Vamos então depressa para chegarmos antes da calma.

Antonino pegava já n'um remo comprido para impellir o barco para o largo, quando de repente, olhando para o alto do carreiro abrupto que conduz de Sorrento á praia, parou.

Via-se ahi uma rapariga esbelta, que descia a correr os degraus pedregosos do caminho e que acenava com um lenço. Trazia uma pequena trouxa debaixo do braço, e vestia com pobreza. Tinha porém um modo singular, bem que um pouco selvagem, de atirar com a cabeça para traz, e n'ella, as tranças negras que trazia enroladas, formavam-lhe como que um diadema.

—Porque esperâmos? perguntou o padre.

—Caminha para o barco alguem que talvez queira acompanhar-nos a Capri, com sua licença, sr. cura. Não iremos mais devagar por causa da carga—é um passageiro que não tem mais de dezoito annos.

N'este momento a rapariga saíu de traz do muro que fechava o atalho.

—Laurella! disse o padre. Que tem ella que fazer em Capri?

Antonino encolheu os hombros. A rapariga vinha depressa e olhando em frente.

—Bons dias, La Rabiatta, gritaram alguns rapazes de entre os marinheiros. E teriam de certo accrescentado mais alguma cousa, se a presença do cura os não detivesse; porque a expressão altiva e muda com que a rapariga acolheu estas palavras, pareceu irrital-os.

—Bons dias, Laurella—disse então o padre, como estás? Queres vir comnosco a Capri?

—Se me dá licença, sr. cura.

—Pergunta-o a Antonino, que é o patrão do barco. Elle é senhor da sua casa, como Deus o é de todos nós.

—Aqui está meio carlin, disse Laurella sem olhar para o marinheiro, se posso ir por este preço.

—Tu precisas mais d'isso do que eu, resmungou o rapaz, arrumando uns cestos de laranja para lhe dar logar. Costumava elle ir vendel-os a Capri, por essa ilha cheia de rochedos não dar laranjas bastantes para os seus numerosos visitantes.

—Não quero ir de graça—respondeu a rapariga, a quem os olhos negros scintillavam.

—Vem, vem, minha filha, disse o padre. É um bom rapaz, que não quer enriquecer-se com a tua pobreza. Vamos, sobe—e estendia-lhe a mão,—senta-te ao pé de mim. Vês tu? como elle pôz aqui a jaqueta para que estejas mais bem sentada? Não teve estes cuidados comigo, não. A gente moça é assim! Para ella uma rapariga ha de sempre valer mais que dez padres. Não tens de que te desculpar por isso: foi Deus que ordenou que cada um procurasse os seus iguaes.

Laurella havia embarcado durante este tempo, e sentára-se depois de, sem dizer palavra, ter arredado a jaqueta. O marinheiro deixou a ficar no chão, murmurou o que quer que fosse entre dentes, depois inclinou-se com força contra a margem e o barco fluctuou no golpho.

—Que levas n'essa trouxa? perguntou o padre emquanto se mettiam pelo mar afogueado pelos primeiros raios do sol.

—Seda, fio e um pão, sr. cura. Vou vender a seda a uma mulher de Capri que faz fitas, e o fio a outra.

—Foste tu que o fiaste?

—Fui eu, sr. cura.

—Mas, se bem me lembro, tu tambem aprendeste a fazer fitas.

—Tambem, mas minha mãe tem peiorado, eu não posso saír, e não podemos comprar uma machina.

—Tem peiorado... Coitada! Quando pela paschoa a fui vêr, estava ella ainda sentada na sua cadeira.

—O peior tempo para ella é sempre a primavera. Depois d'aquellas tempestades e do tremor de terra, as dôres obrigam-n'a a estar sempre deitada.

—Não deixes de resar, minha filha, para que a Santa Virgem interceda por ella. Sê sempre boa e trabalhadora, para que as tuas orações sejam escutadas.

Depois de uma pausa, o padre continuou:

—Quando tu chegaste á praia gritaram-te—bons dias, la Rabbiata. Porque é que te chamam assim? Não é um bom nome de christã; todos devem ser affaveis e humildes.

A pelle morena da rapariga cobriu-se de vermelho e os olhos scintillaram-lhe.

—Escarnecem-me por eu não querer nem dansar, nem cantar, nem conversar com elles como as outras. Não sei por que me não hão de deixar; eu não lhes faço nada.

—Mas, podias ser mais meiga para com todos. Cantar e dansar é com effeito bom para quem leva vida mais folgada que tu. Mas dar uma boa palavra, convém ao que não é feliz.

Entretanto a rapariga olhava para os pés, e serrava as sobrancelhas como se quizesse cobrir os seus grandes olhos negros. Estiveram um momento calados. O sol brilhava então por cima das montanhas; o cume do Vesuvio saíu d'entre o nevoeiro que ainda lhe occultava a base, e as casas da campina de Sorrento destacavam-se brancas do fundo verde dos laranjaes.

—Nunca mais soubeste d'aquelle pintor napolitano que queria casar comtigo, Laurella? perguntou o padre.

A rapariga abanou a cabeça.

—Elle queria tirar-te o retrato. Porque não quizeste tu?

—Para que? Ha tantas mais bonitas do que eu! E... depois... quem sabe o que elle queria fazer do meu retrato? Talvez deitar-me alguma sorte, fazer mal á minha alma, ou talvez mesmo matar-me, como diz minha mãe.

—Não creias n'isso, disse o padre com ar severo. Não estás tu sempre nas mãos de Deus? Sem a sua vontade nem um cabello só póde caír da tua cabeça. Como é que um homem com um retrato ha de poder mais que Deus? Bem viste que te queria bem. Não te pediu elle em casamento?

A rapariga calou-se.

—Porque o rejeitaste? Era um bellissimo rapaz. Ter-vos-hia amparado, a ti e a tua mãe, melhor do que tu o pódes fazer a fiar e a dobar seda.

—Somos pobres, respondeu ella com vivacidade. Minha mãe está doente ha tanto tempo! eramos uma pensão para elle. Eu não sou propria para um *signore*. Havia de envergonhar-se de mim se os seus amigos o visitassem.

—Ora ahi está como tu fallas! E eu digo-te que é um bellissimo rapaz, que até queria estabelecer-se em Sorrento. Não achas tão cedo outro assim. Aquelle caía do céo de proposito para vos amparar.

—Não quero casar-me nunca! disse Laurella, com um ar resoluto e quasi desvairado.

—Fizeste algum voto ou queres metter-te freira?

A rapariga abanou a cabeça.

—Essa gente tem rasão de se queixar da extravagancia das tuas maneiras, apesar de que aquelle nome não é bom, nem deve dar-se. Esqueces-te de que não estás só no mundo e que é a tua teima que peiora a vida e a doença de tua mãe? Que grandes motivos pódes tu ter para recusar aquella mão, que se offereceu lealmente para vos sustentar? Dize lá, Laurella.

—Tenho um motivo muito grande, tenho, respondeu baixo e trémula, mas não posso dizel-o.

—Não pódes dizel-o! Nem mesmo a mim? Nem mesmo ao teu confessor!? Não dirás de certo que elle te não amava, não é verdade?

A rapariga fez um signal negativo.

—Vamos, desabafa, minha filha; e se tiveres rasão, serei eu o primeiro a approvar-te. Mas tu és muito nova, conheces pouco o mundo e póde ser que um dia, mais tarde, te arrependas de haver rejeitado a tua felicidade.

Laurella lançou um olhar timido sobre o barqueiro, que remava vigorosamente na prôa do barco, e que havia enterrado até os olhos o seu barrete de lã. Tinha elle a cara voltada para o mar e parecia esquecido nos seus proprios pensamentos. O padre viu este olhar e approximou-se para escutar.

—Não conheceu meu pae? disse a rapariga; e os seus olhos tomaram uma expressão sombria.

—Teu pae? Ah! sim, morreu terias tu talvez dez annos. O que tem teu pae, que Deus haja, que vêr com a tua teima?

—Não o conheceu, sr. cura? Não sabe que é elle a causa da doença de minha mãe?

—Então de que maneira?

—Porque a maltratou,— batia-lhe e calcava-a aos pés.—Lembro-me muito bem: quando elle de noite entrava em casa muito zangado: minha mãe nunca lhe dizia nada, e fazia tudo quanto elle queria; mas elle batia-lhe de modo que me despedaçava o coração vêl-o. Mettia então a minha cabeça debaixo da roupa e fingia que estava a dormir, mas passava a noite a chorar. Só quando elle a via quasi desmaiada, no chão, é que mudava de repente; erguia-a então e abraçava-a tanto, tanto, que quasi a suffocava. Minha mãe prohibiu-me de contar isto. Coitadinha! e tanto soffreu assim de máus tratos, que desde que meu pae morreu nunca mais recuperou a saude.

De modo que se ella morrer, do que o céo me defenda, sei muito bem que meu pae é a causa da sua morte.

O padre meneou a cabeça e pareceu irresoluto: até que ponto deveria dar rasão á sua confessada?

Disse por fim:

—Perdôa-lhe tu, Laurella, como tua mãe lhe perdoou; e não penses mais n'esse triste espectaculo. Hão de vir para ti tempos melhores que te farão esquecer tudo o mais.

—Nunca, nunca hei de esquecer isto, disse ella como sentindo um calefrio. Sabe, senhor cura, porque me eu quero conservar solteira? para não estar sujeita a alguem que me ame, mas que me maltrate. Se agora me quizessem bater, ou me quizessem beijar, eu bem saberia defender-me. Minha mãe é que o não sabia fazer: não podia repellir, nem as pancadas nem os beijos, porque o amava. Não quero amar nenhum homem a ponto de me tornar doente e miseravel!

—És uma creança, e fallas como uma creança que não sabe o que vae pelo mundo. Pensas que todos os homens são como teu pobre pae? e que todos se abandonam assim ás suas coleras e paixões? que todos maltratam as suas mulheres? Não conheces entre os teus visinhos tão boa gente, e tantas mulheres que vivem em paz com os seus maridos?

—Ninguem sabe como meu pae era para a minha mãe, porque ella antes morreria mil vezes do que queixar-se, fosse a quem fosse. Tudo isto ainda porque o amava! Ora se o amor nos fecha a bôca justamente quando devemos gritar por soccorro, se nos abandona sem defeza a males peiores que os que nos podia fazer o nosso peor inimigo, nunca hei de dar o meu coração a um homem.

—Repito-te que és uma creança e que não sabes o que dizes. Has de obedecer ao teu coração se tiveres de amar, quando chegar a occasião, e tudo quanto agora conservas na cabeça será inutil.

E, depois de um instante de silencio, acrescentou:

—Julgas então que aquelle rapaz pintor te viria a maltratar?

—Tinha nos olhos uma expressão como a dos de meu pae quando pedia perdão a minha mãe, e quando a queria abraçar para lhe dizer boas palavras. Conheço aquelle olhar. Todos os que têem alma de bater n'uma mulher que nunca lhes fez mal, sabem fazer aquelles olhos. Sinto-me arripiar como se os estivesse vendo.

Depois conservou-se obstinadamente calada.

O padre tambem ficára silencioso: pensava nas boas cousas que poderia dizer a Laurella; mas a presença do barqueiro a quem as ultimas palavras da confissão pareciam haver agitado, fêl-o calar.

Quando depois de duas horas de viagem chegaram ao pequeno porto de Capri, Antonino pegou no padre ao collo para o fazer passar as ultimas espraiadas da agua, e collocou-o respeitosamente em terra. Mas Laurella não quiz esperar que elle a levasse tambem: ergueu a saia, pegou nos tamancos com a mão direita, na trouxa com a esquerda, e metteu-se á agua para chegar depressa á margem.

—Demoro-me provavelmente muito tempo em Capri, disse o cura ao barqueiro. Escusas de esperar-me. Talvez só volte a casa ámanhã. Adeus, Laurella, comprimenta da minha parte tua mãe quando voltares. Hei de vos ir vêr antes do fim da semana. Voltas antes da noite, não é verdade?

—Se pudér, disse a rapariga, e pôz-se a arranjar o fato.

—Bem sabes que tambem tenho que voltar, disse Antonino com um tom de voz que elle julgou ser de bastante indifferença. Espero-te até ás Ave-marias. Se não vieres, melhor.

—Deves voltar, Laurella, disse o padre, não deves deixar tua mãe só toda uma noite. Vaes longe?

—A uma vinha em Anacapri.

—Eu vou a Capri. Deus te guarde, minha filha, e a ti tambem rapaz.

Laurella beijou-lhe a mão, e murmurou um adeus indistincto, que poderia ao mesmo tempo dirigir-se ao padre e a Antonino.

Mas este não acceitou nada para si; tirou o barrete para comprimentar o cura e nem olhou para Laurella. Quando porém se afastaram, os olhos do pescador seguiram durante um momento o padre, que caminhava com difficuldade por cima dos calhaos rollados da praia, mas logo depois voltou-os para a direita, por onde a rapariga subia com a mão sobre os olhos por causa do brilho do sol já alto.

Antes que o caminho que seguia desapparecesse de todo entre os muros, Laurella parou um momento como para tomar o folego, e olhou em volta de si. Em baixo, aos seus pés ficava a praia, e em volta as penedias a pique sobre o mar, que tinha então uma esplendida côr azul. Valia de certo a pena que se visse este quadro. O seu olhar dirigindo-se por acaso sobre o barco de Antonino, encontrou-o a olhal-a. Ambos se voltaram como quem se desculpa de uma acção involuntaria, e a rapariga continuou o seu caminho com uma expressão mais sombria ainda.

Era uma hora da tarde e já Antonino estava sentado havia duas, sobre um banco diante da taberna dos pescadores. Alguma cousa o preoccupava, porque de cinco em cinco minutos, levantava-se, punha-se ao sol e olhava com ar inquieto para os dois caminhos que, de um lado e de outro, levam ás duas povoações da ilha.

D'uma das vezes disse á dona da *osteria*, que o tempo lhe dava cuidado, apesar de estar sereno, porque o céo e o mar tinham uma côr que lhe era muito conhecida, por ser exactamente a mesma que se lhes vira antes da ultima tempestade em que tanto lhe custára a levar até terra aquella familia ingleza, de que ella devia lembrar-se.

—Não me lembro, disse a mulher.

—Pois pense em mim, se o tempo mudar antes da noite.

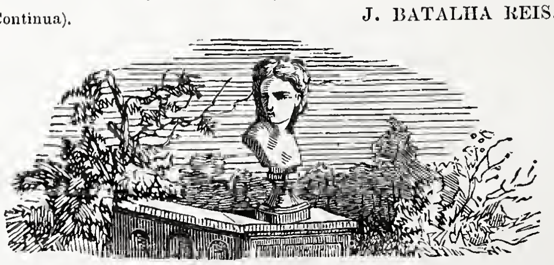
—Ha por lá já muita gente? perguntou a taberneira depois de um intervallo.

—Vem chegando agora. Até aqui tem havido mau tempo. Os que hão de vir para banhos tardam este anno. A primavera tambem se demorou.

Ganharam por cá, em Capri, mais que nós? se eu tivesse só o meu barco, nem teria com que pudesse comer *i maccaroni* duas vezes por semana. Levei de vez em quando uma carta a Napoles, trouxe por aqui alguem que queria pescar á linha, e mais nada.

Valeu-me meu tio, sabe? o dono d'aquelles laranjaes grandes. Elle tem de seu, tem. Tonieo, diz-me elle sempre, emquanto eu viver não has de ter necessidades; e em eu morrendo, pensarei em ti. Aqui tem como eu passei o inverno, com a ajuda de Deus.

(Continua). J. BATALHA REIS.



[illegible]

[illegible] Espera até ás Ave-marias. Se não [illegible]

— [illegible] voltar, Laurella, disse o padre, não deves [illegible] Vaes longe?

— [illegible]

— [illegible] Capri [illegible] minha filha, e a [illegible]

[illegible] um adeus in- [illegible] ao mesmo tempo dirigir-se ao padre

[illegible] para [illegible] para Laurella. Quando [illegible] seguiram [illegible] que caminhava com difficul- [illegible] da praia, mas logo [illegible] por onde a rapariga subia [illegible] do sol já alto. [illegible] desapparecesse de [illegible] momento como [illegible] Em baixo, [illegible]

[illegible] povoações da ilha.

[illegible] da *esteria*, que o tempo [illegible] sereno, porque o céo [illegible]

[illegible] mudar antes da [illegible]

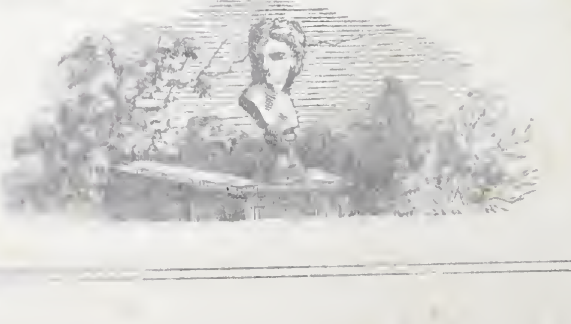
— [illegible] a taberneira [illegible]

[illegible] havido mau [illegible] este anno.

[illegible]

[illegible] d'aquelles laranjaes [illegible] Tonico, diz-me elle sem- [illegible] viver não has de ter necessidades; e em [illegible] pensarei em ti. Aqui tem como eu passei [illegible] de Deus.

J. BATALHA REIS.





POUSSIN pinxt. W. FRENCH sc.

A ADORAÇÃO DOS PASTORES.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

A ADORAÇÃO DOS PASTORES

PASSAVA-SE ha dezenove seculos nos escurentados ambitos de um presepio, essa admiravel scena que inspirou o pincel de Poussin — *o philosopho da pintura.*

Pelas cercanias de Bethlehem velavam sobre seus rebanhos uns pobres pastores. Ía a noite em meio, e os pastores foram surprehendidos por umas harmonias tão suaves como nunca homens ouviram e por uns clarões tão vividos como nunca o sol fez brilhar a olhos humanos.

Era a gloria do Senhor que refulgia nos espaços: era um côro de anjos que cantavam em harpas divinaes um hymno celeste.

A letra dizia assim:

Gloria a Deus nas alturas e na terra paz aos homens de boa vontade!

A musica... era de anjos, não a pódem reproduzir os homens!

Qual o motivo de tão extraordinario facto?

— A Bethlehem dizem os anjos aos pastores. E os pastores tomaram os seus cajados e partiram.

Vamos com elles.

Abre-se ali uma gruta nas asperezas de uma rocha: entremos.

Que surprehendente grupo?

Uma mulher, um esposo e uma creança recemnascida!

A innocencia nas suas tres mais sympathicas manifestações: a innocencia da virgindade, da castidade e da infancia!

Tres flôres igualmente bellas, colhidas no jardim das virtudes: uma açucena, um lyrio e uma rosa!

Tres mysterios de amor igualmente sublimes: um varão castissimo que se fez pae putativo, uma mulher virgem que se fez mãe, e um Deus Omnipotente que se fez homem!

Sobre uns feixes de feno se assenta a mulher. É bella como a virgem da alvorada que se levanta graciosa, coroada de perolas a espargir flôres por sobre as cristas das montanhas e os plainos dos convalles em manhã de primavera.

É formosa como o astro de prata que meigamente sorri poesia no silencio das noites.

Sua fronte é espaçosa e elevada como o Carmello da tribu d'Issachar sobre que pousam as nuvens.

Seus olhos são ternos como os da pomba que só exprimem innocencia e candura.

Seus labios são purpurinos como a petala da rosa que viça nos canteiros.

Seu collo é altaneiro como a torre de David da qual pendem mil escudos.

Cobrem-lhe seus cabellos, negros como as comas da noite quando no céo não se accendem as lampadas que a illuminam, uns pedaços de um véo, alvo como a pureza de sua alma; uns pedaços... porque aquella mãe rasgou o seu véo em mantilhas para enfaixar o filho que sustenta no regaço!

Pobres mantilhas são aquellas para acalentar o recemnascido!

Pouco importa: perto, muito perto d'aquella creança ateia-se uma chamma que escalda: é a chamma de amor que estúa no coração da mãe.

E a mãe, feliz por ter ali a urna de seus affectos, depõe ferventes beijos na assetinada face de seu tenro filhinho.

E em cada ponto onde imprime um osculo desabrocha uma rosa: é a rosa do amor: mas as rosas de amor eriçam-se de tantos espinhos!...

A gruta de Bethlehem está tão perto do Golgotha!...

Junto da Virgem levanta-se um homem.

Tendes visto o roble que no mais alto da serra se ostenta vigoroso, e desdobra as suas comas por sobre delicada flôr que lhe viceja ao pé, e a protege assim do rigor das estações?

Pois aquelle homem é o roble; aquella virgem é a flôr.

E a creança?

Aquella creança é a expectação das gentes; é o vaticinado de todos os videntes; o desejado das nações; o filho da Virgem de Nazareth; o enviado de Deus e o seu Unigenito; e, finalmente, a aurora de um grande dia que surge meiga depois de uma grande noite.

Os vagidos que ella geme nas estreitezas d'aquella gruta, hão de tornar-se um dia verbo potente que ha de ecoar pelo mundo além e pelos seculos a dentro.

E ao ouvil-o, o paganismo decrepito e tremulo já de velhice, ha de oscillar e caír de seu pedestal levantado sobre a sepultura de tantas gerações.

E a velha philosophia ha de córar de pejo ante a singela sublimidade da palavra d'aquella creança feita homem, porque ella ha de abater a soberba que se levanta e levantar a humildade que se abate, e estabelecer assim a igualdade no mundo.

Aquella creança ha de um dia lembrar á humanidade a sua origem commum; ha de chamar o senhor e o escravo, e dizer-lhes: — Sois todos filhos de Deus; todos sois irmãos, sois todos livres, abraçae-vos n'um amplexo de amor!

Ha de um dia derramar o sangue das suas veias e infiltral-o nas arterias da humanidade e com elle a luz, a vida, o progresso! E bem carecia d'isto o mundo de ha dezenove seculos.

O mundo era, por assim dizer, esse colosso gigante, chamado Roma, que, estendendo seu corpo ingente de um polo ao outro polo, abarcava o globo pelo equador.

E as entranhas de Roma eram corroidas pelo veneno da degradação moral.

A soberba sentava-se orgulhosa em seu throno marchetado de marfim e engastado de pedraria.

A avareza, ao passo que com a esquerda abarcava montões de ouro, estendia a dextra rapace a defraudar o proximo.

A luxuria reclinava-se indolente em coxins fôfos de estofos flacidos.

A ira, com os olhos coruscantes de fogo, e os labios roxeados de laivos de sangue, esmagava aos pés a malfadada paciencia.

A gula engolfava-se sofrega em opiparos banquetes de mil iguarias.

A inveja cravava seus olhos avidos na abundancia que a Providencia derramava no regaço do proximo.

A preguiça ora se reclinava maltrapida nos recantos do forum, ora arrastava roçagantes sedas com que cobria as suas irmãs.

E assim bem se pudéra dizer que as sete collinas, sobre que se espraiava a capital do mundo, eram as sete filhas de Satan!

Pois a creança d'aquelle grupo, feita homem, ha de

metter uma alavanca á raiz d'aquellas collinas e removel-as do mundo. A alavanca... ha de ser a cruz.

Tudo isto fez aquelle moço de Nazareth que se chamou Jesus.

E é Jesus o infante recemnascido que vêdes no regaço d'essa Virgem.

Rasão têem os pastores de ajoelhar reverentes ali aos pés d'aquelle infante.

Foram os primeiros chamados porque eram os ultimos.

Tinham as suas almas candidas como os vellos dos rebanhos que apascentavam.

Depois dos pastores é que hão de vir os reis, porque estes vêem de mais longe.

Do berço da humildade dista muito mais o throno do monarcha do que a cabana do pastor.

Acurva-se a velhice aos pés da infancia: o velho mundo ha de caír prostrado em face do mundo novo.

Os mais puros de coração hão de ser os primeiros a comprehender a doutrina sublime de Jesus.

Assim o quer dizer — *A adoração dos pastores.*

M. F.

THEATROS

Cumpre-me tratar, n'esta secção, dos espectaculos dados ultimamente nos theatros de Lisboa. Fallarei d'elles seguindo aproximadamente a ordem chronologica em que subiram á scena, e abstendo-me de mencionar as peças traduzidas, salvo quando ellas forem de não vulgar importancia litteraria. Por este motivo, não será para estranhar que eu guarde silencio sobre a antiga comedia de Scribe — *La camaraderie,* posta em bom portuguez pelo sr. Ricardo Cordeiro com o titulo de — *Elogio mutuo,* e primorosamente desempenhada pela companhia dramatica do theatro de D. Maria II; que me abstenha de analysar — *O paralytico,* drama muito bem traduzido pelo sr. Ferreira de Mesquita, e que foi para o actor Antonio Pedro um dos maiores triumphos — se não o maior dos ultimos tempos — que se tem visto no theatro portuguez; que me esqueça finalmente de fallar de outras composições de secundario merecimento, extrahidas dos reportorios estrangeiros, as quaes se obtiveram os applausos do publico, não foi porque se tornassem notaveis pelo enredo ou pelo primor do dialogo, nem tão pouco pelo optimo desempenho dos artistas que as interpretaram, mas sim porque a natural benevolencia dos espectadores os torna mais propensos a approvarem do que a reprovarem os espectaculos a que assistem.

Logar ás peças originaes.

No theatro do Gymnasio subiu pela primeira vez á scena, em beneficio da talentosa actriz Maria das Dores, a comedia em tres actos — *A orphã de Aldoar,* original do sr. Sousa e Vasconcellos.

Sabe-se pelos cartazes dos espectaculos estrangeiros, que certos artistas não se estreiam uma só vez nos circos ou nos theatros — estreiam-se muitas. Assim, não é raro vêr um dia annunciado o primeiro *debute* do sr. Fulano, no outro dia o segundo *debute* do mesmo sr., depois o terceiro, o quarto, etc. Quem pretendesse, pois, applicar este uso aos auctores dramaticos, diria com relação ao sr. Sousa e Vasconcellos, que a *Orphã de Aldoar* foi o segundo *debute* d'este escriptor no theatro.

A Orphã de Aldoar não é de certo um trabalho de mestre, isento de defeitos e modelo primoroso para se estudar e imitar; representa, porém, estudo e adiantamento no auctor, propensão para a litteratura dramatica e largos conhecimentos da boa linguagem portugueza.

Basta ao sr. Vasconcellos ser auctor novel para não se poder nem dever exigir nas suas obras um conjuncto de perfeições, que a maior parte das vezes não se encontra nos mais festejados dramas e comedias dos principaes auctores nacionaes ou estrangeiros.

Todos clamam contra a falta de peças originaes no theatro portuguez, inçado ha muito de traducções nocivas ao bom gosto e á moral; quando por conseguinte apparece uma composição original, quando se vê o fructo do trabalho de alguns mezes, para o qual o escriptor contribuiu com idéa, fórma, episodios e dialogo, é dever impreterivel acatar esse trabalho, ser indulgente para com elle, e, sem deixar de lhe apontar as imperfeições, encarecer-lhe as bellezas, a fim de que o auctor se anime a produzir novas e melhores obras.

É por tudo isto que eu sinceramente applaudo o novo trabalho dramatico do sr. Sousa e Vasconcellos, ao qual faltam, sem duvida, os accessorios brilhantes que adornam as composições francezas — accessorios por vezes tão brilhantes que não deixam vêr n'algumas a falsidade da idéa, nem a inverosimilhança da acção — mas onde abundam muitas qualidades boas, como são o desenvolvimento logico do enredo, o desenho de alguns caracteres e principalmente a correcção do dialogo, que, se pecca, de vez em quando, é pelo sabor classico de algumas phrases e palavras, sabor que não se encontra hoje na conversação commum. Não me parece, porém, que este delicto seja dos que mereçam maior pena dos juizes mais amigos das cousas portuguezas.

Prosiga, pois, o sr. Sousa e Vasconcellos na difficil e espinhosa carreira que abraçou, procure alegrar as suas composições, revista-as de peripecias mais theatraes, estude os caracteres do natural e verá que o trabalho e a perseverança hão de facilmente conduzil-o ao logar de honra que o seu talento merece.

Se o auctor pateado contrahe com o publico impreterivel obrigação de lhe apresentar novos e melhores trabalhos, ao auctor applaudido maior e mais indeclinavel obrigação cabe n'este ponto. Ora o publico tem applaudido sempre as composições do sr. Sousa e Vasconcellos, chamando-o ao proscenio e incitando-o a produzir outras obras; cumpre, portanto, ao sr. Vasconcellos corresponder dignamente a este convite, a este incitamento, dotando o theatro portuguez com outras composições que revelem estudo e progresso incontestaveis.

Confio nos seus brios de auctor.

Com — *A orphã de Aldoar* subiu á scena a comedia original em um acto — *Ao calçar das luvas,* da qual me não é permittido fallar por ser auctor d'ella. O mesmo succede com relação á peça original em um acto — *Coimbra e tarimba,* representada tambem no theatro do Gymnasio.

Na Trindade representou-se uma comedia em um acto, original do sr. Christovam de Sá (pseudonymo conhecido do sr. Cunha Belem), intitulada — *Marido, mulher... e primo.*

É uma composição ligeira e engraçada; não discute principios, nem tenta converter os prevertidos ou tornar melhores os que não são de todo máus. Faz rir, sem offender a moral, que tanto se póde exigir de uma breve composição em um acto.

Esta peça e a que posteriormente se deu, do mesmo auctor, tambem na Trindade, intitulada — *A operação da catarata,* outrosim impõem ao sr. Cunha Belem o dever de compôr novas obras originaes de maior alcance. Se quem possue talento para produzir trabalhos seus se limitar apenas a traduzir os alheios, o theatro portuguez não sairá nunca da atonia em que actualmente se acha, e da qual é mister salval-o.

Nos theatros da Rua dos Condes e do Principe Real, colheram applausos e deram boas receitas ás emprezas, duas revistas do anno. A do primeiro — *Coisas e loisas,* foi escripta pelos srs. Sousa Bastos e Baptista Machado; a do segundo — *O diabo a quatro,* era do sr. Joaquim Augusto de Oliveira. Ambas registavam com bastante graça os factos succedidos durante o anno, sendo a primeira mais rigorosa e severa na critica de alguns.

O Gymnasio, que tem sido o theatro mais propenso a levar á scena peças originaes, annunciou para o beneficio do intelligente e naturalissimo actor Pinto de Campos a comedia em tres actos, original do sr. Baptista Machado — *Longe da vista...*

Se a comedia do moço escriptor, muito festejado pelas platéas dos theatros de segunda ordem, não prima pelas bellezas de linguagem, nem pela verosimilhança das situações, nem tão pouco pela idéa, que se não baseia sobre qualquer thema social, recommenda-se todavia pela habilidade com que o auctor grupou em todos os actos alguns effeitos theatraes, conseguindo assim que a sua obra fosse ouvida com attenção, contentamento e applauso.

Aos effeitos dramaticos e bons finaes de actos accrescem na comedia *Longe da vista...* outras mais apreciaveis qualidades, e vem a ser o desenho correcto do typo de um contramestre de bordo e os esboços feitos por mão amestrada, de uma creada antiga — d'estas que teem em casa mais proponderancia do que as amas — e de um creado gaiatão com quem ella anda sempre ás bulhas.

Pelo que fica dito, vê-se que a comedia do sr. Baptista Machado não sendo das mais perfeitas composições que sobem á scena nos theatros de primeira ordem, revela comtudo a disposição do seu auctor para architectar enredos de que possam resultar lances dramaticos de effeito seguro, e bem assim para traçar alguns typos, sobretudo populares, com bastante facilidade e correcção.

(Continua.)

RANGEL DE LIMA.

A PRIMEIRA SAUDADE

(De Lamartine)

Nas praias de Sorrento onde a agua vem gemente
os troncos oscular dos laranjaes floridos,
á beira do caminho, entre herva recendente
s'esconde lousa curta, estreita, indifferente
do caminheiro aos passos distrahidos.

Ahi, denso goival occulta nome pobre,
um nome que jámais os eccos repetiram!
Sómente alguma vez os que, passando, o viram,
lendo a idade afastando a relva que o recobre,
exclamam ao sentir as lagrimas correr:
«dezeseis annos só!... Foi bem cedo morrer!»

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
Voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

«Dezeseis annos só!» Jámais tão doce idade
pudera vicejar em fronte mais radiante!
Nunca essa riba viu mais fresca mocidade,
nunca se reflectiu em vista mais amante!
N'alma a contemplo eu só tão viva como quando
de seu olhar a luz no meu olhar fitando,
e unindo o casto arrulho á voz das aguas mansas,
desprendidas ao vento as bastas, negras tranças,
vinha a sombra da véla, ou nuvem que passasse
como visão do céo acariciar-lhe a face;
e ao ouvir a canção do pescador distante,
e aspirando o frescor da brisa inebriante,
mostrava-me do céo no azul em que fluctua,
como nocturna flôr, o frio alvor da lua.
E dizia-me, vendo as vagas que uma a uma
se desfazem na areia em prateada espuma:
«Porque fulgura tudo, e em mim o brilho é tanto?
Nunca os astros do céo tiveram tal encanto!
Nunca as areias d'ouro onde estas aguas gemem,
nem os montes d'além que no horisonte tremem,
nem do bosque o rumor cingindo em torno as plagas,
nem da costa os clarões, o canto sobre as vagas,
me commoveram tanto! O amor nunca assim veio
n'uma volupia vaga erguer-me tanto o seio!
Porque não senti sempre os gosos d'esta tarde?
É luz que tenho n'alma? É sol que dentro me arde?
Tu, filho da manhã, dize-me, são tão bellas
no teu paiz, sem mim, as noites, as estrellas?»
Depois olhando a mãe sentada ao pé, sorria,
e em seu collo encostada em paz adormecia.

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Que pureza no olhar, nos labios que candura!
Que de luz innundava em jorros aquell'alma!
No lago de Nemi a lympha é menos pura,
mais carregado o azul, mais agitada a calma!
N'alma ingenua nenhum occulto pensamento,
sob os cilios jámais, nem mesmo um só momento,
tão cheio de innocencia o olhar era velado;
o rosto sem ter sombra ou ruga de cuidado;
tudo era alegre ahi; e o rir da mocidade
que mais tarde emmurchece e expira com a idade,
dos labios lhe pairava á flôr, inquieto, vago,
qual iris que se arqueia e espelha sobre o lago.
Nem sombra de soffrer n'aquella face franca,
nem uma nuvem só velava a luz tão branca!
O passo descuidoso, incerto, leve, iguala
a vaga que se agita, e á luz do dia embala.
Corria por correr; e sua voz de prata,
ecco limpido e puro em que a alma se retrata,
e nuncia d'ess'alma onde só canto havia,
até ás auras dava oceanos d'harmonia!

Mas porque me transporto a scenas de torméntos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Sua impressão primeira a minha imagem fôra,
como é primeira a vêr-se a roxa luz d'aurora;
não quiz mais nada vêr mal começou a amar,
mundo, esperança, vida, em mim foi concentrar;
sua existencia era eu, sua alma, e ser, e tudo,
o mais estava triste e sem encantos, mudo.
No quadro cambiante onde brilha a miragem
do mundo d'illusões, estava a minha imagem.
Não lhe lembrava o tempo, era a distancia nada,
inteira no presente a vida concentrada,
do passado viver não tinha uma lembrança;
de bello dia a noite: eis toda a sua esp'rança!
Entregava-se toda á dôce natureza
que inteira nos sorria, ao conforto da resa
que depunha no altar com flôres, seus encantos,
contente o coração, sem suspirar, nem prantos.
Por sua mão me guiava até levar-me ao templo,
e eu, pobre creancinha, eu seguia-lhe o exemplo,
e baixinho dizia: «assim bem junto, aqui,
resa, que até nem mesmo entendo o céo sem ti!»

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Vêde o jorro que entorna a limpida cascata
como n'um lago azul sereno se desata,
o vento não o agita, e o sol que passa ardente
e pudera seccal-o, o deixa estar dormente.
Um cysne que nos lembra a neve em branco rollo
á flôr d'agua deslisa e envolve n'agua o collo,
conserva-lhe a pureza, e sem ousar turval-a
dos astros ao clarão descuidoso s'embala.
Mas se desfere o vôo e busca outra paragem
delida a limpidez pela humida plumagem,
o céo se apaga então, as ondas escurecem,
e bastas pennas n'agua em flocos apparecem;
bem como se o falcão que de ralé se nutre
lhe dera morte ali, ou o lacerára o abutre;
e os encantos do lago ha pouco todo azul
são ondas negras já, quaes se as cavára o sul.

Assim, quando parti a pobre alma tremia:
foi-se extinguindo o raio, e a chamma que morria
subiu até o céo para não mais voltar.
Um segundo porvir não quiz inda esperar;
não deixou pela esp'rança a duvida,—o tormento,
tão pouco disputou a vida ao soffrimento,
sorveu d'um trago só da dôr a taça inteira,
e o coração matou na lagrima primeira!
E qual ave do céo, menos pura no entanto,
que á noite por dormir se faz das azas manto,
a triste s'envolveu no desesp'rar do bem,
e antes da noite vir se foi dormir tambem!

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Quinze annos dormiu ella em seu leito d'argila,
ninguem veio chorar na leiva em que se asyla,
e o olvido apressado—outra mortalha—um dia
veio a senda apagar que a estas praias trazia.
Já ninguem mais visita o gasto monumento,
nem scisma ou resa ali... salvo meu pensamento,
quando retrocedendo ao tempo decorrido
pergunto ao coração por quanto é já volvido,
e pondo fito o olhar em mil imagens bellas
pranteio do meu céo as extinctas estrellas!
A mais pura foi ella, e seu doce clarão
de carinhosa luz me alumbra o coração.

Mas porque me transporto a scenas de tormentos?
Deixae gemer o vento, as vagas murmurar;
voltae, voltae a mim, ó tristes pensamentos!
Quero sonhar sómente, não chorar!

Singelo arbusto agreste, e verde, e mudo, e triste,
o monumento é só que em seu sepulchro existe;
qual saudade que n'alma enraizada teima,
exposto á ventania e ao sol que eterno o queima
na rocha erguido está, mas nem sequer a cobre,
e o branco pó da estrada as folhas lhe recobre;

alastra pela terra onde os ramos pendentes
se vão por fim morrer de cabra vil nos dentes.
Na primavera, flôr que, qual floco de neve,
um dia ou dois sorri, deixa ao vento que a leve
e que a desfolhe ainda antes d'aroma dar,
como a vida se vae sem noss'alma encantar.
Uma ave de ternura e de melancolia
modula a flebil voz na basta ramaria!
Oh! dize, flôr que a vida assim deixou sem côr,
não deve um mundo haver onde renasça a flôr?

Voltae, oh! sim, voltae aos passados momentos!
Vossa triste lembrança ajuda o suspirar!
Ide-vos com minh'alma! Oh, ide, pensamentos!
Transborda o coração, quero chorar!

G. M.

CINTRA

REAL PAÇO DA PENA

I

CINTRA, encantadora Cintra! Com justa rasão te appellidou *eden glorioso* o immortal cantor de Childe-Harold. Cobrindo-te a serra de matisados tapetes de perenne verdura; vestindo-te os penedos gigantescos de musgos variegados e sempre viçosos; assombrando-te os prados e as encostas de arvoredos frondosos, que verdejam em todas as estações do anno; fazendo sussurrar os ribeiros pelas quebradas da serra, rebentar as fontes d'entre as fendas das rochas, e deslisarem-se os arroios, com dôce murmurio, pelo meio da relva; coroando-te de nuvens diaphanas e vaporosas, que entornam constantemente fecundos orvalhos sobre os teus verdores; multiplicando em tuas florestas os cantores plumosos, que bemdizem o creador, e alegram a terra com os seus hymnos matinaes de melodiosos gorgeios; em fim, embalsamando-te os ares dos suaves aromas de eternal primavera; a natureza fez de ti, ó Cintra, o paraiso da Europa.

Tornaram-te os homens paraiso glorioso, erguendo em teu seio padrões de altos feitos. O teu castello construido pelos arabes, tomado aos infieis por D. Affonso Henriques, arrancado das mãos dos que tinham voz por Castella pelo nobre esforço do mestre d'Aviz, recorda duas épocas gloriosissimas da historia de Portugal: a da fundação da monarchia e a da heroica defensa da sua independencia contra as pretensões de Castella.

O teu antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena, edificado em elevadissimo throno de rochas, commemora as glorias do reinado do fundador, as felicidades d'el-rei D. Manuel o *afortunado:* recorda o descobrimento da India e do Brasil, e toda essa pleiada de heroes, que illustraram e engrandeceram o nome portuguez, e toda essa serie de victorias, que pozeram aos pés do rei de Portugal tantas e tão poderosas corôas da Africa e da Asia, e que sujeitaram ao seu sceptro vastas regiões na America e o vastissimo imperio dos mares!

Mas se estas são as recordações mais gloriosas, que resaltam desses teus quadros naturaes, resplandentes de luz e formosura; sobre as penhas phantasticas, que coroam os teus altissimos pincaros, ou por entre as fragas musgosas, penduradas do dorso da serra, ou nos valles, sob a ramagem umbrosa dos carvalhos seculares, enlaçam-se com as penhas, com as fragas, e com as arvores annosas muitas outras memorias do passado, lendas piedosas, tradições patrioticas, e tambem tristes lembranças de grandes infortunios.

E até, em homenagem á tua gentileza, os antigos padrões da nossa historia, pela maior parte desprezados, injuriados e caíndo em ruinas por todo o reino, rejuvenescem em teu seio, restaurados e alindados. Assim foram remoçados e transformados em deliciosas estancias o velho castello dos moiros e o antigo mosteiro de Nossa Senhora da Pena.

II

Começado em 1503, e erguido uns 570 metros acima do nivel do Oceano, o mosteiro manuelino campeou durante tres seculos sobre os ridentes valles da serra de Cintra, habitado pelos filhos de S. Jeronymo.

Quando as tempestades politicas, fulminando a instituição, que o povoára, o deixaram deserto em 1834, principiaram a exercer no monumento a sua acção destruidora a mão implacavel do tempo e a barbaridade não menos vandalica dos homens.

Foi n'esse momento solemne de perigo imminente para a existencia do monumento, a tantos respeitos venerando, que um principe illustrado, verdadeiro amigo e protector das artes, estendeu sobre elle a sua benefica e efficaz protecção.

Em 1838 comprou el-rei o sr. D. Fernando ao estado o edificio e cêrca do extincto mosteiro; e pouco depois tiveram principio as obras para a sua restauração e accrescentamento. O antigo cenobio, despovoado, perdeu a poesia das crenças religiosas, que inspirava ao viajante pensamentos tão do céo; mas o augusto restaurador, trocando-lhe as divisas monasticas pelos emblemas da realeza, salvou da ultima ruina o monumento nacional, livrando assim de uma grande vergonha o nosso nome de povo civilisado, conservou-o para lustre das artes, e tambem para honra da religião, porque o sanctuario fundado por el-rei D. Manuel, enriquecido pela piedade de el-rei D. João III, e tão procurado pelos devotos em festivas romarias, lá está ornamentado, reverenciado e servido com esplendor.

Em 1844 começou a construir-se, a par da obra antiga, o novo e sumptuoso palacio ha pouco tempo concluido. N'este esplendido edificio, tão graciosa e profusamente ornamentado, admiram-se os mais bellos e primorosos especimens da architectura gothica, da do renascimento, e do estylo arabe.

O architecto [1], para o tornar mais formoso e original, foi inspirar-se nas phantasiosas invenções, que crearam os conventos da Batalha, de Thomar e de Belem, e a Alhambra de Granada; ou, para fallarmos mais exactamente, foi o augusto fundador que designou, com o admiravel bom gosto de que é dotado, as partes que deviam ser copiadas d'aquelles monumentos artisticos para adorno do seu novo paço. Ao architecto coube a tarefa ardua, mas honrosa, de delinear por tal modo a traça do edificio, que essas decorações escolhidas, typos de differentes estylos architectonicos, se combinassem para constituir um todo, cheio de graça e formosura.

Não é possivel dar idéa em breve espaço, de uma obra, que demandaria muitas e longas paginas para ser des-

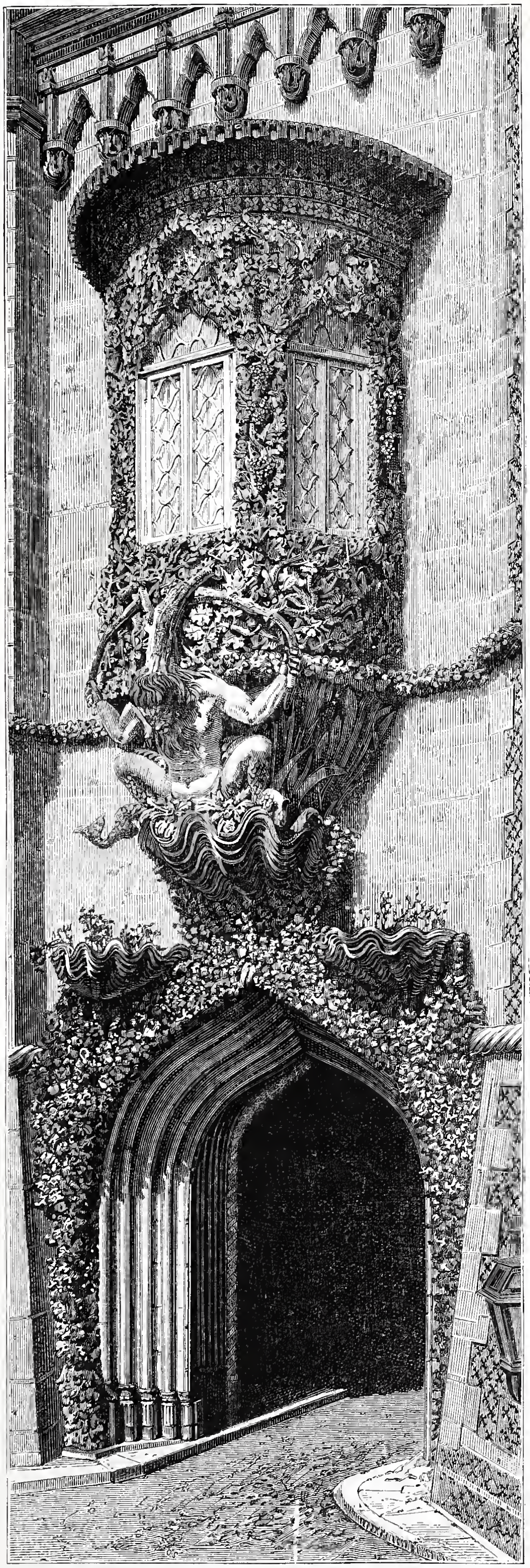
[1] O fallecido barão d'Eschwege.

cripta com a miudeza, que merecem tantos primores de arte e excellencias de trabalho, que n'ella, por todos os lados, captivam os olhos, e enleiam a alma do viajante, que os contempla absorto, qualquer que seja o seu paiz natal, e quaesquer as terras por onde tenha andado.

Das galas e primores que ostenta, offerece a gravura junta uma brilhante amostra. O portal e o pavilhão, que ahi se vê, occupam o centro de um corpo de edificio flanqueado por duas torres octogonas mais elevadas, tendo por corôas umas cupulas baixas, com a mesma fórma octogona, e cercadas de ameias.

Em cada uma das torres ha quatro pavimentos, a que dão luz bonitas janellas floreadas. O portal compõe-se de seis arcos de ponto subido, sendo o primeiro, ou exterior formado de madreporas, entresachadas de diversidade de molluscos. É obra de um trabalho esculptural delicadissimo, e do mais bello effeito. Sobre o arco das madreporas resaltam da parede tres grandes valvas de conchas, das denominadas *chammas*. A do centro, que é maior, serve de base á figura que, curvada e apoiando-se em uns troncos de vide, finge sustentar o esbelto pavilhão semi-circular, em que se abrem tres janellas. É todo coberto de esculpturas vazadas, como a renda mais delicada, representando, na parte inferior, plantas aquaticas, saindo da concha, e nas partes superiores videiras, com a folhagem e cachos dispostos com a maior naturalidade. Um cordão formado de flôres separa as videiras das plantas aquaticas, e vae depois correndo, no mesmo alinhamento, por toda a fachada do edificio, junto ao andar nobre.

A descripção, ainda que feita a traços largos, ahi está a par da gravura que representa essa obra de arte com a maior fidelidade, porque á sua perfeição artistica reune-se a circumstancia de ser copia exacta de uma excellente photographia, devida ao talento e provado amor da arte do distincto artista amador, o sr. Carlos Relvas. Pois nem assim poderão os nossos leitores, que nunca visitaram o paço da Pena, fazer uma idéa exacta da formosura e delicadeza de trabalho d'este magnifico portal e do seu gentil pavilhão.



Dá serventia ao palacio este portal, e conduz ao pateo da capella. A fachada do mesmo corpo do edificio, que deita para este pateo, é tambem de singular belleza. Sobre o arco do portal vê-se um oculo ou espelho de admiravel artificio, e logo por cima abre-se uma grande e formosissima janella, copia exacta da celebrada janella da casa do capitulo do convento da ordem de Christo em Thomar.

III

Ha, pois, na existencia d'este edificio duas phases muito distinctas, separadas por um periodo, felizmente curto, de abandono e opprobrio. Na primeira phase figura o mosteiro, symbolo das crenças vivas d'essas eras em que a fé dava coragem aos timides, valor aos fracos e esforço sobrehumano aos mais intrepidos. Na segunda phase avulta o paço real como padrão dos nossos progressos artisticos, e como documento irrecusavel do esforço patriotico e perseverante com que um soberano esclarecido se tem constantemente empenhado em promover a florescencia das artes em Portugal.

E ambos os monumentos, unidos, em sua significação moral, pelos laços da religião, do patriotismo e do amor da arte, levantam-se nobremente como dois marcos da civilisação portugueza: o mosteiro, recordando que foram os portuguezes, que, affrontando todo o genero de perigos e privações, atravez de mares ignotos, de terras inhospitas, e de gentes selvagens e inimigas, levaram a luz civilisadora do evangelho aos sertões da Africa, da Asia e da America; o novo palacio commemorando, pelo desenvolvimento artistico, que revela, os melhoramentos que a nação tem tido modernamente em todas as condições sociaes, em que se pódem manifestar os progressos da civilisação.—I. DE VILHENA BARBOSA.

MOGAREM

(EPISODIO DO ORIENTE)

POR

THOMAZ RIBEIRO

VIII

—

(Continuação)

DUAS novas alvorotaram um dia a grande cidade: a partida para Diu de D. Fernando de Castro e a proxima chegada do noivo de Mogarem.

A classe nobre, européa e christã, preparava-se para assistir ao embarque da luzida frota que se destinava a soccorrer o grande reducto do norte. A população gentilica sonhava com as festas brilhantes do proximo noivado.

Muita esperança, muita saudade e sobretudo muito reboliço e azafama na terra e no mar.

Os paes de Mogarem encommendavam de Belgão as mais ricas sedas e damascos ás caravanas dos Gattes; perolas e pedras finas aos ourives e commerciantes de Baçaim e de Ceilão; fructos, cristaes e coxins, aos da Persia. As bailadeiras e tocadores dos arredores recebiam aviso para se prepararem, planeava-se e descreviam-se os fogos e as illuminações para oito noites de festa. Riam todos e folgavam na embriaguez da esperança.

Mogarem, de longe em longe, e no meio de uma abstração ininterrompida e serena, sorria mas não fallava! Timida alegria de virgem, ou impotente resignação de victima?

No mar íam e vinham, do caes do arsenal aos navios, e dos navios ao caes, escaleres e fragatas que transportavam munições, armamentos e soldados.

N'um dos navios estava D. Fernando; no arsenal D. João de Castro; este enviando, aquelle recebendo os provimentos e os seus companheiros de gloria.

Entre os soldados que andavam arrumando as munições travam-se dialogos caracteristicos, de que só algumas palavras soltas se podem colher.

Ouçâmos o que fôr possivel:

—Que tal será esta, zanaga? anda-te o cabello arrepiado!

—É falta de pente, ou de tosquia.

—Lá em Diu te farão a marrafa.

—Veremos! já somos conhecidos antigos e á falta de santos oleos tenho-lhes posto o sal na molleira.

—E elles, não te fizeram zanaga?

—Fizeram e não tiveram grande juizo. Apartaram-me os olhos, fiquei a vêr para todos os lados.

—Então a cidade tem muralhas?

—As muralhas é que têem lá uma cidade. Tu em lá estando não tens medo, só se fôr dos mosquitos, que trepam á escalada como os marinheiros ás vergas.

—O capitão d'esta vez é que é novo.

—Sim, mas é filho d'aquelle pae que lá anda a manobrar no caes.

—Bom tronco.

—E bonito ramo; parece um palmito.

—Se o moiro lhe bota o dente vae de duas mastigadellas; é tenro...

—Talvez, mas como é fructo verde ha de lhe amargar a bôca.

—E demais elle já fez uma africa que eu não sei se seria capaz de fazer; aquella do tigre foi boa.

—Creança que mata um tigre e gosta das femeas, tem as inquirições tiradas. Fica-te n'isto, mordango: menino que venha do reino e apanhe este raio de sol, é cousa de tres dias—está homem.

—E elle já gosta?...

—Pateta! Já o viste dar alguma palavra aqui? Para onde olha elle?

—É verdade!

—Acerta a pontaria por a d'elle e vê se descobres o alvo.

—Ó zanaga!...

—Psiu! Se aquellas mangueiras dessem todo o anno mangas assim e á descripção...

—A gente arrebentava com indigestões.

—Em Diu não ha de haver d'aquillo!

—Ha de haver de tudo, e em a gente os cravando nas muralhas vae-se pelo mar Vermelho acima a consolar as viuvas... Então! trabalhas ou ficas-te de costa direita a scismar nas mangueiras?

—Para te dizer a verdade, eu já me estava a vêr no mar Vermelho.

—E os moiros?

—Ficavas tu a matal-os quando me fiz ao largo.

Até o zanaga se riu e ficou muito mais feio.

No caes do arsenal, D. João de Castro depois de escolher e fazer embarcar as melhores armas e munições, falla a um grupo de velhos soldados de rostos queimados e cicatrizes avermelhadas.

Um frade pensativo e pallido está no grupo; é Francisco Xavier.

—Uma só recommendação vos faço, dizia D. João de Castro aos soldados, se Diu caír em poder dos moiros, que nenhum de vós me traga a má nova. Eu irei reconquistal-a e mandarei erigir um tumulo onde serão gravados todos os vossos nomes.

—Nós já os conhecemos e os moiros bem sabem como as colubrinas dão os bons dias. A festa ha de ser luzida. D. João de Mascarenhas é um grande fidalgo.

—Quem elles ainda não conhecem é aquelle capitão que lá está de bordo a olhar para os arvoredos da alfandega.

—Havemos de arranjar-lhe um casamento de estrondo. Talvez seja o unico solteiro que vae na ronda.

—Que dizeis, loucos?

—Dizemos que vae casar. Qual é o soldado de Diu que se conserva solteiro?

—E casa com uma femea já avelhantada e viuva de mais de vinte maridos, que lá solteiras e virgens é que não ha, nem estas que de cá vão.

—As nossas lá estão á espera, caladas e debruçadas sobre aquelles muros, a estender a vista pelo mar adeante... Cá vamos senhoras, cá vamos, e aqui vae polvora e chumbo até se acabar o mundo.

—A fome ha de dar em indigestão.

—Sem offensa de nenhum de nós, como elle é o mais bonito ha de casar com a *tigre*[1].

—Pudera! se ella é a maioral e a que melhor canta.

—Vejo-vos triste, frei Francisco.

—Tenho saudades, senhor. Que faria eu em Diu se fosse na expedição?

—Convertei gentios, santo padre, os moiros levam-se

[1] Ha em Diu uma peça de artilheria que tem esta inscripção: —Eu sou o tigre exforçado, por onde me mandam passo.—

por outras praticas. Eu conheço-os muito. E depois... não acreditaes que eu tenha saudades tambem?
Dizia o viso-rei ao ouvido de Francisco Xavier.

Alta noite no bambual da estrada de Cumbarjua despediam-se entre soluços os dois amantes.
—Esperas por mim, Mogarem? dizia D. Fernando estrelejando-lhe de lagrimas os perfumados cabellos.
—Espero, e se morres, morro.
Foram as derradeiras palavras, se não foram as unicas que irromperam dos seus corações tão saturados de amargura.
Momentos depois D. Fernando caminhava em direcção a Goa; sentiu passos, parou e achou-se em presença de frei Francisco Xavier.
—Padre, exclamou elle, ajoelhando de improviso e beijando-lhe a orla do escapulario, ahi fica a minha alma! perdoae-me e lançae-me a vossa benção. Eu amo-a, padre, ella é gentia, mas o nosso Deus é grande. Se quereis que eu seja fórte e que meu pae não tenha que envergonhar-se de mim, jurae-me que velareis por ella!
—Erguei-vos e ide em paz, meu filho; confiae no servo do Senhor.
N'essa mesma noite e no salão do docel dizia D. João de Castro a um grupo de cavalleiros que se despediam e que com D. Fernando íam marchar para bordo:—«Quem me dera trocar as prisões de meu cargo pela vossa liberdade de soldados!» E para D. Fernando:—«Eu vos mando filho com este soccorro a Diu; encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquelles de quem vindes; fazei pormerecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado esse será meu filho[1].»
E D. Fernando depois de beijar a mão a seu pae partiu para não mais voltar.

(Continua.)

UM RETRATO

(Fragmento)

É fragil como flôr que um sopro offende;
é vaporosa como a leve ondina,
que ao saudoso clarão da lua cheia,
pendida sobre a fonte se penteia,
ao liso espelho d'agua cristalina.

Sobre a azul morbidez dos olhos bellos,
grandes, profundos, são divino enfeite,
os doirados anneis de seus cabellos,
a cingirem-lhe um rosto côr de leite.

A bôca é rosea flôr que se entreabria,
ao lascivo beijar da madrugada;
que tem sêde, que o orvalho não sacia,
e que palpita, sofrega e córada!

As mãos d'uma rainha; a fronte altiva;
languido o riso; desmaiada tez.
Ás vezes seria, absorta, pensativa,
a reflectir-lhe o olhar o extranho pasmo,
de quem sonha com o céo, e o viu... talvez!
outras vezes a rir-lhe despiedoso,
nos frescos labios o cruel sarcasmo!

[1] Jacinto Freire de Andrade.

Logo depois ao impulso mysterioso,
da inconstancia que a rege e que a domina,
resuscitando á sua voz divina
nos mortos corações, a morta fé;
e ao tocar c'o a varinha feiticeira
nos rochedos sem gallas nem verdores,
por entre as pedras desabrocham flôres,
que ella indiff'rente esmagará com o pé!

Enygma eterno! feminil Proteu,
que fascina, endoidece, e desespera!
Mulher, demonio, fada, anjo do céo,
creança ás vezes, e outras vezes... féra!
Quando Deus a creára tão formosa
depôz-lhe um sceptro na pequena mão,
e ella risonha, esquiva, caprichosa,
dominadora sempre, nem sabia
que da mulher o celestial condão,
não é ter por vassallo o mundo inteiro,
não é ser bella, e moça, e altiva, e rica,
é deixar-se immolar, manso cordeiro,
e bemdizer o algôz que a sacrifica!...

Pinteus. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

LIVROS E FOLHETOS

Vou gostosamente registar as obras que ultimamente me foram enviadas por seus auctores ou editores, agradecendo a uns e a outros a honra que fizeram a esta publicação, lembrando-se d'ella.

O ANNEL MYSTERIOSO—Á PORTA DO PARAISO. Assigna estes dois romances o sr. Alberto Pimentel, moço escriptor dotado de talento e que tem sido incansavel trabalhador no genero de litteratura a que pertencem os livros mencionados.

No primeiro acha-se entretecida com descripções dos principaes episodios da guerra peninsular, nos quaes estão pintados com brilhantes tintas os horrores que o Porto presenceou por occasião da invasão franceza, a fabula do romance em que figura como protogonista, um typo popular que foi por alguns annos o alvo das assuadas do rapazio d'aquella cidade. Acompanha este personagem durante uma parte do romance, a poetica figura de Rosina Regnau, que o auctor cérca de attractivos e encantos que mais tarde se reproduzem em Augusta, creança não menos gentil e sympathica do que a anterior.

A attenção do leitor prende-se facilmente ao desenvolvimento da acção, que é sempre ornada pelas galas de um estylo claro e agradavel onde avultam pensamentos mimosos como o que se encontra nas seguintes linhas, a proposito de Augusta ajoelhar, sem resar, defronte da sepultura da mãe, que morrêra ao dal-a ao mundo:

Não resava porque ninguem a tinha ensinado a resar. A falta das mães é tamanha que até Deus a sente.

No segundo livro, um enredo simples serve de pretexto á narração melancolica e sentida, exclusivamente consagrada á memoria do chorado rei D. Pedro V. Exaltam-se n'aquelle formoso escripto as excelsas qualidades do malogrado soberano, que tão cedo desappareceu da terra, registando-se outrosim muitas particularidades da vida publica e privada do finado monarcha.

Este livro tem sido procurado com muito interesse, valendo ao auctor merecidos elogios da critica mais severa e conspicua do paiz. Bem fizeram, pois, os srs. Lucas & filho em o incluir na *Bibliotheca universal* de que são editores.

EDUCAÇÃO POPULAR.—Os referidos editores emprehenderam uma nova publicação, sob este titulo, dedicada á mocidade estudiosa de Portugal e Brazil. Esta publicação formará uma encyclopedia instructiva e amena, collaborada pelos principaes homens de letras e dirigida pelo sr. Pinheiro Chagas.

O primeiro livro trata da *Guerra peninsular*, e é escripto pelo sr. Pinheiro Chagas em estylo facil, mas brilhante. Em 132 paginas, que tantas são as de que se compõe a obra, não é possivel historiar mais largamente os duros sacrificios por que passou o paiz n'essa época nefasta, de permeio com as glorias que alcan-

çou nas lutas famosas sustentadas contra as hostes aguerridas e vencedoras, que depois de assoberbarem quasi toda a Europa, tamanhos revezes soffreram na peninsula.

É digno de lêr-se o livro do sr. Pinheiro Chagas; as pessoas mais doutas encontram n'elle os attractivos que ornam todas as obras do talentoso escriptor, as menos instruidas aprendem, consultando-o, uma parte da historia gloriosa do seu paiz, concernente a uma época relativamente moderna, e da qual ainda hoje existem alguns individuos.

Mais quatro volumes estão já publicados pertencentes á mesma encyclopedia. São todos escriptos pelo talentoso director d'ella, e intitulam-se: — *As cruzadas* — *Dramas do mar* — *O ultimo rei cavalleiro* e — *Vulcões e tremores de terra*. Estes livrinhos satisfazem cabalmente, como o primeiro, ao fim a que se propõe a util publicação emprendida pelos editores Lucas & filho. Da leitura das *Cruzadas* resulta o adquirir-se instrucção sobre um ponto de historia, que não é permittido ignorar nem mesmo ás pessoas de medianos conhecimentos. Nos *Dramas do mar* encontra-se uma serie de interessantissimas descripções de scenas terriveis occorridas por occasião de alguns naufragios celebres de navios portuguezes, francezes, inglezes e hollandezes. O desenho dos sinistros quadros d'essas catastrophes medonhas é feito com a correcção e vigor indispensaveis em assumptos d'esta natureza. *O Ultimo rei cavalleiro* é a descripção minuciosa dos factos succedidos na época celebre da historia portugueza, em que os ardores bellicos de um rei tão moço quão enthusiasta pela gloria colhida nos campos da batalha, pozeram fim a uma dynastia a que estão ligadas tradições gloriosissimas que ainda hoje são honra e luz para o nosso paiz. Por ultimo, o volume intitulado — *Vulcões e tremores de terra*, trata do assumpto que o seu titulo denuncia, narrando circumstanciadamente a catastrophe succedida em Lisboa no dia 1 de novembro de 1755.

A publicação dos srs. Lucas & filho é por todas as rasões merecedora da protecção do publico.

Noites de insomnia. — Com este titulo começou a publicar o illustre romancista o sr. Camillo Castello Branco uma collecção de pequenos volumes, formando uma *Bibliotheca de algibeira*, da qual é editor o sr. Ernesto Chardron, livreiro do Porto e um dos industriaes mais emprehendedores estabelecidos no paiz.

Sae em cada mez um volume de 100 paginas, de formato elegante e impresso em bom papel. Os cinco volumes até hoje publicados, contêem narrativas engraçadas, esboços de romances e esclarecimentos sobre factos historicos antigos, aos quaes o sr. Camillo Castello Branco faz commentarios judiciosos e interessantes. Entre as narrativas avulta a denominada *Egas Moniz*, na qual se denuncia a triste verdade de que existe na cidade do Porto um descendente do aio de Affonso Henriques, sem um pedaço de pão para matar a fome de seus filhos!

Em o numero quatro, correspondente ao mez de abril, vem um excellente artigo, que muito deverá interessar aos nossos leitores tanto de Portugal como do Brazil. Transcrevo-o com a devida venia.

Litteratura brazileira

«Longo tempo se queixaram os estudiosos do descuido dos livreiros portuguezes em se fornecerem de livros brazileiros. Nomeavam-se de outiva os escriptores distinctos do imperio, e raro havia quem os tivesse nas suas livrarias. Nas bibliothecas publicas era escusado procural-os. Em compensação, sobravam n'ellas as edições raras de obras seculares que ninguem consulta.

«O mercado dos livros brazileiros abriu-se, ha poucos mezes, em Portugal. Devemol-o á actividade intelligente do sr. Ernesto Chardron. Foi elle quem primeiro divulgou um catalogo de variada litteratura, em que realçam os nomes de mais voga n'aquelle florentissimo paiz. Ahi se nos deparam, entre os poetas, Gonçalves de Magalhães, o correcto e sublime auctor da *Confederação dos tamoyos*; o lyrico e arrojado Alvares de Azevedo; o primaz dos escriptores brazileiros, e chorado Gonçalves Dias; o esperançoso devaneiador, fallecido no viço da idadé, Casimiro de Abreu; Junqueira Freire que primou nos segredos da melodia e já não é d'este mundo; e o severo e cadencioso poeta de *Colombo*, tão estimado dos nossos. Entre os romancistas o fecundissimo Joaquim Manuel de Macedo, que disputa a supremacia a J. de Alencar, que tanta nomeada grangeou com o seu *Guarany*. Não lustram menos as novellas mimosissimas de Luiz Guimarães, e as arrobadas meselas de prosa e verso de Machado de Assis. Em litteratura didascalica sobresaem os valiosos escriptos do professor, o sr. conego Fernandes Pinheiro, nomeadamente o *Resumo de historia litteraria*, que muito se avantaja a uns esboectos que em Portugal circulam nas escolas, e — o que é mais deploravel — nos estudos secundarios. São notabilissimos todos os livros do sr. J. M. Pereira da Silva, já na sciencia historica, já na politica, e ainda no romance, tão prosperamente estrelado na *Aspazia*. Sobre tudo, porém, os *Varões illustres do Brazil* e a *Historia da fundação do imperio brazileiro* são obras que denotam profundo estudo e muito engenho na boa disposição dos elementos e critica dos personagens historicos. Em varia sciencia, em livros elementares, em lexicologia, e ainda sobre motivos de religião, é copioso o catalogo da livraria Chardron. Esta variedade argue a fertilidade de intelligencias que ajuntam á riqueza congenial d'aquelle solo os thesouros do espirito. E muito importa e cumpre observar que os brazileiros modernamente nos não cedem no zelo de imitar a linguagem pura dos grandes escriptores portuguezes dos seculos de ouro.

«Não esqueçamos, todavia, que o impulsor d'este brilhante movimento litterario no Rio de Janeiro, e por isso em todo o imperio, é o livreiro editor Garnier, espirito emprehendedor que tanto faz luzir os talentos que divulga, quanto lucra para si a honra de os fazer conhecidos e laureados. Quem calcular o despendio grande de emprezas similhantes n'aquelle paiz, deprehenda o quanto cumpre que seja robusto e afouto o pulso que removeu as immensas difficuldades com que ha trinta annos lutavam os escriptores do Novo-mundo para se fazerem conhecidos. Coube esta gloria e este triumpho ao sr. Garnier.

«Falta dizer que os preços dos livros offerecidos no catalogo das casas Chardron, no Porto e em Braga, são modicos, reduzidos, e inferiores ao preço corrente das obras portuguezas de igual tomo.

«E, pois que estou agradavelmente recommendando livros de brazileiros, seria injustiça não graduar de passagem ao menos o merito de uma obra que recentemente saiu dos prélos portuenses. É o *Estudo sobre a colonisação e emigração para o Brazil*. É seu auctor o sr. Augusto de Carvalho, que tão grave e prestadiamente abre carreira de escriptor, em annos ainda muito na flôr, e com o espirito já a fructear as mais sensatas considerações sobre as questões controversas inculcadas no titulo da sua obra. Á substancia do livro allia-se o primor da fórma, a propriedade do termo, a chaneza eloquente, e, a espaços, a elevação do estylo que não innubla a clareza da idéa. É o sr. Augusto de Carvalho um brazileiro que nobilita as letras da sua patria, e está grangeando um logar entre os melhores escriptores, e, desde já, o tem distincto entre os bons pensadores e cultores de idéas proficuas. Congratulo-me com os seus conterraneos.»

Scenas de lisboa. — Assim se denomina o primeiro romance de uma *Bibliotheca sem nome*, cuja publicação emprehendeu um jornalista da capital. É auctor do volume o sr. D. Thomaz de Mello, moço muito conhecido em Lisboa, e a quem as letras deviam já alguns trabalhos apreciaveis. O titulo da obra e o nome do auctor despertaram curiosidade nos consumidores de livros portuguezes, com o que auctor e editor muito folgaram. O romance tem interesse, e, se algumas vezes encerra exagerações nos quadros horrorosos que nos apresenta, e pelos quaes se podem aferir os costumes de um povo, que, em boa verdade, não é tão depravado como poderá parecer a quem não o conhecer bem e lêr o livro, n'outras revela observação e tem verosimilhança nas descripções e nos episodios. Isto denota faculdades muito valiosas no sr. D. Thomaz de Mello, a quem eu rogaria, se me fosse permittido dirigir-lhe um pedido, que continuasse a dedicar a sua attenção ás lidas litterarias, das quaes póde tirar grande proveito para o seu nome de escriptor. Algumas gravuras, cujo desenho se deve ao lapis espirituoso do sr. Bordallo Pinheiro, acompanham o livro.

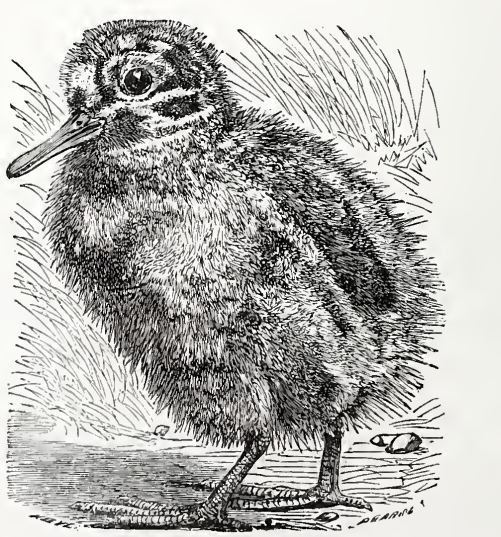
A mulher de cesar. — Em folheto de 21 paginas publicou o sr. Sousa Viterbo a sua excellente poesia assim intitulada. Se a idéa da obra não é das mais sympathicas, a belleza, o arrojo e a originalidade de alguns versos, e outras qualidades litterarias que se encontram no ultimo trabalho poetico do sr. Sousa Viterbo, resgatam de sobra aquelle senão. A poesia é dedicada ao sr. dr. Thomaz de Carvalho.

(Continua). RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

═══ Por occasião do naufragio do *Ville du Havre* perdeu-se o quadro de Meissonier *Os tres amigos*, que fôra seguro em réis 10:800$000.

═══ O sr. Duranty tem publicado varios artigos tendentes a estabelecer em França um novo systema de ensino, denominado *par les yeux*, o qual consiste em povoar todas as superficies nuas das escolas, como paredes, tectos, etc., de pinturas que representem desde a abobada celeste e a serie dos pesos e medidas até os factos mais notaveis da historia universal, tornando assim as escolas em logares attrahentes, especies de museus onde as creanças desejem ir e estar. Parece que na Belgica, na incansavel e emprehendedora Belgica, se estão fazendo experiencias para a adopção d'este util systema.



1553 — Imprensa Nacional — 1874



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

MARIA STUART RECEBENDO A SENTENÇA DE MORTE

Quadro de Wehle

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



Numero 2—Lisboa—3.ª Serie

MARIA STUART RECEBENDO A SENTENÇA DE MORTE

Se ha personagem da historia, ácerca do qual a critica tenha esgotado todos os seus requintes de analyse, sem conseguir a verdade, é de certo Maria Stuart, a gentil, a formosa, a sensivel mulher, a cujos encantos fataes e feiticeiros a ninguem era dado resistir, como diz a celebre lady Douglas no magnifico romance de Walter Scott, *The Abbot*.

O collecionador, que amontoasse tudo o que se ha escripto sobre essa mulher extraordinaria, que foi rainha de França e da Escossia e morreu no cadafalso, teria uma explendida bibliotheca, onde fulgiriám os primeiros nomes da litteratura, desde Hume e Robertson até lord Macaulay e Schiller. Poetas, historiadores, monographos, artistas e sabios, quantos e quantos têem pretendido cinzelar esse busto, retratar esse rosto, descrever essa mulher, cuja vida tormentosa, trabalhada, episodica, é um verdadeiro poema, é uma das mais completas personificações femininas, que se destacam da tela da humanidade.

Mixto heteroclito de altivez e sensibilidade, de frieza e arrebatamento, de leviandade e contumacia, de odio e amor, de energia e timidez, de dignidade e baixeza, de fanaticas severidades e desenfreadas paixões; tal é Maria Stuart como caracter moral.

Contar-lhe a vida accidentada, posto que em mui resumido trêcho, não cabe nos limites d'este artigo descriptivo.

Maria Stuart é mais do que um personagem, é uma lenda, um principio, uma personificação e sobretudo e mais do que tudo, é a mulher de formosura explendida, irresistivel, com todas as seducções e prestigios de realeza, da graça, da poesia, da erudição e da intelligencia cultissima.

Girava-lhe nas arterias o sangue calido dos Guises, desses principes lorenos, que governaram a França durante um seculo, que representaram o principio catholico, que firmaram a realeza, julgando que a destruiam para succeder á casa de Valois. Lorena, pela mãe, Margarida de Guise; escosseza e Stuart, pelo pae, o representante de Roberto Bruce; educada na côrte *raffinée* de Henrique II de França, em que Diana de Poitiers deixára no escuro a terrivel e vingativa filha dos Medicis; mal saída da adolescencia desposára Francisco II, cuja existencia breve acabou.

Foi então que o parlamento escossez exigiu o seu regresso á patria, sobre a qual havia de reinar.

Quem não conhece a magnifica pagina de Brantôme, em que o chronista descreve a grande e negra melancolia da formosa e delicada mulher, que deixava a côrte mais luxuosa do mundo para ir governar um povo semi-barbaro, revolto, sanguinario, onde aos odios do feudalismo se juntavam os odios de religião, fomentados por essa panthera de elevada intelligencia, a famosa Izabel de Inglaterra? Quando no horisonte esfumado desapparecia a terra, exclamava Maria Stuart: *Adieu, France, plus ne te reverrai!*

A Escossia, commovida pela palavra ardente e severa de Knox, discipulo de Calvino, um d'esses fanaticos austeros, que fundaram a religião reformada; a Escossia não podia supportar a governação de uma mulher fraca, amoravel, lasciva e caprichosa, que symbolisava o principio catholico em toda a sua plenitude. Por outro lado, Izabel de Inglaterra, que, segundo os catholicos, era bastarda de Henrique VIII e usurpadôra, via em Maria não só uma belleza muito superior, mas uma pretensôra ao throno.

Rivalidades de mando, rivalidades de belleza, rivalidades de religião, tal era o abysmo que dividia as duas mulheres, taes os motivos d'essa lucta sangrenta, cujo derradeiro episodio é o que representa a nossa gravura, copia de um quadro afamado.

Ambas estas mulheres tiveram os seus Plutarchos apaixonados e os seus biographos parcialissimos, assim como em vida tiveram os seus adoradores, ou antes, amadores, porque a castidade de qualquer d'ellas é uma negação absoluta.

Os escriptores catholicos endeusam Maria Stuart e amaldiçôam Izabel; os protestantes levantam esta á apotheose e votam aquella ás gemonias. E por tal arte as duas rainhas representavam os dois principios politico-religiosos, implacavelmente adversos e exclusivos, que ainda hoje os auctores inglezes não se desprendem dos laços tradicionaes. O *whig* campeia por Izabel; o *tory* terça por Maria. Esta, porém, foi victima e aquella algoz.

Maria era formosa, sem senão; possuia todos os encantos da mulher; sabia perdoar muitas vezes; tinha todas as fragilidades suaves e todos os requintes arteiros. Que muito é pois que a poesia romanesca, o estudo superficial, a natural sympathia pela victima lhe circumdem a fronte d'essa auréola dos martyres impollutos, que morrem sacrificados em holocausto á ambição e á politica sem entranhas?

E todavia a historia severa e imparcial chega á triste conclusão de que, a gentil e doce Maria, essa, que mandou matar o esposo, o desvairado e imbecil Darnley, para caír nos braços ensanguentados do criminoso Bothwell, o devasso, tambem sabia ser panthera, e que, se os papeis se trocassem e se Izabel caísse na cilada tecida pelos roseos dedos da filha dos Guises, a cabeça havia de rolar-lhe no cêpo.

Foi Isabel a vencedora. Não soube perdoar. Por largos annos a encerrou e a final matou-a.

A filha de Henrique VIII, e de Anna de Boleyn, impudica, lasciva e sanguinaria, não era capaz de abrir a gaiola, onde jazia o passaro gentil. Mas désse liberdade ao rouxinol dos bardos escossezes, e a historia diria como a philomela se transformára em aguia, cujas garras se cravariam impiedosas na rival.

Repetimos. Entre aquellas mulheres, que se digladiavam, havia a lucta de dois principios oppostos e irreconciliaveis. A mais fraca havia de morrer. Não santificamos o assassinio. O crime é sempre crime. Mas nada mais barbaro e cruel do que a logica.

Maria Stuart foi, como disse um grande pensador inglez, a rainha mais mulher que tem havido, a creatura mais incompativel com as exigencias d'aquelle seculo de luctas sombrias, implacaveis e sem mercê. Os ultimos momentos da mulher são admiraveis. Ha o drama shakespeariano, fremente, brutal n'aquella sentença de morte, apoz um longo captiveiro, em que as blandicias hypocritas e felinas de Izabel mostram aos olhos espavoridos da historia os lobregos e insondaveis abysmos da pravidade humana em toda a sua nudez hedionda.

Izabel assigna a sentença fatal e derrama lagrimas de crocodilo. Depois, quando recebe a nova, quando sabe que o cutello do algoz completou a obra sinistra, exclama que lhe extorquiram o consentimento. E n'esse remorder da consciencia senil morreria certamente de pezar se o bom povo de Londres não illuminasse a cidade, cheio de regosijo e jubilo. Eterna hypocrisia do crime, que ainda nas suas mais nefandas ferocidades, cobre o rosto com a mascara da virtude.

Maria Stuart, cuja morte heroica estava presagiando o triste fim da sua raça, soube conquistar um logar excepcional no extenso martyrologio da rasão do estado.

A gravura representa-a quando o conde de Kent lhe intima a sentença. No rosto sereno, cujas linhas harmonicas e estatuarias a ferrea mão da desgraça não poude obliterar, divisa-se a coragem e a resignação.

D'alli a pouco, abraçada a um crucifixo, pousava a cabeça no cêpo, exclamando: *rainha nasci, rainha morro.*

N'estas palavras resume-se o drama e são ellas que ainda lhe estão propiciando os manes e o renome perante a posteridade.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

NOVO THEATRO DA OPERA EM PARÍS

(Continuação)



s trabalhos da edificação principiaram sem delonga. Em junho tinha o jury deliberado; em julho procederam os geometras ao traçado das ruas e determinaram o perimetro do edificio; em agosto andava-se em excavações á finca.

As exigencias que em tempo haviam sido feitas ao architecto eram de uma diversidade e magnitude incalculaveis. Demandavam-lhe entradas faceis, um grande espaço abrigado, onde, em um quarto de hora, se pudesse dar vasão a tresentas carroagens, uma casa de guarda para vinte cinco homens de infanteria, outra para dez de cavallaria. Tres escadas principaes, salões de espera, vestiarias, gabinete do commissario de policia, emfim, para não descermos a minucias, tudo quanto a previdencia póde requerer, tudo se havia alliado com a sumptuosidade.

Foram difficeis de começo os trabalhos da construcção. Tornava-se indispensavel um amplo subterraneo para guardar os machinismos e adereços. Para isso convinha aprofundar 15 metros. Ora baixando-se ahi entrava-se desde logo no dominio das aguas, que são certas n'aquella zona de París. Não bastava, porém, minar, esgotar, construir o solo e as paredes; era mister que as aguas circumstantes não estivessem em immediato contacto com os muros.

Foi isto labutação de um anno, na qual se empregavam 8 bombas, movidas por 8 machinas a vapor da força total de 48 cavallos.

Para se fazer idéa da quantidade de agua absorvida pelas bombas, imagine-se que ella deveria cobrir o pateo do Louvre dando-lhe em altura vez e meia as torres de Notre Dâme. D'aqui resurtiram novos embaraços. N'um raio de mais de um kilometro seccaram todos os poços. Eram constantes as reclamações dos proprietarios esbulhados d'aquelle elemento, e inquietos por não saberem se elle tornaria. Com o tempo voltou de novo. A 21 de julho de 1862 lançava-se a primeira pedra do novo theatro. No fim do anno os trabalhos da edificação podiam dar-se por concluidos.

Deixando agora as profundezas para observar o aspecto geral do monumento, bastará dizer, calculando o volume de todas as construcções, que o cubo por ellas representado é proximamente de 430:000 metros, quando o volume total do Pantheon é de 190:000 e o da Bolsa apenas de 106:000 metros.

A fachada é uma das mais conhecidas obras architectonicas. No dia em que os olhares do publico a devassaram o sentimento da admiração foi entranhado. O desenho póde indicar a harmonia do conjuncto, a elegancia dos contornos, a abundancia da ornamentação, mas não pode traduzir o magestoso effeito d'este lavor de Garnier. O architecto recorreu aos marmores e aos metaes mais diversos e variados para formar como que uma vasta palheta, onde se encontrassem todos os matizes do colorido. Monolithos de Ravière contrapõem-se ás pedras vermelhas do Jura; os marmores de l'Echaillon encimam os balaustres de marmore verde da Suecia. No brocatel violeta firmam-se os grupos em bronze dourado que dominam os angulos da fachada. Corôa-se esta com o *Apollo* de Millet, solevantando a lyra de oiro. As fachadas lateraes são mais sobrias. O emprego dos marmores é mais raro. Os pavilhões, que, a um e outro lado quebram a uniformidade das linhas, têem tido gabos unanimes. Cada um d'elles mostra o seu aspecto distincto. No intervallo das janellas estão bustos de musicos, a saber: á direita, Monteverde, Durante, Jomelli, Monsigny, Grétry, Sacchini (esculptor, Walter); Lesueur, Berton, Boieldieu, Herold, Donizetti, Verdi (esculptor, Bruyer); á esquerda, Cambert, Campra, Rousseau, Philidor, Piccine, Paisiello (esculptor, Itasse); Cherubine, Mehul, Nicolo, Weber, Bellini e Adam (esculptor, Denéchaux).

Da extremidade da rua Gluck vêem-se em perfeita summa todas as fachadas lateraes do theatro.

Um edificio tem que indicar pelo exterior o destino de cada um dos seus corpos. É o que este revela tão claramente quanto é possivel. Ao primeiro, que comprehende os vestibulos e escadarias, succede a sala, cuja cupula se levanta, denunciando a fórma interna do recinto pelo seu molde circular. Em seguida, apoz a scena, vem as construcções mais modestas para gabinetes de administração e camarins dos artistas.

Revertendo á parte ornamental da opera, e fallando

dos grupos que personificam as varias manifestações das bellas artes, convem especialisar a *Dansa* de Carpeaux, grupo exageradamente *realista*, que provocou tantos applausos de uns como censuras de outros. Mulheres de carnadura flacida, olhar sensual, corpo em requebro de bacchante, e enlaçando-se n'um movimento de volnptuosa ebriedade, tal foi o que saíu do cinzel do artista. Um dia,—como que para vingar a moral,—arremeçaram a uma das figuras um frasco de tinta,—ficando uma grande mancha no quadril da dansarina. Tão continuas se tornaram as exprobrações,—não diremos por conta da arte, mas por conta da virtude,—que em 1869 uma ordem do ministerio mandou que o grupo fosse transferido para o interior do theatro.

Se o quizessemos acompanhar devassando as magnificencias do salão, por longas horas as estariamos descrevendo.

Escadas amplissimas, galerias vistosas, os marmores brancos de Serravezza guarnecidos pelas balaustradas de onyx, columnas innumeras, mosaicos deslumbrantes,—o maravilhoso da luz reflectindo-se no granito rosco dos Vorsges, no jaspe do monte Branco; e em noites de festa, o ondear da multidão elegante, o brilho das sedas, das bordaduras, dos diamantes, dos olhos que se cruzam, ás vezes muito mais fulgidos ainda,—e tudo isto confundindo-se, mesclando-se, augmentando o explendor de entorno,—eis o completo d'esta sala dado n'um traço,—do qual não saberá fazer quadro a imaginação mais exuberante.

No que respeita á scena, propriamente dita, continua a observar-se a mesma grandeza. Uma commissão presidida por mr. Regnault, membro do instituto, e director da manufactura de Sèvres, foi encarregada de propôr os necessarios melhoramentos quanto á parte do machinismo theatral. As principaes innovações consistiram na adopção dos pannos de fundo circular devendo produzir o effeito de panorama, e n'um systema para baixar ou erguer mechanicamente o tablado, ou apenas uma parte d'elle.

Não esqueça mencionar-se a bibliotheca e os archivos.

A primeira, entregue aos cuidados de Ernesto Reyer, possue numerosos fragmentos authenticos dos mais celebres compositores, muitos actos de Gluck, tres obras de Rousseau, um trecho de Haydn, e muitos outros,—na maior parte ineditos,—devidos a Grétry, Spontini, Cherubini, Mehul, Rossini, Meyerbeer, etc.

Os archivos encerram os documentos da administração, contas e correspondencias a datar de 1730. A administração da opera desde a sua origem, tem estado nas mãos de sessenta e tantos directores. Lully teve uma boa estrella que nem sempre acompanhou os seus successores.

Póde-se computar em um milhão cento e sessenta mil o numero de jornaes a operarios de todas as especies. Entre os materiaes empregados contam-se mais de 800:000 metros cubicos de pedras, 20:000 metros de gesso, 5:000:000 tijolos, 10.000:000 kilogrammas de ferro e 340:000 kilogrammas de chumbo. As despezas de construcção sobem a 28.000:000 francos.

O novo theatro da opera acha-se concluido exteriormente.

Quanto á parte interna ainda tem que sujeitar-se a diversas modificações e aperfeiçoamentos. A sala actual contém logares para 1:780 pessoas, mas fica-los-ha tendo para 2:194.

A questão do melhor modo de ventilar o edificio sem prejuizo dos espectadores foi entregue a uma commissão, presidida pelo general Morin, recommendando-se entre os projectos apresentados o de mr. Hamelincourt. Para obviar a qualquer fatalidade de incendio, as proprias aguas, que tanto embaraçaram os trabalhos iniciaes, são as que hoje se prestariam como salvadoras. Alem dos reservatorios alimentados pelos conductos ordinarios da cidade de Paris, ha dois poços inteiramente independentes do curso do Sena. Na proximidade da entrada das carroagens ha um elevador para os que, não podendo subir as longas escadarias, quizerem ter o seu logar sem fadiga.

São estes, ao correr da penna,—os pontos salientes d'esta obra,—uma das mais notaveis que modernamente se tem levado a cabo na Europa. Ainda que o estylo se opulentasse das maiores galas, ficaria descorado e frouxo tentando pintar o assombro d'esta composição eternisada na pedra, e reverberando á luz de tantos genios consociados. Só no grande *foyer*, illuminado por dois lustres e que se alonga n'uma extensão de 54 metros, de cercado de vinte columnas, hão de figurar outras tantas estatuas allegoricas symbolisando as differentes virtudes ou attributos necessarios ao artista.

Entre ellas,—como serias tu esquecida?—tem de figurar a da *Belleza*.

O architecto póde hoje ser julgado cabalmente. Os que quizerem conhecer intimamente as suas idéas pessoaes, as suas theorias particulares de artista, esses têem o livro que elle escreveu com tal mira, *O Theatro*, livro que é um perfeito commentario da sua obra monumental.



MORTA

(Ao meu amigo Gonçalves Crespo)

Deus sabe se te amei
Archanjo seductor...
Morri por ti d'amor
Apenas te avistei.

O tempo, que passei
Ralado pela dôr
Sem mais vêr o fulgôr
De teus olhos... nem sei.

Sei só que tudo é findo!...
E d'esse sonho lindo,
Que me fugiu p'ra Deus,

Só ha no cemiterio
Pobre leito funéreo
Por entre os mausoléus...

Porto.

JOAQUIM D'ARAUJO.



ARTES E LETRAS



NUMERO 2—LISBOA—4.ª SERIE

O PRINCIPE HERDEIRO

COMO elle se apresenta grave e aprumado, segundo o reclamam as conveniencias de posição! Porque fez o acaso nascel-o no throno? porque lhe impoz o destino, logo no berço, a cruel obrigação de viver escravo da etiqueta? Não é elle uma creança? não lhe pullula lá no intimo o demonio côr de rosa das travessuras infantis? não tem no espirito juvenil a descuidança, a volubilidade, o capricho caracteristico dos seus verdes annos? Então porque o transformou a atmosphera da côrte? para que lhe torceu os impulsos da idade a tortura inexoravel da vida palaciana?

Se a alteza real atirasse audaciosamente com o seu tricorne emplumado áquelle casal de pombinhos, que arrulham sobre o colmo da choupana, para vel-os fugir espavoridos! se batesse as palmas satisfeito da travessura, ao contemplar o vôo incerto e precipitado das pobres avesinhas colhidas de sobresalto! se arrancasse da venera que traz ao peito para vêr reflectir-se-lhe nas facetas dos brilhantes as mil côres em que se desfazem os raios do sol! se do espadim que lhe pende garbosamente ao lado se servisse para deitar a terra algum ninho de toutinegras, pendurado da frondosa ramaria da arvore que assombra o recinto! Ah! que então seria o rapaz da sua idade, com o sangue na guelra, como vulgarmente se diz, ou com o demonico no corpo, segundo é tambem locução habitual! Mas o prestigio da posição, mas a lei das conveniencias transforma a indole natural da creança, afivela-lhe a mascara de uma gravidade precoce e amanciirada, e deixa-o alli contrafeito, preso nos movimentos, acanhado, sem aquella audaciosa franqueza e naturalidade de gestos e attitudes, que é peculiar das creanças!

A saudal-o, a recebel-o, a acclamal-o estão alli, defronte d'elle, os rapazes da aldeia, com os seus fatinhos domingueiros, com as suas caras lavadas de fresco, com a sua curiosidade infantil. Acanha-os embora a presença do mestre escola, que, no jubilo immenso de se apresentar com a sua cohorte perante o herdeiro do throno, commanda o enthusiasmo da creançada que o cerca, e preparа-se a deliciar os augustos ouvidos do principe com umas variações de rebeca, cousa talvez de arrepiar as carnes e os cabellos, mas a que o nervo acustico do rapazio aldeão resiste impavido pelo costume de considerar tal diversão musical como um parenthesis aberto pela alegria na monotonia das obrigações escolares. Acanha-os a solemnidade da apresentação, deslumbra-os o esplendor que circumda o regio infante, e o prestigio, ainda mais esplendoroso que as sedas e as joias, que anda ligado áquelle pequenino alto-personagem. Embora! Não têm a franca jovialidade das suas tardes de brinquedos, não ferem o ambiente com esse irrequieto zumbido, que fazem ouvir ao declinar do sol, quando em tropel saem da aula, como doiradas abelhas, saindo das colmeias, a espairecer por sobre as flores odoriferas dos campos. Todas as circumstancias da occasião concorrem para acanhal-os, para tolher-lhes o vôo petulante da sua natural alacridade; e ainda assim, que differença nos aspectos d'aquelles pobres filhos do povo, que com o filho do monarcha formarão o dia de ámanhã, a pagina não volvida no livro da existencia da patria, o futuro da nação emfim!

Vêde-os! Contemplae-os bem de perto, a um por um! Se exceptuarmos aquelle que está mesmo á esquerda do preceptor, sumido na sombra d'elle e na da sua propria tristeza, se exceptuarmos aquelle moçinho rigorosamente vestido de escuro, que é filho talvez do lavrador mais abastado da aldeia, mas que tem cara tambem de herdeiro presumptivo ou do mestre escola ou do padre do logar, todos os outros têm na physionomia a alegre e ditosa expressão da meninice, e até um mostra os dentes alvissimos n'um sorriso, que debalde pretende esconder por detraz do seu livro aberto.

Aquelle outro que mais de perto se acerca do real visitante da aldeia, se não ousa encarar face a face o herdeiro do throno, não deixa de o contemplar de soslaio com o seu olhar intelligente e perscrutador, e Deus sabe que trabalhos de comparação se irão formando n'aquella mente pequenina, ao vêr o principe, pequeno como elle, luxuosamente vestido, como elle se não vestirá nunca, cercado dos respeitos e attenções dos grandes senhores da côrte que o seguem, e que nunca nem ao menos se dignarão abaixar os olhos até elle, que nem pensam que elle existe no mundo sequer, elle que talvez saiba melhor do que o principe as suas lições de grammatica, elle que não hesitaria em vencer o filho do monarcha na correria pelas campinas da sua aldeia, elle que era capaz de trepar até aos mais finos ramusculos da arvore frondosa que os cobre, sem que o principe se aventurasse a seguil-o, elle que não duvidava acertar com uma pedrada no cão que fugisse pela azinhaga proxima, aonde o regio infante nem alcançaria arremessar a pedra, elle que, volvidos annos, irá vestir uma farda e expôr o peito robusto ás balas dos inimigos para defender aquella creança, já então tornada rei, já então symbolisando a honra e gloria da patria commum!

Não é menos expressiva a adoravel cabeça de um curioso, a quem o vulto do mestre intercepta a vista do personagem principal da scena e que se debruça graciosamente para vel-o melhor, bem como a do que estende o pescoço por entre os hombros dos seus dois companheiros, aproveitando a elegante flexão de um dos que lhe ficam na frente e que se enlaça em amigavel união ao amigo predilecto, cujo livro ha de ser commum na leitura a que irão proceder em breve na presença de sua alteza.

Fecham o engraçado grupo alguns curiosos dos dois sexos, attraidos pelo desejo de verem de perto o herdeiro

da corôa, e emquanto uma boa velha aperta as mãos, como que a exclamar: — Ai! como é lindo o principe! ou — Deus o fade para bem do seu povo! uma rapariga, que não tem nada de feia, e que, ao que parece, é desposada de algum republicano da terra, com quem tem aprendido uns ares desdenhosos para o prestigio realengo, contempla indifferente com a mão na cintura o futuro rei, que, se tivesse mais alguns annos de idade, perdoaria de certo a pacifica rebellião d'aquella subdita, em attenção aos lindos olhos com que a natureza a dotou!

No profundissimo amor que consagramos ás creanças, enygmas risonhos, que o futuro ha de desvendar, é sempre com um entranhado interesse que o nosso espirito se enlaça a essas tenras vergonteas da arvore da realeza, a cujo porvir está ligado o porvir das suas nações.

Se d'aquelle grupo de rapazes, que constituem o povo, hão de saír os heroes e os facinoras, se os valentes soldados e os ignobeis traidores estão alli misturados, confundidos na mesma candida meninice, se de entre elles surgirão porventura os grandes genios, os altissimos talentos, que nas sciencias, nas artes, na litteratura, em todas as manifestações do espirito affirmarão tambem talvez uma realeza incontestavel, uma soberania, que o sopro ardente das revoluções não derriba, se muitos d'elles podem com o seu nome honrar a patria, ser a gloria e o desvanecimento do genero humano, se d'entre aquellas phalanges podem sair os grandes reformadores, os profundos philosophos, os immortaes descobridores; n'aquelle menino, comprimido na gravidade da etiqueta, educado desde os tenros annos para o rude officio de rei, está a principal, a mais importante parte dos destinos da nação. Que pagina estará destinado que aquella mão pequenina escreva nos fastos nacionaes? O sceptro que lhe será dado empunhar, tornar-se-ha vara de justiça ou flagello dos seus vassallos? a corôa que lhe ha de cingir a fronte juvenil será de espinhos ou de rosas? Que immenso ponto de interrogação impende ante a figura delicada e graciosa de um principe herdeiro!

E invejam-o! e festejam-o! e cercam-o de respeitos e quiçá de adulações! E nós deploramos, na nossa immensa sympathia instinctiva, o destino d'essa creancinha, que ha de assumir perante a historia uma enorme e indeclinavel responsabilidade!

Quando os annos lhe houverem sulcado a fronte com as rugas da idade; quando os cuidados lhe tiverem branqueado os cabellos, quando o peso do officio de rei o houver alquebrado, aquellas creancinhas da sua idade serão velhos tambem, tambem como elle haverão percorrido os varios estadios da vida, tambem como a elle se lhes terão desdobrado os mysteriosos horisontes do destino, com elle haverão formado a sua época, terão escripto com elle uma pagina da historia patria; povo e rei terão vivido em commum a vida da sua geração, mas o brilho que aureóla o vulto infantil do principe herdeiro, se póde illuminar-lhe o nome glorioso nos annaes da humanidade, póde tambem tornar-se chamma, que lhe haja crestado todas as flores da existencia!

CHRISTOVAM DE SÁ.



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Raphael Bordallo Pinheiro emigrou para o Brazil. Foi encontrar, para o seu trabalho e para o seu talento, estipendio mais pingue do que lhe dava a patria, e foi porque a mais de artista é pae, e o dever de quem lavra o pão dos filhos é não desaproveitar uma gôta d'agua, que o céo envie á sementeira. Não o moveu a irrequieta ambição, que não póde ella mais em corações bem formados do que o amor á familia: persuadiu-o o disvélo do pelicano pela ninhada. Aqui, o salario da intelligencia é pago com as mealhas dos banquetes dos ricos, rico é só quem herda ou quem *compra e vende*, — e o artista, como o litterato, por mais que se esfalfe a produzir e embora tenha o nome afamado, não logra mais abastança que o ter o estomago conchegado, emquanto o cerebro é fecundo e o braço activo. De descanço regalado para a velhice ou de patrimonio para as filhas, quando orphanadas, nem esperança que reluza para lhe alentar o moirejar de toda a vida! A opulencia, que os confrades lhe invejam, chamaria um mercador de escravos ou um fidalgo vadio a sua penuria, e se ha quem se resigne a esta condição de desapreço, e a resignação é propria da indole portugueza, caracteres ha, todavia, de melhor tempera, que aspiram ao que lhes é devido, que protestam contra o leão da partilha em que são esbulhados, e têm hombridade para o que entre nós se chama *correr aventuras*, e que quasi sempre é procurar trabalho ou justiça para o trabalhador.

Raphael Bordallo é d'estes, dos que se não condemnam voluntariamente ao supplicio da *cêpa torta*. E todavia, se podessem bastar a um homem as amisades que se enleiam ás boas almas, e a um artista a predilecção do publico, os estrondos da fama e as meiguices e lisonjarias da celebridade, Bordallo não deixaria o seu paiz sem ingratidão. Os brazileiros dar-lhe-hão oiro, dar-lh'o-hão talvez fabricado em corôas e palmas: difficilmente lhe darão, porém, mais cordeal e festeira estima do que a dos patricios: digamol-o em desconto dos peccados da nossa pobreza! Não vae fugido senão dos braços que queriam retêl-o. Parece que de um frecheiro, que se entretem em acertar com os calcanhares dos Achilles, se distanceiarão, receiosos, os amores proprios, e que um caricaturista, semeiando epigrammas, deve colher inimisades: comtudo, não ha em Lisboa ninguem mais geralmente bemquisto do que o nosso emigrado, que encontre mais franca acolhida nas melhores rodas litterarias, politicas e artisticas, que seja mais desejado n'uma festa de amigos, e cujos creditos melhor sirvam de reclame a um editor, de pregão a uma empreza de publicidade. Chegou a ser popular. O *Zé povinho*, que nem sempre sabe o appellido dos ministros, conhece-o e aponta-o nas ruas com um sorriso amavel, e quem lhe tivesse rancor ou inveja, havia de exasperar-se até endoidecer, não podendo lêr um jornal, abrir a primeira folha de um livro, consultar um almanach, olhar para uma esquina, entrar n'uma livraria, sem vêr em letras gigantes, phantasticas, coloridas, de todas as fórmas e de todos os matizes, typographado, gravado, pintado a oleo, a aguarella, em relêvo, o nome de Bordallo Pinheiro.

Este privilegio deveu-o elle ao talento, ao caracter moral e até á physionomia attrahente, porque a physio-

nomia tem o seu poder n'uma cidade que, por pequena, é como um salão, onde apoz a obra se examina logo o auctor. Nunca houve carreira mais feliz do que a sua. Principiou entre applausos, apezar de ter principiado por vocação, sim, mas tambem por simples recreio. A divertir-se soube fazer-se apreciar. Raphael Bordallo não teve uma educação artistica regular: passou das aulas, onde preguiçou, para uma secretaria, onde reagiu indomavelmente contra o perigo de degenerar em machina bureaucratica. Começou a desenhar aos vinte annos e estreiou-se para o publico na caricatura, a que deve, senão o melhor, o mais ruidoso da sua reputação. Os seus primeiros traços, que não eram por certo um monumento de arte, —nem levanta monumentos á arte o lapis do caricaturista—revelavam, porém, um espirito gracioso, uma concepção facil, uma imaginação abundante: as prendas, emfim, que ainda hoje o distinguem, e a que deu realce, posteriormente, aperfeiçoando-se no desenho. Tendo tido a virtude de não se deixar deslumbrar pela luz nascente da sua reputação, fez estudos serios, dirigidos por seu pae, um artista emerito, e pela academia, e metteu mãos a trabalhos de mais folego do que o gracejar dos ridiculos humanos, applicando-se á aguarella. Não soçobrou na empreza, como não soçobrará em nenhuma cujo exito dependa de talento, e os seus quadrinhos, mimosos de expressão e de frescôr, foram, em curto espaço, disputados pelos amadores no seu *atelier,* nas exposições da associação promotora de bellas artes, e ainda no estrangeiro, mostrando aprecial-os sobremodo el-rei D. Fernando. Um d'elles, talvez o melhor de todos, uma primorosa amostra de *realismo, Os jogadores de petinga,* tem tido multiplicadas reproducções em albuns e periodicos da França, de Hespanha e de Inglaterra.

Á exposição de Madrid de 1872 já Raphael Bordallo concorreu mui distinctamente, com aguarellas e um grande quadro a carvão: *A boda na aldeia,* notavel pela composição e pela naturalidade das figuras, e os criticos d'arte da imprensa madrilena festejaram-n'o, como se captivaram da espontaneidade do seu talento e do seu desejo de esmerilhal-o, os mais illustres pintores hespanhoes, com quem conviveu fraternalmente, colhendo d'elles conselho e incitamento:—os Pellicer, os Rozales, os Madrazos. E não foi esta a unica distincção que o moço artista recebeu dos estrangeiros, que tão rara e desdenhosamente põem os olhos nos homens e nas cousas portuguezas. Quando a Europa inteira assentou os oculos sobre a Hespanha, que lhe offerecia em espectaculo as scenas mais pictorescas de guerra civil e revolução popular, a *Illustrated London News,* grave e meticuloso *gentleman,* escolheu-o para reproduzir essas scenas, como seu correspondente, fiando d'elle as suas paginas mais procuradas pela curiosidade, e esta commissão foi desempenhada tão a contento dos directores do periodico, que quasi desarticularam a rigidez britannica para testemunharem apreço. Bordallo Pinheiro, como desenhador, adquiriu então fóros de cidade em toda a Europa, e inscreveu o nome entre os *grands-cordons* da sua arte, porque só elles illustram a celebre revista londrina, sendo o primeiro nome portuguez que lhe figurou nas aristocraticas paginas. Uma das *illustrações* hespanholas tambem o encarregou da sua correspondencia artistica em Lisboa.

Quem quizesse enumerar os trabalhos de differentes generos, que têm saido do *atelier,* em elaboração constante, de Raphael Bordallo Pinheiro, teria de inventariar um museu e uma bibliotheca. Nenhuns tiveram, porém, mais voga em Portugal do que as caricaturas, e é certo que ninguem mais do que elle elevou o genero, embora o genero não alcance o sublime, nem as suas producções sejam para vasar-se em bronze ou esculpir-se em marmore. Muitas foram as publicações que emprehendeu, illustradas pela sua inexgotavel *verve—O calcanhar de Achilles,* a *Berlinda,* o *Binoculo,* o *Almanach,* a *Lanterna magica*—e todas alcançaram ovações. O lapis de Raphael Bordallo tem, como nenhum outro, como não teria talvez o de Gavarni e como não tem o de Nadar, o condão de reproduzir a physionomia, e não só a physionomia, mas o *modo* habitual da sua victima, com dois singelos traços, largos e firmes. Para o caricaturista, porém, o conceito é ainda mais do que a sua expressão, e é especialmente pelos conceitos que brilha o talento de Bordallo, talento fertil e improvisador, que só com um olhar penetrante descobre no personagem ou no assumpto a falha da armadura, por onde ha de entrar o estylete da satyra. Este estylete, porém, arranha o amor proprio mas nunca fere a honra, porque o não dirige um caracter bilioso mas sim uma indole boa, regrada por severos principios de moralidade, e uma intelligencia educada por idéas nobres e generosas.

Este é o homem, que deixou na patria innumeras sympathias a recommendarem-n'o ao novo mundo. Seja-lhe uma segunda patria o Brazil, pois que o talento e a arte têm direitos de cidade no mundo todo! E se os generosos brazileiros nos quizessem mal, pedir-lhes-hiamos que fossem tão hospitaleiros para com o nosso patricio, que o prendessem lá por mil venturas, porque assim, alem de nos darem, aos seus amigos, o desgosto da ausencia do amigo, arruinar-nos-hiam fazendo com que, atraz dos *braços,* começassem a emigrar de Portugal, para as suas terras, as *cabeças!*

ANTONIO ENNES.

O COVEIRO

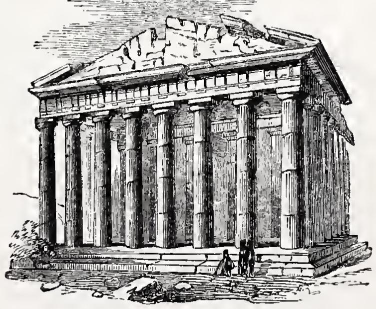
Elle entrou cabisbaixo e silencioso
Na tasca immunda, e foi sentar-se a um canto.
Deram-lhe vinho, recusou; o espanto
Cresceu no olhar do taberneiro oleoso.

Elle era o mais antigo e o mais ruidoso
Dos freguezes da casa, ao obsceno canto
Ninguem prestava mais lascivo encanto
Ao som magoado de um violão choroso.

Mas o velho sentara-se distante
Da alegre turba, a vista lacrimante
Mergulhada nas chammas do brazido.

Disse um da roda: «espanta-me o coveiro!»
—Morreu-lhe ha pouco a filha— distrahido
Volveu da bisca um jogador matreiro.

Coimbra. G. CRESPO.



CATHEDRAL DE SALISBURY

Salisbury, ou Sarum nova, deve a existencia á sua cathedral, e foi n'ella que teve origem. Quasi a milha e meia da cidade actual vê-se a antiga cidade de Sarum velha, geralmente conhecida como a Sorbiodunum dos romanos.

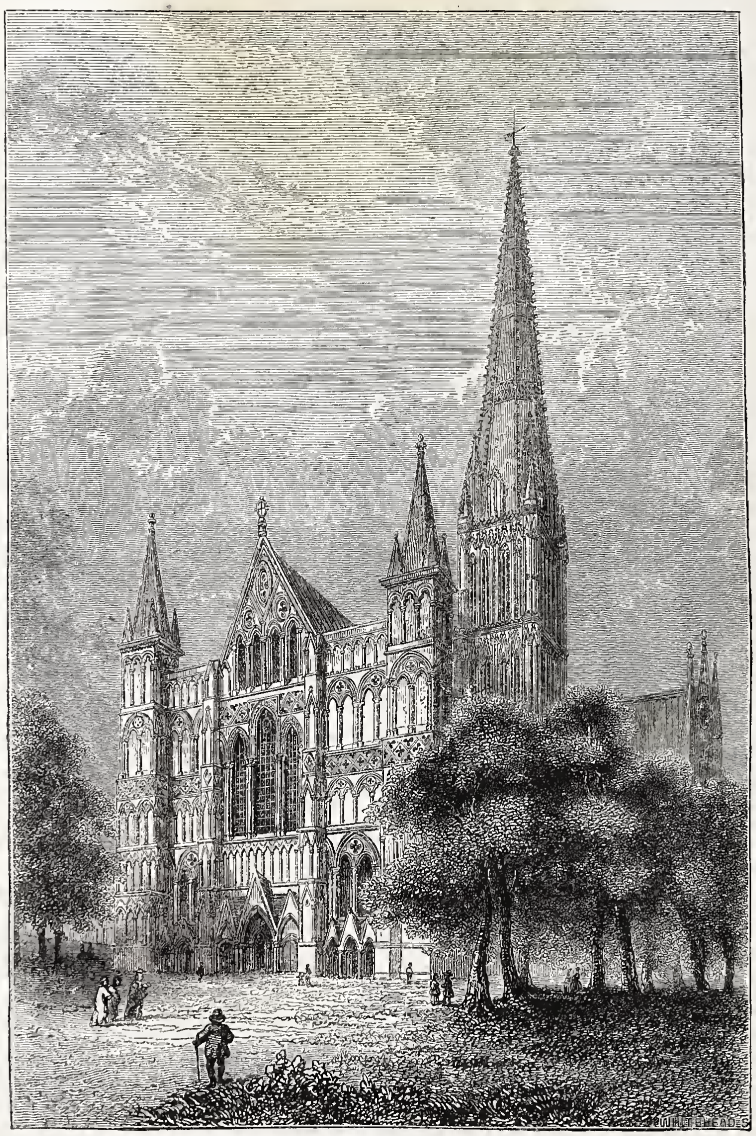
Sob o dominio dos principes anglo-saxonios e anglo-normandos ahi se celebravam os concilios civis e ecclesiasticos, tornando-se, por esse motivo, séde do bispado. Possue um castello ou fortaleza e é defendida por muralhas, sendo d'estas a dentro que estadêa a cathedral.

No decurso do seculo XIII os castellões ou senhores da fortaleza andaram de má avença com o bispo e cleresia, por sorte que estes ultimos se deliberaram a mudar de estancia.

No bispado de Herbert Pauper, ou Poore, foi isto levado a effeito, obtendo-se indulgencia do papa, e começando-se a edificação do novo templo no sitio actual, sendo o terreno propriedade do cabido.

Os habitadores de Sarum velha, tinham, comtudo, especial affeição aos seus religiosos, e nada os movia ao rompimento, por fórma tal que lhes foram no encalço, domiciliando-se em volta do novo edificio, — ao que se deve Salisbury. Sarum velha declinou tão notavelmente, que o antiquario Leland, que escrevia na primeira metade do seculo XVI, declara não haver no seu tempo uma só casa de habitação, e, facto extraordinario, continuavam a ser mandados dois representantes ao parlamento, até á extincção dos privilegios pelo *bill* de reforma em 1832. Tornou-se, por isso, trivial a expressão *rotten-boroug*, que poderemos traduzir por *burgo-pôdre*, para designar as localidades que se faziam representar, não tendo casas nem habitantes. Conta-se que nos derradeiros dias da sua vida parlamentar o toro de uma arvore velha constituia a junta eleitoral.

A cathedral de Salisbury tem fama de ser, no complexo, o mais bello templo da Inglaterra. Edificado em meio do seculo XIII, no reinado de Henrique III, em plena florescencia da architectura gothica, distingue-se eminentemente pela regularidade da traça, unidade de estylo, simplicidade de enfeites, leveza de estructura, elegancia em todas as suas partes, finalmente, harmonia no conjuncto. Rickman escreveu a proposito d'este monumento: — «A sua principal excellencia está em ser subordinado a um estylo, o inglez primitivo, — e obedecer a um uniforme e bem combinado plano. O campanario e corucheo pertencem a época posterior, porém coadunam-se admiravelmente com o caracter da edificação restante. No todo, esta cathedral é o mais perfeito exemplar que se encontra no reino; a pureza do estylo, e o modo concertado com que elle se adapta ás diversas exigencias, são dignos da observação mais attenta».

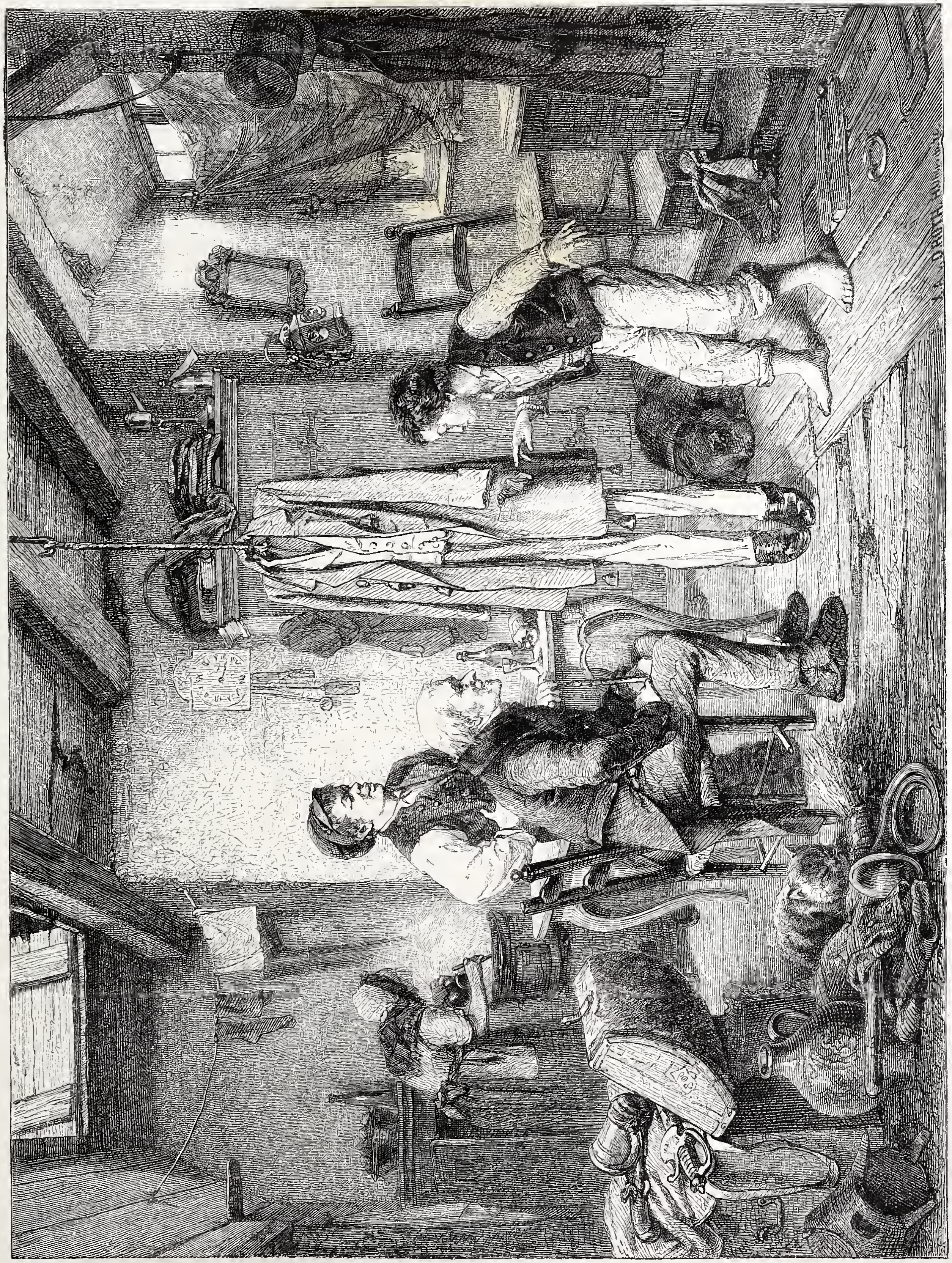


Cathedral de Salisbury

Os alicerces da nova cathedral foram lançados pelo bispo Poore em 1220, estando presente o legado do papa Honorio III, por nome Pandolfo. O seu acabamento succedeu quarenta annos depois, no episcopado de Gil de Bridport. Bonifacio, arcebispo de Canterbury, sagrou o edificio a 29 de setembro de 1260, dedicando-o á Santa Virgem. Poore viveu o bastante para vêr concluida a nave e erguida a torre a uma elevação de 200 pés; o côro e lados foram construidos no bispado de Binghum; mas o corucheo só teve remate, — 404 pés acima do nivel do solo, — quando governava Roberto Wykehampton. Gwilt concede-lhe apenas 387 pés; mas ainda querendo admittir similhante reducção, a cathedral fica sendo a mais eminente de todas, exceptuando Canterbury e S. Paulo. Note-se que em 1737 avaliou-se que o tecto continha 2:641 toneladas de madeiramento; e segundo uma conta apresentada a Henrique III, gastou-se no seu fabrico 40:000 marcos, ou, pouco mais ou menos, 22:666 libras esterlinas. A agulha, adjunta o mesmo escriptor, é de alvenaria e tem sete pollegadas de espessura, chegando por isso mesmo a figurar-se-nos que não poderá supportar o proprio peso. A cathedral compõe-se de nave e côro, torre central, portico ao norte, sacristia, claustros e casa do capitulo. A agulha é admiravel, não só quanto á fórma, mas pela arte e arrojo como se ergue sobre uma torre, que primitivamente lhe não fôra destinada. Ao entrar no edificio, a magestade interior assombra. Um renque de arcos leva, por assim dizer, os olhos até á capella da Senhora, — a qual é esplendida de ornamentação. V.

A ULTIMA PROVA

Parece que estamos em Lacedemonia. O velho toma



A ultima prova

as proporções de Lycurgo. Ao fundo ha alguem que prepara o caldo negro.

Nem mais nem menos.

De que se trata?—De educar a juventude. Em que?—Na astucia.

Pé leve, mão prompta, olho vivo, subtileza no toque, desembaraço no movimento, rapidez na fuga, serenidade na apparencia, eis o que constitue o patrimonio farpante e rapinante.

O assumpto não é baixo nem desserviçal;—no âmago de todas as cousas reside um germen de utilidade.

O auctor da *Arte de Furtar,* que pelo nome não perca,—mas a que eu chamarei sempre o auctor do *Sermão*

de Santo Antonio (aos peixes) escreveu com o bom sal do seu espirito incomparavel: — «Não engrandece tanto as sciencias a materia em que se exercitam, como o engenho da arte com que obram. E como o engenho e arte de furtar anda hoje tão subtil que transcende as aguias, bem podemos dizer que é sciencia nobre».

Estes assim o entendiam, — e já o entendiam tambem os antigos.

Permittam relembrar a historia.

Lacedemonia, em que fallei ha pouco, ensinava a gualdripar gentilmente. Aquella terra de austeridade, de sobranceria, de desprendimento e de dureza, criava o ratoneiro com os mimos desvelados com que nós podemos criar um rouxinol. Havia sua graça n'aquelle systema peremptorio e laconico.

Primeiro: ageitava-se a mocidade para o soffrimento. Inventara-se a *diamastigose,* essa festa em honra de Diana, cognominada *Orthia,* na qual os rapazes eram atagantados, até lhes desapparecer a pelle e a vida. Os que resistiam á surra estavam promptos.

Segundo: apparelhava-se o ladrão cadimo, o surripiador formigueiro, o malandrim á altura da dignidade da republica. Sabe-se do que expirou, sem dar um grito, com a raposa escondida a lacerar-lhe as entranhas.

Por estas e por outras é que Horacio escreveu, *patiens Lacedæmon.*

No caso presente temos o que quer que seja da antiguidade gatuna.

Aquella é *a ultima prova.*

Está alli o simulacro de um homem, — a vestimenta, o encerro, a casca. Para que o lenço saia do bolso com a facil delicadeza que não chegaria a assustar uma mosca, o fato está guarnecido de cascaveis, de campainhas, de guizos. Aquillo não é um casaco, — é o bastão de Momo. Se a unha tropeça temos um carrilhão em movimento.

Cuidado!

O velho está pendente, embebido, engolfado n'aquelles inicios marotos. O nariz afilou-se-lhe, o beiço descaíu, a gola trepou-lhe mais para a nuca; mas ha uns assomos de esperança a colorirem-lhe a fronte, — despovoada e gasta n'estes ensinamentos productivos.

É d'elle que se conta o seguinte:

Costumava saír de casa a passear, e prevenia d'isso os pupillos.

Ia descuidado, sereno, e como quem leva o pensamento em assumptos que não são d'este mundo. Era então o capitulo dos rudimentos. Cumpria aos aprendizes darem medida de sua inclinação nativa.

Abeiravam-se elles sem que o mestre os presentisse, pé ante pé, mansinho, e alongavam dedos para a algibeira. Se conseguiam o fim desejado, o premio era o furto. Estavam aptos para seguir vida, tinham conquistado o passaporte real, — era proejar a todos os horisontes.

Se o homem os colhia em flagrante, a bengala castigava a impericia.

Foi uma escola que se afundou nos sorvedoiros do progresso.

Isto é como são as ilhas: vem umas vão-se outras.

Demoremos agora a vista no quadro:

O recinto é espaçoso, e a promiscuidade reina agradavelmente. Malas, espadas, cofres, relojos, instrumentos musicos, espelhos, candieiros, utensilios de toda a especie guarnecem democraticamente a baiuca. O gato resona entre uma vassoura e uma amphora. O Algarve sente-se a dois passos da Etruria.

São horas de refeição, o que se demonstra n'um dos planos á esquerda.

Preparou-se o manequim, dispoz-se a scena ao vivo, o decurião tomou logar junto ao professor, e este fez-se servir de um copo de aguardente da terra, para espertar melhor os sentidos.

Está-se na imposição de um capêllo.

O Dante, descrevendo os ladrões na setima *bolgia,* vê-os cingidos de serpentes, que os enlaçam e mordem.

> — «Con serpi le man dietro avean legate:
> Quelle ficcavan per li ren la coda
> E il capo, ed eran dinanzi aggroppate.» —

Deixal-o bravejar, ao poeta.

Tambem elle escreveu o que todos sabem contra os pobres voluptuosos, — e não consta que fosse de seu vezo largar o manteo, — se é que lhe puxava por elle alguma mulher de Putiphar!...

Silencio, e menos divagações criticas.

— «Vamos a isto, ó *pé de velludo.*

A alcunha do rapaz é já de si uma condecoração promettedora.

Elle vae, a ponta do lenço descobre-se, a mão anda toca não toca; e o brejeirão doutorado, que assiste ao exame final do educando, põe a mão no quadril, desflora os beiços com um riso de superioridade, e atira por de cima do hombro com este dizer de veterano:

— «Para isso é que é preciso ter unhas!...»

— «Vá, — prosegue o velho, que ainda não sentio rumor no ambiente; — se me sais bem d'essa, tiras-me a direita ao *golfinho.*

— «Isso ha de tirar elle, que é curioso,» — accode o outro, ferido na sua reputação de bargante.

A velha continúa remexendo a caldeira.

Ha um momento solemne, um compasso de suspensão, quasi que religioso. Não se ouve o zunir de um mosquito, o cicio de um halito.

Era caso para um romance de *singularidades,* se a ladroice não tivesse feito já, com má grammatica, uma novelasinha realista.

Emfim!...

O *pé de velludo* está a um apice de Austerlitz.

Chegará, não chegará?...

O velho enternece-se, sensibilisa-se, commove-se, tem uma lagrima na conjunctiva, a aurora a illuminar-lhe os refolhos da alma, — toda a felicidade compativel com um marão de setenta annos.

— «Vamos, rapaz; que esta é a ultima prova.»

Mereceria elle a gloria que lhe acena em ante-gostos?...

Que o digam as caixas de rapé e os lenços da India, — a partir de Londres e a acabar... na travessa do Cotovello!

E. A. VIDAL.



ALICE

A HELOISE DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE

(Ephemero penhor de immorredoiro affecto)

CHAMAVA-SE Jorge de Athayde. Era feio; feialdade transparente através da qual se divisava uma belleza que a todas sobreleva, a belleza da alma.

Chegára ao meio da vida sem ter ainda tido tempo de sondar o espirito e o coração. Pertencia á classe dos obscuros martyres de trabalho, existencias sem poesia, sem apparato e sem elementos dramaticos; humildes mineiros que vivem nas trevas desconhecendo a todos e de todos desconhecidos.

Não ha mais despotico senhor do que o trabalho; os seus servos pertencem-lhe em corpo e alma; não lhes permitte nem as abstracções do espirito nem os devaneios da phantasia, nem os dôces gozos do coração. Caminham sempre agrilhoados á cega potencia que os arrasta atraz de si. Para onde? Nem elles sabem, nem ella propria o sabe.

Permitte-lhes que vivam, e em paga de toda a vitalidade, de todo o vigor por elles dispendido, atira-lhes com um bocado de pão ao solitario carcere sombrio em que vegetam.

Ás vezes ha n'estas pobres creaturas desconhecidas, thesouros de bondade; todos o ignoram, e ellas mesmas, mais do que ninguem.

As faculdades com que Deus as dotou jazem nullas ou esquecidas; nunca houve tempo de serem postas em acção.

Até aos trinta e cinco annos a vida de Jorge de Athayde tinha passado d'este modo, ou para melhor dizer, a vida passára ao lado d'elle e elle não vivêra.

Percebia vagamente que havia familias felizes e invejaveis, tepidos ninhos onde viviam entre beijos as louras creanças que acertava ás vezes de encontrar. A infancia d'elle, não pertencêra porém ao mesmo genero.

O quadro de que se recordava muito ao de leve, era uma casa desconfortada e nua; dois entes que não se entendiam; mutuas accusações, mortaes desconfianças e tempestades quasi continuas.

Fôra ao relampejar sinistro d'essas tempestades domesticas a que elle assistia esmagado, ou o que é talvez por esquecido de todo, que o pobre mocinho entrevira no passado de sua mãe, uma culpa que as mulheres não redimem, nem com as lagrimas do corpo, nem com os lancinantes remorsos da alma.

Soubera elle que um homem havia n'este mundo, feliz, considerado e rico, que lhe pertencia pelos laços mais estreitos.

Jorge tinha um irmão.

Seu pae não ignorava nem pudéra perdoar este facto com o qual havia transigido mais cedo na covarde cegueira da sua paixão juvenil.

Era esta a chaga que lentamente corroía os dois corações que Deus lhe tinha enviado como amparo.

Um dia quando Jorge se achou só, julgou-se perverso porque foi uma sensação de allivio e como de livramento que elle experimentou diante da sua miseravel orphandade. Os bons corações lamentavam-o compadecidos, e Jorge chorava não de saudade, mas de pena de a não poder sentir. O que para todos seria o maximo infortunio era para elle a saída de apertado carcere.

Se a pobre creança não tivesse de ir pedir ao trabalho de todos os instantes o seu magro alimento, se lhe fosse dado perder tempo em meditações, como lhe seria doloroso encarar o abysmo que logo ao despontar da adolescencia se cavára entre o seu coração e o coração dos outros homens. O que d'ali ávante tinha de ser-lhe algoz, foi-lhe n'aquella hora, tão triste, auxilio e redempção.

O trabalho chamou-o e Jorge escutou com apaixonado impulso aquella voz que no seu abandono lhe fallava ainda de venturas.

Essas venturas, não as conheceu nunca o laborioso rapaz.

Ao principio teve as suas tentações de Tantalo, depois veio a esquecer-se de que n'este mundo existia outra cousa, que não fosse aquelle agro labutar, e a parca retribuição que lh'o recompensava. Nas luctas de miseria, nas humilhações da dependencia, nas vagas irritações indefenidas de isolamento, depurara-se-lhe o instincto da propria dignidade, dignidade muito intima, que é como que o pudor da consciencia, e a resguarda de todas as maculas.

Sem ter meditado muito a fundo no que era a justiça, saíra-lhe justo e bom o simples e honesto coração.

Não havia talvez grande merito n'estas espontaneas qualidades, comtudo significavam ellas a elevada tempera do caracter de Jorge. Não conhecia a inveja, sereno e triste, caminhava na casta ignorancia dos desherdados.

A vida que elle escolhêra era de si arida e sombria. Vegetava enclausurado n'um estreito escriptorio humilde e feio, alinhando parcellas, compulsando registros, escripturando com a sua letra geometrica os grandes livros mysteriosos do *Deve* e *Ha de haver*.

Se algum sonho pudesse aninhar-se no seu coração fugiria de certo, creio eu, diante da pavorosa legião de cifras de que se rodeava Jorge de Athayde.

Elle tinha todas as ignorancias e todas as credulidades, era uma boa alma infantil no corpo vulgar de um caixeiro.

Entre as pequenas recordações pueris que o enchiam de prazer, lembrava-se elle por exemplo de um passeio que dera no campo, e que era de certo o primeiro, de tal modo o tinham trazido alheio a todos os divertimentos as pezadas obrigações da sua vida commercial.

Os companheiros bons farçolas de vinte annos, fina rapaziada que cultiva o *calembourg*, as alegres partidas campestres, os bons *pitéos* succulentos comidos sobre a relva, entre o animado tiroteio dos ditos galantes, e das phrases picarescas, espalhavam-se em perfeita debandada pelas hortas e pomares, dizendo finezas ás labregas que passavam, apostrophando as nymphas de pedra que vertiam agua das suas urnas toscas e escalavradas, piscando o olho ás lavadeiras, na plena liberdade de um dia feriado e de um feriado no campo.

Jorge ía recolhido, calado, scismando sem saber que scismava, deitando de soslaio um olhar timido e contente para os ninhos suspensos na ramaria tremula, seguindo com a vista o passo magestoso e lento dos grandes bois intelligentes e melancolicos, deixando subir a alma para Deus na pequenina alma das flôres a que os homens chamam perfume, sentindo-se vagamente penetrado da suave harmonia das cousas, feliz de uma felicidade indefinivel que talvez pudesse exprimir-se com lagrimas se Jorge percebesse que n'aquelle instante lhe fazia bem chorar.

Quando voltou e se achou sósinho no seu pequeno e pobre quarto vieram-lhe uns assomos de desconforto que elle nunca experimentara até ali, depois adormeceu como

era o seu costume e no outro dia ergueu-se com a mansidão entristecida d'aquelles fórtes animaes que na vespera tinha admirado.

Prometteu a si mesmo voltar mais vezes ao campo, voltar sósinho, beber leite e comer fructa n'algum casal serrano, deitar-se a dormir na herva fresca e macia que cheira tão bem, observar de perto aquellas scenas radiosas que entrevira sómente. O trabalho porém absorvia-o de mais, e os amigos que se tinham enfastiado diante da mudez distrahida do pobre moço, não quizeram mais tão silencioso conviva para as suas patuscadas.

Quantas vezes diante de uma creança Jorge de Athayde não estremeceu, enleiado em mysterioso enternecimento! Sem perceber porque, lembrava-se então que vivia muito só, e tinha pena de ser pobre, de não poder conhecer as alegrias paternas, os dôces confortos do lar, os carinhos desvelados de uma esposa casta e boa.

Tudo isto porém não passava de ephemeras impressões fugitivas. Absorviam-lhe os dias e as noites, os seus livros nitidamente escripturados, os seus calculos commerciaes, as operações bancarias da casa a que pertencia e á qual se identificára o seu destino porque ali passára lentamente em annos de laborioso lidar por todas as gradações, desde humilde servente até principal caixeiro.

A primeira vez que Jorge se sentiu deslumbrado foi aos trinta e cinco annos, e n'uma crise bem memoravel da sua vida. O banqueiro, de quem elle era empregado, especie de principe das finanças, orgulhoso insolente, humanisando-se raras vezes, e tratando a fortuna com a desdenhosa altivez de quem muito moço se acostumou aos seus favores, mandou-o chamar um dia ao seu palacio para conferencia secreta.

Jorge ficou espantado.

Não sabia elle que a sua rara honestidade o tinha feito conhecer e apreciar, e surprehendia-o que alguem tivesse tanta confiança em dotes que elle nunca reconhecêra em si.

Subiu pelas largas escadarias de marmore cheias de arbustos raros, de estatuas e de altos espelhos, atravessou entre uma fila de criados os grandes salões luxuosos, e penetrou n'um gabinete mobilado com severa opulencia onde o homem que elle mais temia e admirava o estava esperando consternado.

Quando elle saíu ao cabo de seis horas do elegante quarto de seu patrão sabia duas cousas que nunca até ali havia comprehendido. Primeiro, que havia alguem que tinha confiança na sua intelligencia e a collocava a par da sua rara probidade; segundo, que a riqueza póde tambem ser uma cruz e que ha vertigens assustadoras nas grandes eminencias.

O negociante via pendente uma quebra monumental, e chamára Jorge de Athayde para combinarem ambos o que podia oppôr-se á tremenda crise que se preparava determinada por desastres financeiros que não vem para o caso historiar aqui.

Jorge saíu pelas mesmas salas por onde entrára, mas aquelle luxo principesco fez-lhe profunda tristeza.

Parecia ao ingenuo caixeiro pouco affeito a observar os bastidores da triste comedia humana, que a miseria se aninhára fazendo-lhe grotescas visagens nas pregas de velludo dos altos reposteiros, nos angulos dos grandes fogões marmoreos, no bojo das talhas chinezas, no pedestal das estatuetas florentinas.

De repente, ficou-se absorto com um olhar comicamente espantado, n'uma postura de enlevo e quasi de susto.

É que sentada ao pé de riquissima harpa, n'uma das salas que elle ia atravessando, estava uma mulher loira, delicada, franzina, cujas pequenas mãos nervosas arrancavam ao harmonioso instrumento uns vagos accordes melancolicos.

Era a filha do negociante.

Alice teria dezoito annos. Era a graça moderna, um primoroso producto exotico da extrema civilisação e do extremo luxo. Fórmas suavemente modeladas que tinham em flexibilidade nervosa o que lhes faltava em robustez e perfeição plastica, pés e mãos em miniatura, um rosto intelligente, altivo, revendo finos desdens; uns grandes olhos banhados em fluido magnetico, felinos, dilatados, de uma côr indecisa, de uma profundeza mysteriosa, de uma expressão fluctuante, um collo ondulante e alvissimo, uns pequenos labios carnudos e desdenhosos.

Não era a belleza das virgens ossianicas, não era a expressão melancolica das desgrenhadas Elviras do romantismo, era uma mulher elegante, formosa, riquissima, que tem visto a seus pés a homenagem interesseira de todos os homens, e a quem essa tão amarga experiencia precoce roubou a singela ignorancia virginal, dando-lhe em troca os altivos donaires e as fascinações deslumbrantes.

Alice levantou para Jorge o seu olhar curioso e investigador, que ao dar com elle se tornou frio e metallico, cumprimentou-o ligeiramente em resposta á profunda inclinação com que elle a saudou e continuou a tocar.

Jorge passou para diante e saíu.

Tudo isto foi rapido, mas um raio tambem é rapido e fulmina.

Durante mezes, Athayde desenvolveu inspirado por não sei que tenacidade ferrea, todos os recursos de uma intelligencia pratica aguçada em longos annos de trabalho, de uma abnegação profunda que elle proprio desconhecia, de uma actividade que chegava a assombrar o velho banqueiro prostrado pela desgraça.

Ao cabo d'esse tempo deu-se por vencido. Todos os seus esforços se annullavam diante da irremediavel catastrophe.

De tudo aquillo que fôra o assombro de um paiz sobrevivia apenas um velho meio idiota, uma creança desherdada e só.

(Continua). MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

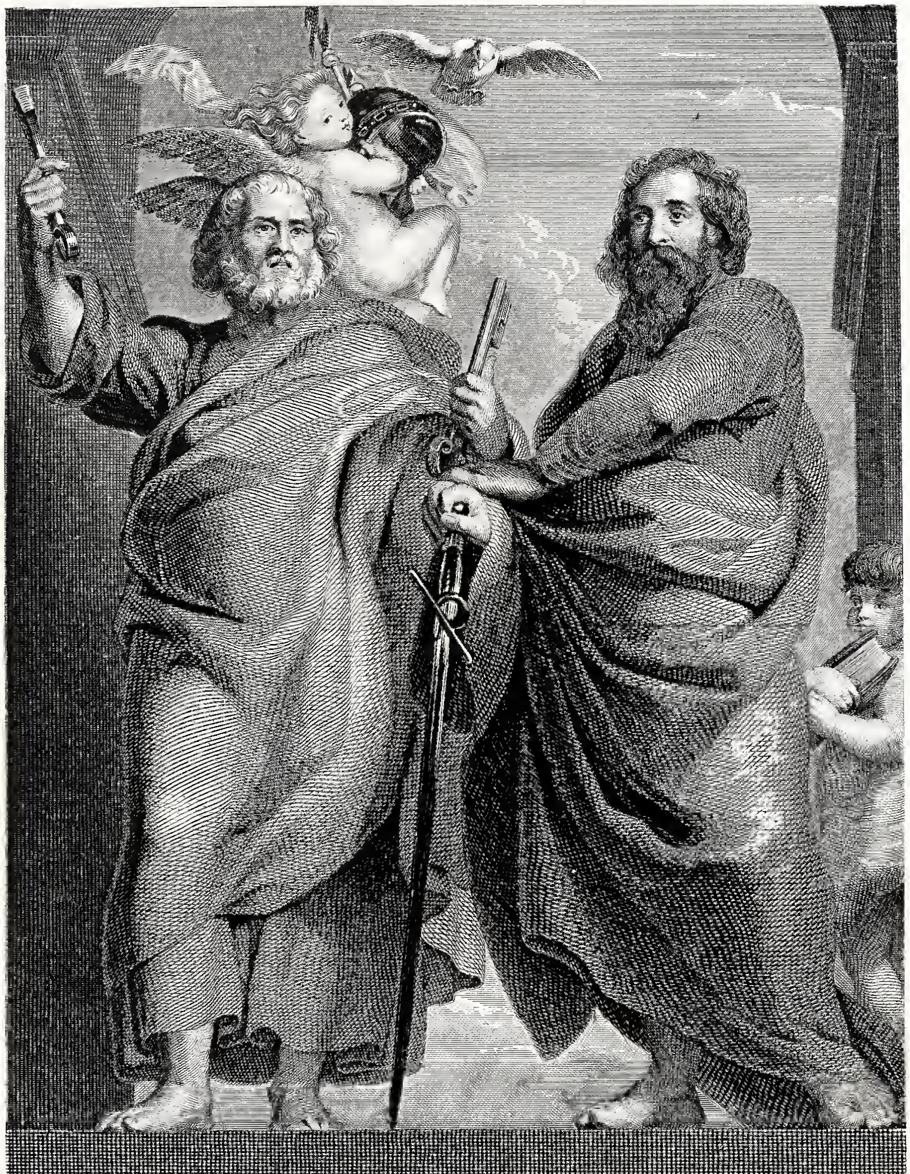
S. PEDRO E S. PAULO

(Quadro de Rubens)

I

Os primeiros seculos da igreja, que constituem o periodo chronologico que os modernos historiadores denominam *idades heroicas do christianismo,* são ainda hoje bem pouco conhecidos, apezar das sabias e pacientes investigações e dos arduos trabalhos de analyse e pesquiza não só dos exegetas sagrados e dos heresiographos, mas tambem dos escriptores distinctos que, como Strauss, Renan, o profundo Miller, auctor dos *Philosophomena,* o proprio Mommsen, Rossi, o explorador das catacumbas, Burnouf, notavel escriptor da *science des réligions,* e toda a escola theologica ingleza, tem desbravado esta extensissima campina.

O christianismo passou a principio quasi de todo ignorado e esquecido dos historiadores e annalistas romanos,



P.P. RUBENS pinx.t   W. FRENCH sc.

S. PEDRO E S. PAULO.

Editores Rolland & Semiond Lisboa

que nenhuma importancia ligavam ás innumeras seitas e religiões que surgiam no oriente e vinham perder-se na cidade immensa dos Cesares, vasto amphytheatro onde tumultuavam confusos todos os espiritos irrequietos que accorriam dos quatro cantos do mundo, attraídos e fascinados por esse grande nome de Roma, que retumbava por todo o orbe e echoava nas aldeias e villares mais humildes. O pastor de Virgilio, que contempla Roma de longe e pasma das maravilhas que ouviu contar é a imagem fiel da situação psychologica de todas as almas.

No meio d'esse côro immenso de vozes, que parecia estarem realisando a lenda biblica da torre de Babel, como é que o christianismo balbuciante e obscuro havia de concitar a attenção dos chronistas? A soberbia e a enfatuação de alguns historiadores modernos quiz traduzir, em certas passagens dos poetas e letrados de Roma, allusões ao christianismo. Exceptuando algumas e poucas citações, os auctores classicos não se dignam fallar não só dos apostolos e seus sequazes, senão tambem do martyr da Galiléa. E Tacito, referindo-se de leve aos christãos, acoima-os de inimigos do genero humano, *odio generis humani convictos*. Que importava a um romano profundamente sceptico e indifferente, que não acreditava já nos seus deuses indigenas e cada dia via enriquecer o olympo com uma nova potestade e um novo mytho roubado ás religiões dos povos conquistados; que lhe importava essa nova religião que surgia na Galiléa, arredado confim do grande imperio, que dentro em pouco havia de ceder para sempre ao esforço de Tito Vespasiano?

Não admira pois esta esterilidade dos mananciaes classicos, e como elles foram, por largo tempo, as fontes quasi exclusivas d'onde fluiram os conhecimentos historicos, nada mais logico do que a nossa diuturna ignorancia sobre as origens scientificas do christianismo.

Mas a critica moderna, ou antes, o criticismo que é hoje uma sciencia positiva, cura tanto mais de preencher esta lacuna lamentavel, quanto é certo que o christianismo, pela sua explendida unidade e pela sua energia fecunda e prolifica, foi o principal elemento que interferiu na creação e evolução das sociedades modernas.

A historia do christianismo tem por conseguinte para nós uma importancia tão subida, como a do direito romano, que symbolisa, na phrase de Hegel, a civilisação de Roma.

A critica tem-se soccorrido a todos os documentos escriptos e epigraphicos, a todos os monumentos, a todas as heresias, e principalmente aos evangelhos apocryphos, quer sejam obra de heresiarchas como o proto-evangelho de S. Thiago, quer sejam simplesmente dogmaticos e hierarchicos, como o evangelho da infancia de Nicodemos, etc.

Mas de entre esses já hoje numerosos documentos, que devem provavelmente augmentar successivamente á proporção que o extremo oriente christão fôr melhor explorado, a critica desenterrou e analysou um livro ou antes um romance, que tem por titulo, *Recognitiones* e é mais conhecido pelo nome de *Clementinas*. N'esse romance allegorico, que ascende aos primeiros tempos da igreja, faz-se a apotheose de S. Pedro e deprime-se com grande malicia e apaixonada vehemencia a S. Paulo, o apostolo das gentes.

II

A tradição ecclesiastica e a lenda christã, contam-nos que não só os apostolos senão tambem S. Pedro e S. Paulo viveram sempre na maxima harmonia sob o influxo de Christo e deram ao mundo o exemplo maravilhoso de uma concordia absoluta.

Instigados por um só pensamento e obedecendo ao acêno de Christo que lhes mandou caminhar pela terra a annunciar a boa nova e a doutrinar os gentios e os idolatras; alentados pelas promessas do mestre divino e guardas sollicitos e inquebrantaveis da unidade da fé e da verdade, que espalhavam a mãos profusas; os apostolos congregavam-se em Jerusalem ou n'outra cidade onde os arrastasse a predica santa e consolavam-se e fortaleciam-se mutuamente pelas amoraveis conversações, pelas narrativas singelas dos seus meritorios labores, pela esperança de melhores colheitas e pela energia inspirada que lhes vinha do alto e a todos enchia de almos jubilos e bençãos fecundas. Enlaçados pela communidade dos fins e dos meios, igualmente sabios, justos, bons e eloquentes; feridos todos pelo raio divino, que lhes alluminara os cerebros, reconheciam a supremacia de S. Pedro e difiniam unanimemente os dogmas e os principios eucharisticos da religião. Tal é o quadro que nos debuxam os auctores ecclesiasticos, os livros mysticos da meia idade, e a propria iconographia dos evangelhos.

Quadro arcadico e feliz e bem digno dos apostolos a quem não deviam requeimar ciosas rivalidades, paixões damninhas e terrenos interesses, senão o fogo do puro amor e a celeste chama, que dos olhos de Christo estava descendo áquellas regiões serenas de eleitos.

Mas se esta é a historia official, como a lenda lhe está entresachando episodios adoraveis, de um frescôr e de uma innocencia, que reanimam a alma tisnada pelo vento calido, não já da descrença, senão da curiosidade historica, que não raro, com impia mão, desfaz gratissimas illusões!

Em Roma, alentado por Paulo, cidadão romano, soffre Pedro o martyrio, e o chefe da igreja nascente ou ensopa fartamente a arena do circo ardente com o sangue preclaro, ou então, é fustigado e açoitado na persiganga até que um anjo o arrebate nas suas azas de fogo.

O que nos diz em troca a lição severa da historia? Diz-nos que entre Pedro e Paulo reinou sempre a discordia, que cada um personificou e symbolisou, desde o principio, as duas tendencias mais proeminentes da igreja e que, se o primeiro encaminha ainda hoje a barca mystica, foi o segundo o fundador verdadeiro do catholicismo, d'essa religião que abrangêra o mundo, e houvera congraçado a humanidade inteira sob a signa da mesma fé, se fosse possivel que todas as raças, obedecendo a instinctos diversos e tendo diversas faculdades, se curvassem reverentes ao mesmo crédo.

Renan, a quem o seu livro da vida de Jesus conquistou não só uma justissima reputação de sabio de primeira ordem, senão tambem de arrojado heresiarcha, o que é falso, porque ainda não houve philosopho mais timido e receioso de offender as preoccupações herdadas e as crenças enraizadas; Renan na monographia dos apostolos e ainda mais, no magnifico estudo sobre S. Paulo, deixa-nos entrever, por entre um estylo florco e opulento, as continuas pugnas e as enredadas recriminações em que andaram os discipulos de Christo, assim que os primeiros crentes se acercaram da sua doutrinação.

O dôce convivio entre Pedro e Paulo esvaece-se sob a influição desoladora da investigação e da analyse. Todavia, se não fosse esta divisão profunda que para logo os separou e dividiu; se todos houvessem obedecido a Pedro; se não fosse o caracter altivo, energico, indomavel de Paulo, o convertido; a igreja catholica não houvera existido e morreria como tantas outras seitas messianicas, que brotaram nos terrenos uberrimos da velha Judéa.

Por isso S. Paulo foi denominado o apostolo das gentes, o apostolo universal, em contrario a Pedro, que foi

cabeça dos hebraisantes, porque nunca se esqueciam da sua origem judaica, e volviam sempre os olhos cupidos para o templo de Jerusalem.

Este rancor, que se levantou entre Cephas, o antigo pescador do lago de Tiberiade e Saul, a quem appareceu Christo no caminho de Damasco, traduz-se em toda a litteratura dos primeiros tempos, e ainda inspirou dois livros notaveis, a *Apotheosis* e a *Hamertigenia* do insigne poeta christão do seculo v, o suave Prudencio.

S. Paulo era tratado como inimigo, *homo inimicus*, que brandia a machada parricida contra a arvore judaica, donde rebentára a vergontea christã.

Nas já citadas *Clementinas* S. Paulo, o esplendido apostolo, um dos genios mais assombrosos que têm guiado e conduzido a humanidade, o fundador do christianismo, é representado sob o pseudonymo de Simão, o Magico, um dos innumeros precursores do doutor Fausto. S. Paulo era accusado de pretender impôr-se aos homens, que conviveram com Christo e dos seus labios divinos receberam a semente sagrada. O apostolo, acoimado de intruso, responde na sua epistola aos Galatas: «Declaro-vos, meus irmãos, que o evangelho que vou prégando, nada tem do homem, porque de nenhum homem o recebi e aprendi, senão das revelações de Jesus Christo».

Esta mesma accusação repete-se constantemente nas *Clementinas* e a final Simão, o Magico, ou antes S. Paulo, é confundido e cáe prostrado e vencido por S. Pedro.

III

Como se formou, porém, esta lenda piedosa e universal da união amantissima dos dois apostolos, que em vida andaram sempre em guerra travada, digladiando-se sem quartel?

Como, após logo os primeiros seculos, se apagaram no animo dos fieis, as lembranças da requesta e da lucta entre os dois apostolos, a ponto de se transformar em crença viva e em quasi dogma de todos acceito, que S. Pedro e S. Paulo foram um exemplo notavel de concordia, de paz e amor? E se alguma duvida restasse, não está alli o magnifico quadro de Rubens, que nos representa esta união com a magia irresistivel da sua palheta? Não vemos o cordeiro paschal, o *agnus Dei*, symbolo de paz e doçura, enlaçando-os com o seu tosão farto? E não representava o proprio mestre de Antuerpia estes laços amorosos no seu nome, do qual é expressão immortal o quadro que reproduzimos hoje?

Não é este quadro, na sua engenhosa disposição, uma verdadeira psychomathia, se nos é licito usar um termo da theologia, para exprimir o triumpho das gratas aspirações da alma sobre as realidades cruas da historia!

Rubens não era theologo nem os conhecimentos do seu tempo bastavam para destruir a crença universalmente acceita; mas o grande mestre, consagrando a piedosa lenda, que a igreja havia sanctificado com a sua auctoridade immensa, não fez senão commetter um erro historico produzindo uma obra prima. Feliz culpa!

Não é difficil explicar os motivos, que fizeram de S. Pedro e S. Paulo, perante os fieis, o symbolo do amor fraterno.

Ainda não eram passados muitos annos, depois da morte de Christo, começaram os novos adeptos a dividir-se. Com a religião nasceram as heresias, porque a igreja, antes de ser auctoridade, foi liberdade, antes de ser o collectivismo absorvente representado na theara, foi o individualismo expansivo symbolisado no apostolo.

Se consultarmos os livros sybillinos e entre elles o primeiro, o Apocalypse de S. João, vemos de que terriveis coleras e ameaças enormes estavam repletas aquellas almas, que viam diante de si o poderio immenso de Roma, que as esmagava sob a sua carroça triumphal.

O espirito de independencia cosmopolita, porque os christãos estavam dessiminados por todo o mundo, traduz-se com espantosas vehemencias n'esses livros sybillinos e apocalypticos, muitos dos quaes são hoje para nós quasi incomprehensiveis.

Os christãos perdiam naturalmente a nacionalidade com a nova fé. Ligava-os um forte laço moral, a crença em Jesus. Sonhavam com a liberdade, desejavam-a ardentemente, não porque eram filhos das nações conquistadas, mas porque eram proselytos e crentes e Jesus tinha dito que todos os homens eram livres e iguaes. Roma não era só a conquista dos povos; era peior do que isso para um christão; significava a escravidão da consciencia dos novos adeptos, que entre as multidões gentilicas, eram os unicos que não podiam adorar o seu Deus nem confessar a sua fé, sem que o gladio de Cesar os ferisse de morte. D'ahi não só a auctoridade da igreja, que se formou a pouco e pouco pela força das circumstancias, mas tambem a unidade absoluta da fé, que os primeiros concilios curaram logo de definir. E como é que esta unidade não seria profundamente abalada e convellida e não desappareceria, se ás heresias, que representavam o individualismo, se ajuntassem as dissidencias de doutrina, que dividiram os dois apostolos!

O que seria da unidade, se uns invocassem Pedro e outros Paulo!

Por isso a igreja tratou de apagar as lembranças da primitiva desunião e de ligar *in perpetuum* os dois apostolos, que são commemorados no mesmo dia e recebem a mesma oblata nas aras christãs.

E se acaso os destinos do christianismo e da civilisação não houvessem dependido d'este erro historico, que, a despeito do vaticanismo obsoleto e torpe, nós hoje podemos corrigir sem perigo para a causa sacrosanta da humanidade, seria o caso de abençoal-o em nome da arte, porque foi a causa e o thema de um dos mais afamados quadros da escola que Rubens, o divino colorista, fundou em Antuerpia.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação)[1]

VI

TINHAM passado os durissimos mezes da perseguição jacobina, e posto que ainda não estivessem de todo aquietados os animos, haviam terminado os alborotos populares e as continuas desordens que desde o meiado de 1808 até ao fim de 1809 trouxeram em constante sobresalto os habitantes de Lisboa. As prisões estavam atulhadas, as commissões e o juizo da inconfidencia trabalhavam sem descanço, a policia não cessava de receber delações e de suspeitar de muitos; mas apparentemente havia algum socego. Occupados os animos com a segunda e terceira invasão franceza, cuidava-se em preparar por

[1] Vid. n.os 5 a 12 da 3.ª serie e n.º 1 da 4.ª serie.

todas as fórmas a defeza da patria, em levantar as famosas linhas de Torres Vedras, em organisar forças regulares para oppor aos aguerridos exercitos de Napoleão não já os soldados valentes mas indisciplinados de Bernardim Freire, senão as tropas amestradas que provocaram a admiração da Europa inteira.

Sequeira, como já vimos, havia casado no fim de 1809. Depois da furiosa tempestade que em roda d'elle rugira, a sua alma carecia de algum descanço. O bairro de Belem, onde vivera desde os primeiros annos, recordava-lhe as tristissimas scenas da sua captura, e a ingratidão do povo que se deixára mover das intrigas de seus inimigos. Não o prendiam já a esse sitio as obrigações de director das pinturas da Ajuda, pois que é certo que apezar de conservar o titulo e o ordenado de primeiro pintor da camara, não voltou a exercer estas funcções nas obras do novo paço. Cyrillo diz terminantemente que depois de solto não o quiz João Diogo de Barros admittir na pintura dos novos tectos [1]. Esta asserção é verdadeira e assim o provam os livros do archivo das obras da Ajuda, onde por estes annos não encontrei menção alguma do seu nome, ao passo que ha amiudadas referencias aos de outros pintores. Não me demoro em descrever aqui a fórma por que se haviam n'aquella occasião organisado os trabalhos artisticos da Ajuda. No decurso d'este estudo voltará ensejo para d'elles fallar com alguma individuação e para então me reservo.

Achando-se pois Sequeira n'esta situação resolveu mudar de residencia, e com effeito no principio de 1810, foi habitar para o campo de Santa Barbara em umas casas pertencentes a um certo Bomjardim [2]. Eram estes os primeiros mezes do seu casamento, aquelles mezes de completa e intima satisfação que devia experimentar ao lado da esposa que seu coração escolhera. Para alguns grandes artistas ou poetas é causa de profundo e mysterioso silencio a felicidade no amor. Encerrados no sanctuario de sua alma como em asylo impenetravel, esquecidos dos outros homens buscam ser d'elles deslembrados. Receiam que feneça a flôr de ideal em que suas almas estão absortas, se por ventura lhe tocar aquelle halito do mundo que tantas vezes requeima, até quando sopra em ligeiros affagos. Não querem profanar os seus amores com o que possa parecer allusão a elles. Têem para si que

«Vivre, ... c'est ni voir ni savoir;
«C'est sentir, c'est aimer; aimer c'est là tout vivre [3].»

Se cantam em suavissimos versos o enleio que os traz presos, não atiram ao mundo com esses cantos, que no seu sentir, o mundo não entenderia, porque não póde nem sequer adivinhar a grandeza e sublimidade do seu amor; se debuxam ou pintam, não querem que suas télas expostas aos olhos dos indifferentes sejam mal comprehendidas por aquelles criticos que, olhando para a obra material, não saberiam lêr atravéz da fórma e da côr, o pensamento e o sentimento verdadeiro que as inspirou. Para elles acabaram os enlevos do triumpho publico; já os não seduzem os estrepitos dos applausos, os inebriantes deleites da popularidade. Já não se lhes dá dominarem as almas com a sublimidade das suas obras; a sua unica ambição é dominarem uma alma com a grandeza do seu amor.

São felizmente raros estes exemplos. A missão providencial do artista e do poeta é produzir, produzir sempre, cantar ora com a voz embargada das lagrimas da dôr, ora com o sorriso da felicidade a tremer-lhe nos labios. O amor é-lhes as mais das vezes incitamento. Quando profunda e verdadeiramente felizes desata-lhes mais opulento o estro, porque mais satisfeito e rico de poesia o coração. São como as aves na primavera annunciando em seus gorgeios a estação florida dos amores, quando mais rescendem de perfumes os bosques, e se revestem de brilhantes côres os seus emplumados habitantes.

Por fortuna sua e nossa retemperou-se e elevou-se o genio de Sequeira com a perfeita felicidade conjugal, em que depois de tão tormentosos lances achou finalmente a sua alma abrigo e paz. Apenas teve assente a sua morada na tranquilla habitação de Arroios para onde se mudára, poz mão a varias obras de que fallarei com alguma individuação não só pela sua importancia artistica, mas ainda porque as considero valiosos documentos biographicos. Com effeito ha na maior parte a intenção manifesta de affirmar por modo irrecusavel o patriotismo dos seus sentimentos. Tenho para mim que o seu fim era responder cabalmente á calumniosa accusação de jacobino com que fôra acoimado, e que em vez de empregar a arma do folheto como o pintor Manuel da Costa [1], recorreu á da arte e quiz provar a falsidade da accusação com obras não com palavras.

Direi em primeiro logar de um esboço a oleo pertencente á galeria dos duques de Palmella, onde se acha catalogado sob o n.º 26. Mede 0m,95 por 0m,60 desenvolvendo-se longitudinalmente a composição. Representa a volta a Portugal de D. João VI e de toda a familia real. O quadro não é historico. É um devaneio de poeta, uma aspiração, um desejo, um sonho, que o artista ignorava se seria jámais verificado. O facto historico estava longe por emquanto da sua realisação. Tinham ainda de correr longos e durissimos annos antes que Portugal visse aportar ás suas praias o monarcha tão anciosamente desejado.

Sequeira traduziu magistralmente este sentimento então unanime nos portuguezes.

O quadro foi evidentemente pintado pelos annos de 1810 ou 1811, porque os dois principes filhos de D. João VI, D. Pedro e D. Miguel aparentam ter 12 e 8 annos respectivamente. O principe regente está em pé, rodeiado de toda a sua familia, sobre uma como ilha que mansamente fluctua em cima das ondas, impellida por uma viração ligeira e escoltada de um lindo cortejo de nereiadas, tagides e tritões. Vae chegando ás praias de Portugal sobre as quaes se ergue para recebel-o, de braços abertos, a figura de Lisboa, a cujos pés está apoiado na urna tradicional o velho Tejo. Mais atraz vem adiantando-se a Religião com porte magestoso e dando mostras de grande satisfação. Nos ares paira o Genio da patria alçando a bandeira das quinas. Afóra estas figuras principaes outras ha accessorias para completar a significação da allegoria e preencher a composição. Apezar de ser falsissimo este genero allegorico e dar quasi sempre productos que ou são ridiculos e amaneirados, ou frios e insignificantes, soube o nosso artista evitar taes escolhos. O seu trabalho é apenas um esboço de dimensões pequenas e em partes pouco mais que indicado o assumpto por meio de grandes massas. Talvez por isso não caisse o pintor na

[1] Cyrillo. — *Ob. cit.*, pag. 311.

[2] Apontamentos mss. de Sequeira no seu cit. livro de memorias, e recibo original da renda das casas. — Mss. da acad. real de bellas artes

[3] Sainte Beuve. Consolations. VIII.

[1] Este artista fôra chamado por Junot para pintar n'alguns tectos de Queluz e de Belem emblemas e allegorias imperiaes. Executou estas obras, mas a sua obediencia custou-lhe, depois da saída dos francezes, bastantes trabalhos. Para se defender, publicou em 1808 um folheto explicativo de que vi um exemplar na excellente livraria do sr. conselheiro Figanière, chefe de repartição na secretaria d'estado dos negocios estrangeiros.

affectação ou na seccura, perigos a que é mais facil fugir quando a linha é indistincta e ondeante, o claro escuro pouco rigorosamente determinado, o assumpto mais balbuciado do que enunciado. O espectador n'estes casos completa o pensamento do artista, aprimora a obra; vê mais as bellezas do todo que os defeitos da execução. É como que um sonho e não uma realidade, e todos sabem quanto estas são excedidas por aquelles. Sequeira dotado de vivissima imaginação, esboçava como poucos. A sua fantasia, desprendida por assim dizer das exigencias da technica, remontava-se a prodigiosas alturas de poesia e luz. Arrebatava comsigo os que lhe admiravam as pasmosas producções, e ha desenhos seus, pouco mais do que levemente traçados, diante dos quaes se nos revela um mundo de immensa variedade e riqueza. A obra de que fallo, não pertence sem duvida a esta classe, mas é tão largamente concebida e tão poderosamente esboçada que deixa esquecer a estafada allegoria, elevando-nos pelo contrario a alma em aerisolados sentimentos de amor patrio e accendendo em nossos corações nobilissimo fogo pela independencia e liberdade da terra em que nascemos. Isto foi o que Sequeira quiz dizer, e isto conseguiu. Sentia profundamente e soube expressar-se com verdade. Veja-se e compare-se com este o quadro em que o mesmo assumpto foi tratado por um pintor de infima ordem, por Foschini, e perceber-se-ha com este unico exemplo a differença incommensuravel que ha entre o artista e o mero executante, entre o que tem o sexto sentido de que falla Topffer [1] e o que não o possue.

(Continúa.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

QUADRO DO ORIENTE

Ás languidas canções das indianas festas
respondiam ao longe as múrmuras florestas.

O vento baloiçava as virides palmeiras;
e ao som do *saranqui* e do *sitar* dolente,
as filhas de Vitchnú, tisnadas bailadeiras,
imitavam, dançando, as curvas da serpente.

Doirava do pagode os brancos alabastros
a lua, avassalando o céo crivado d'astros.

Andavam na atmosphera uns cálidos perfumes;
e á luz d'estrellas mil brilhavam como lumes,
entre as prégas sem fim dos vermelhos turbantes,
mesclados os rubis, as perlas e os diamantes.

Cruzavam-se no ar milhões de vagalumes;
e as graves orações de austeros celebrantes,
como um concerto immenso,
subiam até Deus nas espiraes do incenso.
Ardiam brandamente
nas caçoulas de prata a myrrha deliciosa,
o aloés, a baunilha, o sandalo e a rosa;
a voz dos sacerdotes
rumiava mansamente
as orações e os hymnos;
e á santa romaria os tardos peregrinos
accorriam brandindo os phusphuros archotes.

[1] *Menus propos, etc.*, pag. 2.

E ninguem falta á festa: — os velhos, as creanças;
mulheres matisando as olorosas tranças
do oiro, dos rubis, das flores mais selectas,
dos perfumes subtis, das joias predilectas,
e trazendo no olhar um mundo d'esperanças!

A viuva que soluça, a mãe que ri e canta
a acalentar o filho a prece sacrosanta,
o brámane, o *sarcar*, o artista e o operario,
juntam-se á voz de Deus n'aquelle sanctuario.

E n'esse vasto chão que o mogarim alastra
por momentos se calla a voz do Darmashastra.

No entanto manso e manso a noite caminhava;
e emquanto no poente a lua declinava,
abandonando a selva, as varzeas e os palmares,
succediam á prece os languidos cantares.

No matisado chão juncado de mil flores
faziam tentilar os seus anneis de prata
curtos pésinhos nús; e a multidão sensata
admirava em silencio os gestos seductores,
os requebros subtis, e as vozes feiticeiras
que mostravam dançando as frescas bailadeiras.

Via-se reflectir em todos os olhares
a alegria infantil, mesclada de pesares
que ora alenta e vigora, ora entristece e rala
o casto coração da triste *Sacuntala*.

Chora-se co'o seu pranto, e ri-se co'o seu riso,
e todo o olhar que sonda aquelle coração,
encontra fascinado um casto paraizo,
envolto pelo sol, n'um celestial clarão.

E essa pobre mulher sorrindo ou soluçando,
á provocante luz dos astros e dos lumes,
deixa exhalar da voz uns celicos perfumes
como o entre-abrir da flor, quando o sol vem raiando.

E o auditorio immenso, ouvindo aquella voz,
que faz erguer da campa a sombra dos avós,
e lhe traz á memoria o seu passado egregio,
ao drama collossal ergue um triumpho regio,
e acolhe entre ovações, e jubilos e flores
aquella nobre herança herdada dos maiores.

A lua vae descendo as soidões do poente:
e inda d'estrellas mil a esteira luminosa
n'um transparente céo se esvae suavemente;
— e já a flor abrindo a pétala olorosa,
namora, — saturando o perfumado ambiente —
a branda luz que inunda a selva rumorosa.

N'isto subito o sol irrompe fascinante,
qual carbunculo enorme, acceso e scintillante.

Lisboa. CHRISTOVAM AYRES.

A RUA ARMENIA NO PORTO

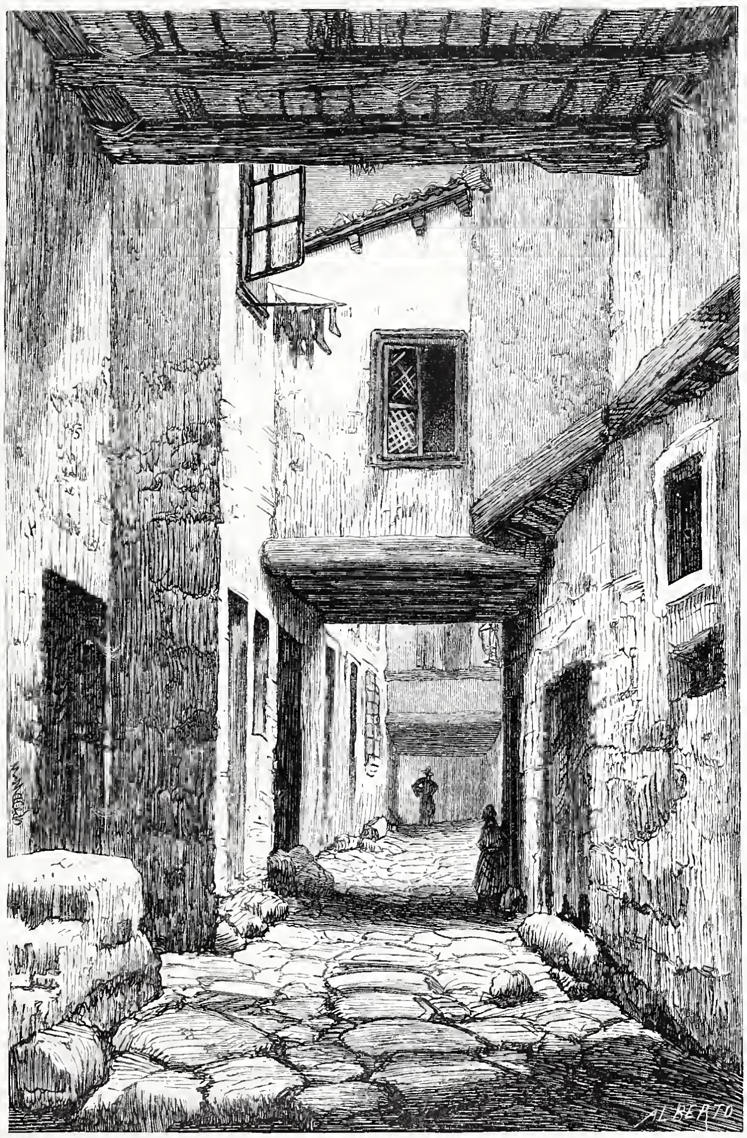
I

Por mais estreita e tortuosa, feia e triste, que se imagine uma rua de um bairro antigo de antiquissima cidade, difficilmente poderá ser mais asserosa e repugnante aos olhos do viajante do que a rua Armenia no Porto, nem mais incommoda e desagradavel aos que são obrigados, por mingua de meios, a viverem nas pobres e lugubres habitações que a orlam, mal arejadas, e ainda peior allumiadas, pois que o sol apenas lhes doura furtivamente, em rapida passagem, os caixilhos denegridos das janellas. E, todavia, tal qual é, a rua Armenia é um padrão da historia ecclesiastica do Porto.

Eis a lenda religiosa que lhe deu origem, e d'onde deriva o seu nome.

II

Nos fins do seculo III do nascimento de Christo, conforme alguns escriptores, sob o sceptro dos imperadores romanos Diocleciano e Maximiano, e segundo a opinião de outros authores no anno de 305, reinando o imperador Galerio Valerio Maximino, padeceu martyrio na cidade de Nicomedia, sua patria, S. Pantaleão, insigne medico. Os que o tinham seguido e acompanhado em vida nas praticas do christianismo, e que, depois da morte o veneravam como santo, pelas virtudes de que fôra ornado, trataram de pôr o corpo do martyr ao abrigo dos ultrages dos pagãos. Movidos d'este proposito foram caminhando com a sua preciosa carga de terra em terra, até que chegaram á cidade de Bysancio, onde pousaram, e por se julgarem ahi em segurança, fizeram construir um tumulo de marmore, onde depositaram os restos mortaes do invicto martyr.



A rua Armenia no Porto

Passados não muitos annos o imperador Constantino o Grande transformava a pequena Bysancio na vasta e magnifica cidade de Constantinopla, que elevou ás honras de séde do immenso imperio romano, e que, ao diante, pela divisão d'este, ficou sendo capital do imperio do Oriente, não menos famoso.

N'esta cidade, pois, conservou-se o corpo de S. Pantaleão no seu mausoléo acatado de todos durante o longo espaço de dez seculos. Porém, ao cabo d'este periodo, tendo o imperio do Oriente percorrido a largos passos o caminho da decadencia, ouviu soar a sua hora derradeira. Depois de muitos e vigorosos assaltos de um exercito ottomano de oitenta mil homens, capitaneado pelo sultão Mahomet II, e valorosamente repellido pelos defensores de Constantinopla, foi destruido aquelle imperio, tomada a sua capital, e arvorada a meia lua de Mafoma sobre a cupula da sumptuosa igreja de Santa Sophia (1453).

Alguns moradores da cidade, particularmente devotos de S. Pantaleão, e que eram naturaes da Armenia, ajustaram entre si, muito em segredo, salvar das sanhas dos infieis as santas reliquias. E eil-os a transportar o sepulchro, durante a noite, para bordo de um navio, que já tinham fretado, e que logo se fez de véla.

Ignora-se o que passaram na viagem; apenas se sabe que esta foi muito longa, e que, acossados do tempo e cortados de trabalhos e privações, demandaram a foz do Douro, e que vieram lançar ferro defronte da igreja de S. Pedro de Miragaya, então fóra dos muros da cidade, e com poucos visinhos. O sepulchro de S. Pantaleão foi conduzido de bordo para este templo, a aprasimento e com infinita alegria dos que o transportavam de tão longinquas terras, e dos que o recebiam como um favor do céo. Mas não se contentou a devoção dos conductores em collocarem as santas reliquias em logar condigno, e de perfeita segurança. Quiz satisfação mais completa, continuando a prestar culto ao santo corpo. Por conseguinte cuidaram de edificar casas perto da igreja para sua habitação, e assim fizeram uma rua, que logo começou a ser denominada pelo povo da visinha cidade, *rua dos Armenios*, nome que pelo andar dos tempos se corrompeu, com pouca differença, em *rua Armenia*, como presentemente se chama.

III

Conservaram-se os ossos de S. Pantaleão na igreja de S. Pedro de Miragaya até ao dia 22 de dezembro de 1499, em que foram trasladados para a sé em solemne procissão, com acompanhamento de toda a clerezia, communidades religiosas e confrarias da cidade.

Foi ordenada esta trasladação por D. Diogo de Sousa, que então cingia a mitra episcopal do Porto, e que mais tarde foi assumpto á cadeira primacial de Braga.

Como bem se póde imaginar não foi despojada das santas reliquias a igreja de S. Pedro, sem grande opposição dos seus padres e dos moradores de todo aquelle arrabalde. Para a accommodar, e evitar maiores escandalos, viu-se obrigado aquelle prelado a deixar na igreja de Miragaya um braço do santo martyr, como reliquia de tão venerado corpo, e em commemoração da sua vinda á cidade do Porto, e da sua estada no referido templo.

Em cumprimento de disposição testamentaria de el-rei D. João II, seu primo e successor, el-rei D. Manuel, mandou fazer um cofre de cedro, forrado exteriormente de chapas de prata com muita diversidade de lavores, para n'elle serem encerrados os ossos de S. Pantaleão, padroeiro da cidade do Porto. N'este cofre foi feita a trasladação das reliquias santas para a sé, onde ficaram depositadas no altar mór. O mausoléo de marmore, em que vieram de Constantinopla, foi transferido por ordem do mesmo bispo para a capella do Santissimo Sacramento, e ahi collocado de modo, que lhe ficou servindo de altar. Porém, quando se aformoseou e enriqueceu esta capella, revestindo-lhe de laminas de prata, lavradas com grande variedade de desenhos e figuras, o docel, todo o retabulo e o altar, ficou occulto, infelizmente, o mausoléo, monumento de arte e da piedade religiosa do seculo IV da era de Christo.

Em nossos dias, reinando a Senhora D. Maria II, foi roubado aquelle cofre, sem que até hoje fosse restituido á sé, e sem que se tenha podido descobrir os authores de tão sacrilego roubo.

I. VILHENA BARBOSA.

ESTUDOS PREHISTORICOS EM HESPANHA E PORTUGAL

Obcecados pela ignorancia e desvanecidos pelo orgulho, os homens acreditaram por muito tempo em dois erros capitaes, oppostos e contrarios ao progresso da sciencia e ao desenvolvimento da humanidade. Consistia um, que chamam *geocentrico*, em suppor a terra plana e immovel, o centro do Universo; o outro, *anthropocentrico*, em julgar tambem o homem centro e fim unico e ultimo de toda a creação. E, tanto esses erros se tinham arraigado, na longa infancia do genero humano, que, só porque proclamaram o movimento da terra no seculo XVI, Copernico passava por doido, e, no seculo XVII, Galileu, forçado pelas torturas, tinha de abjurar nos carceres inquisitoriaes as crenças scientificas.

Todos sabem que, depois da época memoravel do renascimento, a demonstração do primeiro erro foi uma das causas que mais contribuiram para elevar a humanidade acima dos apertados horisontes em que a idade media a confrangera. O segundo, porém, continuou a dominar o animo dos naturalistas a ponto que, na primeira metade do seculo XIX, Cuvier e a maior parte não acabaram comsigo a acreditar em que existisse nas entranhas da terra algum vestigio fossil do homem entre os dos outros mammaes, contemporaneos dos ultimos phenomenos que alteraram a face do globo. Cediam assim ao geral influxo do erro anthropocentrico, segundo o qual, a especie humana, a ultima na ordem das creações successivas, sómente poderia apparecer depois que os varios agentes da natureza houvessem longamente preparado a configuração actual dos continentes, que tinham de servir-lhe de berço e de vivenda.

Do erro anthropocentrico derivava-se tambem naturalmente a crença na civilisação primordial e na consecutiva decadencia da humanidade; e, por tanto, cousa impossivel parecia que se descobrissem objectos da industria humana que provassem exactamente o contrario, isto é, que o homem progredíra e se aperfeiçoára gradualmente, passando do estado selvagem a uma civilisação cada vez mais perfeita.

Os machados de pedra, que em grande numero apparecem sepultados na terra em todas as partes do mundo, foram por muito tempo considerados, não como productos da industria humana, mas como effeitos milagrosos da cholera dos deuses ou resultas incomprehensiveis das forças naturaes. O vulgo chama-lhes ainda hoje *pedras de raio*, como em Grecia e Roma lhes chamavam *ceraunias*, palavra derivada de κεραυνὸς, raio. E, tambem como os povos modernos, os gregos e romanos lhes attribuiam virtudes mysteriosas e curativas.

Na Grecia, particularmente, era opinião commum que Jupiter as arrojava do céo, e sobre certos montes convisinhos do mar Carpio e no da Chymera, no Epiro, mais do que em qualquer outra parte. Em razão do que, lhes rendiam culto e as collocavam em logares reservados. Não falta quem supponha que os sacerdotes de Cybele se serviam com facas ou machados de pedra para espontaneamente se mutilarem em honra de Atys. Entre os hebreus era uso fazer a circumcisão com instrumentos de pedra [1], venerados talvez como sagrada recordação da remota antiguidade.

Parece que as baetylas que os antigos traziam comsigo e consultavam como oraculos, fabricadas pelo céo, não seriam senão as ceraunias achadas na terra. Algumas vezes estas mesmas pedras substituiam a imagem de Jupiter; pois na fórma de machado adoravam os Carios aquelle que denominavam Labradœus. Sotaco e Plinio dizem que as ceraunias eram á maneira de machados *(similes securibus)*. Um poeta da decadencia, Marbodeo, descreveu nos seguintes versos a origem, usos e virtudes das ceraunias ou pedras de raio:

> Ventosum rabie cum turbidus æstuat aër
> Cum tonat horrendum, cum fulminat igneus æther,
> Nubibus illisis, cœlo cadit iste lapillus,
> Cujus apud Græcos exstat de fulmine nomen.
> Illis quippe locis quos constat fulmina tactos
> Iste lapis tantum reperiri posse putatur.
> Unde ceraunios est græco nomine dictus,
> Nam, quod nos fulmen, Græci dixere ceraunum
> Qui caste gerunt hunc á fulmine non ferientur
> Sed neque navigio per flumina vel mare vectus,
> Turbine mergetur, nec fulmine percutietur,
> Ad causas etiam, vincendaque prælia prodest,
> Et dulces somnos et dulcia somnia præstat.
> Huic dantur binæ species, totidemque colores
> Cristallo similem Germania mittere fertur,
> Cæruleo tantum infectum, rutiloque colore
> Mittit et Hispanus similem fulgore Pyropi.

Os escriptores da idade media repetiram as fabulas que os antigos acreditavam das ceraunias. Comtudo já Lucrecio dissera em bellissimos versos como os homens primeiro se tinham servido das pedras e paos por armas, e sómente mais tarde as haviam feito de bronze e por fim de ferro:

> Arma antiqua manus, ungues, dentesque fuerunt,
> Et lapides, et item silvarum fragmina rami,
> Et flammæ atque ignes, postquam sunt cognita primum.
> Posterius ferri vis ærisque reperta;
> Et prior æris erat quam ferri cognitus usus.

Mas esta asserção, bem como outras do grande poeta,

[1] Tulit illicò Sephora acutissimam petram, et circumcidit præputium filii sui... Exod. IV, 25.
Eo tempore ait Dominus ad Josue. Fac tibi cultros lapideos et circumcide secundò filios Israel. Josue, v, 2.

sómente no seculo XIX poderia ser demonstrada e comprehendida.

Mercati, medico e antiquario illustre do seculo XVI, foi quem primeiro tentou demonstrar que as ceraunias seriam antes as armas de pedra que os primeiros homens usaram, do que productos mysteriosos do raio. Entretanto, era tão commum esta ultima opinião, que o auctor apezar da força dos argumentos que produziu não se declarou terminantemente a favor da outra, á qual apenas se mostrou inclinado. N'um dos seus livros, que é uma descripção das riquissimas collecções do museu do Vaticano, para onde Sixto V o escolhera para director, n'esse livro publicado e annotado em 1715 por outro medico insigne, João Maria Lancisi, descreve Mercati e figura em estampas illustrativas os machados de pedra e as facas ou lascas ou pontas de frechas, e affirma terem sido feitas de pederneira.

Alguns outros escriptores do seculo XVI, como Aldrovando e Conrado Gesner, fallaram das armas de pedra e das excavações onde appareciam, todavia ninguem o fez tão expressa e positivamente como Mercati.

Na Peninsula, em 1534, Beuter, historiador de Valencia, deu noticia de muitas armas de pedra, apparecidas em Cariñena de Aragão, e de alguns craneos atravessados por ellas, e na mesma excavação descobertos [1].

Nos seculos XVII e XVIII o exame das pedras denominadas ceraunias e a sua comparação com as armas de pedra, de que ainda hoje se servem certos povos selvagens, mostrou a alguns desabusados observadores a origem e fins communs de umas e de outras. É sobretudo notavel a memoria, apresentada em 1723 por Jussieu á Academia das sciencias de París, com a demonstração rigorosa de que as ceraunias ou pedras de raio não eram mais do que as armas ou instrumentos fabricados e usados pelos primitivos habitantes da Europa, antes que a civilisação lhes ensinasse a extrahir e obrar os metaes. Dez annos depois, Mahudel sustenta a mesma opinião n'uma memoria que offerece á Academia de inscripções e bellas letras. Mas estes votos particulares não mudam o sentir do vulgo a respeito das ceraunias ou pedras de raio.

Em Hespanha o padre Torrubia dizia-as *pedras figuradas pela natureza* [2]. Em Portugal o padre João Baptista de Castro explicara assim a sua formação: «A pedra de corisco é distincta do raio; não obstante cahir juntamente com elle da nuvem; porque entre as exhalações seccas, de que o raio se fórma, sobem tambem algumas particulas de materia terrestre e viscosa, as quaes pelo vigor do fogo se accendem e se tornam em massa empedernida, combatida ao depois pelo vigor do frio. Toma ella varias fórmas segundo a diversidade da nuvem em que se fórma, porque ou é da figura de pyramide, ou de ovo, ou de cunha, ou tambem redonda».

O capitão Luiz Marinho de Azevedo no seu livro da fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa, cita Plinio, Mario Nigro e Solino que disseram abundantes de ceraunias os campos de Lisboa ou da Lusitania, e trata de indagar se estas pedras seriam ou não d'aquellas que se formam da gomma de certa arvore da ilha de Cadiz, de que falla Estrabão.

D. Antonio de Sousa Macedo no seu livro *Eva e Ave*, tratando da invenção das armas diz: «Aonde não havia ferros, paos e pedras foram armas (e ainda entre nações de Africa e America o são) paos tostados ao fogo».

[1] Historia y progressos de la arqueologia prehistorica, por Don Francisco Maria Tubino.—Museo español de antigüedades, tomo 1.º, pag. 1 a 21.
[2] Museo español de antigüedades, loc. cit.

Bluteau no Vocabulario, definindo a pedra de corisco cita um auctor que diz que quem trouxer comsigo uma não poderá ser ferido de raios nem afogar-se. Conclue porém com a seguinte observação: «Eu tenho uma, mas nem com ella me quizera eu expôr a raios ou naufragios».

(Continua.) A. FILIPPE SIMÕES.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

As doze espadas do diabo.—Está publicado o segundo volume d'este romance de Henri Kock, traduzido primorosamente pelo sr. Guilherme Celestino e posto á venda pela empreza Carvalho & C.ª A primeira obra publicada por estes editores foi o romance original do sr. Pinheiro Chagas—*As duas flores de sangue;* seguiu-se-lhe a traducção das—*Doze espadas do diabo,* e depois d'esta será distribuido o romance original do sr. Julio Cesar Machado—*Claudio.* Por emquanto as obras originaes estão em maioria, o que é para louvar, estando sobretudo, como é sabido, a empreza em começo.

A escada do amor.—Com este titulo publicou o sr. Eugenio de Castilho um ligeiro conto em verso. Tem o tamanho de um folhetim; mas como ás obras litterarias se póde applicar o que vulgarmente se diz dos homens—que não se medem aos palmos, o conto publicado pelo sr. Eugenio de Castilho, apezar de pequenissimo, vale mais do que alguns grossos volumes que dormem a somno solto nas estantes dos livreiros, sem que pessoa alguma se lembre de os ir acordar.

Estabelecimento de horticultura. Catalogo n.º 12—1875-1876 (supplemento ao catalogo n.º 11.)—Este folheto, cujo titulo claramente indica o assumpto de que trata, foi publicado pelo sr. José Marques Loureiro, proprietario do estabelecimento de horticultura mais importante que existe no paiz. O horto do sr. Loureiro, na quinta das Virtudes, Porto, possue collecções magnificas de plantas de ar livre e de estufa, estando assim habilitado a fornecer os amadores mais exigentes. É por conta d'este estabelecimento que se publica o *Jornal de horticultura pratica,* de que é redactor principal o sr. Oliveira Junior, um dos nossos escriptores mais versados na especialidade a que o periodico se dedica. No catalogo a que me refiro, encontram-se uteis indicações ácerca do cultivo de algumas flores, e o preço de todas as plantas á venda nos diversos estabelecimentos do sr. Loureiro.

Relatorio apresentado á junta geral do districto de Faro na sessão ordinaria de 1875, pelo conselheiro governador civil José de Beires.—Compulsando este relatorio, ao qual vem juntos varios documentos, mappas illustrativos, resoluções e consultas da junta geral, facilmente se comprehenderá a maneira como são geridos os negocios publicos no districto entregue aos cuidados do sr. governador civil José de Beires. Tudo que diz respeito a expostos, a segurança publica, a recrutamento, a asylos, a instrucção publica, a obras, etc., se encontra sufficientemente desenvolvido no relatorio da primeira auctoridade civil do districto de Faro, e póde servir de auxilio aos que pretenderem estudar a administração da fertil provincia do Algarve.

Resposta do visconde de Monte-São ás considerações do sr. dr. Julio Augusto Henriques, ácerca dos R R lançados nos actos de botanica.—Este folheto diz respeito a uma debatida questão que se levantou, em Coimbra, no fim d'este anno lectivo, por occasião dos actos de botanica, nos quaes foram reprovados dois estudantes distinctos. Esta questão acaba de ser resolvida superiormente a favor do auctor do folheto. Aos que se interessarem pelo assumpto, recommendo não só este, mas tambem o primeiro escripto do sr. visconde de Monte-São, e bem assim a replica do sr. dr. Julio Augusto Henriques.

A guerra da restauração.—Assim se intitula o volume 13.º da bibliotheca—*Educação popular,* de que são editores os srs. Lucas & Filho e director litterario o sr. Pinheiro Chagas. O thema escolhido para este volume, é dos que mais precisam ser ensinados e repetidos ao povo, porque se refere a uma gloria nacional,

e tem a alta importancia de levantar e fortalecer o espirito abatido dos que, certamente por lograrem viver n'uma época de paz, fallam com menos enthusiasmo de tantos e tantos heroes que têem perdido a vida pela patria, nos campos de batalha. É para louvar, pois, que na interessante collecção de livros de ensinamento divulgada pelos srs. Lucas & Filho, o sr. Pinheiro Chagas incluisse esta pagina famosa da nossa gloriosa historia.

A HARPA.—Estão já publicados tres numeros da 2.ª serie d'este curioso periodico litterario, de que é director o sr. Joaquim de Araujo, da cidade do Porto. A *Harpa* contém alguns artigos interessantes, e muitas poesias dignas de serem lidas. Merece, portanto, a coadjuvação dos leitores que prezam as publicações de litteratura amena.

GUIA HISTORICA DO BUSSACO.—É importante e curiosissimo o excellente volume, que, sob o titulo acima, publicou o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, bacharel formado em direito pela universidade de Coimbra. O interesse que disperta o assumpto do volume e a auctoridade do escriptor que o assigna, auctoridade adquirida pelos muitos e valiosos escriptos publicados pelo sr. Simões de Castro nos mais importantes periodicos litterarios de Coimbra, e em outros, são a sufficiente recommendação da obra, na qual se encontram descriptos todos os aprazíveis sitios da frondente mata do Bussaco, referindo-se o auctor á fundação do mosteiro, ás pinturas do claustro, á igreja, ás capellas dos passos, á cruz alta e a tudo quanto póde interessar no estudo d'aquelles attrahentes logares. Diversas noticias historicas, duas gravuras feitas sobre desenhos do sr. Mariz, representando uma a avenida do mosteiro e a outra o mosteiro, bem como algumas poesias sobre o assumpto, já publicadas em outras obras, augmentam consideravelmente o valor do livro do sr. Simões de Castro. As poesias, algumas das quaes bastante notaveis, são firmadas pela sr.ª D. Amelia Jenny, a talentosa poetisa do Mondego, e pelos srs. Candido de Figueiredo, Luiz Carlos, Francisco Joaquim Bingre, Antonio Feliciano de Castilho, Soares de Passos, Ayres de Sá Pereira e Castro, João de Lemos e Mendes Leal. O sr. A. A. da Fonseca Pinto, no seu estylo ameno e brilhante, que os leitores das *Artes e Letras* já conhecem, escreveu o prefacio do livro. N'aquelle prefacio o erudito escriptor transcreve das—*Soledades do Bussaco*, algumas estrophes da poetisa portugueza D. Bernarda Ferreira de Lacerda, e publica diversas cartas ineditas escriptas por Gomes de Abreu a um seu amigo, ácerca das bellezas da afamada floresta.

A CRUZ DE PRATA.—Tem este titulo a ultima peça publicada pela—*Bibliotheca theatral* de que são directores os srs. Aristides Abranches e Castilho e Mello.—*A cruz de prata* é versão correcta, feita pelo segundo d'estes escriptores, de um drama em 5 actos e 8 quadros de E. Souvestre, drama já representado em D. Maria II, com o titulo de—*A cruz de Magdalena*, e que não logrou a fortuna de agradar ás platéas do nosso primeiro theatro. Isto, porém, não é razão para que a peça deixe de ser lida com curiosidade, porque é de bom auctor e tem, como drama de effeitos, alguns lances bem calculados, que o leitor, melhor do que o espectador, poderá apreciar. A—*Bibliotheca theatral* que deu á estampa este drama, bem merece do publico, porque tem posto ao alcance de todos muitas obras originaes e algumas traducções de reconhecido merito litterario.

AS FARPAS.—Está publicado o n.º 26 d'esta interessantissima collecção que tem obtido a maior popularidade, e é sempre avidamente lida por aquelles que prezam a critica folgasã. A penna brilhante e severa do sr. Ramalho Ortigão se devem exclusivamente os ultimos numeros da famosa publicação, na qual collaborou ao principio com aquelle escriptor, o sr. Eça de Queiroz. O volume que ora se publicou, traz, entre outros artigos de interesse publico, um sobre instrucção, que merecia ser meditado e discutido pelas pessoas a quem este assumpto directamente diz respeito; e sel-o-ía se entre nós se desse a devida attenção a coisas mais serias do que a politica partidaria e as questões pessoaes. É natural porém que a boa doutrina expendida pelo sr. Ramalho não seja tomada em consideração, e as coisas continuem como até agora.

O SR. DR. MAY FIGUEIRA E O SEU ATTESTADO DE LOUCURA PASSADO A JOÃO L. ESTEVES DE CARVALHO EM PORTUGAL E NO SECULO XIX.—Foram enviados a esta redacção alguns exemplares do folheto assim intitulado. Por tratar de assumpto completamente estranho á indole da folha, não posso alongar mais a respeito d'elle, a costumada menção que uso fazer de todas as publicações que recebo.

(Continúa.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

—— Recebemos do sr. Carlos Relvas quatro excellentes provas dos seus novos trabalhos em phototypia, notavel processo a que já nos referimos em o n.º 1 d'esta serie. Como é sabido, o processo adquirido pelo nosso talentoso photographo-amador encerra todas as vantagens da photographia de permeio com as vantagens da lithographia, isto é, por elle se copia o natural, com a exactidão da primeira, sendo a estampagem inalteravel e duradoira como a segunda. As provas que recebemos são formosissimas; agradecemol-as reconhecido.

—— Consta-nos que o sr. duque de Loulé possue dois famosos baixos relevos antigos. Parece que são duas das métopas do friso do Parthenon. Como é sabido, o Parthenon foi o mais formoso templo da Grecia antiga. Era todo de marmore branco denominado pentelico, por ser extrahido do monte d'este nome, ao NE de Athenas; pertencia á ordem dorica; tinha 25 columnas, 8 de frente e 17 de lado; e era consagrado a Minerva. O friso dividia-se em 92 métopas, representando, em magnificos baixos relevos, diversas scenas de combate dos athenienses com os centauros. Phidias fez o desenho das esculpturas, e executou grande numero d'ellas. Foi para o Parthenon que elle esculpiu a estatua de Minerva em oiro e marfim, a qual é considerada a sua obra prima. Em 1687 os venezianos, por occasião do bombardeamento de Athenas, destruiram quasi completamente o famoso templo, do qual restam apenas de pé umas 20 columnas. Muitas das métopas estão em Londres no Museu britannico, outras em París no Louvre, e duas d'ellas, como suppomos, pertencem, desde épocas immemoraveis, ao sr. duque de Loulé.

—— A celebração do quarto centenario do anniversario de Miguel Angelo, que devia ter-se effectuado em março ultimo, foi transferida pela commissão de Florença, para o meiado de setembro. A exposição das obras do grande artista, que por essa occasião se realisa, deve despertar grandissimo interesse. A maior parte dos paizes que possuem obras originaes em esculptura ou desenho do mestre italiano, envia modelos em gesso ou reproducções photographicas. A Inglaterra já remetteu á commissão, photographias dos desenhos originaes que se encontram na Universidade de Oxford e no Museu de South-Kensington. A rainha Victoria tambem offereceu photographias dos desenhos que existem no palacio de Windsor.

—— O *Jornal do Commercio* publicou duas cartas judiciosamente commentadas pela redacção, ácerca do vandalismo commettido em Evora com a demolição da elegantissima torrinha que havia defronte da fachada da igreja de S. Francisco. A segunda carta explica perfeitamente como as coisas se passaram. A pag. 33 do tomo x do *Archivo Pittoresco*, encontra-se impressa uma gravura representando a torrinha, e a pag. 130, col. 1.ª, do primeiro volume das *Artes e Letras*, n'uma nota de um artigo do sr. dr. A. Filippe Simões, vem a noticia da demolição.

—— A restauração da estatua de Napoleão I, que deve ser novamente collocada sobre a columna Vendôme, foi confiada a M. Penelli, restaurador dos museus do Louvre. A estatua será restaurada como o foram os baixos relevos da columna.



2186—IMPRENSA NACIONAL—1875



O CÃO DO MONTE S. BERNARDO

Quadro de Clasen

Typ. de Christovão A. Rodrigues.

Editores Rolland & Semiond, Lisboa

ARTES E LETRAS



Numero 3—Lisboa—4.ª Serie

O CÃO DO MONTE DE S. BERNARDO

(Ao caçador Bulhão Pato)

Eu acredito, como Toussenel, que Deus creasse o cão para remediar a fraqueza humana. *Au commencement Dieu créa l'homme, et, le voyant si faible, il lui donna le chien.* O que é mais ainda,—acredito ser o cão o *unico* animal verdadeiramente prestavel ao homem, porque só elle consegue multiplicar-se, tomando aptidões differentes, para acudir ao seu debil companheiro na infinidade de aspectos que a desgraça parece tomar. O cavallo contenta-se com emprestar ao *rei da creação* as suas pernas, solidas e fortes, e o seu bello peito, profundo e vigoroso, proprio para as corridas violentas e para os saltos perigosos [1]. O boi não é um auxiliar indispensavel na lavoira e na culinaria. O cavallo faz, em muitos paizes, o serviço dos campos, e de todos é conhecido que, depois do grande aperfeiçoamento introduzido por Dombasle na charrua, os machinistas inglezes e americanos se preoccuparam com a idéa de substituir pelo vapor o motor animal nos instrumentos agricolas. Não é a carne do boi alimento imprescindivel, apezar de muito rica de osmazome. Opiniões ha até de que o homem não foi talhado para triturar e digerir viandas. Os que negam ao homem a qualidade de carnivoro contentam-se com darlhe peixes, crustaceos, pomos, hervas e farinhas. O boi e o cavallo parece, á primeira vista, e posta de parte a questão da alimentação, serem os dois animaes mais precisos ao homem, mas, depois de breve exame e de ligeira meditação, o espirito chega facilmente a acceitar a conclusão de que o cão é o *unico* animal indispensavel á fraqueza humana.

Protheu de si mesmo, o cão multiplica as proprias formas para desempenhar fins diversos.

Eil-o cão de pastor, mais primitivo que civilisado, como nota Gayot, com o seu denso pello amarello ou negro, as suas orelhas ponteagudas, e a sua cauda empennachada. Este é o amigo do pegureiro e dos rebanhos, o unico defensor nas grandes solidões, o vencedor dos homericos combates travados com as famintas alcatêas do deserto.

Nascido na America do Norte, volve se amphybio: é o *Terra-Nova,* o nadador audaz e infatigavel, o vencedor das ondas, o intrepido mergulhador de mãos espalmadas, verdadeiros apparelhos natatorios, o voluntario salvador do seu dono ou do seu amigo.

Magro, de orelhas pendentes, pernas finas, compridas, sêccas, abdomen leve, peito levantado, musculos tensos, é o lebreo corredor, que, animado pela voz dos *sportmen,* galga, na pista do veado, os desfiladeiros da Escocia; é o pae de todas as variedades de cães de caça, o amigo dos prazeres fragoeiros, o conviva das festas salutares e vivificantes.

Bull-dog,—é, na phrase de mr. Pierre Pichot, uma maxilla viva construida para morder e não para ladrar. Cabeça de toiro liada ao corpo por musculos de ferro, guella amplissima, dentes de gume fino como o aço e fórte como a rocha,—athleetico, indomavel, sanguinario, é o defensor incorruptivel do homem, o luctador feroz amestrado nos crueis combates inglezes.

Oriundo das regiões boreaes do globo, musculoso, membrudo, gordo, de cauda empennachada e encaracolada em circulo, substitue o cavallo na carreira e tira vigorosamente os *traîneaux* sobre planicies de gelo, desempenhando na Siberia com a maxima pontualidade, attrelados dois a dois em longas filas, o trabalhoso serviço postal.

Nos paizes montanhosos, nas regiões dos Pyreneos ou dos Alpes, por exemplo, o cão devia de ter um papel eminentemente util, charidoso até. E tem. Dotado pela natureza de um ouvido excepcionalmente fino e delicado, o cão da montanha avisa de todos os perigos com discreta antecipação, e atravessa impavido os eternos frios das grandes avalanches, acobertado com o seu pello duro e longo, para farejar o sitio em que o viajante cahiu prostrado ou perdido.

Ah! que é admiravel a tua missão na terra, ó cão, pobre amigo, tão pobre como leal, e por isso mesmo tantas vezes calumniado até no proprio nome!

Na charneca, no mar, na montanha, na estrada, nos desertos gelados, nas solidões alpestres, em casa, na rua, até sobre a sepultura, tu és o companheiro inseparavel do homem, o seu *unico* amigo, o mais fiel, o mais dedicado, a primeira voz que se levanta para defendel-o e a ultima lagrima que desce para choral-o!

Por isso tu passas apedrejado na rua, na rua onde és o mais desgraçado dos seres creados, porque não tens raça, nem familia, nem lar, nem siquer um nome! Producto heteroclito do amor e do acaso, como te chama mr. Gayot, não és mastim, nem lebreo, nem rafeiro, nem podengo, nem bull-dog, nem *Terra-Nova,* nem coisa alguma: és o cão da rua! Não nasceste em Groenland, em Kamtschatka, nos Alpes ou nos Pyreneos, nasceste no lixo, n'um portal ou n'uma sentina, e não encontraste alma charidosa que te fosse lançar ao rio! És o cão da rua, o eterno mestiço, o vagabundo eterno, o engeitado, o solitario philosopho nocturno, que passas atravéz do luar, de cauda erguida e focinho caído, a olhar para a terra que te ha de comer e a apontar ironicamente para os astros, que te desprezam, com o que tu tens de mais desprezivel. Não ha pintor que te retrate, poeta que se occupe de ti. Ninguem sabe quem é a tua familia; a tua vida é obscura e ingloria. Uma coisa se sabe ao certo:

[1] O emprego da carne de cavallo, *hippophagia,* para alimentação do homem, comquanto adoptado em muitos paizes, não está universalmente acceito, e nós, na estreiteza d'este artigo, apenas podemos apreciar os factos na sua generalidade.

é como tu has de morrer: envenenado. E na mesma rua, na rua que era a unica coisa que te restava no mundo, has de caír nas lentas agonias da peçonha, no meio de um circulo de olhares curiosos e inuteis, e talvez de ponta-pés deshumanos! Depois entrarás no lixo d'onde vieste. Podias ser aproveitado, apropriado a um fim,—amigo de alguem. Lá diz o rimance popular:

> Por aquella serra acima
> Vinte e cinco cegos vão:
> Cada *cego* com seu moço,
> Cada moço com seu *cão*.

Os cegos felizmente são poucos, e os cães da rua são muitos. És um coração perdido. Pobre amigo! não tens quem te queira, a não ser a terra: pois vae descançar na terra.

Os monumentos são para os cães nobres: os de S. Bernardo por exemplo. Sabe-se d'onde vieram. Até se sabe quantas dynastias contam. Ha o cão antigo e o cão moderno. O antigo nasceu do cão de pastor e da femea do mastim. Tambem se lhe conhece o retrato. Patas fortes e grossas, cabeça larga, beiços pendentes, pello alaranjado, espesso e curto,—corporatura enorme. O moderno cão de S. Bernardo descende de um só cão salvo da terrivel epidemia que dezimou a raça em 1820, procede de cruzamentos com os cães de Leonberg, continúa a ser grande e fortemente construido, e a desempenhar a sua missão de philantropia junto do hospicio de S. Bernardo. Ah! mas inteiramente se comprehende o direito com que anda perpetuada na tradição oral e escripta a dôce memoria do compassivo cão de S. Bernardo, que a nossa estampa representa, e cuja missão consiste em arrancar ás enormes sepulturas de gelo eterno os viajantes que as avalanches prostraram na amplidão alvejante dos Alpes,—a longa estrada com que a natureza ligára a Italia, o paiz da musica, á França, o paiz do amor! Por ali faziam caminho,—e basta fallar dos infelizes—, alem dos operarios emigrados de Valais, os pequenos menestreis italianos, que se poderiam chamar as andorinhas da musica se lhes não coubesse melhor a denominação de rouxinoes de Italia. Migrantes como as aves, unicamente acompanhados pelo seu violino ou pela sua harpa, morreriam de frio e fome nas vastas geleiras dos Alpes se o cão de S. Bernardo guiado pelo *marronier*, (creado do convento encarregado de procurar os passageiros) lhes não acudisse com o barrilinho cheio de vinho branco e o felpudo cobrejão por igual reanimador. O rapazinho da nossa estampa era talvez um d'esses desventurosos menestreis que mal se podéra arrastar, congeladas as articulações, até ás visinhanças do santo hospicio. Facilmente o encontrou o cão. Puxou com os dentes a corda da sineta; avisou os compassivos padres. Espera vêr assomar alguem ao postigo. É a resposta. Ámanhã, confortado e alegre, ó pequenino rouxinol, ó andorinha errante, poderás seguir teu caminho! Hoje a locomotiva, que passa arfando sob a abobada do monte Cenis e que brotou, phenix moderna, das cinzas das antigas florestas, *Cinereus mons*, roubou ao convento de Monstiers muita da religiosa poesia que as suas tradições evangelicas conservavam havia nove seculos. Mas, como de mais longe vinhamos dizendo, tambem se comprehende que o lapis de sir Edwin Landseer eternise na téla as correrias fragoeiras dos *highland-deerhounds*, os audazes lebreos da alta Escocia. Tambem se comprehende... Oh! mas o que se não comprehende, finalmente, são os carinhos, as blandicias, os regalos dispensados a esses mimosos cães espurios, que dormem sobre almofadas, são lavados com fino sabonete inglez, e passeiam encostados ao collo feminino docemente arquejante. Sabeis o que são esses estimados cães inuteis? O mesmo que são os da rua, são, diz mr. Gayot, a miniatura ou, melhor, a caricatura das grandes raças. Mas os da rua teem antes da morte o veneno e depois da morte o monturo, e os de sala teem antes da morte a sua almofada e o seu banho e depois da morte o fino *crayon* que os immortalisa ou a elegante redoma que os conserva embalsamados! Em Portugal, especialmente, o cão de regaço começa a invadir os direitos do filho. Já se não sabe ao certo se os braços da mulher foram feitos para as creanças, como diz Victor Hugo, ou para os cachorros mimosos. Deante de um cão de S. Bernardo, vestido com o seu proprio pello e luctando com a neve, não ha o prazer de vêr saltar em pinchos idiotas a delambida galguinha de Italia, que não quer sol, nem frio, nem vento, e precisa andar agasalhada com o seu pequenino xarel de panno ou velludo.

Em Portugal nem os animaes domesticos se conhecem. Em França até as senhoras os estudam. Recommendo aos mais pequenos leitores d'este periodico os *Animaux domestiques* de madame Pape Carpantier.

ALBERTO PIMENTEL.

BUSTOS OFFERECIDOS AO IMPERIO DO BRAZIL

De todas as artes nobres a que teve o infortunio de cahir em notavel decadencia nos tempos modernos, é, sem duvida alguma, a esculptura. As mais celebres obras devidas aos cinzeis dos artistas de hoje, estão bem longe de igualar, e até de arremedar, as que deram immorredoura fama aos nomes dos grandes artistas da antiguidade.

Muitas são as causas d'esta visivel decadencia, podendo apontar-se como principaes a mingoa de belleza que se observa nas fórmas da raça hodierna; o menos respeito que ha pela estatuaria, desde que ella, em vez de representar deuses que se adoravam nos templos, produz figuras que adornam os jardins e as praças publicas; finalmente, como muito bem diz Beulé, a falta de gosto que o seculo tem manifestado pela sublime arte de Phidias e de Miguel Angelo, pois que é de todas, incontestavelmente, a que hoje em dia menos se estima e respeita.

E tanto mais salta aos olhos a decadencia a que nos referimos, quanto é certo que, havendo a pintura e a musica avançado assombrosamente nas idades recentes, só a esculptura tem retrocedido, chegando a ser, como fica dito, apenas a desmaiada sombra do que foi nos tempos florescentes da Grecia antiga e até no renascimento.

Mas, caso singular! quando em todos os paizes cultos, excepto na Italia, o numero de bons pintores é muito superior ao dos bons esculptores, em Portugal, onde todas as artes, em geral, padecem do estiolamento que provém da indifferença publica, a esculptura occupa logar mais distincto do que a pintura, e promette, ao contrario d'esta, conservar-se ao par do adiantamento relativo em que a vemos nas demais nações da Europa.

A exposição dos bustos offerecidos ao imperio do Brazil pela commissão encarregada dos festejos promovidos em honra do imperador D. Pedro II, por occasião da sua visita a Portugal, em 1872, é prova do que fica dito.

Entre os artistas portuguezes que executaram algumas d'aquellas obras, figuram dois—os srs. Soares dos Reis, do Porto, e Simões de Almeida, de Lisboa—que não envergonham com os seus famosos lavores a arte nacional, antes lhe dão brilho e honra.

A pouquissima confiança que a commissão depositou nos esculptores portuguezes, fez com que estes fossem incumbidos de menos trabalhos do que os artistas estrangeiros; e, todavia, os bustos feitos pelos portuguezes, com excepção dos do sr. Victor Bastos, são, em o nosso humilde parecer, os melhores da collecção offerecida ao Brazil.

Coube ao sr. Soares dos Reis a execução dos bustos do marquez do Herval e do visconde de Tamandaré. São dois trabalhos magnificos, sobretudo para um artista que está no começo da sua carreira. Em ambos se vêem os planos das cabeças bem determinados, e as carnes perfeitamente representadas. Os olhos dos dois militares, são vivos e de uma modelação que não deixa nada a desejar. A bocca do segundo é de uma verdade admiravel; os cabellos, são tão leves que parece voarem com um sopro. É ad-

miravelmente feito o bigode do marquez do Herval. Como aquelles cabellos finos e soltos, que são o desespero dos esculptores, estão bem executados! A barba do visconde de Tamandaré não produz o desejado effeito, apesar da maneira franca e original por que é tratada; a certa distancia, porém, dá melhor resultado, visto que desapparece um pouco a aspereza que a torna menos natural. Do mesmo modo que uma gravura póde ter côr, qualquer obra de esculptura a póde ter tambem—referimo-nos á côr que resulta do vigor do claro-escuro—e os bustos esculpidos pelo sr. Soares dos Reis têem muita, o que denota que este habil estatuario seria um bom colorista, se se houvesse dedicado á pintura. Ambos os bustos são bem cortados e acertadamente compostos, ostentando jogos de pregas nas fitas e na farda, e um certo desmancho nos cachos das dragonas, que fazem parecer que as figuras se moveram no momento em que olhámos para ellas. Debaixo do fato percebe-se facilmente que está o corpo; e, para se comprehender como o artista é observador, repare-se no arrepanhado que as passadeiras das dragonas produzem em ambas as fardas, minucia que escapou aos demais expositores, mas que, sendo um toque bem caracteristico do natural, contribue para a illusão perfeita das roupas. Os accessorios estão acabados com indefinivel esmero, saltando á vista o ondeado das fitas, que produz optimo effeito. N'uma palavra, se os bustos cinzelados pelo sr. Soares dos Reis não estivessem um pouco empertigados sobre os plinthos, seriam quasi irreprehensiveis; não obstante, é nossa opinião, que em toda a parte onde apparecerem, serão classificados como trabalhos de arte bastante notaveis.

Este promettedor artista estudou dois annos em París e tres em Italia, executando como prova de aproveitamento da sua frequencia nas escolas estrangeiras, uma formosissima estatua que existe no Porto, e da qual as *Artes e Letras* já deram rapida noticia.

O busto do visconde de Pelotas e o do visconde de Inhauma, executados pelo sr. Simões de Almeida, são dignos tambem dos maiores encomios. O segundo, principalmente, é de expressão admiravel; parece que nos falla, que nos escuta, que olha para nós. O rosto é bem modelado, com quanto n'um ou n'outro ponto apresente alguma dureza, devida certamente ao artista procurar de mais a similhança; os cabellos são bem tratados; as barbas do visconde de Pelotas optimamente comprehendidas. Debaixo das fardas de cada um dos heroes brazileiros, afigura-se, outrosim, que ha corpo, o que não succede em alguns dos demais bustos, cujas fardas parecem empalhadas. Os accessorios têem excellente acabamento.

Estes dois trabalhos fazem honra ao sr. Simões de Almeida, que tambem estudou em París e Italia, e é auctor da bella estatua de *D. Sebastião* e da que representa *Uma mulher desfolhando um malmequer*, que existe na Academia real de bellas artes, e já foi reproduzida pela gravura nas *Artes e Letras*. Este mesmo artista modelou, ha pouco, um magnifico busto do fallecido visconde de Castilho, e a estatua colossal do Hercules que ha de figurar no monumento começado a erigir em Alhandra, a qual mede 3 metros de alto, e é esculptura de merecimento. Tem boas linhas de composição, musculatura bem accusada, virilidade e força, e, se fosse um pouco mais esbelta, seria trabalho completo e com o qual a critica não poderia ter demasiada severidade.

O sr. A. Calmels, estatuario francez, executou os bustos de sua alteza o conde de Eu, do conde de Porto Alegre e do barão de Angra.

Entre os expositores de que tratamos, o sr. Calmels é o unico que representa as antigas tradições da arte classica; e, podemos afiançal-o sem receio de sermos desmentido, representa-as honrosamente. Nos bustos do sr. Calmels não se procura a naturalidade vulgar; mira-se principalmente á nobreza e elegancia convencionaes. Tambem se não transige com os effeitos de luz para o realce e animação das cabeças. Os bustos são esbeltos quanto possivel; o globo do olho liso, sem accusar a córnea nem a pupilla, porque os antigos não permittiam este sacrificio da verdade ao effeito; os cabellos e as carnes tratados sem novidade de processos, conformemente ao que se praticava na arte classica, mas tudo bem feito, denotando a mão habil de um artista pratico e de talento.

Se nos perguntarem qual das duas escolas é melhor, se a do sr. Calmels se as dos esculptores que o rodeavam na exposição dos bustos, diremos que a resposta envolve uma questão de gosto. Nós inclinamo-nos um pouco mais á escola moderna, ao naturalismo, não deixando, porém, de conhecer as boas razões que têem os contrarios para defender o antigo, nem as bellezas incomparaveis d'elle.

O busto do conde de Eu é superiormente trabalhado e tem estylo; os planos estão bem concebidos, e, apezar de algumas durezas que nos pareceu haver nos olhos, a expressão é agradavel e as carnes executadas com bastante frescura. A cabeça presta-se, mas é difficil, porque tem mocidade e suavidade nas feições. O busto é artisticamente cortado e a farda apresenta bonitas pregas, vestindo bem sobre o corpo acertadamente accusado. Apezar de todas as boas qualidades que deixamos apontadas, nós talvez preferiramos a este busto o do conde de Porto Alegre, que, não obstante acharse por acabar, é executado com singular primor e mestria. Se, pois, collocámos em primeiro logar o que representa o conde de Eu, foi unicamente porque é, como fica dito, de mais difficil e trabalhosa execução.

Os bustos feitos pelo sr. C. Sighinolfi, esculptor italiano, dos quaes já aqui fallámos em breve noticia, e que nos pareceram bem modelados vistos alguns dentro de caixotes, e todos a meia luz, são inferiores aos dos tres artistas citados. Á excepção do do barão do Amazonas, que tem expressiva cabeça, e encerra boas qualidades de desenho e de fórmas, chegando até a ser um bom trabalho, os demais são artefactos puramente de commercio, e que não revelam o grande talento que algumas pessoas, entre nós, pretendem attribuir áquelle artista. As carnes em geral são duras, os corpos não têem fórma, nem movimento, e até os accessorios foram tratados, por vezes, menos cuidadosamente. O busto do imperador, quanto a nós, é o peior. Falta-lhe peito, não está semelhante, havendo aliás optimos retratos pelos quaes o artista se podia guiar, e as linhas são de tal modo desagradaveis, que dão á composição um aspecto pezado e desairoso.

O visconde de Santa Thereza e o visconde de Itaparica foram os personagens destinados ao sr. Victor Bastos, que lhes fez os bustos com pouquissima felicidade. Sentimos que o auctor do *Moysés*, do baixo-relevo do *Cholera* e dos bustos de Rodrigo da Fonseca Magalhães e do actor Rosa, não aproveitasse esta occasião para levantar os seus creditos um pouco abatidos depois da exhibição de algumas obras saídas ultimamente do seu *atelier*. Infelizmente, porém—não decerto por falta de saber, mas por qualquer outra razão, que não attingimos—os trabalhos do sr. Bastos saíram tão incorrectos e descuidadamente acabados, que tendo nós seguido n'esta resenha a ordem do merecimento das obras expostas, conforme o nosso modo de ver, não tivemos remedio senão collocar os bustos dos viscondes de Santa Thereza e de Itaparica em ultimo logar; e com isto fica dito tudo.

A exposição realisou-se n'uma das salas da associação commercial, sala onde a luz é pessima e que não tem, nem se lhe fez, conveniente fundo para os bustos serem bem apreciados. Alem d'isso, a commissão, certamente porque tivesse receio de que o publico, approximando-se demasiadamente dos trabalhos, lhes causasse qualquer damno, o que era muito possivel, collocou um cordão na frente dos bustos, impedindo por esta fórma que elles fossem analysados tão miudamente quanto alguns mereciam.

Deixando escripta a impressão que nos ficou das amiudadas visitas que fizemos á exposição, sinceramente affirmamos que em nossas palavras ha mais vontade de acertar do que receio de ferir o amor proprio d'aquelles com quem não repartimos o quinhão de louvores, que de nenhum modo lhes negariamos, se o merecessem.

RANGEL DE LIMA.

A REMENDEIRA E O POLITICO



IZIA um grande mestre de deitar remendos na vida: «*Con arte, y con engaño, vivo la mitad del año; y con engaño, y arte, vivo la otra parte*».

A velha da nossa estampa assim o tem entendido,—não na vida, mas no fato.

D'antes, quando era moça, costumava pôr-se de vinte e quatro, que nem que fosse para bodas, e gostava de campar entre as raparigas da sua egualha, fazendo-as comer-se de inveja.

Ainda então não era como que vinho de repisa, já deslavado e sem tinta; ao revez,—andavam-lhe no encalço os mais guapos, de dezoito annos para cima,—e ella toda dengosa, mas, fóra de duvida, sempre honesta,—mesmo honestissima. Era caso da gente passar por labrusco, se lhe fizesse a pergunta do desconfiado sublime: «*Are you honest?*».

Isso são lá inquirições que se tirem?

Era bonita,—e para os olhos não ha mister d'outro pasto. Quando se dá com uma flor viçosa, não se gasta tempo em indagar se ella pertenceu a vallado ou a ale-

grete. Cheira bem, as petalas são carnudas, o seio está ainda aljofrado de lagrimas, a côr é um mimo da natureza; então para que se mettem horas de permeio, sem que a ponhamos desde logo na botoeira?...

Nem que fosse para a entretecermos na grinalda da Virgem!...

os fantasmas da primavera, e lembra-se, e tem pena, e vê-se uma solteirona que ha de ir para a cova de palmito e capella,— sem ter filhos que a chorem, filhos... ó idéa perturbadora da castidade serodia!... E comtudo, se ella tivesse lido uma canção que eu tenho á vista, é de crêr que lhe murmurasse o estribilho magano:



A remendeira

O certo, é que esta mulher de cangalhas na ponta do nariz, trança de estopa, e bôca descerrada, *por onde inda resta um dente,* teve os seus dias de esplendor e de conquista, os seus momentos de vaidosa alegria, as suas fluctuações por aquelles vastos intermundos, que foram conhecidos de Epicuro,— e que o tem continuado a ser de muitos outros figurões menos grados.

Casar é que não quiz nunca.

Teve sempre a bossa anti-matrimonial de uma elevação formidolosa. Chegou a amar, chegou; mas o casamento pareceu-lhe a copia a carvão de um bom quadro veneziano.

A instantes,— por exemplo agora,— que treme ao enfiar a linha na agulha, passam-lhe acaso na imaginação

Combien je regrette
Mon bras si dodu,
Ma jambe bien faite,
Et le temps perdu!

O tempo perdido, ... e então n'estes assumptos, ninguem calcula o que ahi vae de responsabilidade, ante o céo e a terra!

Foi joven, esbelta, bem contornada,— o que ainda se percebe na gothica ruina dos braços e do tronco,— trouxe a mocidade da sua época como quem traz um gerifalte nas piozes,— e em conclusão?... Vê-se a remendar os trapos, que talvez fossem galas,— como tem de remendar de saudades os esburacados panoramas dos seus antigos desvanecimentos.

Não cuidem por isso que eu sou como o meu homonymo da farça de *Ignez Pereira,* e que quero mal á sosinha da mulher porque ella se não deixou attrahir em louvor da santa madre igreja. Não, — o que eu tenho é lastima sincera; o que me doe é aquelle desamparo triste, aquella existencia entre o carrinho e a tesoura, tendo por unico horisonte a alvacenta ourela da costura.

Supponham-m'a, porém, avó, uma avósinha das que se sentam na sua poltrona, e que contam aos netos a historia do chuchurumelo, e mais da vaquinha com uma estrella de oiro na testa, e da menina que se deitou ao rio atraz da bola providencial, até chegar a casa de umas fadas que a bem fadaram, e que lhe deram o tronco de verbena, a varinha de condão, — com que se desferrolham todos os cofres de venturas ...

Isso, sim, que até o artista se havia de considerar n'um ambiente de mais deleitação, e por onde o espirito lhe avoejasse mais alto. Ella continuava a estar do mesmo modo que está na gravura; mas havia um pequerrucho que estendia a mão sorrateiro... para lhe puxar pela linha.

Digam-me se isto não era muito mais pittoresco e affectivo. Porque, no fim de tudo, a nossa imaginação ía compondo scenas successivas; e viamos a velha a estomagar-se com o neto, e este a fazer beicinho, — e ella, — ó maternidade duplamente santa! — a enternecer-se tambem, e a affagal-o, e a dizer-lhe com um beijo entre os olhos:



O politico

— «Então, não m'o querem vêr? Faz o mal e a caramunha... Rapazes, rapazes... Todos são o mesmo em pequenos... Uns anjos que até fariam diabruras no céo».

E á sôcapa deixaria pender a linha de novo, demorando-se em enfial-a e deitando a vista de soslaio, — para vêr se o garotete ganhava audacia... e lhe puxava o fio outra vez.

Diverte-te com os teus remendos, mulher que crystallisaste em donzella; continua a ser a *spinster* da tua rua, que já agora ninguem te requestará os encantos pilados; e crê que fizeste mal, muito mal, em não teres coroado a tua fronte com duas alvuras: a da flôr dos laranjaes e a dos cabellos brancos!

Agora o thema é diverso.

Vão-lhe lá dizer que não pense no que trazem as folhas!...

Aquillo bebe o artigo de fundo com a avidez da sanguesuga, repasta-se no telegramma com uma certa voluptuosidade sultanica, e aprecia o dichote mordaz como quem saborêa uma tubera.

Está na opposição quasi sempre.

Gosta mais d'isso.

De manhã levanta-se, toma a sua gôta de café bem forte, accende o cachimbo, e pergunta á creada que lhe vem com o *salve-o Deus:*

—Chegaram os jornaes?...

—Aqui os tem, meu senhor.

O semblante desanuvia-se-lhe.

Hoje está velho, enrugado como a casca dos sovereiros; mas ainda persistente, ferrenho, contumaz, apegado ao seu systema, entrincheirado na sua idéa, empedernido, como a estatua, junto á bandeira que symbolisa o seu credo politico.

Uma vez, folheando os *Pensamentos* d'aquelle genio superior que aos dezeseis annos escrevia o *Tratado das secções conicas,* deu com o textual e seguinte conceito:— «*Il est dangereux de dire au peuple que les lois ne sont pas justes, car il n'obeit qu'à cause qu'il les croit justes*».

Atirou com o livro para o lado, e deixou caír da bôca esta definição peremptoria e notavel:

—Pascal era um tolo.

Já se vê, por isto, sobre que eixos torneia o seu mundo intimo.

A physionomia está-o dizendo,—é attenta e circumspecta, lê com pausa e digere cabalmente o periodo. Gosta da liberdade como se póde gostar da amante; porém não a quer de trombone e foguetorio,—deusa que tem inspirado tantos martyres... e tambem engordado tantos patifes.

É politico.

Ora porque ha de ser politico?...

Pela mesma razão por que poderia ser outra cousa.

É o seu fraco, a sua teneta, o seu manjar, o mote valído das suas meditações. Sente-se bem quando dá começo a umas caturrices sobre o progresso e felicidade dos povos. Torna-se, então, intransigente, radical, absoluto nas conclusões, generalisador nos principios, têimoso, birrento. Podera! Se elle não dispensa ao lado a caneca de cerveja, e se entremeia a leitura e a discussão com estes haustos saboreados...

Reparem-me para elle, e vejam-me se n'aquella bôca apertada, contrahida, chuchada, não se está mesmo a lêr a causticidade de um grande ginja. Lê por cima dos oculos, o que lhe dá visos de manhoso. No bairro vaguearam em tempo alguns rumores de que o nosso velho chegava a ser... republicano.

Aos setenta annos?...

Aos vinte, comprehende-se, que é quando o espirito phantasia tudo côr de oiro e de rosas. Traçam-se, então, as linhas suaves de um ideal que nos namora, que nos fascina, que nos prende com toda a força do deslumbramento; e acredita-se em tudo,—na igualdade, no amor effusivo, na dedicação sincera. Depois... depois vem os annos,—e a gente começa a vêr descolorirem se todas estas miragens celestiaes,—como acontece ás folhas no outono.

Pois o nosso homem ainda seria o credulo utopista da republica?

Enganos do bairro.

Como sabia a historia das sociedades politicas, nunca chegou a presumir que ellas podessem ter na terra o seu dia millenario. No entanto,—e isto seja dito baixinho,—possuia uma soffrivel quantidade de elemento revolucionario. Andava-lhe na alma um fermento latente.

D'aqui lhe vinha o dar preferencias á opposição. Era uma valvula respiratoria.

Assim como Molière fallava das suas comedias com a serva, tambem este politicava de cancellas a dentro. A velha ouvia-o e admirava-o. Póde-se admirar sem se comprehender. Em regra: quanto menos se comprehende mais se admira.

Dizia elle um dia, ao terminar a leitura de um artigo conservador e palaciano:

—Este ainda vem besuntado da ucharia. Direito divino?... prerogativas hereditarias?... Mas onde me foram exhumar essas mumias?... Tu sabes o que isto é, mulher?... Isto é a eterna lucta das sombras. Uma contém as escuridões da noite, na outra descortinam-se as scintillações dos relampagos. E foi para simILhante vindima que John Fortescue, chanceller de Inglaterra no tempo de Henrique VI, me escreveu o tratado *De laudibus legum Angliæ?* E cançou-se-me Locke a philosophar a celebre revolução de 1688, e a preparar-me os caminhos que vão de João Jacques a Mirabeau, e *da declaração dos direitos* á tribuna da Constituinte? Eu não sou nenhum demagogo de feira, eu não perturbo a ordem estabelecida, eu pago as minhas contribuições quando os cofres se abrem, eu chego a votar no juiz eleito da minha freguezia, eu levo a condescendencia até o ponto de accender luminarias em occasião de regosijo nacional; porém o povo, a communidade, isso sim, fallem-me n'isso,—que é ahi que está o coração, o centro de vida, o organismo por excellencia.

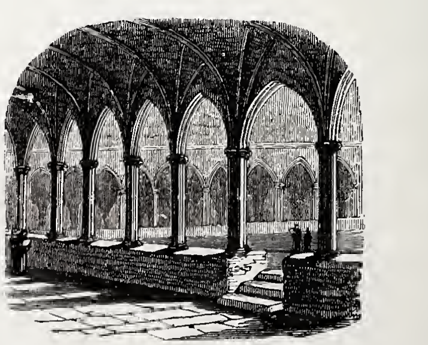
A velha quando elle terminou o arrazoado, concluiu, segundo o dizer do costume:

—Falle, senhor, falle; isso allivia-o.

Agora está elle, porventura, attentando n'alguma dureza de opinião ordeira. Fincou os dentes no cachimbo, e rumina.

Pobre ancião, que vaes derretendo os gelos do teu inverno ao fogo d'esses brazidos patrioticos; porque não has de tu saír, caminhar ao longo dos campos, ouvir o ultimo gorgeio das toutinegras que se recolhem, e embalsamar os gastos pulmões com o cheiro vivido das sebes?... Leva comtigo a companheira, assenta-te com ella no fim do valle, descansem, colham alguma papoula que ainda por lá estremeça,—recordem-se,—tu, de quando eras loiro e fresco,—e ella, de quando te conheceu n'essa idade,—ao tempo em que tua mãe vivia;—e depois, quando principiarem a caír os nevoeiros, não lhe digas o que tem sido a historia dos povos e da liberdade,—mostra-lhe o ultimo raio de sol que avermelha a crista dos montes,—immenso e amoravel beijo de Deus,—que não tarde vos aquecerá o tumulo!

E. A. VIDAL.



DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação) [1]

VI

Pertence á mesma época uma aguarella muito acabada, feita principalmente a tinta da China com alguns toques de branco, que é propriedade hoje do conde de Sobral Hermano, cujo avô o barão de Sobral, então conselheiro Geraldo W. Braamcamp a encommendára a Sequeira em 1810 [2].

Parece que o conselheiro Braamcamp queria offertar o quadro a el-rei e para este fim o encommendára a Sequeira. Terminada a obra mandou o conselheiro publicar um folheto de 3 paginas com o titulo «Explicação de hum painel offerecido por hun leal portuguez a S. A. R. o Principe Regente N. S. Lisboa 1810 [3]», onde com effeito se descrevem minuciosamente as allegorias da composição e se explica o pensamento do artista, sob cuja inspiração foi evidentemente redigida esta parte do folheto. Sem estes esclarecimentos não seria facil perceber o assumpto em todas as suas partes. Na descripção que segue ao diante, frequentemente trasladarei as proprias palavras d'aquelle opusculo. Será esta mais uma prova da inanidade artistica de genero allegorico, que para ser cabalmente entendido pelo espectador carece de um *libretto* explicativo, e não produz directa e immediatamente todo o seu effeito sem a intervenção da palavra. A arte deve bastar só a si propria. Quando recorre ao auxilio estranho abdica a sua dignidade. Deve em suas manifestações ser tão completa que seja clara e ao alcance de todos; deve fallar uma linguagem intelligivel, do seu tempo, e não um idioma obsoleto, proprio de outras épocas e de outras civilisações.

Tenho rasão para crer que o conselheiro Braamcamp desejou mandar gravar o quadro antes de o offerecer ao rei, naturalmente para dar a maxima publicidade a esta sua demonstração patriotica. Pelo menos sei que incumbiu este trabalho ao gravador Gregorio Joaquim de Queiroz, muito costumado a reproduzir as obras de Sequeira com quem vivia em intima amisade. A chapa foi começada, mas por motivos que me são desconhecidos, não chegou a ser terminada. Quando Queiroz falleceu em 1845 [4] ainda conservava em seu poder o desenho original de Sequeira, e a chapa já bastante adiantada, como Racksynscki nos diz no seu diccionario a paginas 270, quando falla em Sequeira.

Depois do fallecimento de Queiroz, o actual conde de Sobral reclamou o desenho como propriedade de sua casa. Quanto á chapa, referiu-me o sr. Gregorio José de Queiroz, filho do gravador e empregado na direcção geral das contribuições indirectas no ministerio da fazenda [1], que havendo-a offerecido em venda a varias pessoas pouco depois da morte de seu pae, e não recebendo proposta alguma para a sua acquisição, a entregára a pessoa que abusando da sua confiança, a deixou totalmente perder-se. A gravura seria por tanto inteiramente desconhecida se não existisse uma prova unica, da qual é tambem possuidor o conde Hermano.

Voltemos porém ao desenho de Sequeira. Representa elle a apotheose de D. João VI. Mede $0^m,80$ de largo por $0^m,58$ de alto. A composição divide-se em duas partes. Na superior D. João VI, em gloria, sentado sobre nuvens é o centro e a chave de toda a allegoria, porque outra cousa não é o quadro. O principe regente está vestido de farda, coberto de veneras, traja calção, sapato e meia, e tem a cabeça descoberta. Empunha o sceptro com a mão direita, e descança a esquerda sobre o *Liber mandatorum* [2]. Aos lados do principe agrupam-se bastantes figuras allegoricas. São ao lado direito a Generosidade, encostando-se a um leão, tão mal desenhado que facilmente nos revela que o artista nunca vira nem copiara este terrivel felino. Ao lado estão a Felicidade Publica com a cornucopia, a Religião com o calix, a Compaixão com um ninho de pelicano, a Piedade sobre cuja cabeça se ergue uma chamma, a Clemencia com o sceptro e o girasol, a Estabilidade e a Grandeza d'animo, a Defeza contra a tyrannia, o Valor, a Vida Activa com um jarro d'onde lança agua, o Heroismo e finalmente a Virtude Invencivel.

Ao lado esquerdo agrupam-se a Affabilidade, a Sinceridade, a Docilidade com uma corôa de rosas, a Vigilancia, a Discripção, a Verdade com um pecego (!) na mão direita, a Tranquillidade com um ninho de maçaricos, a Justiça, a Prudencia e ultimamente a Tolerancia.

Na parte inferior reproduzem-se as allegorias na mesma abundancia: no centro um grupo em que figuram o Genio da Nação, a Fidelidade, a Saudade, a Obediencia, a Alegria Popular, o Amor Patrio, a Fé da verdadeira amisade, a Gratidão, a Continencia e Satisfação Militar. Ao lado direito a Historia acabando de gravar sobre uma pyramide a competente inscripção commemorativa «Joanni, etc.»; ao pé estão o Tempo e Minerva.

O fundo representa um paiz em que o artista, usando de uma liberdade algum tanto excessiva, mesmo em quadros allegoricos, debuxou o exercito alliado entrando em Ponte de Lima, a saida dos francezes pela fronteira portugueza, e o Tejo em que está fundeada a esquadra ingleza; tres scenas diversas, passadas em differentes épocas e logares.

Por esta resumida descripção ou antes catalogo de figuras extrahido da explicação que atraz citei, poderá o leitor avaliar a composição geral do trabalho. A sua execução é primorosa, ainda que um pouco dura. Sequeira quiz dar ao desenho o maximo acabamento e provieram d'aqui alguns defeitos. Assim as commendas que ornam a farda do principe regente, estão tão aprimoradas e minuciosamente feitas como se devessem occupar um logar importante. Em geral todos os *detalhes* têm o mesmo acabamento. Não ha grandes massas. É uma successão de miniaturas lindissimas, não um todo bem ligado nas suas differentes partes, e tendo cada uma d'estas o valor relativo que lhe compete. É como um concerto em que

[1] Vide n.os 5 a 12 da 3.a serie e n.os 1 e 2 da 4.a serie.

[2] Consta este facto de uma nota mss. de Sequeira no livro de lembranças já por vezes citado.

[3] O sr. Innocencio F. da Silva *(Dicc. Bibliogr.*, vol IX, pag. 137) attribue a redacção d'este folheto a Sequeira, sob cujo nome o insere. Com o respeito devido ao illustre bibliographo, não posso concordar com a sua opinião. Basta ler a introducção de duas paginas que precede a descripção, para ver que não podia ser de Sequeira a redacção d'este trabalho. Com effeito alli se diz que «um portuguez leal querendo perpetuar as qualidades eminentes e brilhantes virtudes do amavel Principe que nos rege... encarregou *um dos mais habeis artistas do nosso tempo* de fazer um quadro que servisse de padrão.» Mal se póde suppôr que Sequeira fallasse de si proprio em semelhantes termos. Este folheto é rarissimo. Conheço um unico exemplar na optima livraria do sr. conselheiro Figanière.

[4] Racksynski. *Dicc.* verbo; Queiroz. A data exacta é 19 de março.

[1] O sr. Queiroz é o compilador dos mappas estatisticos do commercio interno e externo de Portugal, excellente e muito proveitoso trabalho publicado annualmente pela direcção em que está empregado.

[2] *Explicação* citada.

todos os instrumentos desempenham o canto, unisonamente sem acompanhamentos, nem baixos.

Além d'este defeito não poude Sequeira evitar, como eu já disse, o perigo a que se expunha, querendo dar corpo e fórma a tantas idéas absolutas que se não prestam por modo algum á representação material. O que significa por exemplo a Vida Activa symbolisada por uma mulher que lança agua por um jarro?; a Fé da verdadeira amisade, levantando um braço coberto com um véo branco? Quem visse estas figuras e não lesse a explicação não poderia por fórma alguma penetrar o pensamento do artista.

A allegoria é tolerada quando emprega figuras symbolisadas por attributos a que uma tradicção antiga e admittida por unanime consenso, ligou uma significação conhecida. Querer hoje inventar uma nova symbolica, quando passou para sempre a época em que a tendencia geral do espirito humano encontrava no symbolo e na allegoria o modo de expressão mais adequado á ignorancia, ás crenças, ao viço de poesia que então dominavam as almas, é querer vasar idéas modernas em moldes antigos e para sempre inutilisados; é querer caír na escuridão, no arrebicado, e até no ridiculo, como aquelle infeliz esculptor portuguez que tendo de executar para o vestibulo da Ajuda uma estatua que representasse «Acção virtuosa» não achou nos profundos abysmos da sua imaginação nada mais adequado para exprimir aquella idéa, do que figurar um homem matando uma cobra que se lhe enroscou na perna. Sequeira não foi tão adiante; mas fez talvez peior. Na sua composição allegorica introduziu figuras que não soube symbolisar, para as quaes não encontrou attributos, e viu-se obrigado a tornal-as *fallantes,* a pôr-lhes nas mãos um letreiro que as designe. Está n'este caso a Alegria popular que desenrola «um papiro com o distico: *Hilaritas populi lusitani*[1]».

A maior parte das figuras são primorosamente desenhadas, mas para ser consencioso devo notar que quasi todas são demasiadamente humanas e reaes; são figuras de mulheres, de homens, como as vemos todos os dias; não são figuras idealisadas para designarem as virtudes ou as idéas que intentam representar. As suas expressões não são elevadas, não dizem por si cousa alguma e só se percebe qual foi a intenção do artista pelos symbolos ou disticos com que as acompanhou.

Além de tudo isto, e para terminar a critica do desenho, devo ainda referir que no meio d'esta composição toda allegorica, e em que até a realidade do paiz está symbolicamente transfigurada pela triplice scena que o artista encerrou n'um só quadro, em meio digo d'esta composição, destôa por fórma muito desagradavel a demasiada verdade com que está representado D. João VI. Sou pouco affeiçoado ao emblema e á allusão, mas não posso perdoar a Sequeira ter desenhado o principe regente em toda a crua realidade da sua casaca séria, dos seus calções e das suas commendas. Admittida a apotheose de um homem ainda vivo, admittida a possibilidade de resuscitar em plena sociedade christã esta fórma do ideal pagão, admittido ainda o genero symbolico, deveria o pintor ter sido logico até ao fim, e idealisar a sua figura principal, harmonisando-a por esta fórma com o resto da composição. A obra ficaria tão falsa como é, mas ao menos dentro da sua falsidade teria verdade relativa, o que não acontece.

Tal é com sinceridade a minha impressão ácerca d'este memoravel trabalho de Sequeira, tanto mais importante quanto não conheço outro tão acabado e minuciosamente

[1] *Explicação* citada.

desenhado. Quer-me parecer que até n'este acabamento tão contrario á sua indole e á vivacidade da sua imaginação, e prestando-se d'este modo Sequeira a executar um trabalho que podesse ser reproduzido pelo buril e profusamente espalhado, manifestou o artista o respeito e amor que tinha pela pessoa do principe regente. Sabia qual era a intenção do amador que lhe encommendára o trabalho, quiz por sua parte executal-o por fórma que perfeitamente correspondesse a esta intenção. Para isso não duvidou modificar os seus habitos e sujeitar-se a uma execução de que deu bem poucas amostras em toda a sua vida.

E tanto não era este o seu habitual estylo que em outro desenho executado logo depois, e cuja technica é a mesma, se nos manifesta inteiramente outro o estylo. Fallo da apotheose de lord Wellington que existe na collecção de desenhos da academia real de bellas artes[1]. Esta aguarella mede $0^m,533$ de alto por $0^m,40$ de largo; é executada a sepia com toques de branco e algumas cores. No centro lord Wellington, fardado, mas com a cabeça descoberta, e voltada para o espectador está de pé n'um bigio romano, puxado por dois cavallos brancos, que parecem rapidamente galopar sobre nuvens bastante elevadas da terra, que se divisa em baixo e muito distante. Por detraz do marechal uma figura de homem symbolisando o *Valor* está em pé vestido de uma couraça e envolvido n'um manto, no acto de suspender sobre a cabeça do heroe um capacete ricamente ornamentado. Esta figura aponta com a mão esquerda para um grupo de genios que, meio envolvidos nas nuvens, fluctuam atraz do carro, tocando trombetas guerreiras e varios instrumentos. Mais acima, do mesmo lado, paira nos ares outro grupo que tambem é composto de genios tangendo flautas e trompas. Diante dos cavallos voam quatro figuras de mulheres, esplendidamente desenhadas, erguendo corôas e no acto de proclamarem as virtudes do general vencedor. Todo o cortejo encaminha-se para o templo da Gloria, edificio circular, rodeado de columnas e precedido de um elevado obelisco, que se ergue no alto do quadro. Aos lados do templo divisam-se muitos grupos de figuras, representando heroes no empyreo que se adiantam para receber o vencedor de Napoleão. O templo está fortemente illuminado com uma gloria cujos raios o envolvem. Na extremidade inferior do quadro enxerga-se, mas muito indistinctamente, um paiz.

Chamei *quadro* a este trabalho e parece-me que chamei bem. É uma allegoria, verdade é, mas sobria, clara e intelligivel. O espectador percebe immediatamente o assumpto, não só no seu todo mas nas suas differentes partes. Não ha alli enigmas irritantes nem symbolismos arriscados e alambicados. N'estes termos comedidos é admissivel e mesmo util a allegoria.

A composição é excellente. Wellington é a figura principal, chama logo a vista. Concentra-se n'elle todo o vigor e a luz, emquanto que as outras figuras, sem serem sacrificadas, occupam, como devem, posições secundarias, nas quaes concorrem admiravelmente bem para o effeito geral. A luz está bem distribuida, o claro escuro bem entendido.

A execução é igualmente optima. Ha em todas as figuras a maxima delicadeza de contornos sem afeminação nem seccura. As mulheres que representam os genios são ligeirissimas; voam no espaço; os cavallos, cheios de fogo, levantam-se n'um galope tão leve como as nuvens sobre que poisam. A figura de Wellington respira magestade e nobreza. Muito sobria no gesto, grave no porte,

[1] Primeira sala dos desenhos, moldura A.



G. RENI pinx^t.

A. H. PAYNE sc.

AURORA.

Editores [illegible] y [illegible]

inspira idéas de respeito. Recebe tranquillo o seu triumpho como preito devido ao valor e talento de que deu mostras em cem batalhas. Os accessorios são tocados com delicadeza, mas sem demasiada minudencia, e em todo o quadro o pincel é largo sem ser descuidado. Se houvesse mais algum ideal nas expressões dos genios, que se me afiguram demasiadamente humanas, não hesitaria em considerar este trabalho como sendo no seu genero, um dos mais notaveis de Sequeira. Ainda assim vale muito, não só como exemplo do que deve e póde ser a allegoria devidamente comprehendida, mas como amostra dos recursos que offerece a simples aguarella á sepia, quando o pincel é manejado por quem lhe conhece todos os segredos.

D'este notavel desenho ha uma repetição, mas muito menos acabada, e com algumas pequenas differenças de execução; pertence á familia do fallecido professor José da Costa Sequeira.

Além d'estes desenhos executou Sequeira por esta época dois grandes quadros a oleo que pertenceram ao fallecido conde de Farrobo e ao presente se acham em casa de sua nora a sr.ª condessa do mesmo titulo.

É o primeiro a figura de Lisboa abrigando os emigrados das provincias que se refugiaram na capital, por de traz das linhas de Torres Vedras, durante a terceira invasão franceza, no fim de 1810. Lisboa é representada por uma mulher um pouco maior do que o natural, segurando na mão direita uma chave doirada e conchegando com a outra um manto sob cujas pregas está meio ajoelhada outra mulher coberta de andrajos, e apertando nos braços uma creança. Lisboa piza aos pés um monstro que julgo representar a invasão estrangeira. No chão estão espalhadas muitas moedas, como que indicando que não foi parca a primeira cidade do reino em acudir ás necessidades das provincias. Ao fundo vê-se o Tejo, destacando-se no horisonte a torre de Belem sobre a qual fluctua a bandeira portugueza. O desenho todo é admiravel de verdade; a modelação excellente e a luz bem distribuida. A figura de Lisboa é energica sem affectação, e a da mulher prostrada é cheia de sentimento. A côr porém é bastante monotona e fria, e por vezes dura, como no setim do vestido de Lisboa, cujas pregas são quebradiças e angulosas em demasia. Este quadro é assignado e datado de 1812.

O outro representa o Genio da Lusitania. É um homem do tamanho natural, moço ainda, com pouca barba, cabellos abundantes e desgrenhados. Está em pé no centro do quadro, cujo fundo é indistincto. Sahem-lhe das costas duas grandes azas brancas, abertas, semelhantes nas pennas a umas azas de cisne. Envolve-lhe o meio do corpo uma roupagem branca, pregada á cintura por uma facha verde e deixando nú o busto e as pernas. A mão esquerda segura o escudo das armas portuguezas em volta do qual se lê: «defender a religião, o principe e a patria». A mão direita empunha com um gesto muito theatral uma espada desembainhada e, repousando sobre um feixe formado de achas e varas de lictor romano, ergue para o ar a ponta da arma. A attitude da figura é extremamente exagerada e quasi direi ridicula. Atira-se para traz por fórma muito violenta, fazendo sobresaír a musculatura do busto. A composição é affectada e não exprime realmente energia, á força de querer traduzir este sentimento. N'este quadro feriu o pintor além do alvo. O desenho é incorrecto e convencional, e por vezes anatomicamente falso. A côr é monotona. A impressão geral do quadro é não só fria senão desagradavel. Está assignado e datado de 1812.

A verdadeira vocação de Sequeira não era representar scenas energicas e rudes. Todas as vezes que tentou fazel-o produziu quadros em que é inferior a si mesmo. Nas obras em que quiz forçar a sua indole ha por vezes lampejos de genio; em seus proprios erros se revela o seu talento; mas ao lado d'estas poderosas manifestações da sua riquissima natureza, descobrem-se defeitos tanto mais inexplicaveis que bastaria alguma attenção para os evitar. É innegavel, por exemplo, que elle sabia desenhar optimamente o nú; attestam-n'o innumeros desenhos e alguns quadros. Quando queria, sabia procurar attentamente e estudar cuidadosamente o natural. Não se cançava de repetir estudos, até para reproduzir com verdade umas extremidades, um gesto. Tenho na minha collecção de desenhos, e existem na da academia muitas provas de que assim procedia o nosso artista. Como é pois que no Genio da Lusitania desenhou um peito e uns braços em que a maior parte dos musculos estão fóra do seu logar, umas pernas em que a modelação é toda convencional? Por uma fórma só, posso eu explicar estas incriveis aberrações: pelo arrebatamento do seu genio, pela vivacidade da sua imaginação, que, apoderando-se de um assumpto, o impellia a executal-o desde logo sem lhe dar tempo que fizesse os estudos preliminares indispensaveis. Nem todos pódem ser Miguel Angelo arremessando-se ao marmore sem modelos nem pontos, e arrancando da massa dura e inerte a sublime figura do David. E ainda o gigante florentino deixando-se arrebatar da sua poderosa phantasia, esquecia-se por vezes da terra e das regras da anatomia e das leis da statica. Quando Sequeira sentia profundamente um assumpto, quando as fibras da sua alma vibravam commovidas por um affecto, empregava-se todo em traduzir este sentimento, este affecto; desentranhava-se em exforços não raro sublimes para exprimil-os com a maxima energia, e dar ao espectador a mesma impressão que elle artista experimentava. Mas os seus recursos tinham um certo limite, o seu instrumento tinha um determinado numero de oitavas, e, como o cantor que forçando a voz não chega ás notas que debalde procura emittir, e em vez de sons definidos e harmoniosos só os produz inarticulados e desaccordes, assim Sequeira quando o dominava um assumpto para o qual não era talhado, que não estava nas cordas do seu talento, não conseguia, a despeito das suas diligencias e da sincera paixão que o incitava, senão resultados negativos e dolorosamente desagradaveis para os seus admiradores.

Resta-me fallar de outra obra que pertence ainda ao cyclo de que estou tratando; a sopa economica de Arroios. Em virtude das ordens do marechal Wellington, auctorisado pelos governadores do reino, havia sido determinado que os habitantes da Beira e da Extremadura abandonassem todos as suas casas, e se refugiassem em Lisboa trazendo comsigo os generos que fosse possivel e destruindo o resto. Era um modo de combater os francezes. O fim do general commandante do exercito alliado era privar o inimigo de todos os meios de subsistencia e transporte. Estas ordens foram quasi geralmente executadas e Lisboa encheu-se de uma população estranha, pela maior parte no mais triste estado de miseria. Calcula-se em 50:000 o numero dos que entraram dentro das portas da capital, sem contar os que ficaram nas villas e aldeias suburbanas. Era forçoso acudir a estes desgraçados e os governadores do reino, coadjuvados pelo senado da camara e alguns benemeritos cidadãos, organisaram por differentes fórmas a caridade publica[1]. Foi

[1] Vid. sobre este incidente da invasão franceza, o sr. Simão J. da Luz, op. cit. 2.ª, Ep. 3.º vol. de pag. 118 a pag. 129.

uma d'estas a distribuição quotidiana de sopas economicas em diversos pontos da cidade. Um dos pontos escolhidos foi o cruzeiro de Arroios, e Sequeira que morava a pequena distancia, poude presencear e talvez mesmo auxiliar aquelle acto, que ficou memorado em um dos seus mais notaveis desenhos.

Pertence este á familia do fallecido professor José da C. Sequeira; é executado á sepia e mede $0^m,78$ de comprido por $0^m,42$ de largo. É o desenho mais naturalista de Sequeira que eu conheço. Limitou-se o artista a reproduzir o que viu e como o viu. Não ha propriamente composição n'este trabalho que representa o largo de Arroios, como então era, tendo no centro um cruzeiro que já não existe. A scena é vista do lado de Lisboa e a amplidão da praça está cheia de variadissimos grupos de transeuntes e de emigrados. Ao lado esquerdo os caldeirões em volta dos quaes se accumulam os infelizes provincianos, enxergando-se entre elles um magistrado de chapéo embicado e bota de canhão buscando conservar a ordem e manter uma tal ou qual policia. Ao lado direito, sentados ao sopé do palacio dos senhores de Pancas e estendendo-se quasi até ao meio do largo, grande numero de mulheres e creanças já com a sua ração distribuida, e comendo soffregamente. Homens nenhuns; estavam todos alistados e combatiam pela patria. Pelo centro do quadro desenrolam-se recuas de cavalgaduras carregadas, carros de bagagens militares, machos transportando fardos; para o lado das portas que levam á estrada de Sacavem caminham vagarosas algumas juntas de bois puxando peças de artilheria. Pelo centro passam a cavallo varios officiaes. A scena é animada e viva. Inunda os grupos um sol brilhantissimo que Sequeira não hesitou em reproduzir em toda a sua crueza, accusando fortemente os esbatimentos e os contrastes da luz e sombra, quasi sem meias tintas. As figuras estão em geral bem desenhadas e apezar de muito pequenas ferem-nos algumas pela verdade das expressões.

Este quadro foi muito estudado do natural. Em um album pertencente aos herdeiros do professor José da C. Sequeira, encontram-se todos os *croquis* e esboços do nosso artista para esta obra. Vê-se que foi successivamente reproduzindo os grupos e attitudes, e que terminado este trabalho preliminar ajuntou no desenho definitivo as figuras que por diversas vezes havia isoladamente estudado. A «sopa economica» póde dizer-se uma reproducção fiel do facto historico, ainda que não seja a representação exacta do que se passou em determinado dia. A parte inventiva é nenhuma ou pelo menos muito pouca. Este trabalho tão interessante não seduz porém desde logo, e posso mesmo dizer que á primeira é algum tanto desagradavel. Não tem um tom geral que harmonise e funda todas as partes da composição. Os francezes chamar-lhe-hiam *plaqué,* porque o seu aspecto apresenta largas manchas de sombra e de luz, provenientes da falta de claro-escuro geral. Cada um dos grupos tem o seu claro-escuro; o quadro todo é que o não tem. Este defeito procede do modo como foi composto, mas com algum trabalho tel-o-hia evitado Sequeira.

Queiroz gravou este desenho nas suas dimensões originaes em 1813, creio que por ordem do artista, não só porque a chapa pertence hoje á familia d'este, mas ainda porque entre os manuscriptos da academia está o recibo em que o gravador declara ter recebido de D. A. de Sequeira a quantia de 336$000 réis por abrir aquella chapa, levando só este premio, pela amisade que consagra ao auctor. O recibo é datado de junho de 1814. Na letra da gravura, Sequeira declara que foram por elle gravados os contornos das figuras. A gravura em geral é boa, mas exagera um pouco a dureza e a falta de claro-escuro do original.

Taes foram os principaes trabalhos de Sequeira n'esta época da sua vida. Com elles acabou de debellar as calumnias em que seus inimigos haviam querido afogal-o. Recuperou os fóros de bom e leal portuguez, e o proprio governo incumbindo-o da obra, eminentemente nacional, com que o paiz mostrou a sua gratidão ao chefe do exercito alliado, ratificava e sanccionava esta rehabilitação.

(Continúa.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

A AURORA

GUIDO Renni, auctor da *Aurora* que hoje dão as *Artes e Letras,* foi um dos coripheus da escola bolonheza, e um d'aquelles artistas que mais primaram na imitação dos modelos antigos.

Como a maior parte dos seus gloriosos predecessores deixou-se o Guido fascinar pelas maravilhas da antiguidade gentilica; attrahia-o e dominava-o o bello: onde quer que este lhe sorrisse vericis o gracioso artista erguendo o cavallete, preparando as tintas, e manuseando o pincel, quer fosse sob os platanos de Athenas, quer á sombra dos porticos de Academus, já no *forum* da Antiga Roma, já nos mysticos recessos das cathedraes italianas.

As Madonas com os seus *bambinos,* os martyres, os santos, assim como as nimphas, as musas, e o explendido cortejo das divindades hellenicas eram por igual feitio materia fecunda para as creações formosissimas d'este adoravel artista.

Assim tão depressa o vemos dando as ultimas pinceladas n'um quadro que representa a Madona ou o Jardim das Oliveiras, como o admiramos em seguida enlevado na carnação voluptuosa de umas figuras tão pagãs que o Parthenon as não desdenharia por certo.

Bem pouco se lhe dava que os crentes o chamassem indifferente; o que elle queria era que nas suas télas palpitasse a vida, e que das suas composições irradiasse o fulgor da immorredoura belleza.

Tanto lhe bastava.

Se peccou, deve consolar-se, que á sua beira ha de ver muito artista a quem a gloria beijou em ambas as faces, e a quem a humanidade de hoje, de hontem, e de ámanhã presta, prestou e prestará o mais reverente dos cultos.

Consolar-se-ha por exemplo com o grande Miguel Angelo, o idolatra da fórma harmoniosa, o creador das proporções colossaes e das poderosas musculaturas, a viva encarnação do genio antigo, o estupendo artista que ao passo que pinta a capella sextina, e, inspirando-se nos terrores da biblia, dá vida ás athleticas e convulsivas figuras do Juizo final, produz ao mesmo tempo aquella famosa Leda, que tanto indignou a côrte do real frascario que em França se chamou Francisco I.

E como este, tantos e tantos, que seria fastidioso enumerar.

Mas vejamos a gravura; é uma allegoria encantadora; uma composição fresca, juvenil e risonha, que evoca de-

liciosamente as lembranças perfumadas d'aquelle paganismo sempre bello e sempre moço.

Apollo, a graça, o ideal da formosura no homem, o que na Helade era adorado sob differentes denominações, o que ora se chamava Phybos do arco argenteo, ora se transmudava no Deus vingador que assolava com a peste os arraiaes dos gregos sitiantes de Illion, o que em Delphos se denominava o Pithico, e na Argolida era venerado sob o nome de Larissêo, o Musagete, conductor das musas, que inventa a lyra de sete cordas, e levanta ao som da cythara os muros da Troya, aqui n'esta gravura é o Deus da Luz.

No oiro fulvo e ardente de seus cabellos as auras depositam beijos; o seu olhar augusto e ao mesmo tempo impregnado de doçura penetra no infinito; no seu corpo admiravel e potente uma eterna primavera sorri: a clamyde graciosa vôa-lhe sobre os hombros marmoreos, fluctuante á mercê dos ventos; as musas tecem em derredor do carro fulgurante de Phybos uma grinalda divina com os seus corpos de um contorno inimitavel e celeste: o Deus affrouxa as redeas, a quadriga irrequicta vôa, as nuvens recuam; os palacios, as choupanas e os casaes adormecidos nos convalles vão a pouco e pouco surdindo e destacam-se ao longe illuminados pelos clarões matutinos; a Aurora deixa caír por entre os dedos uma chuva embalsamada de rosas e de flores; eis o dia, eis o dia.

E d'esta fórma o Guido materialisou aquelle momento indeciso, indistincto e incoercivel em que a luz acorda; delicioso instante que tem servido de thema aos artistas de todas as épocas, que o tentaram interpretar consoante a sua sensibilidade, segundo a norma da respectiva escola, e a corrente das idéas do seu tempo.

E todavia, perdoem-nos a humilde opinião, as *auroras* pintadas não chegam a acordar-nos na alma as doces commoções, o extasis, e a poesia que nos transbordam do coração diante do maravilhoso espectaculo do romper do dia.

Os poetas, a nosso ver, são os que triumpham com mais vantagens das difficuldades da empreza.

Já o dizia um auctorisado critico: «na arte chega-se a um ponto em que ao pintor cumpre deixar cahir o pincel, e o escriptor deve pegar na penna».

Por isso o inspirado e consciencioso paisagista Corot, por quem ainda choram e chorarão as musas modernas, julgando que as suas auroras não tinham o lustre e a perfeição preconcebida por aquelle espirito eleito, fazia á penna, em uma carta dirigida a um amigo, esta pintura da aurora, tão cheia de mimo, de graça e de frescura:

«Sempre lhe vou dizer como se passa o dia de um paysagista: levanta-se a gente pela manhã, cedo, ás tres horas; senta-se ao pé de uma arvore, começa a olhar, e espera. Ao principio pouco se distingue: a natureza inteira parece-nos um enorme véo branco onde se esboçam fugitivamente os perfis de umas figuras incertas: tudo rescende aromas, tudo extremece á fresca aragem da alvorada.

Entra a apparecer uma ligeira claridade: todavia o sol ainda não rasgou a gaze que envolve as pradarias, os valles e as collinas do horisonte... Os vapores da noite rastejam ainda como flocos de prata sobre as hervas humidas.

Eis que rompe o primeiro raio do sol, e depois um segundo...

As flores parece que accordam nadando em jubilo... cada uma tem nas petalas uma perola de orvalho que treme... as folhas friorentas agitam-se ás auras da manhã...

As aves gorgeiam invisiveis por entre a folhagem. Figura-se-nos que as flores estão dando graças a Deus. Toda a paisagem está por detraz da gaze transparente do nevoeiro, que sobe... sobe... sobe... aspirado pelo sol, e deixa ver, quando de todo desapparece, a superficie prateada do rio, os prados, as arvores, as casinhas e o horisonte que cada vez mais se desaperta... Por fim distingue-se tudo, que até ali se adivinhara.

Rompeu o sol. No extremo dos campos lá passa o camponez adiante dos bois pensativos que marcham para o trabalho... Ouve-se o tilintar do chocalho dos rebanhos...

E, sem darmos por tal, tudo brilha, tudo explende, tudo apparece illuminado por uma luz doirada e ainda cariciosa.

O fundo da paisagem, de um contorno simples e de um tom harmonioso, perde-se no infinito, atravez de um céo pardacento e azulado .. As flores levantam as cabecinhas... as aves saltitam d'aqui para acolá... Uma formosa vacca alazã mergulha-se até á papeira nas hervas humedecidas das lezirias... Vou pintal-a...».

Que differença enorme entre a aurora pintada pela penna ou pelo pincel de Corot, e a Aurora do Guido tão resplendente de belleza sensual!

Uma é a Aurora ante a qual deviam ajoelhar-se extaticos os voluptuosos da Renascença, aquelles pagãos italianos mil vezes mais namorados da arte antiga, do que os proprios gregos, para os quaes a creação era talvez um livro aberto, mas livro em que elles não sabiam ler; a outra é a aurora dos modernos, dos homens da actividade e do trabalho, dos robustos madrugadores para quem a vida é um combate, e a natureza um supremo consolo e lição sempre fecunda.

Uma d'essas *auroras* solicita os languores da carne, a volupia do sonho, todos os sobresaltos ardentes do desejo; a outra enche o coração de uma beatifica e serena claridade, como a que doira e envolve deliciosamente a paisagem.

Esquecendo porém phantasiosas interpretações, façâmos o que a esta hora faz de certo o leitor. Admiremos sem reserva a fulgurante composição do discipulo donoso de Carrache, um dos mais puros astros do explendido céo da Renascença.

G. CRESPO.

A SALA DA CAMARA DOS PARES

I

No anno de 1571 ainda a poderosa congregação dos monges de S. Bento não tinha casa em Lisboa; vivia nos seus grandes mosteiros do norte do reino; mas n'aquelle anno, resolveu-se, sendo geral da ordem, fr. Pedro de Chaves, a tomar assento em Lisboa. Para isso escolheu o sitio, onde havia uma casa de saude para as occasiões de peste na cidade, e que então, ou já depois, se chamou casal da Estrella. Esta casa benedictina ainda subsiste, e é onde está o hospital militar permanente.

Não decorreu muito tempo, sem que os frades conhecessem que o novo mosteiro era acanhado, e comquanto sadio, por muito lavado d'ares, incommodo, por ficar distante da cidade, a serventia ser difficultosa pelo ingreme da subida para lá chegar, e por causa das chuvas, no inverno, e do calor, no verão.

Resolveu-se a ordem, sendo geral fr. Balthazar de Braga, a fundar novo mosteiro, e escolheu para isso o sitio, onde ainda hoje existe, mais proximo da cidade. Com vistas desafogadas, e bem ventilada, a nova casa benedictina foi construida com maior grandeza, segundo o risco do architecto Balthazar Alvares, ao qual a chronica da ordem appellida de *famoso*. Foi isto em 1598. Nunca veio a concluir-se o novo mosteiro, do que ignoramos os motivos. O terramoto de 1755 poucos estragos lhe causou, como aconteceu a quasi todos os edificios fóra do centro da cidade.

No espaçoso mosteiro por differentes vezes estiveram aquarteladas tropas portuguezas, francezas e inglezas. Depois do terramoto ahi se intentou accommodar a patriarchal, o que não se levou a effeito. O archivo da Torre do Tombo, que estava no castello, e fôra salvo pelas diligencias do celebre Manuel da Maia, architecto e guarda-mór do mesmo archivo, foi em 26 e 27 de agosto do anno de 1757, mudado para o mosteiro, e accommodado nas casas chamadas dos Bispos, que tinham serventia independente. Ahi esteve tambem a academia militar, ou aula de fortificação. E por fim, ahi se fez o palacio da representação nacional.

Pelos annos de 1704 ou 1705, ardeu o dormitorio do lado do norte, e o incendio, a custo se evitou, que passasse á frontaria.

Algum tempo esteve encerrado no mosteiro de S. Bento, o famoso poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage. Entrou alli, a 17 de fevereiro de 1798, por mandado da inquisição, e saíu a 22 de março do mesmo anno, como consta do *Dietario* do mosteiro.

Disse uma vez o sr. Alexandre Herculano, que não passava por ao pé de um mosteiro benedictino, sem descobrir a cabeça, querendo assim significar o seu respeito por essa ordem, que tantos serviços prestou aos estudos historicos. Mas o mosteiro de S. Bento, de Lisboa, se em algum tempo mereceu ser venerado pela sabedoria dos seus habitadores, nos ultimos annos, tornou-se n'uma congregação politica, e mui notavel pela exageração das suas opiniões, e dos seus procedimentos.

II

Restituida a cidade de Lisboa á sua liberdade, e restaurado o governo legitimo, em 1833, foi designado o mosteiro de S. Bento para palacio das côrtes, que deviam ser convocadas depois de concluida a guerra da restauração. Fabricaram-se duas salas, de caracter provisorio, para as sessões das camaras dos pares e dos deputados, edificações mesquinhas, de pobrissimo risco e improprias do fim a que eram destinadas. Especialmente a sala da camara dos pares era verdadeiramente ridicula, e do risco mais indigno; mas emfim, tudo era provisorio, e com isso se desculparia. Decorreram, porém, muitos annos, e o provisorio foi subsistindo, á sombra da pobreza do thesouro nacional, até que a camara dos pares resolveu, que se fabricasse nova sala para as suas sessões, porque a existente era já acanhada para o grande numero de pares, o qual promettia ir crescendo ás *fornadas,* conforme as conveniencias ministeriaes.

Foi em sessão de 26 de junho de 1863, que a camara dos pares, por proposta dos srs. José Maria Eugenio de Almeida e Luiz Augusto Rebello da Silva, auctorisou a mesa a nomear uma commissão, para, de accordo com o governo, tratar dos meios necessarios a fim de se realisarem na sala das suas sessões os melhoramentos indispensaveis, tornando-a mais espaçosa e melhor ventilada, e portanto mais salubre.

Em virtude d'esta deliberação, foram nomeados membros da commissão, os dignos pares José Maria Eugenio de Almeida, Luiz Augusto Rebello da Silva, José Maria Baldy, Marquez de Niza e José Augusto Braamcamp, e á commissão estava adjunta a mesa da camara.

A obra existente mostra, que se projectou desde logo uma edificação grandiosa, sem embargo das apuradas circumstancias do thesouro. O risco foi confiado ao architecto francez, mr. Colson, mas não foi este artista quem dirigiu a sua execução.

III

Segundo parece, ao architecto se tinham dado certas indicações, baseadas na necessidade de attender ás circumstancias pouco lisonjeiras da fazenda publica, e conforme essas indicações, elle conservou no seu risco as linhas architectonicas do edificio; porém, quando começou a obra, reconheceu-se que era indispensavel modificar a fachada, sem todavia alterar a condição de conservar as *linhas horisontaes,* que predominam na primitiva construcção.

Ausentando-se mr. Colson, foi a direcção das obras confiada interinamente ao engenheiro portuguez, o sr. Jayme Larcher, e este, subordinado sempre á *condição da economia,* apenas modificou o primitivo risco, mudando para a dorica, a ordem superior da fachada, e transformando em janellas os nichos destinados a estatuas, na ordem inferior.

Se acaso se tivesse previsto, que mr. Colson não voltava a Lisboa, o sr. Larcher, por certo, houvera modificado as proporções da altura dos dois andares, e assim se teriam evitado os defeitos, que se notam na architectura do mosteiro. Subordinada a fachada da nova sala, ou, antes, novo edificio, a essa architectura, por obediencia rigorosa á economia, pospunham-se, como se pospozeram, as regras architectonicas, e a fachada ficou sem as devidas proporções.

IV

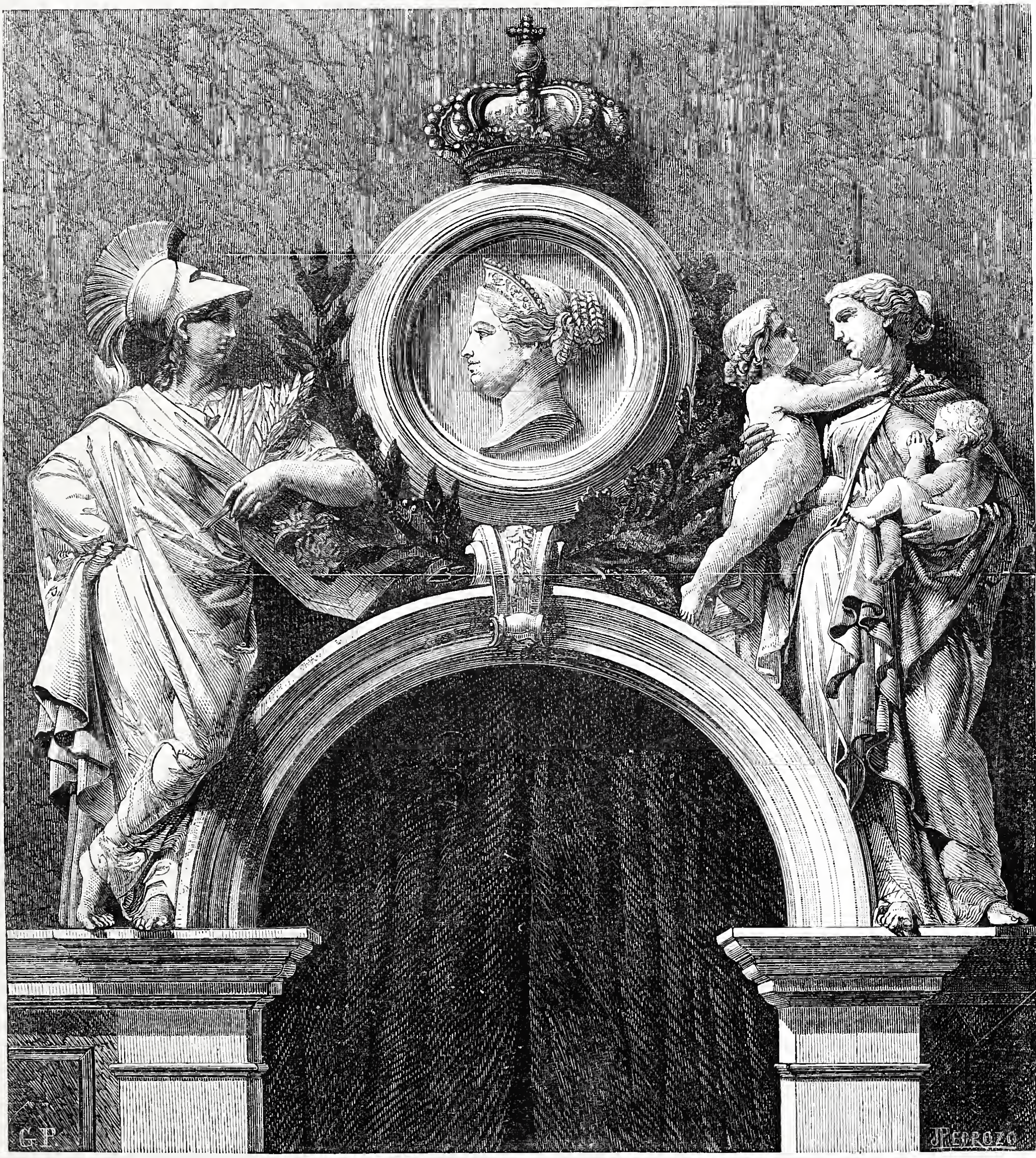
O novo edificio da camara alta fica nas costas da fachada principal do palacio das côrtes. Foi necessario praticar um desaterro entre o edificio e a calçada da Estrella, a fim de abrir uma serventia do largo das côrtes, para o largo que faz frente á fachada posterior; n'este ultimo se tem feito tambem um grande desaterro, para lhe dar mais amplidão. O trabalho da abertura da dita serventia foi dirigido pelo sr. Larcher. Sobre a parede que sustenta a terra do lado da calçada da Estrella, ha uma cortina com o seu gradamento de ferro. O edificio, pois, por este lado ficou inteiramente desaffrontado. É tudo pequeno, mas não podia ser de outro modo, porque não era possivel dar mais largura á serventia, ou nova rua, sem prejuizo do transito pela calçada da Estrella.

A nova fachada, sem embargo dos defeitos já notados, tem um aspecto grandioso; mas é quasi impossivel apreciar o seu effeito architectonico, porque o espaço, que lhe faz frente, é acanhado.

Consta esta fachada de um corpo central, um pouco saliente, e tendo nos angulos duas pilastras duplas, que, como que o ligam aos corpos lateraes, os quaes se terminam por dois pavilhões, ainda por acabar interiormente, e de certo os madeiramentos apodreceriam, se a repartição das obras publicas se não resolve a cobril-os. As seis janellas dos corpos lateraes tem os seus frontões e as varandas com balaustres, que assentam em misulas. A janella do corpo central, entre as pilastras, é mais alta e de volta redonda, como as dos pavilhões e as do pavimento baixo. Por cima do entablamento da ordem supe-

rior, levanta-se o attico, cuja ornamentação é apenas de molduras e apainelados.

A porta principal tem o seu cancello de ferro forjado, com o brazão da camara ao centro das batentes; é obra



Porta da sala da camara dos pares

(Á esquerda da presidencia)

de bom effeito. Antes tinha o cancello ornamentos de bronze doirado, mas, apezar de haver alli uma sentinella permanente para guarda do edificio, aquelles ornamentos foram arrancados; naturalmente lá foram para os ferros-velhos. E isto é tanto mais para sentir, que o cancello foi executado, segundo o desenho do sr. Jayme Larcher.

Na entrada do vestibulo estão as escadas que dão serventia ás galerias publicas; são bem lançadas, mas incommodas porque têem os degráos encerados, e são, por tanto, um precipicio para quem as sobe ou desce, pelo perigo de se escorregar; este inconveniente remedeiava-se facilmente, com uma alcatifa no meio dos degráos, como se usa em taes casos, e para conservar as escadas sempre limpas.

No extremo do vestibulo, que fica por baixo da sala das sessões, e em face da porta principal, ha uma porta envidraçada, que dá para a galeria do antigo claustro do mosteiro, o qual foi completamente restaurado, e no meio tem um jardim com o seu tanque e repuxo formado por uma columna, sobre que assenta uma bacia de pedra, onde cahe a agua, que jorra de uma estatueta em bronze, representando um menino. Tudo isto desharmonisa com o estylo do claustro, e nem a estatueta parece ter sido feita para alli.

Na galeria, á esquerda da porta envidraçada, está a escadaria que conduz á galeria, chamada dos *passos perdidos*, da sala das sessões, e á secretaria da camara. Os degráos do primeiro lanço são de madeira (vandalismo moderno) e os demais de pedra; as paredes são revestidas de bellos azulejos, nas quaes se vê o brazão dos benedictinos. Era frequente, nos antigos edificios monasticos, encontrar estas escadarias monumentaes. O primeiro lanço é unico, até ao patamar, depois subdivide-se em dois lanços, cada um para seu lado. Vêem-se aqui a força e a grandeza, que eram o cunho d'estas edificações, e que representavam a perpetuidade e o poderio das instituições monasticas, as quaes se reputavam eternas. Esta escadaria desharmonisa com toda a obra moderna da nova sala. No ultimo patamar, ao centro, está a porta que dá entrada para a galeria da sala; á esquerda ha um corredor, que conduz á escada reservada da tribuna real; á direita, outro corredor vae á secretaria da camara.

Quando se entra nas galerias, logo se sente a impressão que produz o contraste da sua ornamentação luxuosa, com a grandeza e simplicidade da escadaria. A galeria é rica; a pintura, os doirados, a decoração são o requinte do luxo moderno, mas não ha ahi cousa que impressione o espirito, emquanto que a escadaria dá idéa da opulencia, do poder, da força, que assoberbam os espiritos e os fascinam. O habito preto dos monges benedictinos casava-se com a escadaria, na qual as fardas bordadas dos pares são como mascaras de entrudo.

A galeria recebe luz por muitas janellas, que olham para o jardim do claustro, e cujos caixilhos e aros de boa madeira, e bem fabricados, estão já em parte desconjunctados e rachados, pela acção do tempo: e de tão pouco tempo!

Á parte do oeste da galeria abrem-se as duas portas que dão accesso á sala das sessões, e no espaço, que medeia entre ellas, vêem-se, sobre pedestaes de marmore preto, os bustos, de marmore branco, dos presidentes da camara, a saber: — o duque de Palmella executado pelo fallecido esculptor Cerqueira; D. Guilherme I, patriarcha de Lisboa, e o duque da Terceira, obras do sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro; o conde de Lavradio, executado pelo sr. Miguel dos Santos.

Vamos entrar na sala: aqui, como na fachada, foi necessario fazer importantes modificações no risco do architecto mr. Colson.

A sala, projectada por este architecto, era um hemicyclo, semelhante a todos geralmente adoptados para as assembléas deliberativas, e as tribunas, real e diplomatica, não tinham fórma distinctiva; é ao sr. Jayme Larcher que se deve uma notavel modificação na curva do hemicyclo, de sorte que esta, parecendo resolver-se sobre si mesma, nos pontos de juncção com a parede que é o fundo da sala, diminue a extensão d'esta parede, obstando ao pessimo effeito que resultaria de se ligar a recta do fundo com a curva do hemicyclo n'uma fórma angular. Esta modificação, com a nova estructura das tribunas real e diplomatica, tornou a sala mais elegante e grandiosa.

No meio da parede, e por baixo de um primoroso docel, está a mesa da presidencia, que tem 8 metros de comprimento e 3^m,025 de largura, no estrado sobre que assenta, e dão-lhe accesso dez degráos por cada lado. Ao lado da cadeira mais elevada do presidente estão as dos secretarios, e nas extremidades de toda a mesa ficam as urnas para as votações, e dois grandes candelabros de bronze com 35 lumes cada um; são estes candelabros de bom desenho, mas são pequenos, e destoam do estylo da sala.

A mesa da presidencia tem a fórma de um stylobato, cuja base assenta no estrado: a parte central é saliente; e nos lados ha dois grandes medalhões de bronze, com os bustos do duque de Palmella e patriarcha D. Guilherme, os quaes foram modelados pelo esculptor o sr. Calmels, conforme os bustos obrados pelo fallecido Cerqueira e o sr. Bordallo Pinheiro, a que já alludimos, como consta das inscripções, postas em cada um d'elles, pelo mesmo sr. Calmels. D'este mesmo artista são os desenhos da mesa da presidencia, com excepção da cadeira presidencial, que é da composição e execução do sr. Leandro Braga.

Em face da presidencia, sobre um pequeno estrado de 0^m,20 de alto, estão as mesas dos stenographos da camara.

(Continúa.) J. RIBEIRO GUIMARÃES.

ALICE

A HELOISE DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE

(Ephemero penhor de immorredoiro affecto)

(Continuação)

II

COMEÇA aqui o segundo acto da vida de Jorge de Athayde.

Pela primeira vez na sua vida o desgosto o prostrava e adoecia, possuia-lhe porém aquella mansidão teimosa que não cede nem quebra diante de nenhuma força.

Venceu a doença e o soffrimento com a energia humilde com que vencera a miseria. Despediu-se com os olhos rasos de agua do velho escriptorio, onde passára a sua mocidade sem alegrias, e partiu para o Brasil onde um negociante respeitavel lhe offerecia garantias de prospero futuro.

Passaram tempos. Ia elle nos quarenta annos e todos o julgariam mais velho. Tinha os cabellos embranquecidos, a pelle rugosa, e nos seus olhos apagados uma tristeza profunda e doce, saudade e nostalgia que aos olhos vulgares se affigurava indifferença apathica, mas em que os observadores profundos leriam talvez um poema de occultas melancolias.

Não tinha casado embora áquelle tempo lh'o permitissem já os seus modestos haveres, vivia só com uma velha creada e parecia affeiçoar-se cada vez com mais affinco ás suas aridas obrigações.

Um dia foi elle convidado por um negociante portuguez estabelecido no Rio, para uma visita de alguns dias á fazenda que este possuia umas leguas distante da cidade. Jorge sentia-se cançado, mas acceitou gostosamente aquella tão rara diversão na sua laboriosa existencia.

Esperava-o n'aquella casa uma surpreza profunda. Duas horas depois de se achar ali entrou na sala uma menina de doze annos, filha dos donos da casa, conduzindo pela mão Alice de Mendonça, a fugitiva apparição radiante que elle víra uma vez e que não soubera esquecer mais.

Era a mesma mulher e no entanto que differenças elle não leu na sua physionomia tão altiva e tão linda.

Alice era mestra da menina mais velha do seu amigo, era n'essa posição humilde e dependente que vinha encon-

trar ao fim de tantos annos a pequenina, a graciosa princeza que elle admirára de passagem, entre o luxo requintado da sua opulencia, no fôfo ninho que lhe tinha preparado o mais cego, o mais imprevidente, mas o mais forte dos amores.

Alice ao olhar para elle reconheceu-o immediatamente, ou fosse porque já lhe houvessem dito o nome d'elle ou fosse porque tambem ella não tivesse esquecido a pessoa de Jorge, entrevista nas vesperas da horrenda crise que transfigurára a existencia da pobre menina.

Trocaram algumas palavras affectuosas e durante os dias que Jorge se conservou na fazenda, Alice teve sempre para com elle as pequeninas attenções que deviam encher de orgulho o pobre trabalhador humilde que as não conhecêra nunca.

Era assim que ella lhe pagava o olhar deslumbrado e devoto com que Jorge lhe seguia os pequenos movimentos de ave e de borboleta.

Tinha vinte e tres annos Alice, e ninguem lhe daria dezoito. A sua voz era suave e argentina, o seu andar era cadenciado e rythmico, o seu rir soava nos ouvidos como o desfiar de um rosario de oiro em urna crystalina. Era triste, mas sem revoltas de mau gosto contra a sorte; o caracter primitivo transparecia-lhe ás vezes n'um relampago de malicia que lhe coriscava nos olhos, n'um feminino sorriso rapidamente apagado, n'uma observação cheia de sal com que ella polvilhava a sua sempre original conversação.

Jorge de Athayde deixava que os dias passassem e pela primeira vez na sua vida esquecia-se de trabalhar. Poucas vezes estava perto de Alice, mas olhava para ella de longe, ou vinha sentar-se a lêr no lado exterior da janella que da sala de estudo abria sobre o terraço, e onde podia escutar a voz musical da juvenil preceptora.

A esplendida natureza tropical filtrava-lhe nas veias os seus fluidos violentos e como que remoçava aquelle coração envelhecido e triste. Acordavam-lhe dentro de alma harmonias desconhecidas; percebia emfim que nenhuma differença o separava dos outros homens, que podia como elles crer e amar. Foi uma primavera tardía, rapida e nunca mais esquecida.

Um dia, ao almoço, recebeu Jorge uma carta inesperada que o chamava á cidade.

Ora é preciso que se saiba, que o tio brasileiro, *l'oncle d'Amérique,* esse milagroso desconhecido que apparece em todos os melodramas de má morte para os fechar com chave *de oiro,* não é de todo um mytho, como pouco a pouco nos acostumámos a crer. Existe, e a prova é que Jorge de Athayde recebeu quando menos o esperava a affirmação da sua existencia e a participação da sua morte.

O trabalho deixára sem recompensa o seu obscuro servo, mas o acaso encarregava-se d'esta vez de corrigir o engano.

Jorge de Athayde estava rico.

Ao principio foi uma alegria sem mistura, um abrir-se de par em par as portas eburneas da phantasia, um voejar de alma fugitiva que vinga libertar-se das cadeias mesquinhas da miseria. Depois veio a reflexão, e com a reflexão não sei que mysteriosa lucta em que elle andou dias e dias, ora vencedor ora vencido, inquieto sempre. Os companheiros surprehendiam-no ás vezes parado, absorto em secretos calculos, com os cotovellos fincados na mesa, o rosto occulto nas mãos e grossas bagas de suor a innundarem-lhe a testa. Decididamente o pobre do homem elaborava um d'estes planos que decidem de uma vida inteira.

Um dia levantou-se abalado por extraordinaria resolução, vestiu-se cuidadosamente, arranjou com desusada symetria o laço da sua gravata preta, penteou-se, barbeou-se, escovou-se com esmero extranho, tomou todas as precauções de um Lovelace em via de levar a cabo empreza de vulto.

Quando acabou da sua laboriosa *toilette* olhou para o espelho e reflectiu-lhe no rosto um desespero profundo.

Estava feio, mas francamente feio, mas feio a não poder contar com a indulgencia do mais compassivo dos olhares. O seu fato de gala dava-lhe um aspecto domingueiro que era a propria negação da elegancia, o seu ar espavorido e timido, era como que o mais visivel contraste, que podia imaginar-se, do verdadeiro *gentleman.* Duas grandes lagrimas correram lentamente pelas suas faces macilentas, e creio que os primeiros relampagos de colera se accenderam subitamente no seu olhar sombrio. Cruzou no peito os braços e ficou como que vacillante sobre o que devia fazer. Durou pouco a hesitação, diffundiu-se-lhe pelo olhar uma expressão resignada e mansa, e partiu para a fazenda onde Alice habitava.

(Continua.) MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

Recordações e vagares. — Não é acertado dar conselhos a quem nol-os não pede. Apezar d'isso, eu darei um ao leitor. Quando estiver cançado de percorrer as paginas unidas e successivas de um grande livro de sciencia, de artes ou de litteratura, pegue, para desenfado, no das *Recordações e vagares,* que o sr. M. E. Lobo de Bulhões, conhecido escriptor, acaba de dar á estampa. Lê-se esta obra, ou de um folego, sem que o espirito fique sensivelmente fatigado, ou a pouco e pouco, sem que a intelligencia precise de esforçar-se para ligar o que fica dito ao que vae dizer-se. É, por assim dizer, um ramilhete de bons escriptos, pensados maduramente, e contendo cada um critica chistosa e proficua. O auctor não imaginou subir ao alto da sua cathedra, collocar-se na attitude de Jupiter tonante e fulminar, em termos mais ou menos campanudos, os erros que lavram na sociedade, ou em certas instituições; preferio dar o braço ao leitor, e, em conversação amena e quasi sempre ironica, rir com elle de varios preconceitos, de diversas velharias, de milhares de ridiculos que infestam os nossos costumes, e que só aos espiritos elevados é dado estremar do que é bom, do que é util, do que é discreto e honrado. Vê-se, pois, que o livro do sr. Bulhões não é simplesmente uma serie de capitulos que recreiam, é tambem uma obra litteraria proveitosa, porque tem boa critica exposta com clareza bastante para todos perceberem. Algumas curiosidades amenisam ainda mais o livro; entre ellas, figura uma engraçadissima oitava de Lopo de Vega, que não posso fugir á tentação de transcrever. Eil-a:

> A un portugués que lloraba
> Preguntaron la ocasion:
> Respondió que era aficion,
> Y que enamorado estaba.
> Por remediar su dolor,
> Le preguntaron de quién,
> Y respondió: — *De ninguem;*
> *Mas choro de puro amor.*

O sr. Bulhões commentando a chistosa satyra do grande poeta castelhano, diz que Lopo de Vega, aos trinta annos, era já viuvo tres vezes, e por isso que tinha motivos para criticar nas outras pessoas o amor *puro,* quem dera tantas provas do culto assiduo que rendia ao amor *pratico.*

A edição do livro *Recordações e vagares,* é feita pela casa Rolland & Semiond.

Banhos de caldas e aguas mineraes.—Lê-se este titulo no frontespicio de uma obra publicada em edição de luxo pelos acreditados livreiros do Porto, os srs. Magalhães e Moniz. A obra é redigida pelo sr. Ramalho Ortigão, o espirituoso critico, tão verdadeiro e conceituoso nas suas composições puramente descriptivas, como arrojado e mordaz quando emprega o bisturi para fazer as incisões que julga necessarias nos membros achacados do corpo social. A luxuosa guia destinada aos banhistas, além de leitura agra-

davel e instructiva, contém os esclarecimentos indispensaveis a quem precisa fazer uso das aguas medicinaes do nosso paiz. Uma introducção escripta pelo sr. Julio Cesar Machado, e alguns desenhos do sr. Emilio Pimentel completam os attractivos do livro. Se não estou em erro, é a primeira vez que o sr. Emilio Pimentel apresenta ao publico os seus trabalhos artisticos, aliás muito dignos de menção e apreço. Eu já conhecia algumas caricaturas d'este habil desenhador, que existem n'um magnifico album pertencente ao sr. P. Daupias. Aquellas caricaturas têem certa originalidade, bem como a leveza e a graça necessarias em trabalhos do genero a que pertencem. As principaes estampas do livro dos *Banhos* participam das boas qualidades citadas, e se nem sempre têem a correcção exigida em trabalhos de desenhadores praticos e sabedores, mostram quasi todas a muita disposição que o sr. Emilio Pimentel tem para o estudo a que se dedica, mais como amador do que como artista.

HORTO — AGRICOLA E FLORICULTURA. — Contém o catalogo assim denominado, os nomes de todas as plantas e seus preços, á venda no estabelecimento horticola dos srs. Brandão e Costa na rua de Camões, Porto. Aquelles dois senhores praticaram pelo espaço de sete annos no vastissimo horto do sr. José Marques Loureiro, pelo que se acham habilitados a gerir convenientemente o estabelecimento que abriram e ora está em principio, mas que promette desenvolver-se e chegar a ser importante no seu genero.

OS LAZARISTAS PELO LAZARISTA SENNA FREITAS. — O sr. padre Senna Freitas escreveu um folheto a proposito do drama do sr. Antonio Ennes, que intitulou — *Os lazaristas pelo lazarista sr. Ennes.* É a este folheto que o sr. Guimarães Fonseca responde com outro do titulo que acima se lê, afinado pelo diapasão do primeiro. O sr. Guimarães Fonseca destroe nos diversos capitulos do seu bem escripto opusculo, muitas asserções erroneas avançadas pelo sr. Senna Freitas, e combate vigorosamente em estylo brilhante e comprehensivel, a doutrina menos liberal do auctor do folheto contra o drama do sr. Ennes. Os antagonistas são dignos um do outro: ambos com talento, occupando cada um extremos diametralmente oppostos, combatem denodadamente pelas suas bem diversas causas, e tanto se assimilham no esforço d'este combate, que ambos caem por vezes em excessos que pouco servem talvez ao triumpho de suas idéas, se não o desservem no animo do leitor prudente e menos propenso ás demasias da linguagem e da dialectica.

RECREIO INFANTIL. — Estão publicados o 3.º e o 4.º fasciculos d'este excellente periodico dedicado exclusivamente ao ensinamento da infancia. Por meio de contos interessantes e adornados de bonitas gravuras, dá o *Recreio infantil* aos seus pequeninos leitores, noções de historia universal, de algumas sciencias mais ao alcance das intelligencias pouco desenvolvidas, de artes, de tudo, emfim, quanto contribue para a educação do homem civilisado. A missão do *Recreio* é semelhante á do theatro, quando este é bem comprehendido; instrue deleitando o espirito, e, por conseguinte, sem esforço nem sacrificio. A edição d'este excellente periodico para creanças, pertence aos srs. Rolland & Semiond.

OS LAZARISTAS. — Está impresso em formosa edição, com o retrato do auctor gravado pelo sr. Severini, este excellente drama, estreia afortunada do sr. Antonio Ennes, o qual foi, como é sabido, verdadeira mina de interesses para a empreza do Gymnasio, e de ovações e louvores para o talentoso auctor. Esta composição dramatica foi já representada em quasi todos os theatros do paiz, sem que o applauso publico desmentisse nunca a boa fama que a precedia. Agora que o celebrado drama está impresso, póde o leitor, com o seu vagar, comprazer-se em esmiuçar todas as bellezas que encerra um dialogo brilhante e fascinador, enlevando-se outrosim nos pensamentos conceituosos e doutrinarios, que tem sido a base principal do extraordinario agrado da peça.

O MARQUEZ DE RACKINGTON. — Este romance vertido do inglez, interessante pelo enredo e sobretudo, pelas descripções que encerra das corridas de cavallos nas proximidades de Londres, é indispensavel nas estantes do *high-life*. Serve de base á architectura da obra, o passatempo agradavel das corridas, passatempo que ha pouco importámos dos paizes civilisados da Europa, e que já conta innumeros adeptos em Portugal. O *Marquez de Rackington*, além de pintar com vivissimas côres os costumes da melhor sociedade ingleza, é como que um elucidario completo das principaes usanças que se observam nos hippodromos, e das palavras por que é conhecido tudo que diz respeito ao *turf*. Por isto se vê, que não ha amador de cavallos e de corridas que não precise comprar o livro, mormente se ignorar a significação de certos vocabulos muito usados no elegante divertimento, como são, por exemplo, o *derby*, o *ring*, o *stable*, o *racing-man*, o *training*, o *starter*, o *canter*, o *outsider*, etc.. o que ha de succeder a alguns, se não a muitos. A edição do livro é bonita, recommendando-se principalmente pela capa, que representa um *Steeple-chase* impresso pela chromo-lithographia.

MINIATURAS. — É formosissima a segunda edição d'este precioso livro de poesias do sr. Gonçalves Crespo, inspirado poeta que os leitores das *Artes e Letras* conhecem muito bem pelos seus excellentes versos, e pela sua prosa elegante e correcta. Do merecimento da obra já este periodico fallou quando se referiu á primeira edição d'ella. Resta, pois, recommendar a segunda edição, posta á venda pelos srs. Eduardo Burnay e Vicente Pinheiro, de Coimbra, a qual é uma belleza de impressão. O volume está, pelo seu tamanho, em perfeita harmonia com o titulo; é tambem uma miniatura, mas miniatura formosa e original que todos desejarão possuir.

(Continúa.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

Pelo relatorio publicado pela commissão berlinense dos museus nacionaes, vê se que, durante estes tres ultimos annos, a galeria dos quadros foi augmentada com mais 220 obras, a de esculptura com mais 73 e a collecção dos gessos com mais 192. No Antiquarium encontram-se mais 2:580 objectos, o gabinete de moedas e medalhas fez requisição de mais 20:800, o de gravuras em cobre e de desenhos de mais 12:368, a secção ethnographica de mais 3:363, a das antiguidades egypcias de mais 50, e o Kunstkammer de mais 1:325. Ao todo 44:337 obras de arte, compradas em tres annos! Um periodico francez que publica esta noticia, lastima-se de que a França não possa dispôr de sommas tão avultadas como devem ser as necessarias para o enriquecimento constante dos museus da Prussia.

O que diremos nós?

Consta que se encontrou na igreja de Nossa Senhora, em Cassel, um quadro authentico de Rubens, pintado em madeira, de 1^{m},5 de altura por 1 metro de largura, representando a apparição da Virgem a S. Francisco de Assis.

Annuncia-se para os mezes de novembro e dezembro a venda de 1:244 quadros de mestres antigos e outros, empenhados no monte pio de Roma. As principaes télas são um *Ecce homo*, de Carlo Dolci; outro *Ecce homo*, de Cristoforo Allori, chamado o Bronzino; *Moysés salvo das aguas*, attribuido a Giovanni Babieri; dois Ticianos; *S. Jeronymo e S. João Baptista*, de Bernardino Pinturrichio; a *Fuga para o Egypto*, de Domenico Zampieri; *Jesus expulsando os ladrões do templo*, de Moysés Valentin; *Suzanna e os dois velhos*, de Carlo Cagliari; quatro quadros de Poussin; o *Enterro de Christo*, de Francia; um quadro de flores de Francesco Albani; um Claudio Gelée e uma *Descida da Cruz*, de Jouvenet, o mais caro de todos (3:600$000 réis). Com estes quadros vender-se-hão diversos objectos de arte e algumas collecções de medalhas e moedas. Os dois principaes lotes d'estas duas cathegorias, são: — uma reducção do Coliseu, avaliada em 1:800$000 réis, e uma grande mesa de malachites do valor de 1:080$000 réis.



2186 — IMPRENSA NACIONAL — 1875



A REFEIÇÃO DA TARDE

QUADRO DE F. DEFFREGGER

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

Typ. de Christovão A. Rodrigues.

ARTES E LETRAS



NUMERO 4 — LISBOA — 4.ª SERIE

A REFEIÇÃO DA TARDE

PODERIAMOS chamar-lhe mais portuguezmente a *merenda,* se este nome não estivesse já consagrado nas *Artes e Letras* por um quadro de Murillo, cuja gravura foi aqui publicada. Depois a palavra *merenda* parece mais peninsular, e a *refeição da tarde* corresponde mais litteralmente ao *vesperbrod,* que é a epigraphe da gravura allemã. A *merenda* é mais alegre, mais radiante, lembra mais o céo peninsular, o horisonte affogueado nos vivos rubores do pôr do sol; refeição da tarde desperta idéas graves, melancholicas, longos e pallidos crepusculos. A merenda traz logo ao pensamento os cachos perfumados das uvas das nossas vinhas, a refeição da tarde parece que não póde constar senão de maçãs, que é um fructo allemão, uma fructa massuda, uma fructa de que se fazem bebidas espessas, e que de mais a mais é a fructa da arvore de sciencia, e os allemães gosam a reputação merecida de serem uns figurões abarrotados de sciencia. Maçãs, cerveja, fumo do cachimbo e philosophia de historia constituem o fundo do organismo allemão.

Reparo agora que tambem ha peras na gravura: protesto contra o desenhador! O desenhador trahiu-me! Peras, quem o auctorisou a dar peras aos allemães? Peras! a fructa que se desfaz na bôca em sumo delicioso! Serão peras, não o contesto, mas n'esse caso são peras marquezas, umas peras de polpa farinhenta, que são filhas adulterinas das macieiras, como o genio de Goethe era um filho adulterino do oriente, que violára, n'uma hora de phantasia melancholica, a pudica Allemanha.

Voltemos á gravura. Olhem-me para a boa rapariga, que está conscienciosamente distribuindo a fructa pelos rapazes. Ao verem a seriedade, a gravidade austera com que exerce aquellas funcções, todos diriam que é ella a mãe da rapaziada, mas, olhando mais de perto para as linhas puras e juvenis d'aquelle semblante, percebe-se desde logo que é ainda tão nova, que não podia de modo algum ter dado á luz aquelle marmanjão de chapéu emplumado, que descasca tão gravemente o fructo que lhe coube em sorte. Depois o olhar não revela de modo algum a mãe de familia, tem ainda todas as curiosidades da adolescencia, e não a serenidade da mulher que entrou já definitivamente na vida. É irmã, é sem duvida alguma a irmã mais velha, a Carlota de *Werther,* a irmã um pouco mãe de familia, encarregada de governar a pequenada emquanto a mãe lida nas duras tarefas domesticas.

Não posso despregar a vista d'esta gentil, d'esta suave figura feminina; e, quanto mais a vejo, mais me confirmo na idéa de quo o desenhador quiz positivamente representar a irmã primogenita, e não a mãe das creanças, e parece-me até que mostrou, no modo como traçou aquelle vulto, uma rara intuição psychologica. Reparem. Se fosse a mãe, a sua tarefa absorvel-a-hia completamente, estaria toda entregue ao cuidado de tratar os pequenos, sorrir-se-hia com enlevo para o mais novo, que está n'uma posição tão graciosa, seguiria com sollicitude os movimentos do mais velho, temendo a cada instante que a faca lhe cortasse os dedos. Mas não succede assim, o olhar da rapariga é um olhar distrahido, segue vagamente uma visão interior; executa machinalmente a sua tarefa, mas não se deixa absorver por ella. O olhar, abrigado da curiosidade dos rapazes pelo cortinado das longas e finas pestanas, não segue o descascar da pera, perde-se embebido em recordações, em devaneios, em aspirações ou em saudades.

Depois de determinar o caracter da gravura, que posso eu acrescentar? É a scena do *Werther;* Carlota distribuindo pelos irmãos as fatias de pão com manteiga, quando entra o romantico mancebo que tem de se suicidar por ella, é a scena da *Morgadinha dos cannaviaes.* Magdalena, Lena, como lhe chamam na intimidade, dando de merendar aos travessos e palreiros irmãos, quando entra Henrique o lisboeta, que vae trocando com ella um tiroteio de galanterias e de bons ditos.

Se Gœthe e Julio Diniz trataram o assumpto, se basta apenas transportar a scena para um meio inferior, da burguezia para o povo, a querer-se formar uma idéa clara da gravura, que posso acrescentar ao que disseram Julio Diniz e Gœthe? Nada. Direi apenas: é Carlota antes de entrar Werther, é Magdalena antes de entrar Henrique, mas é Carlota que sonha Werther, é Magdalena que se lembra de Augusto. Dito isto, leiam o romance allemão, leiam o romance portuguez, e comprehenderão a gravura.

PINHEIRO CHAGAS.

O LEGADO DE UM ANJO

Não sabem? Todas as noites,
Quando vou a adormecer,
Vejo o olhar da minha filha
Pouco antes de morrer.

Esse olhar — o derradeiro! —
Cravado então sobre o meu
Dizia: — Meu pae, não chore!
Não chore, que eu volto ao céu.

Pequenina como sou
Quero fazer-lhe um legado.
Deixo-lhe os meus irmãosinhos
Vivendo sempre a seu lado.

Agora, todas as noites,
Antes de ir a adormecer
Beijo os meus filhos e digo: —
Estes dois hão de viver!

FERREIRA DE MESQUITA.

HUGO VAN DER GOES

(Quadro em madeira, de Emilio Wouters; gravura de R. Brend'amour)

O quadro dispensava talvez o commentario. Falla por si e a todos. Aquelle homem de rosto longo e cavado, de olhar perdido nas vagas scismas do extasis, de cabellos desordenados, de barbas incultas, de corpo convulsionado pela mysteriosa volupia das doces recordações; aquelle homem que parece escutar um choro suave e querido, sentir inundar-lhe a alma agitada um balsamo bom de ignotas esperanças e de mystica resignação; aquelle homem é evidentemente um allucinado ou um doido. É um doido. De um lado, um grupo de vozes frescas, enleia nos sons insinuantes e vellados de uma cythara e de um alaude de Capsperger talvez, o *Veni creator spiritus.*

Sympathica medicina! Atraz da poltrona, o superior do convento, porque estamos n'um convento, marca o compasso e segue com a vista posta no pobre louco, os effeitos d'esta singular therapeutica. Do outro lado, um velho *irmão,* veterano das pelejas da vida, tem uma expressão compassiva sem deixar de ser calma. Ao fundo dois frades olham a scena com fria curiosidade.

É um primor de vida e de verdade psychologica esta valente composição de Wouters, reproduzida por um dos mais notaveis gravadores modernos, e existente em Bruxellas.

Se eu pozesse a tarefa do commentario de um periodico d'arte em armar apenas uma filagrana phantasiosa de folhetinista professo, entender-me-hia com certa rhetorica de effeito, faria notar de passagem a profunda expressão naturalista e esthetica, o *movimento,* o caracter vigoroso e distincto do quadro, cousas que saltam a todos os olhos, ainda aos mais refractarios á percepção artistica, e architectaria o meu romance, com varias hypotheses e divagações mais ou menos sympathicas á maioria dos leitores.

Disfarçava a obrigação do commento e a vacuidade d'elle no rendilhado, melhor ou peior das suppostas impressões e suggestões de occasião.

Feitas as contas á rhetorica e abatido o devanear capcioso, o leitor ficaria apenas, e por muito agradecido se devia dar se ficasse, com o que o quadro lhe revelava e com o que elle dispensava que se escrevesse.

Mas francamente, nunca tal processo se me afigurou tanto, como n'este caso, uma profanação.

De mais a mais, eu conheci aquelle doido, que viveu ha bem quatro seculos.

Elle era pintor, e eu tive a pouco vulgar dita, porque os seus quadros são rarissimos, de o conhecer em quatro ou cinco das suas obras, uma das quaes é considerada a primeira, a melhor, que d'elle se conhece.

Esta formosa composição de Wouters, não é só verdadeira como Arte, é verdadeira como Historia.

Este convento é a abbadia agostinha do Claustro-Vermelho *(Roo-Clooster; Rosdendale)* na floresta de Soignes, proximo de Bruxellas.

Este doido, — doido de amor, — chamou-se Hugo van der Goes, e os seus quadros ainda hoje se confundem com os de Memlinc (Vienna, *Belvedere).*

Aquelle singular medico é frei Thomaz, o abbade de *Roo-Clooster.* O frade do lado direito é talvez Nicolau van der Goes, o dedicado irmão de Hugo, e que primeiro do que este tomára alli o habito agostinho.

É provavel que algum dos dois curiosos do fundo seja Gaspar Ofhuys, o ingenuo author da Chronica (manuscripta) do priorado de *Roo-Clooster,* onde diz: «Nós fomos ao mesmo tempo noviços, elle (Hugo) e eu que escrevo estas cousas», e que apezar disto tão longe mostra estar da verdadeira causa da loucura do companheiro.

E porque não será o outro curioso, frei Pedro, o esmoler do convento das *Damas brancas* da *Porta Cœli,* de Bruxellas?

Vamos ver que papeis representaram estes differentes personagens na vida de Hugo; papeis secundarios, incidentaes, ao pé dos de outras existencias que o quadro não dá, mas que porventura aquelle olhar vago e insistente do pobre doido, contempla.

Ignora-se quando nasceu Hugo van der Goes (leia-se: *van der Guss);* e as supposições mais ou menos fundadas a tal respeito variam entre 1420 e 1435.

Por muito tempo se duvidou tambem do verdadeiro logar do seu nascimento, — uns, seguindo Van Mander faziam-n'o natural de Bruges, outros, á frente dos quaes Van Varnewyck, suppunham-n'o de Leyde, — até que um documento descoberto e publicado por Schayes veiu resolver a questão denunciando Gand como a verdadeira patria do malogrado artista. *Hugues de Gand,* lhe chamava já a *Corôa margaritica.*

Hugues de Gand qui tant eut les tretz netz...

É geralmente classificado como discipulo dos Van Eyck, e Karel van Mander chega a dizer que o mais novo, Jan van Eyck lhe ensinara a pintura. Segundo Marco van Vaernewyck elle apaixonara-se do celebre «*Triumpho do Cordeiro Mystico*» e estudava-o insistentemente.

Vasari concorreu com a sua incontestavel auctoridade para exagerar a classificação, que Michiels seguiu no começo da sua grande obra mas que recusou depois. Fortoulo dá ainda, ao lado de Pedro Cristoforo, como discipulo directo de Jan van Eyck, para o que lhe alonga a vida de 1400 a 1480, isto é de 80 annos, fixando a de Jan entre 1370 e 1445. Parece porém assente que Hugo morrera em 1482 e que era muito novo ainda quando occorrera a morte do seu supposto mestre, sendo sómente em 1467 que se encontra noticia d'elle como pintor decorador menos considerado do que outros, completamente desconhecidos hoje. Que elle não se eximisse á influencia poderosa d'aquelles grandes mestres e que a revolução que elles representam na historia da pintura flamenga lhe conquistasse as sympathias e lhe prestasse ensinamento e estimulo é facil de suppôr; mas por um lado as influencias especiaes da sua vida deram-lhe um cunho e direcção peculiar, e por outro a attribuição até ha pouco quasi geral dos seus quadros a Memlinc, é talvez mais justificada do que a sua filiação directa e proxima na obra dos Van Eyck.

É só em 1467, como dissémos, que a biographia de Hugo van der Goes começa a esclarecer-se para nós, apezar das largas investigações e estudos de Mander, de Varnewyck, de Vasari, de Schays, de Buscher e de Michiels. Realisava-se em Gand a enthronisação de Carlos o Temerario, aquelle original e derradeiro campeão do feudalismo, que se gloriava de ser portuguez e ameaçava com este nome os seus bons burguezes flamengos. «*Nous autres portugais, nous avons pour coutume que si ceux que nous croyons amis, se font amis de nos ennemis, nous les envoyons aux cent mille diables d'enfer!*»

A este tempo Goes devia já fazer parte, ou por este

tempo começou a fazer, da corporação de S. Lucas, apezar de não existir a matricula respectiva, perdida naturalmente na destruição dos archivos em 1540.

Pertenceu-lhe organisar as festas communaes, que foram estrondosas, como pintor-decorista, e logo em 1468 occupou logar distincto no exercito de artistas, reunido em Bruges para verter a inspiração dos seus engenhos e a pericia dos seus pinceis ou das suas artes aos pés do grande bourgonhez e da sua gentil desposada Margarida de Inglaterra. Foram umas bodas magnificas, augmentando o explendor d'ellas um capitulo solemne do Tosão d'Oiro que se realisou então.

Varios senhores illustres dirigiam a dupla festividade, com o conselho dos pintores ducaes Jehan Hennckart e Pedro Coustain.

Diversos correios tinham percorrido sob uma aspera invernia a Flandres, recrutando quantos artistas empunhavam o pincel.

Cento trinta e oito se reuniram *en l'ostel de monseigneur le duc de Bourgoigne en sa ville de Bruges*, como resam as contas de um tal Fastré Hollet e se pozeram á faina singular de *plusieurs entremetz de paintures et aultres*, que deviam abrilhantar estas festas espantosas e especialmente os banquetes pantagruelicos d'aquellas magestades.

«Enganar-se-ha muito»,—diz o sabio historiador da pintura flamenga,—«quem julgar que todos estes artistas foram empregados em obras de pintura propriamente dita, em cobrir os muros de frescos ou de télas historiadas, a embellesar os tectos com diversas scenas ou figuras symbolicas.

«Trabalho algum d'este genero lhes foi pedido. Longe d'isto elles não tiveram senão tarefas de pintor-dourador: foram principalmente empregados em decorar a baixella ornativa da mesa, em colorir manequins, animaes de madeira e de téla, a engendrar grandes machinas, que recreavam os convivas entre dois serviços e se chamavam por esta razão *entremetz*».

Tambem não era tão distincto como se poderia julgar, n'esta multidão de artistas, o nosso pobre Goes, unico comtudo que a posteridade veiu a conhecer, nem tão principesca como a funcção a paga, que variava entre 24 soldos de jorna e 3 para comestiveis,—o maximo,—até cousa nenhuma para a bôcca e 6 soldos por dia de trabalho! Hugo van der Goes estava distante dos mais felizes.

«*A Hugue vander Gous, paié pour X jours et demy, qu'il a ouvré à XIV s. par jour: VII L. VII S*».

diz o escrupuloso Fastré Hollet, que não se esquece de observar nas suas contas dos pintores, que

Le taux de leurs salaires et journées, avec celui de leur venue a esté fait... par les doyens et jurez d'icelci mestier... à ce appelez selon leur advis et discrétion».

Jacques Daret, *maistre paintre, demourant à Tournay*, Philippot Fruffin, Tranc Stoc, *maistre ouvrier de Brouxelles*, Lievin van Latte, Daniel de Ryeque, Jehan du Chasteau, nomes desconhecidos hoje, eram evidentemente aquilatados em mais alto valor do que o artista de Gand, e emparelhava com elle um Govart d'Anvers, ou Danners, de que não resta outra memoria, creio, senão a dos *X jours qu'il a ouvré, comprins sa venue, à XIV s. par jour*, legada por *ledit Fastré*.

«Quem é este Govart d'Anvers, bom Deus?—exclama Michielis—oh! eterna ceguеira, irremediavel loucura dos contemporaneos!».

Ah, mas se os contemporaneos são injustos e cegos, como não é tantas vezes tambem cruelmente iniqua a posteridade, quantas não deixa nas sombras gelladas do esquecimento ou da indifferença, os esforços mais valentes, os mais formosos engenhos, os nomes que mais direito tinham á aureola das gratidões e das admirações posteras?!

Quem sabe se este pobre Govart não está hoje esquecido tão injustamente como ainda ha pouco era desconhecido Goes?

Não é facil formar uma perfeita idéa dos *entremetz* e decorações em que foi empregada esta multidão de artistas, e do que eram aquellas festas e banquetes que se prolongaram durante uma semana.

Um dia a mesa representava um vasto acampamento, onde a seda, o oiro, as signas e flamulas multicores, os escudos de toda a heraldica flamenga alojavam ou cobriam o exercito assombroso dos assados, das massas, dos primores e phantasias culinarias.

Outro dia, era uma baleia immensa que interrompia a deglutição dos heroes, atravessando ruidosamente a scena, conduzida por quatro gigantes e trazendo no doirado ventre a escol da côrte neptunina; ou um leão aurifulgente galhardamente cavalgado por uma dona que empunhava o estandarte ducal e offerecia á illustre desposada uma symbolica *margarida* de oiro e seda;—ou um alto dromedario montado por um negro que offerecia vistosos e galantes passarinhos ás damas; emfim uma longa serie dos mais assombrosos absurdos da phantasia do luxo, da ostentação e do gosto.

Não resisto a traduzir a breve descripção que faz Michielis, da decoração de um dia.

«No primeiro dia, *au banquet du soupper,* havia no meio das mesas trinta navios, de 7 pés de comprimento e de altura em proporção, com um grande mastro, um gurupés, um mastro da mesena, os cabos, as vélas, as anchoras, o castello de prôa e o castello de ré, tudo doirado a oiro fino. As vélas eram de seda, os castellos pintados de azul, os cascos negros estrellados de pregos doirados. Do cesto grande de gavea pendia um estandarte de seda tendo bordada em letras de oiro a divisa de Carlos: *Je l'ay empris.*

«Do apparelho fluctuavam os pendões e as bandeiras em que se havia desenhado os brazões de todos os feudos submettidos á auctoridade do principe, e cada navio representava um dos seus dominios. Assentava sobre um sóco ladeado de rochas pintadas, d'onde pullulavam plantas e flores de cera e pelas quaes se arrastavam animaes peçonhentos. Na bacia que formava este quadro, vagas argenteas imitavam as ondas. Junto de cada nave havia quatro chalupas pintadas e doiradas, guarnecidas de remadores. Sobre as galeras alojavam-se como em pratos, grandes peças de assados; as barquinhas continham os condimentos, como limões, alcaparras e azeitonas. Entre os navios, elevava-se um numero igual de tabernaculos em madeira esculpida, tendo a fórma de torres, de cupulas, de campanarios, de castellos: o oiro, a prata, o azul e outras cores cobriam a superficie e do cómo pendia uma bandeira. Estes monumentos hospedavam as massas, os pasteis».

(Continúa.)

LUCIANO CORDEIRO.



HUGO V.N DE



ER GOES

ELISA LOEVE-WEIMAR

A senhora, que teve este nome, suicidou-se com um tiro, no Porto, no dia 30 do mez passado.

Entre os meus escriptos de ha doze annos reproduzo um que toda a gente, com certeza, esqueceu, tirante o coração d'aquella que hoje é morta.

Dizia assim:

A FORMOSA DAS VIOLETAS

«Julio Janin, no folhetim do *Jornal dos Debates* de 30 de março do corrente anno (1863), escreveu o seguinte: No anno da graça de 1836, o mez de abril correu aprasivel e delicioso; e no mez de maio resoaram canções que farte. Ora, a ponto de expirar o mavioso abril e repontar o maio, (apenas são volvidos vinte e sete annos e trez revoluções!) as turbas afanadas e curiosas acotovellavam-se no vestibulo do theatro da *Porte-Saint-Martin*. O já então popular e glorificado auctor de *Henrique III,* de *Antony,* de *Ricardo de Arlington,* da *Torre de Nesle* e de *Angelo,* n'aquella noite, pozera em scena um mysterio em que figuravam anjos e demonios. Agrupados á porta do theatro, muitos rapazes d'aquelle tempo, cediam o passo á multidão azafamada, divertiam-se a vêl-a enthusiasmada, e notavam os homens conhecidos, os homens celebres, uns no começo, outros no termo da sua carreira. Eis senão quando todos os olhos convergiram sobre um soberbissimo trem, uma berlinda de Erhler, ajaezada á Brune, e tirada por uma parelha de enormes urcos inglezes, saídos das cavallariças de *madame la Dauphine*. Um espadaúdo cocheiro, e um alentado hungaro de sete palmos de altura, afóra o penacho, todo broslado de galões de oiro, completavam a equipagem que parou súbita á porta do theatro. E, aberta logo pelo *keiduque* a portinhola, e caíndo estrondosamente os degráos da berlinda, vimos apear um elegante moço.

«Não tinha ainda trinta annos; vestia com requintado esmero; de gravata branca e luvas amarellas; estatura corpulenta e formosamente conformada; cabelleira elamistrada; bôcca um tanto grande, mas graciosa; olhar ardente, e altiva compostura no aspecto. No braço do mancebo apoiava-se a leve mão de uma senhora, juvenil como elle, anciosa de esvoaçar-se por sobre o espaço intermedio. Que linda ella estava com o seu vestido de primavera! Violetas na mão, violetas como adorno no chapéo de palha, ondulante faixa a tira-colo, calçada com extremada perfeição de botinas gaspeadas de cinzento e escarlate. Formosa e esbelta a mais não ser! A impaciencia tirava por ella; e o irmão caminhava a passo mesurado, com aquelles ares de homem que em si escuta a fada benigna da suprema fortuna. Exornavam o peito do cavalheiro as mais variegadas côres da pedraria dos ornatos e condecorações. Era barão em França, marquez em Hespanha[1], e socio do club dos fidalgos florentinos. Contava-se — e era verdade — que o mais somenos utensilio dos seus aposentos era de oiro: o seu lavatorio era de oiro armoreado, e doirada a sua camara. E, todavia, creiam-me se quizerem: a sensação que nos causou foi a da admiração sympathica; inveja, não. N'esta França, attenta e alheada nos apparecimentos de cada dia, taes como, de manhã, *As orientaes,* depois *A carnagem de Missolonghi* de Eugenio de Lacroix; ao meio dia, os discursos de Thiers; á noite, a opera de Meyerbeer; no dia seguinte, um romance de Balzac, uma canção de Alfredo de Musset, — entre nós, aquelle mancebo tinha, de pouco, revelado Hoffmann e os seus contos. Escrevia elle rapido, pouco e bem. Sabia inglez como um diplomata, e allemão como um philosopho. Pertencia n'aquelle tempo á nascente redacção do *Jornal dos Debates,* e chamava-se LOEVE-WEIMAR».

«Até aqui Julio Janin.

*

«Nos arrabaldes de Londres, em uma quinta de delicias, quantas póde imitar da natureza a arte britanica, vivia, n'aquelle tempo, um portuguez que a intolerancia politica expatriara em 1828. A fortuna commercial dava-lhe desvelados amigos para o espirito, optimos convivas para a mesa, e gentis mulheres para o coração. O nosso patricio, encarreirado prosperamente no trafico mercantil, assentou que lhe era dever accudir aos desterrados pobres; e assim, quantos portuguezes se soccorriam de sua valia encontraram franco e inexhaurivel aquelle coração de oiro, e o oiro das gavetas, cujo quilate é muito mais de lei. Os convivas habituaes da sua mesa eram um jurisconsulto dos mais celebrados em Londres, e um portuguez de excellentes qualidades, nosso ministro actualmente na côrte de Madrid[1].

«Um dia, porém, os commensaes saíram do encantador abrigo do emigrado, por que eram de mais em alegrias, cuja doce poesia está no resguardo e recolhimento de dois. O portuguez fôra o preferido d'aquella *formosa das violetas* que Julio Janin recorda no seu folhetim. M.elle Elisa Loeve-Weimar, a irmã do nacionalisador de Hoffmann em França, do barão, do duque, do fidalgo florentino, casára com o nosso patricio, que era então um rapaz alegre como a felicidade, descuidado do futuro como creança a brincar entre flores, todo expansibilidade em olhos e palavras do muito bem querer que lhe exuberava do coração.

«Coração e nome são ainda os mesmos n'aquelle homem, vinte e sete annos depois. Porém, ha de reconhecer-se hoje o festejado e amado noivo da irmã de Loeve-Weimar n'aquelles cabellos brancos e fronte avincada do jornalista portuense? Aqui vo'l-o apresento agora: estendei a mão áquella mão liberal que muitos infelizes beijaram. Abraçae José Joaquim Gonçalves Basto, e sentireis pulsar o melhor e mais infeliz dos corações!

*

«*Infeliz!*... Com tão prospera monção ao entrar em bonançoso mar? Amado por aquella peregrina dama, cujo espirito cultivado em Paris e Londres competia com a distincção da belleza?

«Infeliz, sim, e porque não? A desgraça quando colhe de sobresalto os seus predilectos quebra os elos da corrente que parecia forjada por esforço de virtudes domesticas para os duradoiros contentamentos do amor. Compraz-se ella em abater e razoirar ao nivel das baixas condições os mais altos espiritos. Gonçalves Basto, decorridos dois annos de esposo e pae, foi vencido na lucta com imprevistas calamidades commerciaes. Empobreceu. Sahiu de Inglaterra, e repatriou-se com a sua familia. De repente, e o mais logicamente que o poderam fazer, os amigos desampararam-o, desobrigando-se da divida, esquecendo o credor. Permaneceu, com tudo, leal no infortunio um que se mantivera desprendido na prosperidade: era José Vieira de Carvalho, moço portuense abastado, instruido e bom. Deliberára Vieira fundar um jornal de parçaria com Antonio Bernardo Ferreira, já fallecido,

[1] Outro biographo, melhor informado, diz *duque*.

[1] O sr. visconde do Soveral.

e com o actual deputado e integerrimo caracter, o sr. Ribeiro de Faria Guimarães. Fundaram a *Coalisão,* cuja redacção e responsabilidade aceitou Gonçalves Basto. Os proprietarios, porém, a pouco e pouco se desligaram de compromissos, declinando sobre o redactor o encargo de sustentar intellectual e materialmente o jornal. Gonçalves Basto, extincta a *Coalisão,* fundou o *Nacional,* faz hoje dezoito annos.

«Entretanto, José Vieira, rico e celibatario, antevendo o proximo termo da vida, annuncia que a sorte dos filhos de Gonçalves Basto está segura nos seus haveres. Morre em París, e o testamento é roubado em beneficio de parentes remotos.

«Na contra revolução de 1846, Gonçalves Basto, ao serviço da junta do Porto, foi nomeado commandante de um batalhão de artistas. Reprime a indisciplina, e dá no campo o exemplo da coragem um tanto insubordinada, porque espingardeava os hespanhoes que transpunham as fronteiras do norte, quando a Junta lhe ordenára que respeitasse a intervenção. E, n'este entretanto, a familia do jornalista, esposa e tres filhos, bellissimas e adoraveis creanças, viviam da gratificação mensal do commandante: *Dez mil réis*...................................
.... [1]

*

«José Joaquim Gonçalves Basto envelheceu cortado de lancinantes dores; porém, duas vezes tão sómente lhe vi o rosto lavado de lagrimas: foi ao resvalarem-lhe dos braços á sepultura dois filhos. A pobreza cerra-o de perto ha quinze annos; e elle como que tem minas de oiro na mais risonha philosophia que ainda vi! É sempre com um sorriso que vos elle diz: «Não tenho nada.» A desgraça tem d'estes sorrisos que são dentro do peito unhas de ferro.

«E ella, a *Formosa das violetas* de 1836, a irmã do barão em França, do fidalgo em Florença e do duque em em Hespanha? Elisa Loeve-Weimar vae, de tempo a tempo, ao cemiterio da Foz, onde vecejam umas flores plantadas por sua mão sobre a sepultura de um dos seus filhos. Ali, de certo lhe esquecem as pompas e as vaidades de sua brilhante mocidade. Aquelle cômoro de terra separa esta mãe das gloriosas presumpções da irmã do fastuoso litterato, da formosa que o principe dos folhetinistas francezes recordava vinte e sete annos depois com as calorosas expressões de uma saudade que parece o reflexo do amor. Que tem que ver no cemiterio da Foz aquella Nióbe com a sua belleza preconisada em París? Ai! formosura! flor de um dia, queimada pelo giar de uma noite! E tu, talento! flamma explendente que mais nos cerras a escuridão, quando nos não alumias a vereda por onde o infortunio nos assalta! Ó santa de todas as dores de mulher que é mãe! quem saberá contar as cruzes do teu calvario? quaes almas, se quer, se inquietam, pensando o que foste, o que és, e que paragem final te assignalou o destino!

*

«Meu caro Basto, releva ao teu amigo de dezeseis annos o vir elle dizer dos teus infortunios em face de uma gente que os ha de ler por ser isto em folhetim e ageitado á guiza de romance. Quando entrei n'esta vida dolorosa das letras, achei-me comtigo. Achei-te n'este tormento de Sisipho e ahi te vejo ainda agora a rolar o penedo. Se ás vezes paras um instante na ladeira é para contemplares como a estupidez e a infamia trazem avassallados os fiscaes da republica, e como elles galgam arreiados de placas e fitas, emquanto tu vaes descendo á margem do rio da morte, olhando em ti, e antevendo proximo o dia em que não terás um pão para repartir com tua familia. Ha trinta annos que esperas e trabalhas por affecto á patria e por forçada violencia de operario d'esta galé. Deves ter desmaios de angustia quando em ti reparas e não vês homem que possa dizer-te: «Soffri e lidei tanto como tu, e recebi dos governos do meu paiz a retribuição de igual desprezo.» Lucta, meu amigo; e, quando mais não poderes, vinga-te morrendo como o soldado do padre Vieira, e vae saber nos segredos da divina Providencia que mal devias fazer á patria e aos teus concidadãos para que elles te beneficiassem.

«Lisboa, 14 de julho de 1863».

***

Ora, como em 30 de setembro d'este anno se suicidasse, no Porto, com um tiro, a minha *Formosa das violetas,* pareceu-me apropositada a ampliação e complemento do meu folhetim de 1863.

Elisa Weimar nasceu em París em 1805. O barão Nemi Loeve-Weimar, seu pae, era allemão, oriundo de israelistas. Exercêra funcções importantes na côrte de Luiz XVIII. Em 1814, quando o exercito prussiano infestou o territorio francez, a familia Loeve-Weimar retirou para Hamburgo. O futuro nacionalisador de Hoffmann seguiu alguns annos a carreira commercial; depois, apostatou do judaismo, converteu-se á fé catholica, e regressou a París, ao mesmo tempo que m.elle Elisa foi completar em Londres a sua educação litteraria.

(Estas linhas biographicas é o *Dictionnaire de la conversation,* edição de 1862, que m'as dá, no artigo *Loeve-Weimar.)* Conhecedor dos idiomas e litteraturas do norte, o moço escriptor alistou-se vantajosamente de par com os litteratos de mais voga. Entrou seguidamente na redacção do *Album,* da *Revue encyclopedique* e do *Figaro.* Muitos livros allemães desconhecidos em França trasladou-os elle com estylo seductor; e da litteratura d'Alem-Rheno publicou em 1826 um compendio. Traduziu depois, com excellente exito, romances de Vander-Velde, *contos* de Zschokke, de que auferiu renome e dinheiro a granel. Na *Revista de París,* cujo fundador foi, publicou novellas e artigos de esthetica. Em 1830 substituiu no *Tempo* o celebrado Imbert na redacção dos folhetins theatraes, e excedeu-o na graça mordente e na dicacidade engenhosa. A pujança do critico era tal que um emprezario e director da opera lhe deu sociedade nos lucros do theatro, a fim de o amaciar e polir com o atrito do oiro. «É inutil acrescentar, diz o biographo, que, no conceito do folhetinista o modo como era dirigida a scena lyrica não deixava nada a desejar».

Volvido um anno, solicitou-o a *Revista dos dois mundos* para escrever a «chronica politica.» N'esta ardua missão houve-se com rara fortuna e dexteridade, flagellando os personagens mais graduados. Os ministros galardoaram-lhe a satyra, enviando-o diplomaticamente á Russia com uma missão temporaria e especial ao imperador Nicolau.

Esta enviatura accresceu ás despezas dos negocios estrangeiros 60:000 francos annuaes. Era cara a mordaça. Regressando a París, foi nomeado consul de França em Bagdad.

A revolução de 1848 esbulhou da brilhante posição o apostata da republica mal rebuçada; quando porém Loeve-Weimar chegou demittido a París, já a reacção vingou repol-o na diplomacia, indemnisando-o da injustiça com o consulado geral de Caracas (America do Sul). Chegado á capital da republica de Venezuela, Loeve-Weimar, receando a febre amarella, pediu licença e veio a París re-

[1] Illido d'este escripto a porção ressabiada de politica, e por isso descabida n'este periodico de *Artes e Letras.*

querer a transferencia para o consulado geral de Lima, que lhe foi dado.

Preparava-se para a viagem quando a morte o arrebatou em París no dia 7 de novembro de 1854.

Acrescenta o biographo em phrases pouco nechrologicas: «A morte é de crer que o apanhasse com as madeixas encaracoladas em papelotes; porquanto o seu trajar, o apontado da sua pessoa, e mormente os esmeros que punha na sua cabelleira loira, lhe haviam sido a constante preoccupação da vida. A tal respeito, se conta que o primeiro dividendo que recebeu na empreza lyrica, empregou-o na compra de um vestido completo de velludo escarlate lavrado que lhe custou 25:000 francos. É o que faria, nem mais nem menos, uma *lorette!* Não custa, pois, a crer que elle, sempre narcisando-se e sempre *rapaz,* acabasse, já em annos outoniços, por esposar uma estrangeira rica. Luiz Filippe fizera-o barão. Um dia, deu-lhe na venêta de abrir o seu brazão de fresca data em um manto de arminho com a corôa de duque; fez-se, pois, *enducalisar,* mediante dinheiro, pelo governo hespanhol. Afóra as obras já referidas, deixou *scenas contemporaneas,* publicadas com o pseudonymo de *Comtesse de Chamilly.* O livreiro Ladvocat tambem imprimiu em 1840, sob o titulo homerico de *Népenthès,* uma selecta dos seus artigos de jornaes e revistas».

Um dos admiradores mais exaltados de Loeve-Weimar foi o insigne Philarète Chasles, professor do collegio de França, ha pouco mais de um anno fallecido, com reputação europea. Nos seus *Estudos sobre a Allemanha no* XIX *seculo,* publicados em 1861, recorda-se de Loeve-Weimar, no capitulo intitulado *Os tres magos do norte.* Um dos tres magos era o nacionalisador de Hoffmann.

São estas approximadamente as palavras de Philarète Chasles: «...Vêde-me este personagemsinho[1] franzino e loiro, gracioso e fino, melodioso e sardonico, taful, garrido, esbelto, refinadamente casquilho. Casou romanticamente. Assim casavam quasi todos os litteratos do nosso tempo. É Loeve-Weimar, aquelle que escreveu o *Népenthès,* e escreveu na *Revista dos dois mundos* com o doutor Véron, Charles Nodier e comigo. Acabou por ser em Bassora ou Badgad não sei que sultão oriental bochechudo, pantafaçudo, enojado, somnolento e amodorrado. Este pintalegrete, este chasqueador, aliás amabilissimo, que foi o adail, o porta bandeira do motim litterario de 1815, não nascera para contemplações absortas nem aventuras grandiosas. O salão do seculo XVIII era a mais frizante moldura da sua vida e o theatro que mais lhe quadrava á indole. Procedia de Champfort, de Champcenetz e de Cazzotte. Tinha o desempeno social, o conhecimento dos homens, a flexibilidade, a solercia. Como *Congréve,* pavoneava-se de não ser homem de letras. Arreda! Não que a tinta suja os dedos...

«Delatouche introduzira Hoffmann, e Loeve-Weimar nacionalisara-o francez. Loeve arregaçou os punhos, adelgaçou-lhe as grosserias, recoloriu as cores dubias, encurtou as demasias, illidiu os destemperos, amenisou as asperezas e recompoz, sob pretexto de versão, um novo Hoffmann, que deu brado em París. Inventou-se então uma palavra para tamanho exito: o *fantastico*... A França morreu de amores por Hoffmann falsificado por Loeve e apregoado por Koraff......»

***

Ahi está o que sei do irmão da suicida.

Esta senhora, quando eu a conheci em 1849, denotava ainda uns traços esmaecidos de belleza rara. Representava trinta e cinco annos, tinha quarenta e quatro e redigia uma folha em francez, cujo titulo me esqueceu. Collaborava n'esse semanario ameno o consul de França mr. *d'Estrées,* que pereceu no naufragio do vapor *Porto,* em 1852. Eram tres os seus filhos, lindos e loiros como ella e como o pae. Gonçalves Basto havia sido um homem gentilissimo. Dava ares de inglez, e nascêra em Cabeceiras de Basto, onde florece uma raça de homens celtas ou turdetanos esculpturaes, e de mulheres fortes, raça callaica, as quaes sobejam ás exigencias musculosas da estatuaria.

N'aquelle tempo, ouvi dizer que a paz domestica do proprietario e collaborador do *Nacional* não era invejavel. De feito, Gonçalves Basto alimentava-se nos *restaurantes,* desculpando a irregularidade insalubre e estouvanada d'este viver parisiense com a faina jornalistica.

Elisa era mãe extremosa. Quando lhe morreu o terceiro genito, a creança mais angelical que ainda vi — uma menina de nove annos, — a mãe, n'um impeto de desvario, fugiu para a Foz com os outros dois filhos, e alfaiou elegantemente uma casinha contigua ao cemiterio, que então se andava construindo. Uma das primeiras lapides que alli se assentaram cobriu o cadaver de um dos dois filhos. Este menino, se bem me recordo, era afilhado de Lamartine.

Visitei com frequencia esta senhora n'esse anno de lucto e desesperação. Era solidamente instruida. Lia os livros portuguezes com rara intelligencia. Achava os romances peninsulares fastidiosos como a *Côrte na aldeia* de Rodrigues Lobo. Dizia que nós apenas tinhamos um céo azul com uma bonita lua, e na terra muitas flores e ribeiros cristalinos que nos inspirassem; mas que o romancista carece de sociedade viva, com as suas boas e ruins paixões. E accrescentava que Portugal era geographicamente obrigado a ser um alfobre de lyristas.

Mostrou-me o seu album de authographos. Os mais preciosos dera-lh'os o irmão, que se carteára com parte dos seus contemporaneos illustrados. Tinha-os de alto valor historico, escriptos por Maria Antoinette, por Luiz XVI, por Chateaubriand, por mad. Staël, pelos estadistas das grandes tradições. A sua livraria era pequena, e quasi toda ingleza. Não sabia o allemão; tencionava porém estudal-o, quando serenasse a tempestade que ainda rugia á volta da sua alma articulando-lhe os nomes dos filhos. Foi ella quem me deu o *Adolpho,* romance de Benjamim Constant, e me disse: «Leia-o emquanto lhe póde ser proveitoso.» Li-o, e não aproveitei nada, nem ella que o lêra tres vezes. Os livros nada ensinam na alçada do coração. A experiencia, sim; mas a lição vem tarde. Quem ensina tudo é a velhice. Ainda bem, se nos salva dos espectaculos do riso, e nos tira o pincel do bigode.

Henri de Weimar Basto, o filho primogenito, quando frequentava distinctamente a escola polytechnica, e auxiliava o pae traduzindo o *Times,* morreu tisico aos desoito annos de idade, nos arrabaldes de Lisboa.

Fez-se então o crepusculo da noite infinita na razão de Elisa Basto; a treva, todavia, condensou-se vagarosamente, porque a intelligencia reagiu com as suas poderosas energias á paixão que a dementava. Principiou a estudar o idioma germanico de tão frenetico modo que alli mesmo denunciava o desconcerto do seu espirito. Gonçalves Basto raras vezes a visitava. Depois da morte do ultimo filho, deslaçaram-se de todo os froixos vinculos que os ligavam. Encontravam-se n'aquelle filho os dois amores dos corações divorciados; era de ambos aquelle ser querido, e disputado á competencia de caricias. Morreu o incentivo, apagou-se a luz que ainda lhes mostrava ao longe a saudade na penumbra do passado amor: a pe-

[1] Julio Janin pintou-no'l-o *corpulento.* Modos de ver; mas mad. Elisa Loeve-Weimar disse-me que seu irmão era de baixa estatura.



VINCI pinx.t A. H. PAYNE sc.

LA CŒNA DOMINI.

Editores Rolland y Semiond Lisboa.

dra que o cobriu abafou tudo o mais; — acabaram alli com elle todas as recordações e esperanças. D'ahi em deante cada qual habitava sua casa; ella na Foz, e elle na rua 29 de Julho.

Entretanto, Elisa pernoitava sobre os lexicons allemães, e decifrava a traducção biblica de Luthero. D'este afanoso estudo tenho á vista a prova no fragmento de uma carta que me ella escreveu por esse tempo. Eu tinha publicado um folhetim de má prosa ácerca dos *Proverbios* e *Cantares*. Dos *Proverbios* extrahira eu estes periodos dos capitulos 12.º, 14.º e 15:

A mulher deligente é a corôa de seu marido; e a que obra coisas dignas de confusão far-lhe-ha apodrecer os ossos.

A saude do coração é a vida da carne; a inveja é a podridão dos ossos.

A luz dos olhos alegra a alma; a boa reputação engorda os ossos.

Isto, bom ou máo, está assim, em osso, nas versões biblicas portuguezas; porém, a illustrada e talvez religiosa dama, accudindo pelo siso do poeta hebreu, arguiu de paraphrastica e cavilosa a minha interpretação, e corrigiu-a nos seguintes termos:

...... *La meilleure, la plus exacte, la plus élégante traduction de la Bible c'est la traduction allemande de Martin Luther. Hors voici, mot pour mot, les versets que mr. C. C. B. a cité «La femme déligente est la couronne de son mari, la nonchalante est l'ulcère de son corps*[1]».

Un bon cœur est la vie de la complexion (constitution du corps); *l'envie est l'ulcère des os.*

Un cœur joyeux rend la vie agréable; mais une humeur sombre desséche le corps.

Une visage amicale rejouit le cœur, une bonne renommée engraisse le corps.

Le langage affectueux est du miel qui conforte l'ame et rafraichit le corps.

Na verdade, o monge augustiniano, vertendo para *corpo* o que OS SETENTA *ossificaram* desgraciadamente, expungiu dos versiculos a parte piccaresca. Bom foi isso.

***

A demencia de Elisa Weimar manifestou-se n'um lance que, a não ter a irresponsabilidade da loucura, seria o maximo desdouro — uma catastrophe moral. Foi ella pessoalmente delatar á auctoridade civil que seu marido e outras pessoas conjuravam contra a dynastia e elaboravam tramas sanguinolentos nos subterraneos da officina do *Nacional*. O magistrado, como se a respiração da mentecapta o contagiasse provisoriamente, lançou inculcas, adestrou espias, afuroou certas luras onde os conspiradores poderiam alapardar-se. Afinal relaxou-se um pouco, confiando a sorte da dynastia ás fatalidades indeclinaveis do destino.

D'outra vez, a deploravel senhora, quando o meu querido amigo José Cardoso Vieira de Castro era já fallecido em Loanda, denunciou ao administrador do bairro de Cedofeita que, em casa de seu marido, estava escondido Vieira de Castro, fugitivo de Angola, onde, de accordo com as auctoridades, dera morto por si. Esta denuncia foi desprezada com bastante admiração minha. Varias pessoas me disseram por esse tempo que Vieira de Castro passeava vivissimo na America ingleza; não seria pois absurdo fazel-o viajar até casa de Gonçalves Basto, na Ramada Alta.

N'esta visualidade de Elisa ha uma coincidencia memoravel. Na casa que ella indicára como escondrijo do condemnado, hospedara-se Vieira de Castro com sua senhora, quando chegaram a Portugal. Morava então alli seu irmão Antonio. No anno seguinte, foi habital-a Gonçalves Basto, attrahido pela belleza do sitio e prazeres da jardinagem em que se occupava todas as horas vagas dos seus lavores de escrivão de fazenda.

Aqui viveu tres alegres annos o fatigado lidador do jornalismo, cultivando flores, morangaes, parreiras, e fabricando elle mesmo, na qualidade de lagareiro, o seu vinho, com que, no estio, deliciava os hospedes.

N'esta innocencia de patriarcha, o assalteou um dia a esposa, ao cabo de nove annos de divorcio, intimando-lhe que sahisse d'aquella casa que era d'ella. O fleumatico marido enfardelou alguns objectos de primeira necessidade e mudou-se, como quem foge. Tinha juizo. Aquella visão etheria de J. Janin, olorosa de violetas, recendia agora á polvora e phosphoro dos rewolvers, desde que o rapazío da Foz lhe pegou de apupar as abas amorphas e infinitas de uns chapéos de palha mastreados de escomilhas variegadas.

Magôa-me verdadeiramente desfazer algum tanto na sentimentalidade com que, em alguns periodicos, se lastimou a miseria de Elisa Weimar. Vi escripto que a suicida experimentára as agonias da fome, da casa sem aconchego, do desamparo dos indigentes. Não é exacto isto. Ha de haver quatorze annos que ella foi a París instaurar um pleito sobre a herança de seu irmão. A acção intentada terminou por conciliação, lucrando a irmã de Loeve-Weimar uma pensão annual e vitalicia de 3:000 francos. Além d'isso, recebia 18$000 réis mensaes que lhe dava o marido. 750$000 réis bastariam ao decente passadio de uma senhora com mediano entendimento para governar-se; porém, se os proprietarios dos predios que ella habitava recorriam ao expediente das penhoras, é por que mad. Elisa Weimar não pensava normalmente ácerca dos senhorios; ou, no estado informe das suas idéas embaralhadas, não podia conciliar as obrigações impostas pelo codigo civil, no artigo 1608, que resa: *O arrendatario é obrigado a satisfazer a renda*, etc.

De mais a mais, esta senhora presumia-se muito rica e muito perseguida pelos jesuitas — talvez reminiscencias delirantes da familia do general Simon de E. Sue. Á volta do Porto, reputava propriedades suas, rusticas e urbanas, as campinas mais ferteis e os *chalets* mais imbrincados. Afóra isto, dava-se como directa senhora e emphiteuta de terrenos na Foz e outros pontos convidativos a edificação. De modo que, se lia no *Primeiro de Janeiro* ou *Commercio do Porto* o annuncio de uma propriedade á venda, no dia seguinte contra-annunciava que a propriedade era sua, ainda mesmo que a não tivesse arrolado no tombo imaginario dos seus haveres litigiosos. Aqui ha mezes, replicando a um d'esses contra-annuncios, um padre que se dizia procurador do meu amigo Custodio Teixeira Pinto Basto, allegou, na imprensa, que a sr.ª D. Elisa Loeve-Weimar estava enganada; pois que os predios quintas e chãos, que ella reputava seus, eram indisputavelmente do seu constituinte o sr. Pinto Basto. Em resultado d'este desmentido, *assignado por um padre*, me escreveu mad.me Elisa confirmando-me na guerra que os jesuitas lhe moviam, avençados em espolial-a porque era protestante e estrangeira desprotegida das auctoridades portuguezas. Em virtude do que me rogava que sahisse em sua defeza e lhe communicasse os alvitres a seguir mediante cartas que, a uma hora determinada, eu devia introduzir pela fresta de uma das suas janellas ao rez do chão, visto que a sua correspondencia lhe era subtraída no correio pela companhia de Jesus.

Ás vezes, parava na rua, e detinha-se a examinar a frontaria de um predio. A final, recordava-se que era um

[1] Traslada a versão de Luthero correspondente a cada verso.

dos seus, entrava no pateo, sacudia rijamente a campainha, e fazia saber ao morador que estava ali a senhoria para ver se eram precisas obras na sua casa. Era inoffensiva; mas não deixava de ser incommoda esta maneira de doidice.

Ha quatro annos ainda, vestia-se singularmente. Quando a saia era azul com requifes encarnados, o corpete era branco, e verde o filó do chapéo. Gostava muito do vestido de velludo preto e botinas brancas. Os transeuntes paravam descaridosamente a rir, e ella passava, triste e solemne como a desgraça n'um baile de carnaval. N'estes dois annos derradeiros, trajava menos que modesta, pobremente, um capotilho côr de castanha, apresilhado na cintura, e um chapéu campestre de palha côr de bronze. Não erguia os olhos, nem correspondia aos cortejos, quando algum raro encontradiço com memoria e coração reconhecia, n'aquella mulher encaneeida e trôpega, a esbelta e irrequieta franceza de ha trinta annos, e machinalmente se descobria como se faz a um esquife coberto de crepe e assignalado por uma cruz amarella.

***

José Joaquim Gonçalves Basto, no fim do anno passado, alegrou a minha mesa com a sua jovialidade, com as suas heroicas faculdades digestivas. Estava comnosco Placido de Freitas Costa, um galhardo espirito com todas as graças petulantes dos rapazes de 1850. Não tem ainda trinta annos, e protesta contra o marasmo dos homens da sua geração — uma gente que tem o coração em modôrra e a alma anhelante no dominio de quatro inscripções.

Não havia ahi distinguir entre os dois na competencia de festivas rapaziadas. Alta noite, saíram de braço dado, percorreram os theatros e passearam as ruas até ao romper da aurora. Gonçalves Basto perfizera setenta annos n'esse mez. Ao outro dia, Placido de Freitas dava um jantar ao decano da imprensa portuense no *Hotel do Louvre*. Os commensaes eram todos rapazes e alguns estrangeiros. Gonçalves Basto brindava-os nas suas linguas, e as risadas estrondeavam quando elle salgava os discursos com as facecias que se usam lá fóra nos lautos banquetes britanicos em que o corpo, mais debil que o espirito, resvala para debaixo da mesa, e todo homem se fica então parecendo com Horacio ou Numentano a ressonar no triclinio.

Dois mezes depois, estando eu enfermo, disseram-me que José Joaquim Gonçalves Basto adoecera, pela primeira vez na sua vida. Ao outro dia, mandei saber como passára a noite. Tinha morrido ás cinco horas da manhã.

***

A viuva, participando-me que seu marido era defuncto, relatava o caso tão glacialmente como se historiasse o trespasse do seu quinto avô. Todavia, tinha maguados toques o seu estylo quando o arguia de ter deixado hypothecadas fraudulentamente as propriedades em beneficio de varias mancebas.

A falta do marido, que para ella representava quatro libras mensaes, com toda a certeza não auctorisa a hypothese da pobreza. Os numerosos e extensos annuncios que publicava, em resalva das suas propriedades, eram pagos. Visitava as livrarias e comprava livros. Tinha uma casa decentemente trastejada, e servia-se com creados a quem pagava, não os confundindo talvez com os senhorios.

Quando o proprietario da casa lhe enviou mandado de despejo e sequestro no dia ultimo de setembro, Elisa Weimar fez trancar as avenidas. N'esse momento, a sua alma aterrada pelo estrondo dos esbirros que arrombavam as portas, estremeceu e... acordou. Eis o momento da lucidez! Ao cabo de seis annos de demencia, relampagueou-lhe na rasão o fulgor de um corisco; e então, vendo-se desgraçada e ridicula, matou-se.

***

Adeus, minha «formosa das violetas!» O teu Julio Janin, o teu cantor, quantos te amaram e admiraram são já mortos, desde Henri Heine até Philarète Chasles. Como devias morrer antes da velhice, a tua alma sempre juvenil desamparou-te; e emquanto ella gemia nos cyprestaes do *Père-la-Chaise* a cada sahimento dos teus amigos da mocidade, o teu corpo inerte e estupido immergia no pesadello das sonhadas riquezas! Ías ser atirada aos apódos das turbas, e levada pela policia á caverna das doidas, quando a tua alma regressou nas suas azas de luz, radiou por sobre a área negra da tua suprema desgraça, e ahi te alumiou o suave reclinatorio da sepultura. Era a hora bemdita ou maldita da morte. Abraçaste-a. Descanças. Em uma das tuas cartas me escreveste ha vinte annos, estas palavras de Balzac: *Cada suicida é um poema sublime de melancholia...* Adeus! quando eu souber onde a caridade te enterrou, irei levar-te um ramo de violetas.

Coimbra, 11 de outubro de 1875.

C. CASTELLO BRANCO.

A CEIA

De Leonardo da Vinci

Entre os homens extraordinarios, marcados para os destinos superiores, que attestam pelos milagres a missão sobrenatural que lhes foi incumbida, figura um italiano, d'essa famosa familia dos pintores do seculo XV.

É bello, vigoroso, elegante, dotado de uma força herculea, eximio em todos os exercicios da esgrima, da equitação e da gymnastica. Conhece perfeitamente as mathematicas, a anatomia, a philosophia, a litteratura, a musica. É poeta e em um dos seus sonetos exprime esta formosa maxima que os biographos dizem ser a norma da sua vida e a lei do seu caracter:

Vogli sempre poter quel che tu debbi.

Elle mesmo escreve ao duque Ludovico Sforce: «Em tempo de guerra estou habilitado para empregar novas machinas, pontes, peças, bombardas, apparelhos e utensilios de artilheria, invenções de que sou auctor. Em tempo de paz tenho competencia na pintura, na esculptura, na architectura, na mechanica, na hydraulica».

Construe o canal de Mortezana. Apresenta um projecto, que só dois seculos mais tarde se devia realisar, da navegação do Arno desde Florença até Piza. Fertilisa o solo da Lombardia com um magnifieo systema de irrigações. É engenheiro em chefe dos exercitos de Cesar Borgia. Leão X e Francisco I estimam-o e admiram-o. Funda a Escola Milaneza. Descobre o segredo do claro-escuro. Introduz no desenho a correcção anatomica que Miguel Angelo aprende com elle. Introduz na côr o calor intenso que torna ardente o halito das suas apaixonadas figuras. Escreve um curso completo de physica, de hydraulica, de anatomia, de pintura. Faz musica e faz versos. Cultiva igualmente a sciencia e a arte. Estuda, observa, analysa, collige, compara, descobre, construe, edifica, escreve, pinta, esculpe e grava. Em todas as manifestações do espirito se exerce a sua actividade. Em todas as vi-

ctorias da intelligencia e da vontade se prova a sua força. Engenheiro, architecto, geologo, critico, poeta, cavalleiro, artista, philosopho, cumpre na terra o mais completo destino que póde ter o homem: abrir a fonte, plantar a arvore, erguer a casa, inventar a arma, escrever o livro, gravar o bronze, esculpir o marmore, pintar a téla.

Diz á terra: floreçe. Diz á agua: brota. Diz á pedra: edifica. Diz ao ferro: defende-me. Diz ao bronze: falla. Diz ao marmore: respira. Diz ao sol: embebe-te no meu pincel. Diz ao espirito humano: eleva-te nas minhas azas.

E a natureza inteira, a creação toda, o corporeo e o incorporeo, o animal, o vegetal, o mineral obedecem á voz d'este homem e cumprem o que elle lhes ordena. A sua mão extrahe do solo arido e esteril as florestas, as varzeas, as campinas, os fenos cegados pelas ceifeiras, as pastagens manchadas pelos rebanhos, os prados em que as grandes vaccas olham tranquillas e saciadas. Os rios torcem o seu curso para o acompanharem. As pedras convertem-se ao seu mando nas airosas pontes, nos grandiosos aqueductos italianos. Do bronze e do marmore irrompem as estatuas. Nas laminas de cobre fixam-se as *aguas fortes*. Debaixo do seu pincel resurgem immortalisados os homens e os deuses.

Cada um dos santos do calendario desejou certamente mais por amor de Deus, mas todos os santos do calendario juntos não fizeram tanto por amor dos homens. Falta-lhe o altar onde nos ajoelhemos agradecidos deante da canonisação da sua obra. Mas o seu grande esforço individual, a somma do seu trabalho cumprido bastaram para lhe conquistar a eterna gratidão humana e para transmittir através dos seculos, de geração em geração, sempre moderno e sempre actual, o seu nome, imperecivel como um astro essencial no systema do universo, e não ha finalmente ninguem que não conheça Leonardo da Vinci.

O quadro da *Sagrada ceia,* pintado n'um muro do refeitorio do convento de Santa Maria, de Milão, d'onde Francisco I o quiz transportar para França com a parede que o continha, quadro reproduzido por um desenho de Rubens, por uma gravura de Morghen e por immensas copias de todos os pintores a fresco, a oleo e em mosaico, é geralmente considerado como a mais admiravel obra produzida pela arte.

É n'uma d'essas salas em que se celebravam os banquetes de familia e a que os romanos chamavam o *cenaculo*. As janellas abertas deixam ver o dia, a doce paizagem longinqua, o tranquillo azul infinito do céu, do qual destaca como de uma aureola a figura amante, carinhosa, ineffavel, divinal, de Jesus. Em volta d'elle grupam-se os apostolos nas attitudes e nos gestos mais nobres, mais simples e mais elevados a que se presta o rosto e a estatura humana. Celebra-se a Pascoa, commemora-se a servidão do Egypto. Repartiu-se o pão azymo. Correu de mão em mão o calice mystico. Jesus então profere magoadamente a simples phrase prophetica: *Um de vós me ha de trahir.* É esse o momento expresso pela acção do quadro. Os convivas todos replicam, protestam, justificam-se, uns com magoa, outros com submissão, outros com energia. Todas as figuras, ainda que nas posições mais diversas, parece serem movidas pela mesma corrente, e todas ellas confluem; uma só diverge — a de Judas. Em todos os outros o gesto adeanta-se; em Judas o gesto recua. Todos aquelles braços se movem, se alongam, se estendem; o braço direito de Judas apoia-se fortemente á mesa, o braço esquerdo firma-se no pulso como o de quem receia tremer. Todas as attitudes se inclinam para se approximarem; a de Judas, ligeiramente empinada, mostra a contracção dos musculos de quem prepara o salto como a onça. Todos os outros olhos fallam; os olhos de Judas espiam. Todas as mãos se abrem lealmente; a mão de Judas assustada, nervosa, convulsa, comprime a bolsa como quem procura abafar no coração uma palpitação reveladora. De todos aquelles labios está suspensa uma palavra, uma interrogação, um protesto, uma negativa; na bôca de Judas rigorosamente cerrada está firmado o silencio: dos seus labios sahiria a falsidade se elles se entreabrissem.

Todos os caracteristicos da mentira, os mais difficeis de determinar na expressão e no gesto da figura humana, estão debuxados n'aquelle homem despercebido dos seus companheiros. Os outros patenteiam-se amplamente, á grande luz, como no esplendor do dever e da verdade; só elle está na sombra, na athmosphera do reptil. O espectador olha, e nenhuma hesitação suspende o seu juizo. Aquelles são os homens de bem, sinceramente expansivos: os seus largos gestos honrados contestam, interrogam, denegam, submettem-se ou revoltam-se, mas em todos elles se descobre fundamentalmente a verdade, a tranquilla consciencia do dever e da honra, a imperturbavel lealdade. Este esquiva-se, estremece, hesita, a sua mão treme, a sua bôca contrahe-se, a sua estatura procura agachar-se, deprimir-se, rastejar. Um leve traço, uma tenue depressão, uma divergencia de linha, uma pouca de sombra, basta para o assignalar e para o distinguir de todos os outros. Elle é o fraco, o timido, o cobarde, o traidor. E o contraste entre a figura sombria de Judas e a fronte clara e radiosa de Christo é de tal modo vivo, profundo e humano, que este quadro que se intitula *a ceia,* poderia igualmente intitular-se — *a traição.*

RAMALHO ORTIGÃO.

A SALA DA CAMARA DOS PARES

(Conclusão)

A direita e á esquerda da mesa presidencial, como já dissemos, ficam as duas portas, que dão entrada da galeria para a sala, as quaes, infelizmente, apenas tem a altura de 3^m,90, desde o chão até ao fecho do archivolta. Este defeito, aliás consideravel, foi ainda devido á economia, porque não se quiz elevar mais o tecto da galeria, e portanto as portas ficaram de mesquinhas dimensões com relação á parede, em que se abrem.

As portas, durante as sessões, têem reposteiros de velludo carmezim. As pilastras, impostas e archivoltas, e os grupos, em alto relevo, que as decoram, são de marmore branco-claro de Carrara.

A imposta, que continúa em redor da sala e serve de cornija ao entablamento da columnata, é de pedra lioz, assim como as vinte e duas columnas, que tem 5^m,70 de altura, incluindo as bases e capiteis. Os fustes das columnas são monolythos, e polidos com tanta perfeição que apparentam bem ser de marmore, e são uma amostra da riqueza que o paiz possue n'este genero.

Apresentamos os seguintes pormenores, que nos parecem curiosos:

Peso do fuste de cada columna, 10:845 kilogrammas.

Custo, polimento e collocação de cada fuste, 118$000 réis; custo total dos vinte e dois fustes 2:596$000 réis.

Altura de cada fuste, 4^m,75.

As galerias publicas ficam nos intercolumnios do he-

micyclo; a primeira, reservada, no envasamento, tendo no extremo, á direita da presidencia, a que é destinada ás senhoras: estas galerias tem as bancadas estofadas de velludo carmezim, e o fundo ou parede é de *scaiola*, ou marmore artificial executado, assim como o resto da sala, por scaiolistas francezes, que foram expressamente contratados para este trabalho.

Fica por cima a galeria publica, cujas bancadas são de palhinha. No extremo d'esta galeria, e á esquerda da presidencia, são os logares reservados para as redacções de jornaes e seus stenographos.

As tribunas real e diplomatica occupam toda a altura da columnata, e ficam separadas das galerias publicas, por duas columnas conjunctas; esta mesma disposição se observa no extremo da curva do hemicyclo, que se projecta quasi á frente sobre a parede do fundo da sala.

Nos capiteis das columnas d'estas tribunas vê-se o brazão nacional, são, porém, amesquinhadas pelas sanefas e cortinas de velludo carmezim, que as decoram, mas tão insignificantes que ninguem dirá terem sido feitas para alli.

A ordem architectonica da sala é a composita: o entablamento tem $1^m,30$ de altura, e é supportado por vinte e duas columas — oito correspondentes ás tribunas, e quatorze ás galerias.

No meio do entablamento e em face da presidencia fica um relogio, sustentado por um galo e um mocho, symbolos da vigilancia e da sabedoria.

A composição e execução do relogio são do sr. Calmels, e parece ter sido destinado a ligar-se bem com o entablamento, mas houve a deploravel lembrança de o pintar de côr de chocolate, porventura, para imitar o tom da madeira de cedro do docel; mas se foi assim o tom devia ser mais verdadeiro.

O tecto eleva-se em curva (sanca) sobre o entablamento, e é pintado a claro-escuro pelo sr. Pedro Bordes. Na curva, e em grandes apainelados, que occupam o espaço de dois intercolumnios, estão representados os attributos distinctivos dos differentes ramos da administração publica, marinha, fazenda, obras publicas, guerra, etc., e outros apainelados mais pequenos, que os separam, têem florões. Toda esta decoração produz optimo effeito, e a da galeria exterior da sala, é igualmente do sr. Pedro Bordes, insigne n'esta ordem de trabalhos.

O fundo da sala é dividido em tres partes, por pilastras duplas; na do meio, que é mais larga, fica o docel, e nas duas outras ficam as portas.

As cadeiras e as estantes dos dignos pares occupam a parte circular, em fórma de amphitheatro, com cinco degraus, vindo a acabar na linha do eixo da sala, entre as duas primeiras columnas conjunctas das tribunas, isto é, no ponto onde começa a curva com que se remata o hemicyclo.

A balaustrada, que fica na escada exterior do amphitheatro, é de ferro galvanisado, conforme o processo de mr. Luis Oudrid, de París, e por elle executada. Esta balaustrada, aliás de bom effeito, não harmonisa com o estylo da sala.

A sala recebe a luz por uma clara boia de vidro fosco, vendo-se-lhe gravado no centro o brazão de Portugal. Nas sessões nocturnas é a sala illuminada á maneira do theatro de Chatelet, de París. O lustre mechanico, que tem trezentos e tantos bicos de gaz, fica por cima da claraboia, e portanto não se vê, e a luz coada pelo vidro fosco, é suave e perde o brilho que fere a vista.

A acustica da sala é imperfeita; os sons vocaes tornam-se confusos, e o auditorio muitas vezes perde o sentido dos discursos, cujas palavras lhe chegam aos ouvidos em sons indecisos.

A desharmonia que se nota em differentes partes da sala dos pares, é devida á commissão que dirigiu as obras, a qual, baseando-se na construcção provisoria da sala da camara dos deputados, pretendeu construir um edificio de pedra, como se fôra de madeira e alvenaria; d'aqui resultou, que, por falta de tempo, teve de aproveitar modelos já feitos, para as balaustradas das galerias e do amphitheatro, e mandar executar em París os capiteis das columnas de pedra artificial.

E tudo isto procedeu, finalmente, do erro, mui vulgar, de se suppôr que basta um architecto dar a traça de um edificio, podendo a construcção confiar-se até a um pedreiro, sem se attender a que a perfeição das proporções e a solidez, devem ser estudadas cuidadosamente em cada pedra e em cada taboa ou viga.

Por estes motivos, a par de cousas, realmente sumptuosas, se observam cousas mesquinhas e de mau gosto. De resto, a nova sala da camara dos pares é um edificio digno de ser louvado.

Não sabemos ao certo, quanto se despendeu na sua edificação, parece, porém, que a despeza não andará muito longe de 300:000$000 réis.

V

Reservámos para o fim a descripção da parte verdadeiramente monumental da nova sala dos proceres; referimo-nos ás esculpturas em madeira, do docel, e em marmore, das duas portas: são obras de arte de subido merito, e dão honra aos artistas que as conceberam e executaram.

O docel da presidencia é de madeira de cedro, e mede desde o extremo do manto real, até á cruz sobreposta á corôa, $6^m,50$, e tem de largura $6^m,20$. Compõe-se de duas estatuas colossaes de 3 metros, representando os genios da Realeza e da Justiça, com as azas abertas e os braços estendidos a sustentarem a corôa e o manto real.

Entre os genios, fica o retrato d'el-rei o sr. D. Luiz, pintado pelo sr. José Rodrigues; o escudo real emcima a moldura: o retrato tem $2^m,50$ de alto e $1^m,70$ de largo. É um dos melhores trabalhos do sr. Rodrigues, artista, que conhece, melhor que ninguem, o effeito decorativo dos retratos officiaes, em que é eminente.

A parte superior dos corpos dos genios destaca-se do fundo com a corôa: só os pés, as extremidades das azas, as roupagens volantes, bem como o manto, encostam á parede.

A composição do docel e bem assim o modelo, do tamanho executado, são do sr. Calmels, e a execução é do sr. Leandro Braga. Os jornaes, quando se abriu a sala, attribuiram erradamente ao sr. Braga a composição do docel, quando só lhe pertence a execução.

A obra do docel é magestosa; tem originalidade, e produz um effeito admiravel: as figuras dos genios estão bem modeladas e bem lançadas; as suas attitudes são naturaes. Ao sr. Calmels cabe muita honra pela composição e modelamento, e o sr. Braga tambem merece louvor, pela excellente execução.

Á direita e á esquerda do docel ficam as duas portas que dão accesso á sala, e sobre as quaes se admiram os dois preciosos grupos em marmore, que são o enlevo de quantos entram n'esta sala.

O grupo da porta, á direita da presidencia, representa a Liberdade e o Valor, com o medalhão d'el-rei D. Pedro IV; as figuras, em alto relevo, tem 2 metros de altura. A Liberdade com o seu barrete symbolico na cabeça, e coroada de loiro, veste uma comprida tunica; o pallium passado sobre o hombro esquerdo, deixa-lhe livre

o braço direito, cuja mão está posta, em acção de proteger, sobre a urna eleitoral e segurando a Constituição, na qual se lê este principio, base da nossa organisação politica—«A lei será igual para todos.» A urna fica sobre um pedestal, onde se lê: — *Deus, Direitos—Patria, Deveres.* A Liberdade assenta a mão esquerda na archivolta da porta.

A figura da esquerda representa o Valor, personificado no povo portuguez, o qual com a mão direita offerece a sua espada, e com a esquerda pega na bainha. Esta estatua apoia-se na perna esquerda, tendo a direita cruzada sobre ella. Veste uma tunica curta, cingida por um cinto guarnecido de pregos: sobre a tunica tem a chlamyde e sobre esta a pelle do leão, cuja cabeça lhe serve de capacete, e as patas cruzam-se sobre o peito; aos pés vê-se um clypeum, escudo redondo da infanteria grega.

Estas duas figuras são verdadeiras obras primas de esculptura, mormente o Valor, mui notavel pela correcção e elegancia das fórmas, naturalidade da attitude e formosa expressão da intrepidez altiva e serena, da resolução impavida e da sobranceria no meio dos maiores perigos. É por certo, este grupo, o trabalho que mais honra tem dado ao sr. Calmels, e o de mais elevado merito, produzido n'estes ultimos tempos em Portugal.

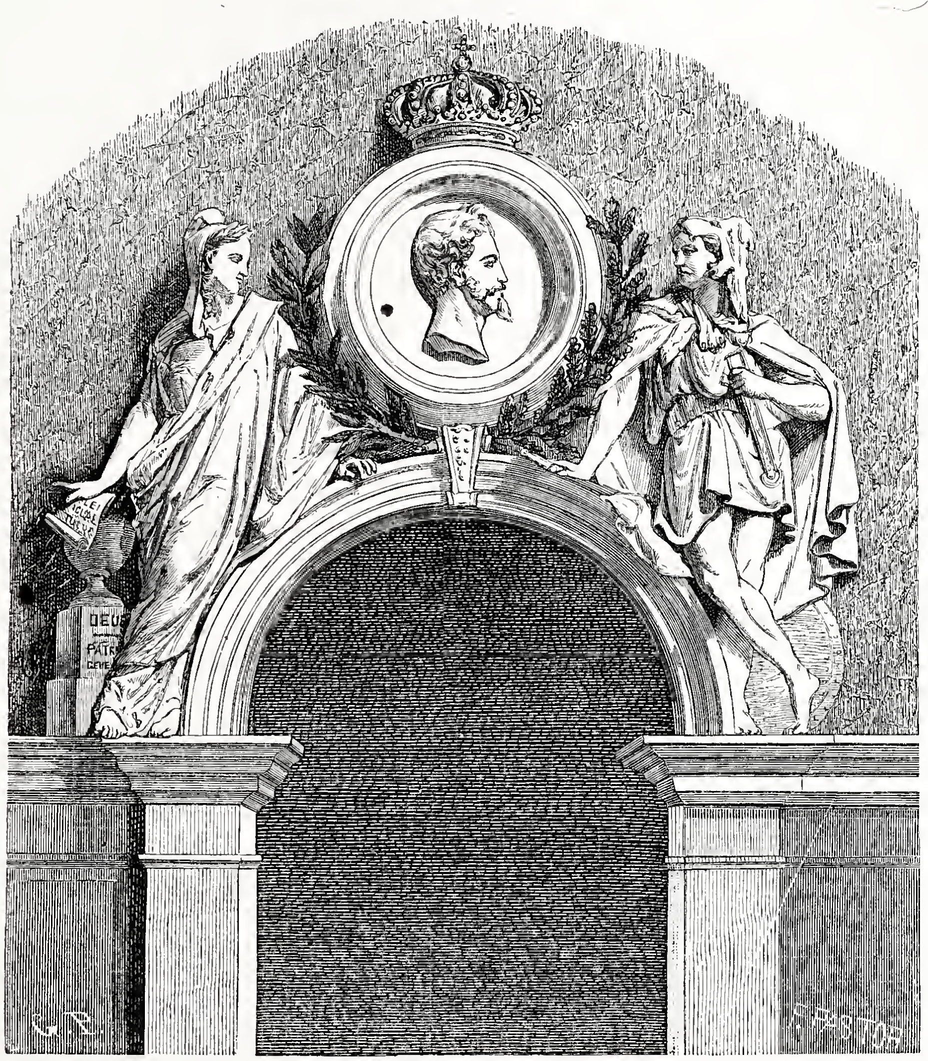
O grupo da porta da esquerda da presidencia, representa a Sabedoria e a Maternidade, com o medalhão da rainha D. Maria II.

A Sabedoria apresenta-se com o capacete na cabeça, apoiada na egide, que assenta na archivolta, e tem um ramo de oliveira.

Do outro lado está a Maternidade; com o braço esquerdo sustenta um menino que amamenta, e com o direito como que ampara outro menino de mais idade, que intenta subir-lhe ao seio para a abraçar. Este grupo, tanto na composição como na execução, ressente-se de alguma pressa, que foi imposta ao sr. Calmels, para o concluir. Todavia é um trabalho de muito merecimento e a figura da Maternidade expressa o sentimento nobre e terno, que lhe é proprio.

Os pés das quatro estatuas assentam na imposta das pilastras das portas; da voluta do fecho da archivolta, sahem dois ramos de loiro e carvalho, que vão circundar os medalhões, e toda esta ornamentação é encimada pela corôa real.

Tanto os grupos como o docel destacam-se sobre o fundo de scaiola, imitando o marmore amarello de Sienne.



Porta da sala da camara dos pares

(Á direita da presidencia)

VI

A camara dos pares começou os seus trabalhos, na nova sala, no dia 3 de janeiro de 1867.

J. RIBEIRO GUIMARÃES.

ESTUDOS PREHISTORICOS EM HESPANHA E PORTUGAL

(Conclusão)



O padre Theodoro d'Almeida na *Recreação philosophica* chama *contos de velhas* ás explicações que davam da formação das pedras de raio, e mostra que não podem ser geradas nas nuvens. Foi mais adiante n'este ponto em Hespanha, pelo mesmo tempo, Marin y Mendoza, o qual na sua *Historia de la Milicia Española,* affirma a existencia das idades ante-historicas.

Referindo-se aos homens primitivos, diz: «Conocidos los estragos que causaba la voracidad del fuego, aprendieron que era poderoso no sólo para exterminar, sino tambien para penetrar y convertir las materias, por cuyo medio hallaron el cobre y hierro. Juzgase que se inventó de estos dos metales, primero el cobre, por ser más facil de labrar y hallarse en mayor abundancia, y asi cultivaban con cobre la tierra, y se encuentran formadas armas de él para pelear, entre los más antiguos guerreros; pero con el tiempo, llegando á experimentar la fineza del hierro, lo prefirieron para la labranza y fabrica de espadas... Es de creer que antes de inventarse el hierro ó que lo supiesen aplicar para los instrumentos de guerra, se ensayasen poniendo en los extremos de los maderos y lanzas, huesos ó pedernales, y lo mismo harian con los cuchillos para cortar, del modo que lo usaban los americanos [1]».

D. fr. Manuel do Cenaculo, n'uma obra inedita, descrevendo as espadas de bronze que appareceram na diocese de Beja, em excavações que mandou fazer, admitte claramente a existencia da idade do bronze, anterior á invenção do ferro, e cita a obra mencionada de Marin y Mendoza [2]. Antecedentemente, em 1733, Martinho de Mendonça de Pina escrevera uma dissertação ácerca das Antas de Portugal, que anda impressa entre as Memorias da Academia Real de Historia.

Mas Eccard e Goguet, no meiado do seculo passado, foram aquelles que primeiro definiram com mais clareza as tres idades ante-historicas da pedra, do bronze e do ferro, o primeiro inquirindo as origens dos germanos, o segundo historiando os progressos sociaes dos povos antigos [3].

Havia porém um grande obstaculo a que esta idéa se vulgarisasse e fosse geralmente acreditada. As ceraunias appareciam em varias camadas da crusta da terra. Ora, se ellas tivessem servido de armas aos homens primitivos, porque não se descobririam tambem e conjunctamente nos mesmos terrenos ossos humanos no estado fossil? Á paleontologia competiria por tanto decidir a questão, mostrando se o homem teria ou não coexistido com a formação dos terrenos, onde aquellas pedras singulares tinham ficado sepultadas. Mas o atrazo e, por tanto, a incompetencia da paleontologia eram taes que já n'este seculo Cuvier, elevando-a á categoria de sciencia, sustentava que nenhuma das descobertas antecedentemente feitas auctorisava a crer na existencia do homem fossil. A reducção do *homo diluvii testis* de Scheuchzer ao genero das salamandras, reducção feita pelo celebre naturalista, depois de ter examinado o pretendido fossil humano, ainda mais o firmou nas idéas em que estava ácerca do recente apparecimento da nossa especie na superficie da terra [1].

[1] Tomo I, pag. 33.

[2] Vida de S. Sizenando e historia de Beja, sua patria. Ms. da bibliotheca publica de Evora.

[3] Historia y progresos de la arqueologia prehistorica por Don Francisco Maria Tubino. Museo español de antigüedades, tomo I, pag. 1 a 21.

É verdade que em 1774 Esper encontrara na caverna de Gailcurenth, na Baviera, ossadas humanas de mistura com esqueletos, evidentemente fosseis, de grandes alimarias antidiluvianas, e differentes de todas as especies actuaes. E alguns annos depois, em 1797, J. Frère achara em Hoxne, no condado de Suffolk, varios machados de pedra juntos com ossadas de animaes igualmente desapparecidos. Mas esses factos, apezar de expressivos e concludentes, não bastavam para destruir a crença geral do vulgo e dos sabios ácerca da origem recente do genero humano.

Achados similhantes, feitos já n'este seculo por Crahay no lœss de Caberg, junto de Maestricht, na Hollanda; por Ami Boué em Lahr, na margem direita do Rheno, defronte de Strassburg; pelo conde Brenner em alluviões da Austria; e finalmente por Tournal e Christol em cavernas da França meridional, todos antes de 1830, não influiram mais do que os outros no animo preoccupado dos naturalistas.

Em 1823, Buckland, celebre geologo inglez, deu á luz uma obra intitulada *Reliquœ diluvianœ* com a descripção da caverna de Kinklake e com a exposição de todos os factos então conhecidos, favoraveis á hypothese da coexistencia do homem e dos animaes antidiluvianos. Mas o desejo que o dominava de concordar as descobertas da sciencia com a chronologia da biblia o impediu de se render á evidencia d'esses factos.

Seis annos depois, em setembro de 1829, tiveram principio os estudos e investigações de Schmerling, que explorou mais de quarenta cavernas nas collinas de calcareo carbonifero da provincia de Liége. Nas muitas excavações que ordenou e dirigiu achou instrumentos de pedra e de osso juntamente com restos fosseis do *mammuth,* do *rhinoceros tichorhrinus,* da hyena e do urso das cavernas. N'algumas lhe appareceram tambem ossadas humanas, e nas de Engis o celebre craneo conhecido por este nome, e que o proprio Schmerling disse assimilhar-se mais aos craneos dos ethiopes que aos dos europeus.

Este incansavel explorador demonstrou, pelas condições em que appareciam os ossos dos homens e dos animaes fosseis, serem todos contemporaneos, e terem ficado sepultados da mesma maneira entre os materiaes que as aguas introduziam nas cavernas, passando pelas fendas estreitas das suas paredes [2]. Lyell accusa os professores da universidade de Liége, collegas de Schmerling, de terem deixado passar um quarto de seculo sem se importarem de attestar a verdade das descobertas que viam fazer; e accusa-se tambem a si proprio de ter passado em 1833 em Liége, sem visitar as cavernas exploradas, estando já então publicado o primeiro tomo da obra em que o illustre professor expunha o resultado das suas laboriosas investigações, e tendo visto com os seus proprios olhos a collecção dos objectos que este descobrira.

Em 1835, Joly, professor do lyceu de Montpellier, achou n'uma caverna da provincia de Lozère o craneo

[1] *Discours sur les révolutions du globe.*

[2] Recherches sur les ossements fossiles découverts dans les cavernes de la province de Liége, par mr. le dr. P. C. Schmerling. Liége, 1833-1834.

de um urso das cavernas com signaes manifestos de ter sido ferido por uma frecha. Em pequena distancia achou tambem um fragmento de loiça com vestigios dos dedos humanos que o tinham moldado. Proclamou o explorador a importancia da sua descoberta, que foi acolhida, como as outras que a precederam, com a mesma commum indifferença.

Por essa época entrou Boucher de Perthes n'aquella grande e memoravel luta, da qual, mais tarde, haveria de saír vencedor da incredulidade e indifferença dos sabios e das academias. Estudando com attenção as camadas diluvianas da Normandia e da Picardia, communicou, durante alguns annos, em diversas memorias á *Sociedade de Emulação* de Abbeville os seus importantes descobrimentos. Datam de 1842 as primeiras communicações de Boucher de Perthes á academia das sciencias de París, e de 1846 a primeira impressão do livro com que pretendeu divulgar as suas idéas respectivas á antiguidade do genero humano[1].

As explorações em que Boucher de Perthes andou associado a innumeros operarios, a quem soube communicar o interesse e até o enthusiasmo que o animava, fizeram-se, pelo espaço de muitos annos, em varios terrenos diluviaes, entre outros nos de Saint-Acheul, Saint-Roch-lès-Amiens, Hôpital, Moulin-Quignon e Menchecourt-lès-Abbeville. Depois de ter colligido muitos productos da industria humana e muitos fosseis antidiluvianos que provavam a antiguidade do terreno, é que escreveu e em 1846 imprimiu o seu livro da *Industria primitiva,* que apresentou á Academia das sciencias de París, em agosto de 1846. A Academia nomeou uma commissão que, apezar de todas as instancias de Boucher de Perthes, não chegou a ir a Abbeville nem a fazer qualquer exame para confirmar ou destruir as suas asserções. Elle porém não descançou emquanto não resolveu alguns sabios auctorisados a irem observar os terrenos explorados e sanccionar os descobrimentos que n'elles se tinham feito. Estes visitantes, posto que, pela maior parte, predispostos contra a opinião defendida por Boucher de Perthes, sahiam de Abbeville convertidos. Tal era a evidencia dos factos que alli verificavam.

Em 1859 alguns geologos inglezes, os srs. Falconer, Prestwich, Evans, Godwin, Austen, Flower e Mylne começaram a visitar uma e muitas vezes Abbeville, e a acreditar em Inglaterra as descobertas de Boucher de Perthes. O proprio Lyell fez tambem a peregrinação, e, de impugnador que era, tornou-se estrenuo defensor da opinião d'aquelles que julgam o apparecimento do homem, na terra, anterior á ultima época geologica.

No anno de 1860 a sociedade de anthropologia de París examinou alguns dos objectos descobertos em Abbeville, e o resultado de uma discussão em que tomaram parte os srs. Castelnau, Baillarger, Broca, Bertillon, Trélat, Verneuil, Lagneau, G. Saint-Hilaire e Pouchet foi favoravel a Boucher de Perthes.

Conseguiu este em 1863 fazer acceitar pelo Estado a offerta do seu museu, constituido principalmente com os objectos encontrados em Abbeville. A acceitação da offerta, antecedentemente rejeitada, provava já que a França começava em fim a fazer justiça aos trabalhos e á dedicação do infatigavel explorador.

N'esse mesmo anno descobriu-se pela primeira vez em Abbeville um osso humano fossil, o que anteriormente não tinha sido possivel. Na pedreira de Moulin-Quignon appareceu a celebre maxilla conhecida por esse nome. Examinou-a o sr. Quatrefages, e apresentou na Academia das sciencias um parecer em que a reputava authentica e, por tanto, um fossil humano.

Mas, coisa notavel! ao passo que os naturalistas francezes se convertiam e principiavam a pôr os factos acima da auctoridade de Cuvier, os geologos inglezes tomados de subita desconfiança, suscitada talvez pela força da opinião publica que em Inglaterra se proclamava adversa ás novas idéas, reconsideravam, pelo menos alguns, e, depois de terem proclamado a veracidade das descobertas de Boucher de Perthes, entraram em 1863 a impugnar não sómente os factos anteriores, mas tambem a authenticidade da maxilla recentemente descoberta. O proprio Falconer, outr'ora ardente pregoeiro das novidades de Abbeville, escreveu ao Times, em seu nome e no de muitos dos seus compatriotas que o tinham acompanhado áquella cidade, confessando que todos se tinham enganado, que todos tinham sido illudidos por uma fraude que então sómente reconheciam.

Agora, pois, mudadas as scenas, eram Quatrefages e outros sabios francezes que sustentavam contra os inglezes serem realidades e não falsificações os celebres descobrimentos de Boucher de Perthes. De tal discordancia resultou uma conferencia entre os srs. Delafosse, Daubrée, Hébert, Gaudry, Buteux, abbade Bourgeois e A. Edwards por parte da França; e Falconer, Prestwich, Carpenter e Busk, todos membros da sociedade real de Londres, por parte da Inglaterra. Foram eleitos presidente o sr. H. Milne-Edwards e secretario o sr. Delesse.

Em maio de 1863 os conferentes reuniram-se por tres vezes no Museu de historia natural. N'estas tres sessões, pelo exame das pederneiras e da maxilla, julgaram os inglezes achar novos indicios contra a authenticidade de taes objectos. E, como parecesse impossivel chegarem a algum accordo, resolveram apresentar-se de repente em Abbeville, para fazer uma inquirição scientifica nos logares explorados, e resolver assim cabalmente, e de uma vez para sempre, as duvidas occorridas em Inglaterra ácerca dos descobrimentos de Boucher de Perthes.

Tomada esta resolução no dia 11 de tarde, logo no dia seguinte os sabios francezes e inglezes se apresentaram, sem que ninguem os esperasse, em Abbeville. O sr. Milne-Edwards redigiu e enviou á Academia das sciencias de París um relatorio d'este processo interessante. Descreveu minuciosamente o exame feito pelos conferentes em Abbeville e apontou as provas que a todos deixaram convencidos da authenticidade e da antiguidade da maxilla e dos instrumentos de silex. Convém saber que, cortada a maxilla, n'uma das sessões do Museu, tinha apparecido no canal da arteria dentaria uma areia acinzentada que pareceu aos inglezes um signal de falsificação, porque não viam nas estampas que representavam os terrenos de Moulin-Quignon areia da mesma côr. Verificou-se porém n'aquelles terrenos a existencia de uma camada de areia cinzenta que não tinha sido indicada nos mappas, e assim o signal que era antes negativo, desde logo se tornou positivo. Por outra parte, as suspeitas respectivas aos machados de pedra inteiramente se desvaneceram quando outros similhantes se descobriram em excavações, feitas á vista dos naturalistas inglezes e francezes.

Os resultados d'esta conferencia memoravel, desde as primeiras sessões no Museu até ao accordão final dos naturalistas, nem que de antemão fossem combinados, teriam mais decisiva influencia no animo d'aquelles que receiavam ainda admittir como verdadeiros os modernos descobrimentos. Na França e n'outros paizes da Europa,

[1] De l'Industrie primitive, ou des Arts à leur origine. París, 1846. A segunda edição saiu logo no anno seguinte com este titulo: *Antiquités celtiques et diluviennes.*—Mémoire sur l'Industrie primitive et les Arts à leur origine. París, 1847. Imprimiram-se posteriormente os tomos II e III.

n'algumas partes da America, Asia e Africa trabalhadores incançaveis se dedicam animados de zêlo ardente á exploração dos terrenos sedimentares, das cavernas, das turfeiras, dos dolmens, dos tumulos, das *palafittas* ou cidades lacustres e finalmente dos *kiokkenmoddings* ou rabotalhos das cozinhas dos homens primitivos.

Publicam-se livros, memorias e jornaes destinados a divulgar os achados dos exploradores. Patenteam-se as Academias aos novos estudos. Fundam-se museus para se depositarem os objectos encontrados. Celebram-se congressos para os archeologos de todas as nações communicarem entre si as suas descobertas e resolverem as duvidas que, sómente pelo conselho de muitos, podem ser resolvidas.

A Peninsula não tem permanecido de todo estranha a este grande movimento scientifico. Desde 1860 que o sr. Carlos Ribeiro busca os vestigios da industria primitiva nos terrenos de Portugal e principalmente nos sedimentares do valle do Tejo. Os srs. Pereira da Costa e Delgado exploraram varias estações humanas prehistoricas do valle do Tejo, e publicaram em 1865 e 1867 os descobrimentos que fizeram de restos humanos fosseis e de instrumentos de osso ou de pederneira anti-diluvianos. O sr. Pereira da Costa estudou tambem as antas ou dolmins de Portugal, dos quaes escreveu uma interessante memoria, impressa em 1868.

Em Hespanha foi D. Cassiano de Prado, engenheiro de minas, já fallecido, quem primeiramente se occupou dos estudos prehistoricos. Na sua descripção physica e geologica da provincia de Madrid, impressa em 1864, se vê que desde 1851 se empenhara em colligir instrumentos de silex, sem todavia saber ao certo o que fossem. Em 1862, indo a Madrid os srs. Verneuil e Lartet (filho), exploraram na companhia de D. Cassiano a celebre estação de San Isidro, pouco distante d'aquella cidade. Desde então dedicou-se com ardor a estes estudos e emprehendeu varias explorações nas quaes colligiu fosseis humanos e de animaes e muitos instrumentos da industria primitiva. Depois muitos geologos e amadores têem contribuido em Hespanha para augmentar o peculio dos conhecimentos prehistoricos. Exploraram os srs. Vilanova em 1866 as covas de Monduber e de Cava Negra na provincia de Valencia; Lartet em 1866 as cavernas de Castella a Velha; Villamil y Castro em 1868 e 1869 alguns tumulos da Galliza; Gongora as cavernas e outras antiguidades prehistoricas da Andaluzia; Garay as minas abandonadas de Rio Tinto; Jagor a caverna de Balzola; Rada y Delgado as de Cangas de Onis e Colunga. Os srs. Villanueva y Piera e F. M. Tubino fazem explorações, assistem a congressos europeus, e publicam artigos importantes sobre o assumpto. Na Academia de historia lêem dissertações os srs. Benavides Amador de los Rios, Saavedra e Fernandez Guerra. O sr. D. José Amador de los Rios conseguiu que no museu archeologico nacional, fundado em 1869 em Madrid, se designasse uma secção para os objectos prehistoricos [1].

Começados, pois, ao mesmo tempo os estudos prehistoricos em Hespanha e Portugal, os nossos visinhos, apezar das dissensões intestinas, têem-se adiantado a ponto de rivalisar hoje com os povos mais civilisados. Entre nós o movimento principiado pela commissão geologica não se propagou no paiz, e, alli mesmo, creio ter sido destruido por audazes reformadores que não respeitaram nem as instituições mais importantes e mais sagradas da instrucção popular. Apenas o sr. Carlos Ribeiro communicou á Academia real das sciencias uma memoria com a descripção dos silex e quartzites lascados que se conservam nas collecções da secção geologica da direcção geral dos trabalhos geodesicos, em 1872, e publicou em 1873 o relatorio do congresso de Bruxellas, onde mui dignamente nos representara no anno anterior.

Exploradores não os ha; collectores são raros. Sei dos srs. Judice no Algarve, Gabriel Pereira em Evora e de ninguem mais. São desfavoraveis as condições de Portugal, n'este ponto, relativamente aos outros povos cultos. Do abatimento em que estamos só poderia erguer-nos a iniciativa dos governos alliada á dedicação de todos aquelles a quem não são indifferentes o progresso da sciencia e o passado e o futuro da humanidade [1].

A. FILIPPE SIMÕES.

[1] Historia y progresos de la arqueologia prehistorica por Don Francisco Maria Tubino.—Museo español de antigüedades, tomo I, pag. 1 a 21.

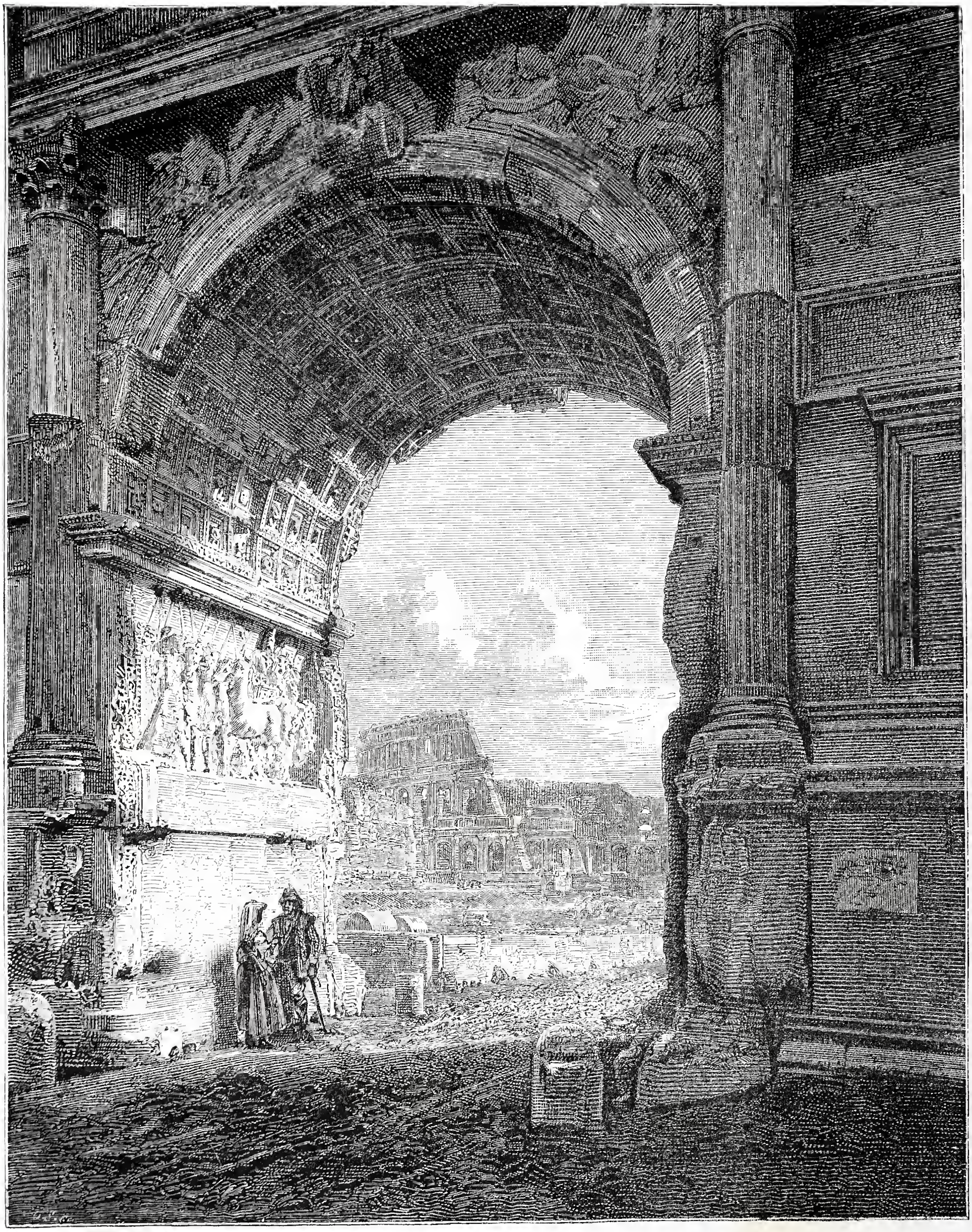
[1] Depois de escriptas estas linhas, ouvi que o sr. F. M. de G. Moraes Sarmento tem feito explorações e achado objectos das épocas historicas e prehistoricas n'uma quinta que possue perto de Guimarães.

DIVERSAS NOTICIAS

Têem estado expostos n'uma das salas da secretaria da marinha, onze projectos do monumento que ha de erigir-se ao duque da Terceira na praça dos Romulares. Oito são em vulto e tres em desenho. Aquelles estão assignados pelos srs. Pedro Carlos dos Reis, Leonel, Rodrigues Vieira, J. A. Santos, Alberto Nunes, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, José Simões de Almeida Junior e José Antonio Gaspar; estes pelos srs. M. J. Lago, Julio Augusto da Motta Mera e Thomaz Augusto Soller. Em nossa opinião nenhum dos monumentos satisfaz plenamente, nem ás condições da praça, nem ás exigencias da arte. De entre elles, porém, distinguem-se quatro, que, embora não tenham idéa ou fórma que revele bem claramente o incontestavel talento de seus auctores, denotam comtudo que saíram das mãos de artistas habeis e estudiosos. São estes os dois projectos em vulto feitos em commum pelos srs. Simões e Gaspar, o projecto em vulto apresentado pelo sr. Alberto Nunes, e a aguarella assignada pelo sr. Soller. A estatua d'este é magnifica. Tem nobreza de porte, naturalidade na posição e está desenhada e aguarellada com inexcedivel esmero. Os dois projectos dos srs. Simões e Gaspar têem bonitas linhas, e são aproveitaveis, soffrendo alterações, a começar pelas estatuas. O do sr. Alberto Nunes está nos mesmos casos. A collocação do braço direito da estatua do monumento, e a do braço esquerdo da que apresentou em separado, bem como algumas das decorações do envasamento e outras, precisam de ser modificadas. Não sabemos como a commissão encarregada da escolha resolverá. Nós adjudicariamos os premios a estes quatro artistas, abrindo novo concurso entre elles. A commissão é composta dos srs. marquez de Sá, presidente; marquez de Fronteira; marquez de Ficalho; barão de Mendonça; Geraldo José Braamcamp; Joaquim da Costa Cascaes e visconde da Praia Grande, secretario.



2186—Imprensa Nacional—1875



Typ. de Christovão A. Rodrigues.

O ARCO TRIUMPHAL DE TITO

EDITORES ROLLAND & SEMIOND, LISBOA

ARTES E LETRAS



NUMERO 5—LISBOA—4.ª SERIE

O ARCO TRIUMPHAL DE TITO

Do povo-rei, que dominou com a sua espada coruscante todo o meio dia da Europa, penetrando ancioso de gloria nos bosques druidicos da Gallia, transpondo o mediterraneo para esmagar a poderosa republica de Carthago, voando ao Oriente para engrinaldar a sua bandeira com as estemmas de oiro do berço do sol, restam ainda esparsas na cidade eterna as ruinas do seu esplendor immenso, extinctas nas cinzas do passado, amortalhadas na tunica luminosa da historia.

O arco de triumpho, uma d'essas ruinas grandiosas, era um monumento, que os romanos levantavam á gloria de um general vencedor.

Ao principio de uma extrema simplicidade, esses monumentos augmentaram em proporções, enriquecendo-se com tudo o que a arte tinha de mais pomposo e magnifico.

O portico, apoiado sobre as duas margens da *Via Triumphal*, era coroado de uma archivolta e de uma tribuna, onde se collocavam os musicos e os homens, que traziam as corôas; ou, algumas vezes, duas estatuas, representando a Victoria, e offerecendo as palmas ao heroe, que voltava glorioso dos campos da batalha, ou das luctas ferozes da conquista.

As faces do arco, dispostas em baixos relevos, continham as imagens da guerra, das cidades conquistadas, das victorias conseguidas, dos despojos dos vencidos, etc.

Em Roma, cerca do anno 555, a Via Sagrada era especialmente destinada á construcção dos arcos de triumpho e á marcha dos vencedores; emquanto que as Vias Flaminia e Appia eram consagradas á entrada victoriosa dos exercitos.

Aquelles monumentos, pela maior parte construidos pouco solidamente, e quasi sempre destruidos depois da festa, deram aos romanos a idéa de os perpetuar na pedra e no marmore.

Os mais celebres são: o *Arco de Constantino*, erguido á memoria das victorias d'este principe sobre Maxencio; o de *Septimo Severo*, ao pé do Capitolio; o de *Galliano*, construido cerca do anno 260, por Marco Aurelio Victor; e o de *Tito*, que representa a nossa estampa, erigido para perpetuar os grandes triumphos alcançados por este imperador na guerra e na destruição da Judéa.

É um dos mais bellos, pela sua magnificencia, vastas proporções, e pelos seus baixos relevos, que representam os despojos sagrados de Jerusalem.

Tito Flavio Sabino Vespasiano foi como que o instrumento da vontade divina, destruindo a cidade santa. Dentro d'aquelles muros, que ouviram as queixas maguadas do Salvador do mundo, do cordeiro propiciatorio da humanidade em holocausto sublime, que foram borrifados pelo sangue do martyr augusto no Pretorio, no Horto das Oliveiras, no atrio do Pontifice, por toda a parte emfim, a maldição da justiça divina devia retumbar, abalando-lhe os alicerces, antes mesmo que o ariete e a lança dos romanos derrocassem as fortes ameias, que cercavam a cidade maldita.

E de feito assim foi; não ficou pedra sobre pedra; e o instrumento da vontade divina, o general romano, em vez de passar á posteridade circumdado com uma corôa de sangue e de execração, é ainda hoje considerado, como o imperador mais justo, mais humanitario, mais piedoso d'aquella longa serie de tyrannos e de heroes.

Tito Flavio reinou cerca do anno 79 a 81 da era christã.

Era o filho mais velho do imperador Vespasiano, a quem succedeu.

Tinha sido educado na côrte de Nero; mas as orgias sanguinolentas do tigre coroado não macularam a sua formosa alma.

Foi adorado sempre pela sua clemencia e doçura, a ponto de ser chamado *as delicias do genero humano*.

Era tão grande a sua munificencia, o seu espirito compassivo, a sua regia generosidade, que julgava um dia perdido aquelle em que não fizesse algum beneficio.

Protector das artes e das letras, que cultivou com successo, deixou diversos poemas gregos e latinos. Morreu depois de reinar 27 mezes, envenenado, segundo alguns historiadores, por Domiciano, seu irmão.

Effectivamente, na orgia do imperio romano, que desencadeava as paixões tumultuosas da ambição desvairada, não podia assentar-se ao banquete feroz, no triclinio ensanguentado, o imperador piedoso e santo. . .

F. GUIMARÃES FONSECA.

MYSTERIO INDECIFRAVEL

(A Alberto Pimentel)

Era austero e sizudo; não havia
Frade mais exemplar nem convento;
No seu cavado rosto macilento
Um poema de lagrimas se lia.

Uma vez que na extensa livraria
Folheava o triste um livro pardacento,
Viram-n'o desmaiar, cahir do assento
Convulso e tôrvo sobre a lagea fria.

De que morrêra o venerando frade?
Em vão procuro a limpida verdade,
Ninguem m'a disse, explique-a quem pudér.

Consta que um bibliophilo comprara
O livro extranho, e que, ao abril-o, achara
Uns doirados cabellos de mulher. . .

GONÇALVES CRESPO.

COMMISSÃO ENCARREGADA DE PROPOR AS PROVIDENCIAS NECESSARIAS AO ENSINO DAS BELLAS ARTES E Á CONSERVAÇÃO DOS MONUMENTOS NACIONAES

Por decreto de 10 de novembro de 1875, foi nomeada uma commissão para propor ao governo uma reforma do serviço das bellas artes nas duas academias de Lisboa e Porto; um plano de organisação do museu de pinturas, esculpturas, desenhos, gravuras, arte monumental e archeologica; e as providencias que julgar mais adequadas á conservação, guarda e reparação dos monumentos historicos e dos objectos archeologicos, de importancia nacional, existentes no reino.

Compõe-se a commissão dos srs. marquez de Sousa Holstein, condes de Samodães e Valbom, Carlos Maria Eugenio de Almeida, conselheiro Francisco de Assis Rodrigues, Thomaz de Carvalho, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Augusto Filippe Simões, Antonio Thomaz da Fonseca, Antonio Victor de Figueiredo Bastos, Thadeu Maria de Almeida Furtado, Augusto Carlos Teixeira de Aragão, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, José Maria Nepomuceno e Luciano Cordeiro. D'estes, foram eleitos presidente o sr. marquez de Sousa e secretario o sr. Luciano Cordeiro.

Logo na primeira sessão foi distribuida uma memoria escripta pelo sr. marquez de Sousa, na qual se expõe claramente a deficiencia do ensino actual, o lastimoso estado em que se acham os monumentos historicos do paiz e o descuido que tem havido na conservação dos museus nacionaes. Na mesma memoria se apresentam alguns principios geraes para a boa organisação d'estes serviços. As idéas do bem elaborado trabalho do sr. marquez, têem sido, como era de esperar, bem acceitas pela commissão.

Antes de se entrar na discussão de cada um dos pontos sobre que a commissão tem de dar parecer ao governo, estabeleceram-se algumas bases que foram unanimemente approvadas. Foi votado que se organise uma repartição independente, na qual sejam centralisados todos os serviços concernentes ás bellas artes e archeologia; que o ensino seja subdividido em superior, applicado, secundario e primario; que haja escolas superiores em Lisboa e Porto, com os professores praticos e theoricos indispensaveis; que se crie uma academia de artes e archeologia, como corpo consultivo, formado por eleição e composto de artistas e amadores; que os museus abranjam em secções, os principaes productos artisticos e archeologicos, bem como objectos de arte applicados á industria.

Está em discussão a parte relativa ao ensino. Espera-se que os trabalhos se concluam a tempo de, ainda n'esta sessão legislativa, ser apresentada em côrtes a respectiva proposta. A commissão está animada dos melhores desejos de acertar; a intelligencia dos individuos que a compõem é segura garantia de que o projecto que ha de ser apresentado ao governo, corresponderá ao fim altamente proveitoso para que ella foi creada.

Com o fim de chamar a attenção publica sobre tão importantes assumptos, mandou-se tirar uma edição de 4:000 exemplares da memoria escripta pelo sr. marquez de Sousa, para ser largamente distribuida pela imprensa e pelo publico. Na mesma memoria solicita a commissão que lhe sejam enviados quaesquer conselhos, informações ou noticias que a possam esclarecer e coadjuvar em seus trabalhos.

Consta-nos que a commissão dirige os seus trabalhos sob a idéa fixa de realisar as necessarias reformas com a maior economia, concordando unanimemente todos os vogaes em não pedir ao governo senão os meios que as circumstancias financeiras do paiz lhe possam promptamente conceder sem grande sacrificio.

Não ficarão luxuosamente organisados estes serviços, mas sel-o-hão por fórma que possam tornar-se verdadeiramente proficuos, provando-se em pouco tempo ao paiz que foram bem empregados todos os auxilios dispensados em prol de um ramo do saber humano, por cuja prosperidade se afere o adiantamento de uma nação.

Ao actual sr. ministro do reino cabem os maiores louvores por haver tomado a iniciativa de uma reforma, que o estado vergonhoso a que chegou tudo que diz respeito a bellas artes em Portugal estava reclamando todos os dias.

R. DE L.

O AMADOR DE QUADROS—DE VAGAR SE VAE AO LONGE

Aspecto nobre, physionomia intelligente; vestuario luxuoso em que pelles de Martha guarnecem velludos de Italia; mãos cingidas de punhos de renda; o corpo indolentemente estirado na cadeira de espaldar tauxiada de pregaria; sobre os joelhos uma pintura a oleo sustida verticalmente com uma das mãos; na outra uma luneta á Frederico, ou á Pombal (se preferem um heroe de casa) assestada com afinco sobre o objecto de arte, tudo n'elle revela um amador de quadros.

Quem ignora a existencia de certas organisações finas, delicadas, possuindo a intuição feliz da arte por esse dom mysterioso e raro chamado o gosto, o sexto sentido dos artistas?

Devotos sinceros e conjunctamente sybaritas intellectuaes da religião e dos castos prazeres da arte, vel-os-heis devorados pela febre da admiração diante das obras dos grandes mestres, quer se moldem nas fórmas plasticas da estatuaria, quer resplandeçam na téla com o colorido prestigioso da palheta.

Alguns ha que abrazados no amor da arte sustentam generosamente os museus onde ella tem os seus palacios faustuosos, rodeada dos seus magnates, dos seus principes, e onde ella patenteia os seus inapreciaveis thesouros, brazão e patrimonio das nações.

Outros consagram-lhe a vida inteira, percorrendo sem descanço as galerias mais afamadas, enleados de admiração já para os explendidos Murillos do museu real de Madrid, já para a vasta collecção de Rubens na Pinacotheca de Munich; agora extasiando-se no museu de Napoles com os quadros do Veronêz, que respiram magnificencia aristocratica, sensualidade pagã, logo com os de Ticiano em cujas carnações pula e ferve a seiva da vida; ora apaixonados no Louvre pela Jocunda de Leonardo da Vinci, ora absortos no Vaticano, contemplando os sonhos mysticos de fr. Angelico de Fiesola, as transparencias ethereas, e as virgens ideaes de Raphael; ora tranzidos de pasmo na *Capella Sixtina* diante das concepções grandiosas e tragicas de Miguel Angelo, o Dante da pintura.

Outros amadores ainda, menos platonicos em seu culto ardente, e ricos d'essa opulencia material que—se não dá o talento, nem confere o genio, nem por si só constitue a felicidade,—satisfaz caprichos, apetites, gosos, realisa na terra as maravilhas das mil e uma noites, e transmitte o direito de apropriação sobre quanto ha bom e bello e raro na esphera da arte, esses gastam haveres importantes e sommas loucas na compra de quadros, cada um dos quaes vale contos e contos de réis, cobrindo-os de oiro como a Danae.

Abençoadas riquezas a d'esses felizes da terra, que por tal fórma animam a abastança dos pintores eminentes, o progresso dos artistas, e levantam ao nivel da sua maior altura o luxo das artes, que é e hade ser sempre um dos maximos distinctivos da civilisação!

Por entre os verdadeiros apreciadores formigam, é verdade, outros que não são dignos d'este titulo, nem pelo gosto nem pela intelligencia, que reduzem os quadros a um negocio de *bric-a-brac*, adéllos mais ou menos analpha-

betos, que ignoram a historia da arte e as numerosas escolas em que esta se subdivide. Esses compram quadros, do mesmo modo que um homem fino usa luvas, simplesmente para se darem ares de creaturas civilisadas. Buscam pinturas a êsmo, confundem épocas, trocam os titulos dos assumptos e os nomes dos auctores. Recrutam primores artisticos para a sua galeria, com o mesmo escrupulo genealogico com que arrematam retratos de personagens para a sua sala de antepassados phantasticos, arrancando-os do limbo dos figurões anonymos, e promovendo-os á categoria de avós filtrados pelo crivo das linhagens. Conta-se de alguem, que na sua soffreguidão de inventar avós, para povoar com elles as regiões desertas da sua ascendencia, entrou n'um deposito de pinturas, onde, mal descobriu um personagem carrancudo, de olhos, cabello e cara tambem de azeviche, n'uma palavra, um preto retincto, vestido de habitos talares e estrellado de varias condecorações, logo o comprou, mandando poucas semanas depois pintar de branco e côr de rosa a cara do retrato, e pendurando-o com ufania entre outros avós da mesma procedencia. Na sua ancia de acrescentar um renovo á arvore genealogica, o mofino fez á cara do preto o que este em vida talvez tivesse feito ás casas dos brancos, caiou-o.

Voltando porém aos serios amadores da arte, é innegavel reconhecer quanto ao seu sopro vivificante se animam esses engenhos privilegiados, esses talentos peregrinos, que se chamam Raphael, Dominiquino, Rubens, Rembrandt, e Miguel Angelo. Admiravel coincidencia! Aonde preponderam as individualidades, para quem a arte é um culto austero, e que professam enthusiasmo entranhado, ardente para com os grandes genios, que em diversas épocas e sob differentes manifestações lhe symbolisam a magestade e o explendor, ahi surgem legiões luzidas de artistas e brotam genios creadores, soberanos, que cifram em si o lustre e a gloria da época e da nação em que vivem. Artistas e amadores de tal ordem, quer estes se destaquem obscuramente, modestamente da penumbra social, quer pairem nas espheras radiantes da grandeza e do poder, vinculam-se reciprocamente seus nomes.

A posteridade, sempre justa, ha de firmar a corôa da sua admiração na fronte dos grandes esculptores e dos grandes pintores, principes da arte; mas, ao mesmo tempo, ha de tributar louvores e applausos a todos quantos mais intimamente se lhes associaram pela amisade sincera, pela admiração fervorosa. Estes são os *dilettanti* desinteressados, de todos os tempos, os amadores enthusiasticos, os apreciadores finissimos da arte, que se chamam na historia Leão X, Luiz XIV, Lourenço de Medicis.

Contemplemos agora esta estampa, que, se não se reveste de nenhumas pompas aristocraticas, nem por isso é despida de um conceito expressivo, profundo.

Na sua tenacidade laboriosa, aquelle operario, que alli vêem, até symbolisa um proverbio sagrado pela experiencia e pelo consenso das gerações! Esse proverbio formula-se assim: De vagar se vae ao longe. Eis um preceito contemporaneo das primeiras sociedades, antigo como as historias, e todavia sempre novo na sua mesma antiguidade.

Está-o cumprindo á risca o artifice allemão, que a estampa representa. Como elle, pouco a pouco, vae alteando aquelles tijolos sobre a volta do arco, que em baixo se vê! Agora assenta um cubo, logo outro. Ora apruma o nivel, ora remeche a argamassa com a trolha, sem azafama, descançando as operações da sua tarefa, já com uns tragos de cerveja, já cantarolando, já carregando e accendendo o cachimbo.

«De vagar se vae ao longe» é bem mais do que um proverbio transmittido de geração a geração n'essa vasta herança de bom senso, de philosophia, de experiencia, com que se opulenta indefinidamente o patrimonio moral da humanidade. «De vagar se vae ao longe» é a historia exacta da intelligencia, a expressão da lei positiva do trabalho, a fonte inexgotavel d'onde manam as nascentes de quantas maravilhas nos assombram, é emfim a epopea permanente da humanidade.

De vagar, consumindo o lavor, bebendo o suor, exhaurindo as vidas de milhões de homens, juncando de cadaveres os areaes escaldantes do deserto, foram erguidas as pyramides da necropole de Memphis; e por tal modo as endureceu o cimento das gerações, — as quaes umas apoz outras lhes foram alteando os lanços e juntando as pedras, — que hoje em dia campeam soberbas, indestructiveis, zombando da voracidade de sessenta seculos, como se de hontem houveram surgido.

De vagar se geraram nos ovarios fecundos do talento e do genio quantas creações immortaes allumiam o céo da arte.

«De vagar se vae ao longe» é a historia d'esses estados ao principio modestos, imperceptiveis, que se chamam em breve tempo a Russia de Pedro Grande ou a Prussia de Bismark, quando guiados pelos propositos lentos e reflectidos dos seus estadistas e politicos raiam em poderosos imperios, eclipsando de repente as nações que de seculos se lhe haviam antecipado na influencia, na hegemonia, no primado social e militar.

«De vagar se vae ao longe» são as palavras em que se cifra a existencia laboriosa de tantos capitalistas de hoje, Cressos opulentos, que ha poucos annos atraz, pobres e desvalidos, deixavam a familia e o pequeno hortejo que regavam com seus suores, para irem ajuntar a fortuna, — que lhes acenava d'além do Atlantico, — timidamente, grão a grão, ceitil a ceitil, a troco de privações e de fomes, e para ao cabo de alguns annos de esforços tenazes e de rudes pelejas com a sorte, subirem ovantes e suberbos, ao cume das pyramides de oiro erguidas pelo seu braço!

De vez em quando, o que não altera a evolução normal d'esta lei da humanidade, notam-se perturbações, irregularidades.

Quer-se alcançar tudo n'um momento, sem maturação, precipitadamente, a risco de deixar fugir das mãos, passado o instante da posse, quanto soffregamente se enthesoirou.

Outros então forçam a lentidão indispensavel dos actos humanos até o ponto absurdo de os comprimir — como os egypcios faziam ás suas mumias — nas ligaduras da immobilidade.

E para que n'estas generalidades despretenciosas, (mero pretexto para acompanhar a nossa estampa) não nos attribuam a intenção de formularmos theorias graves com ares pedantes e doutoraes, contaremos a anecdota de um gallego, que prende com a significação do proverbio «De vagar se vae ao longe».

Estavam combinados a jantar alegremente em casa de José Horta, dois collegas e amigos seus, duas glorias litterarias e scientificas do paiz, Andrade Corvo e Latino Coelho. Approximava-se a hora, e faltava um dos convivas, Latino Coelho, que provavelmente ou dava a ultima demão ao laço artistico da sua gravata, ou bordava algum artigo de revista com os arabescos phantasiosos e brilhantes do seu estylo inimitavel. Qualquer que fosse a causa da demora, a hora aprazada batia, e creio que os

estomagos do amphytrião e do seu erudito conviva não batiam menos apressadamente.

José Horta resolve sahir-se dos apertos em que se achava, despachando um emissario, que d'esta vez era o anciedade, e creio que tambem de fome, recommenda-lhe a maxima velocidade, e despede-o. Com o interesse natural a quem deseja vêr correr, galgar degráos, e salvar até lanços inteiros ao emissario, cujos pés desejaria emplu-



O amador de quadros

destinado a voar, ficando o Corvo retido na arca, o que não aconteceu na Biblia.

O gallego, que estacionava á esquina fronteira, sobe moderadamente, como quem anda prevenido contra canceiras e doenças do peito, mas emfim sobe, e chega ao andar de onde o haviam chamado.

José Horta dá-lhe um bilhete para Latino Coelho, firmado pelos dois amigos que o esperavam devorados de mar de azas como Mercurio, José Horta debruça-se na janella, á espera que pela porta fóra desappareça aquelle foguete, aquelle raio. Qual homem nem meio homem! Passam-se segundos e minutos, sem que o vulto anciosamente esperado desponte á soleira da porta. José Horta chega a ter allucinações estranhas em tão afflictivos momentos. Ora imagina que o seu homem-correio cahiu fulminado, ora que a sua escada, que elle tem contado degráo a de-

grão, se desdobrou n'uma escadaria immensa, interminavel, aérea, escada de Jacob por onde vaguea n'uma athmosphera diafana o pobre gallego, condemnado a subir-lhe os lanços infinitos. Emfim assoma á porta o gallego. José Horta está ardendo em braza.

Incerto sobre que fórma de discurso adoptará para advertir, censurar e fulminar o moroso emissario, diz-lhe da janella:

—Ó aquelle, tu não tens outro passo?

--Tenho xim xenhor, tenho outro—mais bagaroço,—responde-lhe cá de baixo, mansamente, demorando as syllabas, imperturbavel, assente sobre os seus çapatos ferrados, largos como uns omnibus, volumoso e tardo como um boi, o galliziano, a que José Horta, na innocencia da sua phantasia, esperara minutos antes communicar a velocidade do raio.

O vagar exagerado, de que se ufanava aquelle Mercurio com pés de chumbo, equivale ao estacionamento, á immobilidade em que se petrificam as castas de Asia, e não deve nunca ser posto a par da lentidão reflectida, da madureza intelligente, de que precisam o individuo e a humanidade, similhantes á natureza, para sazonarem e fructificarem as suas obras.

V. DE BENALCANFÔR.



De vagar se vae ao longe

A MÃE

Quando o Eterno surgio do cahos onde era immerso,
Com deslumbrante olhar cingio todo o universo,
E achou que estava bem.
Vio grande o céo e o mar, a terra e o paraiso;
Só faltava, comtudo, a aurora de um sorriso...
E então criou a mãe!

E. A. VIDAL.

DOMINGOS ANTONIO DE SEQUEIRA

(Continuação) [1]

VII

As victorias de Wellington haviam despertado em todo o paiz immenso enthusiasmo. Creado successivamente conde do Vimieiro, marquez de Torres Vedras e duque da Victoria, agraciado com uma pensão de 8:000$000 réis annuaes em duas vidas, pareceu ainda que não ficava saldada a divida de Portugal para com este illustre capitão. Foi resolvido que se lhe offerecesse uma baixella de prata que ao valor intrinseco da materia juntasse grande merito artistico, e em cuja execução trabalhassem tão sómente artistas e operarios portuguezes.

Não pude tirar a limpo de quem partiu a iniciativa d'esta idéa, porque não encontrei documento algum ordenando que se puzesse mãos á obra. Não sei portanto se a ordem veiu do Rio de Janeiro ou se o governo de Portugal suggeriu este pensamento ao Principe regente. Para o nosso caso porém é de pequena monta esta circumstancia. Mais interessante é saber-se que esta obra, que tanto trabalho custou a Sequeira e que para elle foi fonte de tanta gloria, não esteve desde o começo entregue á sua direcção. Com effeito o mais antigo documento official que se me deparou ácerca da baixella é o aviso de 7 de março de 1811 expedido pelo secretario da guerra, D. Miguel Pereira Forjaz, ao arsenal real do exercito, determinando que na casa onde se fez a banqueta de Mafra se possa executar uma «baxella (sic) de que está encarregado o sargento mór engenheiro Francisco Antonio Raposo, mandando-se igualmente aprømptar os officiaes e ferramentas que elle requisitar e aceitando-se aquelles artistas que o mesmo major julgar necessario admittir para a breve conclusão d'aquella obra, para a qual se deverão tambem aprømptar os materiaes necessarios, etc. [2]».

Quem fosse este Raposo não me consente agora dizel-o o pequeno espaço de que disponho para n'este jornal terminar o presente estudo, a que devo pôr limites, mas dil-o-hei quando melhorado e desenvolvido este trabalho o publicar em volume. Basta apenas recordar que o sargento mór era official esclarecido e trabalhador, muito propenso a todo o genero de progresso e de vistas largas e rasgadas. Talvez d'elle partisse a primeira idéa da baixella e por esta razão lhe fosse desde logo commettido o encargo. Ignoro como d'elle se desempenhou e até se começou a executal-o, porque durante dois annos não encontro nos archivos rastos alguns que possam guiar-me. É tão sómente em 1813 que o aviso de 14 de fevereiro [3] ordena que o arsenal ponha á disposição de Raposo os operarios e materiaes que elle requisitar para a obra de que está encarregado. Que esta obra fosse a da baixella é fóra de duvida, porque a portaria da junta de fazenda do arsenal de 17 do mesmo mez [4] que manda cumprir esse aviso, põe á disposição de Raposo os objectos que elle requisitar para a obra *do modelo da baixella*.

O nome de Sequeira apparece officialmente pela primeira vez no aviso de 4 de março do mesmo anno [1], que determina que o arsenal satisfaça as requisições que elle fizer para a obra de que está incumbido *conjunctamente* com o sargento mór Raposo. Não data porém d'esta época a intervenção do nosso artista n'aquella obra; é mais antiga, pois que no desenho de uma figura para o plató que se conserva na collecção da academia, encontro uma nota da mão de Sequeira dizendo que em 29 de abril de 1812 entregou elle esse desenho a Faustino José Rodrigues para fazer por elle o modelo em cera. Ha portanto uma tal ou qual obscuridade na historia do começo d'estes trabalhos, obscuridade que naturalmente procede de certa incerteza na direcção da obra, entregue primeiro a Raposo, depois a elle conjunctamente com Sequeira, e finalmente só a este. Deixando porém para outra occasião a averiguação mais miuda d'estes pormenores, o que póde desde já assentar-se como certo, é que do começo de 1813 em diante e até á terminação completa da baixella, foi a sua direcção e execução exclusivamente entregues ao nosso artista, pois que é elle e sómente elle quem apparece em todos os documentos que se referem a este assumpto; é elle e tão sómente elle quem ceifa todos os applausos que justamente grangeou obra tão notavel. Todavia é singular que o nome de Raposo continue a apparecer no titulo de todas as folhas da baixella, embora seja tão sómente Sequeira quem n'as assigne. É possivel que n'esta formula o artista quizesse apenas praticar um acto de cortezia para com o official seu antigo collaborador n'aquelle trabalho. Fosse porém como fosse é fóra de duvida que toda a intervenção de Raposo desapparece, e que o aviso atrás citado de 14 de fevereiro é o ultimo em que figura o seu nome, com relação a esta obra.

D'esta época em diante é facil de escrever a historia da baixella, pois que para ella abundam os documentos. No arsenal estão os originaes de todas as folhas e os registos de muitas ordens; no archivo do ministerio da guerra está registada toda a correspondencia official entre o secretario d'estado d'essa repartição e o artista; no archivo do antigo erario conservam-se a conta corrente e muitos documentos interessantes a este respeito; o archivo da casa da moeda contem o que se refere ás entregas da prata, e até no archivo da camara municipal de Lisboa ha vestigios de um curioso incidente que occorreu durante a obra. D'estes subsidios tão ricos me valerei, resumindo-me porém quanto puder para não alongar n'este jornal um trabalho que para a indole do periodico é já demasiadamente extenso, e deixando para outro logar o desenvolvimento de pontos que pouco mais poderei do que indicar agora.

A obra da baixella foi toda executada em casa de Sequeira, que morava então na rua da Santissima Trindade. Junto á conta corrente [2] estão os recibos originaes dos senhorios do predio em que o artista habitava e do outro contiguo que teve de arrendar, porque o primeiro era demasiado pequeno para n'elle se estabelecer o laboratorio. N'estas casas fizeram-se algumas obras importantes de appropriação para o fim a que se destinaram [3].

As folhas dos operarios pertencentes ao arsenal e empregados debaixo das ordens de Sequeira íam semanalmente enviadas para aquella repartição, onde eram satisfeitas; no erario devia fazer-se a escripturação compe-

[1] Vid. n.os 5 a 12 da 3.a serie e n.os 1, 2 e 3 da 4.a serie.

[2] Arch. da dir. g. d'artilh. no ars. do exer. Registo de avisos n.o 4 (Liv. 97) fl. 115, v.o

[3] Ib. Registo de avisos n.o 6 (Liv. 99) fl. 119.

[4] Ib. Reg. das port. da junta de faz. n.o 6 (Liv. 124) fl. 15.

[1] Ib. Reg. de avisos n.o 6 (Liv. 99) fl. 125, v.o

[2] Arch. do real erario, no do trib. de contas. Maço «Contas da baixella e plató offerecido ao duque da Victoria» entre os maços da contadoria geral da cidade.

[3] Arch. da repart. central do minist. da guerra, avisos, liv. 36, fl. 157, v.o

tente e do estylo de todas as outras despezas [1], comprehendendo gratificações a esses operarios, pagamento aos que não eram do arsenal, despezas de materiaes, etc., e para este fim recebia Sequeira do erario cada mez as quantias necessarias. D'estas sommas ha indicação não só nos avisos que as mandam abonar, mas na conta corrente do artista.

A prata foi no começo da obra dada directamente a Sequeira pela casa da moeda, em virtude de avisos do erario; queixando-se porém o provedor d'aquelle estabelecimento que este systema tinha inconvenientes [2], foi determinado que segundo as requisições de Sequeira, o erario enviasse á moeda pesos duros para alli serem convertidos em barras de prata e entregues ao artista [3]. Nos archivos do erario e da moeda estão registadas todas estas entregas de prata, a qual tinha o quilate de 10 dinheiros e 23 grãos.

A officina organisada debaixo da direcção de Sequeira era importantissima e o seu pessoal muito numeroso. O numero total dos operarios contados individualmente foi de 142, mas nunca chegaram a trabalhar tantos ao mesmo tempo. A folha cujo pessoal é mais numeroso, é a folha n.º 62 de julho de 1814, a qual contém 108 nomes, sendo 89 operarios e 19 moços. Eram variadissimos os misteres dos officiaes empregados. Havia lavrantes de prata, esculptores, ourives, formadores, entalhadores, abridores, desenhadores, latoeiros, instrumentistas, (officiaes da officina de instrumentos do arsenal) polieiros, ferreiros, espingardeiros e carpinteiros. Os jornaes d'estes operarios, differentes conforme as profissões, eram ainda regulados, dentro de cada uma d'estas, pelo merecimento do individuo. Os esculptores venciam 1$500 réis diarios; os lavrantes de 1$200 réis para baixo, até aos aprendizes que tinham 180 réis; os abridores ganhavam 495 réis; os pedreiros e carpinteiros tinham jornaes de 900 réis para baixo. O trabalho d'esta officina foi aturadissimo. Havia serões quasi todos as noites e durante o verão não se davam séstas. Por estas e por aquelles tinham os operarios gratificações especiaes.

Para estes operarios era Sequeira desvelado protector. Sollicitava amiudadas vezes augmento de salarios, louvava os seus serviços sempre que para isto se lhe deparava ensejo; e, quando terminada a baixella, voltaram para o arsenal os operarios que de lá tinham vindo, não se esqueceu de sollicitar que lhes fossem conservados os jornaes augmentados que percebiam, o que alcançou [4].

Por seu lado os governadores do reino e em especial D. Miguel P. Forjaz, por cuja repartição corriam os assumptos concernentes á baixella [5], esmeravam-se em facilitar a tarefa que haviam entregue a Sequeira. São innumeros os documentos officiaes que o provam, mas não me consente o espaço que eu sequer os mencione de passagem. Em seu zêlo para a prompta e conveniente execução da baixella, não recuavam as auctoridades perante actos arbitrarios de que restam vestigios officiaes nos nossos archivos. O mais notavel foi o praticado com alguns lavrantes que se recusavam a ir trabalhar no laboratorio de Buenos Ayres. Informado o secretario da guerra d'esta recusa, ordenou ao senado da camara em aviso de 22 de

[1] Avisos de 4 de março de 1813; original no maço n.º 232 no arch. da dir. geral de art. e de 4 de setembro de 1813. Arch. do real erario, cont. geral da cidade. Decret. liv. 4, fl. 237.
[2] Arch. da casa da moeda. Reg. geral, liv. 12, fl. 156.
[3] Ib., ib., fl. 159 v.º. Arch. do real erario, loc. cit., fl. 237.
[4] Arch. do minist. da guerra no jard. botan. da Ajuda. Arsen. do exer. Consult. de 1815. Pasta n.º 6. Cons. n.º 903.—Arch. da rep. cent. do minist. da guerra. Avisos, liv. 36, fl. 142.
[5] Provavelmente porque o primeiro pensamento fôra executal-a no arsenal.

setembro de 1813 [1] que mandasse intimar aquelles officiaes. Cumpriu o senado esta ordem [2] e assim o participou a D. Miguel. Acudiram com requerimentos os lavrantes, tentando resistir. O secretario d'estado limitava-se a mandar estes requerimentos a Sequeira, accrescentando que não deixasse de requerer ao senado novas intimações se elle não podesse dispensar os officiaes [3]. Tomou vulto o negocio, e a casa dos vinte e quatro com o seu presidente, o juiz do povo, julgou-se obrigada a intervir na pendencia. Dirigiu o magistrado popular uma representação ao principe regente, mencionando com muita individuação os fundamentos da recusa dos officiaes e apontando as rasões que no seu entender deviam levar S. A. R. a não obrigal-os a ceder ás exigencias de Sequeira. Este documento que está vivo no archivo da camara [4] tem um certo sabor de requerimento de povo livre; é por vezes energico, falla no prejuizo da industria, na ruina das familias, na perda do officio; começando por lembrar ao principe que «a conservação e prosperidade dos officios é um bem publico» termina pedindo-lhe que «attenda n'esta representação os bons desejos pelo interesse publico e ordene que se não inquietem os mestres removendo-os das suas lojas.»

Tanto a pendencia como o documento que deixo apontado requerem estudo mais largo. Por este não ter porém cabimento aqui ficará para a publicação que espero dar á luz.

Proseguiam com immensa actividade as obras da baixella e a ellas consagrava Sequeira todo o tempo e todas as forças. Começadas, como vimos, em principio de 1813 duraram até meados de 1816, espaço que não é demasiado longo se attendermos ás difficuldades e exigencias do trabalho, e que póde mesmo dizer-se curto, porque não bastou para dar á obra o valor artistico que ella devia e podia ter.

Quarenta annos levou Ghiberti com as portas do baptisterio de Florença, trabalhando com elle seu pae e irmãos [5]. E Ghiberti fez uma obra de arte admiravel com estas portas de que Miguel Angelo dizia que eram dignas de serem as portas do céo, emquanto que Sequeira não logrou produzir, como logo teremos occasião de vêr, senão uma obra industrial, com essa baixella a que dedicou uns poucos de annos durante os quaes se affadigou a ponto de perder a saude.

Mal se nos póde affigurar o immenso esforço que para Sequeira representa esta obra. É certo que não tinha coadjuvação alguma valiosa para a parte mais delicada e importante do trabalho. Era-lhe forçoso superintender directamente em todos os variados ramos em que se dividia a officina. Delineado primeiro o plano geral da baixella, desenhada cada uma das peças, havia mister de as mandar modelar, quando elle mesmo o não fazia, de retocar os moldes em cêra, de presidir á sua fundição, em seguida de tratar do acabamento das differentes peças que saíndo toscas da fôrma, careciam de serem affagadas cuidadosamente com o buril. Trazia debaixo das suas ordens uma legião de officiaes dos mais variados misteres, e no seu laboratorio achavam-se encorporadas diversas officinas, cada uma das quaes requeria mui especial attenção. Todos estes elementos com que trabalhava tinham de ser creados por elle. Eram de varias proveniencias os opera-

[1] Arch. da cam. municip., liv. original de consultas, anno 1813, fl. 323.
[2] Ib. Reg. d'ord., liv. 19, fl. 82 v.º
[3] Arch. da rep. cent. do min. da guerra. Avisos, liv. 32, fl. 140, 141, 142 e 146 v.º
[4] Reg. da casa dos vinte e quatro de 1792 a 1825, fl. 66.
[5] Vasari. Vit. di Ghiberti e nota na ed. Le Monnier.

rios, não estavam affeitos a conviver uns com os outros. No paiz não houvera nunca uma officina organisada n'esse pé; não tinha o artista precedentes que o guiassem, nem exemplos que pudesse seguir. Esta enorme lida havia de forçosamente cançal-o sobre modo, e sem duvida pouco predispol-o para a execução de uma obra verdadeiramente artistica. Collaboradores secundarios não lhe faltaram. Foi um dos primeiros Vicente Pires da Gama, que apparece inscripto nas folhas como esculptor e depois como lavrante, e que segundo deprehendo da comparação de alguns documentos servia como de contra-mestre; Manuel Pereira Portella, apontador, fiel e pagador, e Lucio Pereira Rollet escripturario [1].

Terminada a obra em julho de 1816, foi empregado o resto d'este anno e parte do immediato no apuramento das contas, que Sequeira apresentou ao erario em agosto de 1817 [2].

(Continúa.) MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN.

[1] Off. de Sequeira ao secret. da guerra em 5 de agosto de 1816, minuta original nos mss. da acad.

[2] Não encontrei no erario a quitação dada a Sequeira. As contas e os documentos originaes existem no maço já citado, e como não são acompanhadas de glosa alguma, deprehendo que não houve duvida na sua approvação.

SANTA CECILIA

Quizera consultar algum historiador, que fixasse a minha religião a respeito dos talentos e prendas da padroeira dos musicos, a piedosa Santa Cecilia, mas o peior é que não sei d'elle, nem tenho noticia de que exista por emquanto!

Crêem uns, que ella cantava.

Outros dizem que não cantava, mas que tocava orgão primorosamente, um orgão pequenino como se vê da estampa.

Alguns pintores põem-a a tocar violoncello; outros a representam como violinista de primeira ordem.

A verdade é que ninguem está bem ao facto do genero de instrumento com que se accompanhava a joven romana, que devia morrer virgem e martyr na Sicilia, quando celebrava os louvores do Senhor.

Entretanto cantora, violoncelista, organista, ou violinista, celebram os musicos a sua memoria; e todos os annos pelo mesmo tempo lhe fazem uma grande festa, a que d'antes em Lisboa concorriam os primeiros cantores de S. Carlos, além dos instrumentistas mais distinctos.

Lá por fóra ha pela Santa a mesma devoção dos musicos, e além de ter uma missa cantada em cada terra e com um instrumental magnifico, dá tambem pretexto a varias philarmonicas, e *sociedades orpheonicas* como lhes elles chamam, para que se celebrem, de copo na mão, em banquetes fraternaes em que a voz cantada vae de mescla com a voz fallada, as virtudes da Santa, ao passo que os organistas e mestres de capella sáem todos n'esse dia com as melhores notas de que são capazes.

É tão difficil tratar de santos em artigos de jornal, que se corre a cada momento o risco de apanhar ares de incredulo desdenhoso ou cair desastradamente em ingenuidades beatas. Tudo está porém em pôr uma pessoa a idéa ao fallar de taes personagens, na elevação de qualidades que distinguem os que são superiormente bons; quem assim o fôr, é tambem intelligente, generoso, compassivo, resignado, humilde, crente, e grande: o pulso da bondade não bate como o de toda a gente, e contraria n'isso todas as leis da analogia; o que gella, o que inflamma os outros, o que aos outros estimula, a elle enerva-o. Do que mais gostam quasi todos é do dia e da bulha: e a bondade compraz-se antes na solidão e na sombra; é como a fonte de que falla Quinto Curcio, que elle diz existir n'um bosque e chamar-se agua do sol: quando o o sol nasce, está ella morna: em o calôr indo no auge, ao meio dia, baixa ella de temperatura: com o declinar do dia, vae subindo: está quasi a ferver á meia noite, e, quanto mais vem chegando a manhã, mais arrefece... Póde figurar-se essa fonte maravilhosa como um symbolo das almas que não se importam com os lumes e claridades da terra, e só aquecem á medida que se approximam da grande noite, que é para ellas o limiar do verdadeiro mundo e da verdadeira luz.

Gostam de musica todos os tristes; não porque se consolem com ella, mas para se isolarem mais do mundo. A melancholia tem mil feitios, ha uma bonita, outra feia, esta que se procura, aquella que se evita; e mil qualidades tambem, vaga, poetica, roçando a aza pela mocidade a fallar-lhe da vida com uns sorrisos que parecem brincar nos labios rosados da esperança: pesada, aguda, chronica: pallida, incredula, muda, gelada... A da mocidade limpa a seiva com algumas penasitas vaporosas, romanticas, lyrismo de suspiros faceis, lagrimas choradas ao luar. A da madureza dos annos nasce com as decepções, filha dos combates da vida, grandes e pequenos, e do desanimo que vem d'este inferno a que a gente chama experiencia. A dos velhos, é a fadiga moral e physica, o dizer adeus ao mundo, o avistar a eternidade e o julgamento...

A verdade é que as melhores almas, as mais generosas, as mais nobres, têem tal necessidade de musica e tão subido e intimo gosto d'ella, que a sentem por assim dizer em tudo, na poesia, nas palavras, nas acções, como se fôra o suspirar de um orgão, na sombra, tocado por algum musico invisivel!

Ora, em Santa Cecilia a melancholia parece haver sido o segredo irresistivel da sua attracção para a musica, senão tambem de todos os passos e lances do seu destino. Queriam os paes casal-a; já tudo era festa, já tudo se preparava para as nupcias, já a enfeitavam, já a cobriam de joias, e ella martyrisava a carne com um cilicio e não queria offerecer-se noiva senão a Deus. Era como se dissesse a Jesus — «É a ti que eu amo, e nem tu és já da terra nem eu na terra quero ser de alguem. A minha alma é tua, mas não me basta isso; é preciso que ninguem venha pedir-me nem o meu coração nem o meu corpo; já que a pureza é a minha unica fortuna, quero guardal-a, e ir pura ajoelhar-te aos pés!

Mas, não houve remedio — casaram-a. Ella disse então ao noivo:

— Olha; ha um segredo na minha vida...

O outro provavelmente esbogalhou os olhos como se com elles quizesse ouvir o resto.

— É preciso que me dês a tua palavra de que não has de revelal-o a ninguem.

— Não revelarei, disse elle.

— Eu não quero ser de nenhum homem...

O noivo ía provavelmente retorquir:

— É um pouco tarde, dizer m'o em seguida ás bodas!

Mas ella proseguiu:

— Ha um espirito celeste que me protege; não me toques, deixa-me continuar a ser o que sou. Se estás por isto,



RAPHAEL SANZIO pinx.t

A.H.PAYNE sc.

S.TA CECILIA.

Editores Rolland y Semiond Lisboa.

o meu anjo proteger-te-ha, e ha de querer-te bem como a mim... Aliás, não me possuirás viva e tel-o-has por inimigo.

—Que é do anjo? disse o marido.

—O anjo?!

—Sim; que é d'elle? Quero vel-o.

—É preciso baptisares-te.

—Para vêr o anjo?

—Para poderes vêl-o, sim.

—E vêl-o-hei depois, com certeza?

Ella respondeu com o olhar, o dôce olhar das mulheres que têem fé, o olhar que faz crer em tudo...

O noivo era moço, enthusiasta, um pouco poeta, talvez; sentiu-se preso n'um culto apaixonado e reverente por sua mulher, e disse-lhe que consentia—não por um ataque de curiosidade que o levasse a tudo para vêr o anjo, mas por acreditar desde logo n'alguma coisa sobrenatural, em tanta maneira sentia ser impossivel que a sua noiva o enganasse.

Uma pausa n'este ponto.

Para quem estou eu escrevendo?

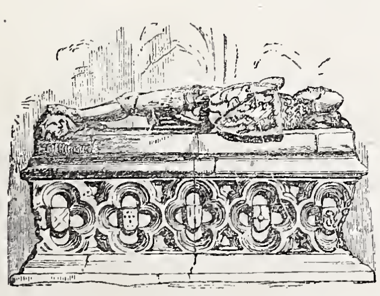
Um homem tem espirito n'uma casa, e n'outra casa não tem graça nenhuma, por motivos differentes, tão differentes como os juizos que n'esta ou n'aquella casa reinarem a respeito das pessoas e das coisas.

Assim tambem, qualquer que fosse o tom em que eu escrevesse este artigo, grave, ou risonho, difficilmente conseguiria que todos o lessem com acceitação. Creatura adulada e procurada, quasi que põe o mundo entre si e Deus como um abysmo: com o dispersar das relações e das alegrias, poeira levada para longe pelas circumstancias da vida, vira-se então para Deus, e comprehende que só elle é indispensavel, elle que era o mais esquecido. Ora, se até com Deus se é injusto, o que fará com os santos!

É claro *que não tenho os dados*, como é phrase na camara dos deputados, para lhes assegurar que o noivo viu o anjo; mas a lenda christã o affirma, e eu não hesito em o referir; coisas tão difficeis como essa tem o amor feito vêr a muita gente,—quanto mais o poder divino!

O desenlace em todo o caso justifica a obra; o noivo, coitado, que, havendo feito o seu gosto em vêr o anjo, não logrou nunca vêr sua mulher á vontade, foi condemnado á morte: e a santa por não querer sacrificar aos idolos acceitou contente o martyrio que a livrava do mundo e dos homens, e esteve vinte e quatro horas n'um banho... Na agua tudo é vago: é mobil e fugitiva a superficie, o corpo reflecte, e esconde o fundo: tem murmurios, miragens, vozes, agrada á vista, seduz o ouvido, falla á imaginação, e attrahe, attrahe... É misteriosa, a agua; e Santa Cecilia acabou, de certa maneira, como viveu, n'um mysterio. Por verem que ella durava tanto dentro de agua, chamaram o carrasco para lhe cortar a cabeça, e parece que por tres vezes elle o tentou sem o conseguir. Era a sereia christã...

JULIO CESAR MACHADO.



HUGO VAN DER GOES

(Quadro em madeira, de Emilio Wouters; gravura de R. Brend'amour)

(Conclusão)



VOLTANDO d'esta original campanha de Bruges, Hugo van der Goes teve de entrar quasi ao mesmo tempo em duas de natureza artistica analoga, embora de menos estrondosa magnificencia, na sua terra natal. Foi uma, a entrada dos illustres desposados,—*joyeuse entrée de nos redoutés maîtres et seigneurs*,—como resam as contas respectivas (1468–1469). Goes com os seus ajudantes teve de vestir as ruas com varias télas allusivas e picarescas por *XIIIJ livres de gros*, e tendo no mesmo anno, o papa despejado a cornucopia das indulgencias plenarias, sobre a boa cidade de Gant, os honrados burguezes, doidos de enthusiasmo por se verem repentinamente lavados de todos os seus peccados e aptos a entrar sem objecção do severo porteiro do Paraiso, na dôce aposentadoria da bemaventurança, não se fartavam de pendurar as armas e insignias pontificias sobre as portas da cidade, nos templos, em toda a parte.

Goes foi encarregado de pintar muitos d'estes brazões por oito *escalins de gros*.

Em 1474 o nosso pobre gantez trabalhou tambem no catafalco e funeral de Filippe o Bom.

Não faltara porém quem descobrisse o genio opulento de Goes no meio d'estas fainas de um gosto duvidoso e de uma ostentação excentrica, e quem lhe désse occasião de affirmar mais caracteristicamente os seus talentos artisticos. A este facto devemos um dos melhores quadros que se conhecem de Hugo: a *Adoração dos pastores*, que formava o principal retabulo de Santa Maria Nuova em Florença, e ali existe hoje ainda, mas dividido. Naturalmente da existencia d'este quadro nasceu a idéa de alguns escriptores de que o distincto flamengo tivesse estado na cidade das Flores, mas tal idéa não parece confirmar-se.

Este quadro fôra encommendado por um Thomaz Portinari, descendente do fundador da igreja, Folco Portinari, o pae da Beatriz do Dante. Thomaz era conselheiro do Temerario, representava os Médicis em Bruges, e tinha ali a chefia da *nação* dos flamengos: era um mercador opulento e tivera de certo muitas occasiões de conhecer Hugo van der Goes.

Apezar de toda a riqueza de composição, da valentia do agrupamento, das harmonias e opulencias do colorido, o quadro tem um tom triste, frio, ingenuamente melancholico; reina em todo elle uma serenidade resignada, quasi dolorida que não é aquella dôce e mystica serenidade de Fiesole, ou a serenidade magestosa das influencias classicas; estamos igualmente longe do naturalismo

cheio de vida da renascença do norte, — da primeira renascença, — e do idealismo vigoroso e plastico do sul.

Reflectir-se-hão já n'este quadro as primeiras sombras dos desgraçados amores de Goes?

***

É uma historia triste e para o tempo vulgar.

Havia em Gand um ricasso chamado Jacques Weytens, que ou por ostentação ou porque não fosse positivamente da bitola dos nossos ricassos burguezes de hoje, quiz que o pincel de um artista que era o artista da moda lhe enriquecesse a casa onde se alojava a sua prosapia. Esta casa ficava junto da ponte chamada *Muyderbrugje* e Van Mander conheceu-a ainda.

Hugo van der Goes ali pintou, n'uma sala, sobre o resguardo de um fogão, um dos seus quadros mais applaudidos. Representava o encontro de Abigail, a mulher do avaro Nabal com David, em que ella consegue aplacar a colera d'este. A figura de Abigail e as do seu feminco cortejo, a composição geral, a correcção do desenho e o vigor do colorido mereceram de Karel van Mander e de outros os mais enthusiasticos encomios, e inspiraram a Lucas de Heere um mediocre soneto em que as mulheres do quadro começam por dizer:

« Nós somos aqui representadas de tal maneira que parecemos vivas por Hugo van der Goes, artista celebre: *o amor que o prendia a uma de nós* lhe dirigiu o pincel e a tornou tão bella... »

e acabam por esta impertinencia:

« A vista alegra-se, a alma commove-se; só uma coisa nos falta: o uso da palavra, defeito muito raro nas mulheres ».

Alem da allusão de Lucas, a *Flandria descripta* de Marchantius e Van Mander contam a historia.

É simples.

Jacques Weytens tinha uma formosa filha. Foi o modelo da figura de Abigail. O artista apaixonou-se pelo modelo e este que não era apenas a estatua da lenda mas uma existencia humana, opulenta de sentimento, fundiu-se em extremos de acrisolado amor n'aquella outra existencia cheia de talento, de viço e de ardor, que lhe apparecia na aurora da vida. Foram uns amores desgraçados.

Hugo pediu a Weytens a filha, e o burguez emproado negou-lh'a. Pelo seu lado aquella dôce Abigail não conseguiu vencer os preconceitos e a cruel tenacidade d'aquelle David flamengo. Os flamengos têem a cabeça dura: dizia Carlos o Temerario que os conhecia bem, e provou-o esta historia.

Isabel Weytens, a formosa apaixonada de Hugo, transpoz o limiar do mosteiro das *Damas Brancas (Porta Cœli* ou Jericho) de Bruxelles, e envolveu a sua opulenta mocidade e o seu profundo amor nas gelidas solitudes da clausura.

Ali, no mystico convivio da saudade e das recordações do malogrado amor, procurava em tarefas calligraphicas de feição artistica, aproximar-se da esphera luminosa em que lhe apparecia a imagem querida do seu pintor, e a bibliotheca de Bruxelles possue ainda um manuscripto da pobre menina sellado com as lagrimas da sua desditosa paixão.

Hugo tentou resistir: sorria-lhe a gloria e cobria-o com a aurea chuva das honras e das affeições publicas. Mas aquella desgraça intima envolvia-lhe a alma em luctos que lhe transbordavam sobre a téla. Um dia Hugo fugiu para a floresta de Soignes e desappareceu no *Claustro-Vermelho* (Roo-Clooster), celebre abbadia agustinha onde vivia Nicolau van der Goes, irmão do pintor [1]. Fugira ao mundo e o mundo não deixou de o importunar na austera tristeza do claustro. O que não podia era fugir a si proprio. A imagem de Isabel ía com elle. Passados annos Hugo partiu para Colonia. Acompanhava-o alem do irmão, o esmoler do convento onde jazia Isabel Weytens, fr. Pedro. Na volta, chegando a Bruxelles, Hugo, cuja intelligencia não ficara de certo incolume no meio d'esta lucta interior, cahiu, n'uma noite, em furiosa lycanthropia. Por ventura se lhe avivara a recordação da bem amada e lhe fugira a já oscillante rasão na intuspecção do seu desperançado amor.

Foi então que lhe acudiu com a dôce therapeutica das cytheras e dos canticos, o bom de fr. Thomaz, abbade do Claustro-Vermelho. A idéa do pobre frade era que Hugo estava possuido do máo espirito, que pelos modos não é *dilletanti* e foge á applicação d'este estranho e divino eleboro da musica.

Fundo escondera Goes o seu amor, que nem fr. Thomaz nem Gaspar Ofhuys, outro frade, amigo e companheiro de Hugo tinham conseguido enxergal-o a acirrar-lhe o desvarío.

As observações de Ofhuys são de um prosaismo desolador. « Elle preoccupava-se a um ponto excessivo », — diz Ofhuys, — « a respeito de como terminaria o que tinha para pintar, porque segundo se dizia então, difficilmente acabaria tudo em nove annos ».

« Lia muito n'um livro flamengo ».

« O vinho devia actuar de uma maneira deploravel na sua saude, em consequencia das visitas que recebia. Estas causas podem ter, a final, originado a sua enfermidade ».

E o pobre frade conclue desoladoramente:

« Deus para evitar a sua queda enviou-lhe uma molestia humilhante, abateu-lhe profundamente a sua vaidade ».

Como conheciam as profundezas do coração humano, estes homens que nos legaram tantos *in folios* de philosophia racional e moral e que se suppunham os directores inspirados da humanidade!...

Comtudo fr. Thomaz póde talvez gabar-se da efficacia da sua medicina musical, porque Hugo melhorou um tanto. Foi porém pouco duradoura e pouco profunda a melhora, e dentro em pouco, em 1482, havia no claustro, mais uma pedra tumular onde se lia esta ultima e lisonjeira homenagem:

Pictor Hugo van der Goes humatus hic quiescit. DOLET ARS CUM SIMILEM SIBI MODO NASCIT [1].

O epitaphio era talvez obra d'aquelle mesmo Ofhuys que diz tambem na sua chronica: « Elle era tão notavel na arte da pintura que não se poderá encontrar igual, diz-se, áquem dos montes ».

São rarissimas as obras de Goes. Alem da *Adoração dos Pastores* de Santa Maria Nuova que já citei, e que é considerada a mais authentica, vi na galeria dos *Uffizi* de Florença a que representa a *Virgem com o menino* a quem *Santa Catharina offerece uma flôr,* que alguns criticos consideram como o primor do trabalho de Hugo e que é realmente uma composição encantadora; — no Belvedere de Vienna, a *Virgem e o menino adorados pelo doador,* composição que lembra n'algumas coisas a dos *Uffizi,* mas que Michelis affirma ser de Memlinc; *S. João Baptista* e *João Evangelista,* que não sei quem attribuiu a Hugo e que o catalogo d'Engert diz serem de Mabuse; *Adam e Eva,* attribuição contestada; finalmente em Mu-

[1] Michelis — Hist. etc.

[1] Repousa enterrado aqui o pintor Hugo van der Goes. Chora-se a arte porque não conhece agora quem o iguale.

nich as obras notaveis que tendo por muito tempo sido attribuidas a Goes, parece provado pertencerem uma a Memline (a que tem a inscripção de Hugo v. d. Goes 1472) outra talvez a Daniel de Rycke, etc.

Michelis suspeita que são d'elle outras obras da galeria de Florença; Crowe e Cavalcaselle descrevem enthusiasticamente um Goes authentico do palacio Puccini, de Pistoia; e Berlim possue alguns muito notaveis.

Em geral as composições de Hugo têem um caracter melancholico que attinge por vezes os rudes exageros da dôr e da afflição; o desenho como o colorido é firme e a miudo duro; as tintas grossas, cuidadosa a execução, bons os horisontes e excellentes os accessorios.

LUCIANO CORDEIRO.

É SINA

Se o teu nome, Rosalina,
Escrevo na praia, — é sina
Vir logo a brisa do mar
As oito letras riscar.

Se os teus olhos, teu sorriso
Quero vêr, — ai! de improviso
Foge-me a vista dos meus!
São coisas que manda Deus.

É que os nomes das mulheres...
Não direi mais, se não queres.
Olhos, sorrisos... Que sina!
Todos mentem, Rosalina.

FERREIRA DE MESQUITA.

ALICE

A HELOISE DE ALMEIDA E ALBUQUERQUE

(Ephemero penhor de immorredoiro affecto)

(Continuação)

II

Por um acaso feliz era ella a unica pessoa de familia que n'aquelle dia estava em casa. Não tendo o costume de receber visitas sósinha, a sua primeira idéa foi recusar-se a apparecer a Jorge de Athayde.

Quando o criado trouxe esta resposta o pobre homem que se munira na ultima hora de uma resolução invulneravel, entregou-lhe um cartão onde por baixo do seu nome se liam estas palavras laconicas e mysteriosas: — *Para negocio urgente.*

Não tardou muito que a porta da sala se não abrisse.

Alice entrou correndo. Tinha nos olhos a alegria infantil de quem espera uma novidade que a distráia, e lhe altere a monotonia pesada da existencia.

Haviam-a interrompido no principio do penteado. Isto porém não a prendera: Jorge de Athayde era uma tão insignificante creatura aos olhos d'ella. Um pouco mais do que o saguí travesso que lhe pousava no hombro, um pouco menos do que um homem.

Sobre o penteador de cambraia bordado pelas suas mãos de feiticeira caía-lhe em profusão desordenada a matta espessa dos loiros cabellos.

Aquellas espiraes fulvas, electricas, luzentes como cobras, envolviam-a, beijavam-a, pareciam morder-lhe enredando-se nos primorosos contornos de seu corpo languido e franzino.

Não era bella assim, era muito peor.

Tinha a graça perigosa que de certas mulheres se exhala como dizem que da mancenilha asiatica se exhalam fluidos mortaes; os seus grandes olhos indefiniveis indicavam, mais do que nenhuma feição, o segredo d'aquelle caracter. Não o sabia ella, ninguem o saberia nunca ao certo, de tal modo variava a muda linguagem d'esses olhos, ora scintillando phosphorescencias magneticas, ora afogados na sombra, ora pasmados, risonhos, innocentes, como os olhos de úma creança de leite.

Jorge ao vêl-a surgir assim illuminada, festiva, temivel de encanto e de mocidade, teve impetos de recuar e de fugir. O que elle sentiu não foi enlevo, foi medo; não foi orgulho, foi desesperação muda e sombria.

Não era já tempo de recuar. Alice parou diante d'elle, e, sem perder tempo a cumprimental-o, disse-lhe toda offegante:

— Que negocio é que vem tratar comigo? Diga depressa, não me faça morrer de curiosidade.

Isto foi dito n'um tom graciosamente despotico, impaciente quasi. Jorge de Athayde despertára-lhe a idéa de uma novidade e agora havia de pôr-lhe para ali, quer quizesse quer não, uma grande noticia bem espantosa, bem inesperada, que correspondesse ao sobresalto em que lhe batia sob as pregas do longo penteador o seu pequenino coração de mulher curiosa.

Athayde não respondeu logo. Olhava para ella, mais curioso e mais sobresaltado ainda.

Alice esperava uma noticia, elle interrogava uma esphinge.

Diante d'aquelle primor de graça, de frescura travessa, de feminil encanto, sentia-se vagamente apavorado e comprehendia a loucura da sua ambição.

— Traz-me alguma noticia má? perguntou ella pondo fim áquelle silencio angustiado; e cruzou as mãos com instinctivo susto, em postura supplicante diante da pallida figura consternada que tinha diante de si.

— Não. Não lhe trazia noticia má, sr.ª D. Alice, para lhe dizer a verdade toda, não lhe trazia noticia nenhuma.

A voz saía-lhe com esforço da garganta secca.

— O que vinha dizer-lhe era uma tolice. Tenho vivido tão alheio a certa ordem de idéas! Em mim existem ás vezes inexperiencias infantis. Agora entendi tudo. Porquê, não sei. O caso é que entendi. Perdoe-me têl-a interrompido no seu penteado. Bem vê! sou um velho e tenho o juizo de uma creança.

Emquanto o ouvia, a expressão d'ella passava por gradações diversas. Primeiro no seu lucido olhar humedecido lêu-se a decepção, depois o espanto, por fim uma curiosidade irresistivel onde havia ligeiros toques de *coquetterie.*

Não lhe adivinhava ainda o espirito mas adivinhava-lhe já o instincto feminil.

Sorriu-se.

Soberbo sorriso que dizia: — Pobre tolo! pensas que has de ficar callado se eu quizer que falles!

Aproximou-se um pouco mais de Jorge de Athayde,

sacudiu com um gesto felino os cabellos que lhe affrontavam o rosto, e pondo a mão elastica e cheia de fluido na mão do pobre caixeiro, murmurou:

—Diga; diga sempre o que vinha dizer-me ainda agora. Olhe que ás vezes os sustos que a gente tem, são infundados! Pois eu metto-lhe medo?

Dizendo isto levantou os olhos, não já entristecidos na apprehensão de algum desgosto, mas claros, scintillantes, um pouco maldosos e com a consciencia de que o estavam sendo.

Pobre alma virgem e humilde! Aquelle olhar transfigurou-o. Ninguem lhe havia dito ainda que as mulheres mentem, e que não ha perigo maior do que excitar-lhes uma curiosidade, um desejo, um capricho qualquer. Para o alcançarem não ha barreira que as assuste, abysmo que lhes tolha os passos, caricia ou punhal que por traiçoeiro ellas recusem.

Jorge ficou ainda um instante recolhido em si mesmo, n'uma concentração profunda. Depois o rosto reassumiu-lhe a fria insensibilidade que lhe era habitual, e a voz, uma voz tremula, embora menos hesitante pronunciou baixo estas palavras.

—Minha senhora, sou um homem honrado, a minha vida tem sido uma obscura lucta sem premio; ha dias vi-me rico sem o ter esperado nunca. Venho offerecer-lhe o meu nome, a minha fortuna, e um affecto que vale alguma cousa mais, affecto de pae, de irmão e de carinhoso amigo.

Quem sabe se Alice esperava ou não aquellas singelas palavras do antigo agente de seu pae!

Não o sei eu; não o sabia ella mesma.

A verdade é que ao ouvir-lh'as empallideceu muito e deixou-se caír n'uma poltrona que estava por detraz d'ella.

Pelo espirito da loira creatura passou n'aquelle momento um mundo de visões. Sem ella poder explicar porquê, viu seu pae, e as grandes salas do seu palacio e o quarto todo branco, tão virginal, tão encantador, onde ella dormira os seus primeiros somnos de adolescente; viu o seu precioso piano, a harpa onde ella gostava de passar em dias que voaram os brancos dedos nervosos; viu os bailes de que era rainha, rainha idolatrada e caprichosa vestida de brancas rendas diaphanas, como uma ondina ou como uma fada das lendas, depois a destacar-se do fundo d'aquelle quadro phantastico uma esbelta figura de homem em viço de annos, moreno marinheiro acostumado ás grandes tempestades, á lucta homerica dos elementos bravios, ás caçadas ferozes dos indicos juncaes, a todas as irritantes commoções de perigo, a todos os deleites do triumpho, a todos os violentos amores d'esses climas de fogo onde o amor é a vida mas vida que dá morte.

Da allucinação da miragem acordou ella por fim para a realidade.

Jorge de Athayde em pé, eom os olhos tristes e sem vida, com o desgeitoso corpo curvado em respeitosa submissão e talvez em dolorosa scisma, esperava a sua sentença n'aquella sala onde tudo lhe recordava a ella a sua posição humilhante e a laboriosa tarefa de todas as suas horas.

Alice inclinou-se para diante como flôr que verga na haste e rompeu em convulsivo chôro.

Jorge n'aquelle momento esqueceu tudo. A timidez natural diluio-se-lhe n'um mar de commoções desconhecidas.

Inclinou-se sobre a chorosa creança, agarrou-lhe com impeto febril nas mãos pequeninas e balbuciou estas fallas desordenadas.

—O Alice, Alice perdoe-me pelo amor de Deus! Não chore! Eu bem lhe dizia que era uma loucura. Para que usou assim do seu poder, do seu poder fatal que eu nunca suspeitei, e que se revelou como o raio, fulminando-me! Alice, meu lindo anjo loiro, não chore! Eu, bem vê, não passo de um pobre escravo seu. Todos estes dias não tenho pensado senão em fazel-a feliz! Que culpa tenho eu de ser estupido? Não atinei com outro modo... ha cousas que a gente não percebe bem logo á primeira vista. Sou desastrado, bem vejo, mas tambem tenho vivido sempre tão só! Olhe é exquisito mas é verdade, eu nunca tive mãe! As mães é que nos ensinam certas cousas. Para que me serve a mim toda essa riqueza se eu não posso dar-lh'a? Diga-me se ama alguem, confie-me os seus segredos infantis. Eu sei que ha homens cegos que só vêem o dinheiro. Se é um d'esses que escolheu será d'elle, eu lhe juro. Alice, Alice, bem vê que me está martyrisando. De joelhos lhe peço que não chore.

Ella levantou vagarosamente a cabecinha airosa, como um passaro no ramo que se debruça e espreita. Ouvia-o, olhava a transfiguração moral que o desespero operava n'aquella figura insignificante e pouco assignalada, escutava-lhe a voz entrecortada e rouca, estremecendo em fremitos de delirio, e pensava talvez que não ha pedra por mais tosca, que não possa avelludar-se de musgo, nem coração por mais humilde que em certas horas não irradie claridades bemditas. Um raio de sol, um sorriso de mulher, e eis realisada a transformação magica.

Jorge chorava com as mãos d'ella nas suas e uma angustia sem nome a lêr-se-lhe no olhar.

Não sei o que passou pelo espirito de Alice, não sei. Havia cinco annos que nenhuma palavra dôce a consolava. Aquella humilde abnegação santissima commoveu-a. Sorriu-se entre lagrimas, e perguntou baixinho com as modulações de ave queixosa que faziam da sua voz um feitiço irresistivel.

—Pois imagina que posso fazel-o feliz?

(Continua.) MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

FERDINAND DENIS

I

OFFERECENDO aos leitores das *Artes e Letras* a effigie anteposta ao presente artigo, e as linhas que se lhe seguem, pretende-se não solver, mas apenas attenuar do modo que em nós cabe, uma divida de honra e gratidão, que em Portugal se conserva de largos annos em aberto.

Tracta-se de um contemporaneo benemerito, caracter nobilissimo a todos os respeitos, do *amigo dos portuguezes,* como já em 1836 o appellidara o nosso chorado visconde de Castilho[1] e a quem somos pessoalmente devedor de estima e attenções não merecidas.

Mais nacional por sentimentos de puro e desinteressado affecto do que a muitos cumprira sel-o por dever de naturalidade, o sr. Ferdinand Denis tem dado de taes sentimentos repetidas e irrecusaveis provas. Póde-se affirmar com verdade, que uma boa parte da sua lidada e já não curta carreira (que o céo prospere ainda por longo tempo) ha sido por elle empregada com especial predilecção já

[1] Na dedicatoria do mui celebrado poema *Os ciumes do Bardo,* que appenso á *Noite do Castello* se imprimiu pela primeira vez em Lisboa n'esse anno.

no estudo profundo e meditado das nossas coisas, já em tornar patentes e notorias, divulgando-as a todo o mundo, as façanhas de nossos maiores, e as tradicções que nos legaram.

Não menos se ha mostrado em eruditos e valiosos escriptos incansavel propugnador de nossas glorias litterarias, prestando-nos em tudo com a mais fervorosa dedicação relevantes e impagaveis serviços.



Ferdinand Denis

Ao Brazil cabe tambem n'essa dedicação e serviços uma parte mui attendivel; pois que o consciencioso escriptor ama e aprecia igualmente os dois povos irmãos, que fallam a mesma lingua, cuja historia é commum durante tres cumpridos seculos; e dos quaes um, apoz a inevitavel separação, sabendo aproveitar-se das condições de engrandecimento com que a natureza tão ricamente o dotára, póde e deve continuar no futuro os trabalhos do outro, attinentes á civilisação e progresso da humanidade.

Respeitados como o devem ser em Portugal por todos que cultivam letras, o nome e os escriptos do sr. Ferdinand Denis, que para muitos tem sido mestre, ou tomado por guia em excursões historicas e criticas, mal sabemos como explicar, ou a que attribuir o incurioso desleixo havido n'esta parte, e que devéras lastimamos. Entre tantos jornaes litterarios de maior ou menor importancia e duração, que em Portugal têem vindo á luz nos ultimos quarenta annos, nenhum (que nos conste) se occupou até hoje de commemorar na lingua patria se quer em resumidos traços os factos mais principaes da vida do illustre parisiense, e a resenha dos trabalhos por elle emprehendidos em assumptos, que nos tocam de mais perto.

É certo que ao varão insigne cabia mais condigno biographo do que nós podéramos sel-o, ainda quando o peso dos annos e os achaques inherentes a uma vida sempre trabalhosa e não poucas vezes angustiada, aggravados agora pela extincção quasi total da vista, nos não tinham invalidado as forças a ponto de nos confessarmos incapaz de tudo e para tudo.

Penna mui mais elegante e aprimorada que a nossa, como que se compromettera em tempo a dar conta d'esse empenho[1], com o que lucrariamos todos. Oito annos porém vão decorridos sem que a promessa tivesse execução, parecendo haver entrado em adiamento indefinido.

Tomando pois a cargo a nossa quota de contribuição para o pagamento da divida, temos de sollicitar mais uma vez a indulgencia dos que nos lerem, por não podermos offerecer-lhes mais do que comportam nossas amesquinhadas posses. Já que não podiamos apresentar um quadro

[1] O sr. Ramalho Ortigão em artigo publicado no *Jornal do Porto*, que vimos transcripto na *Gazeta de Portugal* n.º 1:494 de 21 de novembro de 1867, e novamente reproduzido como um dos episodios no festejado livro *Em Paris*, impresso em Lisboa no anno seguinte.

brilhante e realçado pelas galas do estylo, quizeramos ao menos que este mal amanhado esboço contivesse algumas particularidades e circumstancias, que embora tidas por alguns na conta de minuciosas, são sempre aprazíveis aos que excitados por uma justa curiosidade, olham com interesse para tudo que possa dizer respeito a homens illustres e proeminentes. Pouco foi o que n'este ponto obtivemos, vendo com desgosto mallogradas as diligencias que empregámos a tal proposito. Appellámos até para a benignidade do crédor benevolo, como aquelle de quem poderiamos esperar mais seguras indicações e esclarecimentos para o fim desejado. Vimos porém baldadas nossas sollicitações, porque a modestia propria do sabio venceu d'esta vez a amabilidade do consocio, em termos taes, que não deixavam logar para novas instancias. Por muito significativo, seja-nos permittido trasladar para aqui textualmente o que elle nos escrevia em carta de 24 de setembro de 1874, escusando-se de annuir ao que de sua affectuosa e já provada benevolencia haviamos sollicitado. Diz assim:

« .... Gardez vous bien d'employer un temps précieux comme le votre, à faire l'article dont vous voulez bien m'entretenir. Quelques mots de vous, quand je ne serai plus de ce monde (ce qui ne peut beaucoup tarder), suffiront bien s'ils constatent qu'en ce que regarde les gloires de votre beau pays, qu'on néglige trop souvent de mettre en évidence, je fus du moins un homme de bonne volonté ... .»

Cumpririamos da melhor vontade em qualquer outra cousa os preceitos do nosso respeitado confrade: n'esta porém, não o satisfaremos, e relevem-nos elle e todos a falta, se n'isso a ha.

Contentando-nos com o pouco que já tinhamos apurado, deixamos o caminho aberto para que outros mais felizes possam dar ao assumpto a devida amplitude, preenchendo as lacunas e corrigindo os erros que notarem.

(Continua) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

LIVROS E FOLHETOS

(Continuação)

FEIRA DOS ANEXINS.—D'esta notavel obra do nosso erudito classico D. Francisco Manuel de Mello, escreveu o sr. Alexandre Herculano em 1840, no *Panorama*, o seguinte:

A outra (obra inedita de D. Francisco Manuel) que lêmos e de que possuimos uma copia, é a *Feira dos Anexins*, livro curioso, em que estão lançadas methodicamente as metaphoras e locuções populares da lingua portugueza, e que seria quasi um manual para os escriptores dramaticos, principalmente do genero comico, que quizessem fazer fallar as suas personagens com phrase conveniente, e com as graças e toque proprio da nossa lingua portugueza e do verdadeiro estylo dramatico, cousa a mais difficil, talvez, n'este genero de litteratura, e de que tão arredios andam os que ora o começam a cultivar entre nós, embuidos dos destemperos, escaracéos e expressões falsissimas, que aprendem pelos livros do visconde de Arlincourt, e ainda dos grandes auctores dramaticos francezes, etc., etc.

Depois d'esta opinião devida á penna illustre de tão abalisado critico, nada mais resta a dizer ácerca da importancia da obra. Accrescentarei apenas que ás boas diligencias do sr. Innocencio Francisco da Silva, escriptor muito lido em a nossa litteratura antiga, e ao emprehendimento do sr. A. M. Pereira, editor prestadio, se deve que o livro de D. Francisco Manuel, até agora conhecido de poucos, fique ao alcance de todos.

CLAUDIO.—Assim se intitula o romance que deu nome no mundo das letras, ao nosso primeiro folhetinista, ao nosso mais chistoso narrador, o sr. Julio Cesar Machado. Graças a um folhetim que o mallogrado escriptor Lopes de Mendonça publicou em a *Revolução de Setembro*, apresentando ao publico a obra e o auctor, Julio Machado tornou-se conhecido n'um dia, e d'esse dia em deante avançou triumphalmente, até conquistar o logar que hoje occupa entre os principaes talentos da nossa terra. A empreza editora Carvalho & C.ª reimprimiu agora o *Claudio*, ao qual o auctor acrescentou uma das mais agradaveis descripções que têem saído da sua penna galhofeira e por vezes enternecida. Intitula-se *Aquelle tempo*, e n'ella se apresentam, como em ligeira revista, alguns factos succedidos em Lisboa ha vinte e cinco annos, acompanhados de parecidos retratos dos homens que n'elles figuraram, retratos feitos a dois traços—impromptos, lhes chamam os pintores—mas que logo á primeira vista accusam a mão habil e firme de quem os desenhou. Alguns d'esses homens são hoje fallecidos, e outros occupam os primeiros logares nas letras, nas artes e na politica.

OS SELVAGENS.—Ninguem ignora o grande conhecimento que o sr. Francisco Gomes de Amorim tem das emaranhadas florestas da America brazileira, por onde viveu durante alguns annos, observando os explendores d'aquella natureza exhuberante de vida, e estudando os costumes dos habitadores incultos de tão opulentas regiões, bem como dos que, mais ou menos esclarecidos pela radiosa luz da civilisação, com elles traficam e á sua custa enriquecem. A tão curiosos estudos deve o sr. Amorim a publicação de famosas descripções, de vigorosos dramas e do romance *Os Selvagens*, ha pouco saído dos prélos da casa editora Mattos Moreira & C.ª, romance baseado na vida nomada e original das tribus indias que o sr. Amorim viu de perto, e com as quaes mais de uma vez communicou. O estylo claro e ameno do auctor, a acção dramatica do enredo e a côr vigorosa da paizagem que serve de fundo ao quadro, fazem com que o livro do sr. Amorim seja altamente apreciado não só pelos entendidos, mas por todos os que se interessam pelas obras de viagens, que têem sempre, quando, como esta, são boas, o duplo fim de entreter e de instruir. O livro é dedicado ao sr. conselheiro Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa.

ALMANACH DAS SENHORAS PARA 1876.—Está publicado este conhecido livrinho, curioso album de interessantes artigos e melodiosos versos, colligidos pela sr.ª D. Guiomar Torrezão. Algumas senhoras e bastantes escriptores portuguezes e brazileiros assignam os diversos trechos litterarios, que muito fazem valer este almanach, no qual o comprador encontra, além do calendario e das tabellas indispensaveis em taes livros, leitura para muitos dias. Assignando um admiravel soneto de agudissima critica, figura o nome de Claudio José Nunes, vigoroso talento que ha pouco desappareceu da terra, deixando devoluto o logar que tão distinctamente occupava de poeta satyrico, como bem o prova a segunda parte—comedia—do seu excellente volume de poesias *Scenas contemporaneas*.

REPLICA AO ADVOGADO ANTONIO MARIA DE CARVALHO.—Refere-se este folheto, assignado pelo sr. J. M. Pereira Rodrigues, a uma questão particular havida entre este sr. e outro cavalheiro, rasão por que não me compete dizer coisa alguma sobre o conteúdo d'elle. Se o incluo n'esta secção, é para que ao seu auctor caibam os agradecimentos que no começo d'ella dirigi, de antemão, a todos os auctores ou editores que me enviam as suas obras.

MAXIMAS MORAES.—Á ex.ᵐᵃ sr. D. Carolina Nilo offerece seu avô José Romão Rodrigues Nilo, doutor em medicina e correspondente de varias sociedades scientificas, este compendio de maximas moraes, suggeridas pela experiencia e pelo bom desejo de um avô legar a sua neta, obra que lhe aproveite. Nada mais justo nem respeitavel do que a intenção do sr. doutor Nilo. Addicionados ás maximas, encontram-se um capitulo sobre hygiene pessoal e uma anecdota.

O BRAZIL.—Devido á penna esclarecida do sr. Augusto de Carvalho, foi publicado, ha pouco, em a cidade do Porto, um grosso volume do titulo acima, primeira parte de uma importante obra sobre colonisação e emigração para as terras de Santa Cruz, estudo altamente proveitoso a que o auctor se tem entregado com a maior dedicação. Este volume contém um specimen das cartas de doações e foraes de capitanias, o regimento dado ao primeiro governador geral do Brazil, alvarás, cartas regias e outras leis dos tempos coloniaes, e todas as disposições da legislação brazileira, que mais particularmente interessam aos estrangeiros que pretendam estabelecer-se no imperio. Vê-se, pois, que o livro do sr. Augusto de Carvalho presta relevante serviço ao nosso paiz. De tão perto nos achamos ligados com o Brazil, que os interesses do imperio são, por assim dizer, os nossos, visto que a afinidade de costumes, a igualdade da lingua, a mutua vantagem que auferem os dois povos da estreiteza e cordealidade das relações, tornam Portugal e Brazil tão irmãos, tão amigos como sempre o foram na época em que outros laços os uniam não só affectuosa, mas tambem politicamente. A importante obra do sr. Augusto de Carvalho é offerecida á praça do commercio da cidade do Porto.

ESTUDOS DE CLINICA MILITAR.—O sr. Guilherme José Ennes, cirurgião mór do exercito, adjunto á repartição medica do ministerio da guerra, colligiu em volume de perto de 200 paginas, uma serie de notas e observações colhidas em quatorze annos de pratica nos hospitaes militares, a que poz o titulo que acima se lê. Escuso de declarar a minha incompetencia para julgar do merecimento d'este livro, pois que ninguem ignora que só aos da profissão é dado ajuizar de um escripto baseado nos preceitos da sciencia medica, e nos que a boa administração de tudo que diz respeito

á clinica militar, aponta e aconselha. Todavia o reconhecido prestimo do auctor e a clareza com que tudo está exposto nos diversos capitulos de que se compõe o volume, levam-me a crer que o trabalho do sr. Guilherme Ennes ácerca das doenças mais vulgares e predominantes no exercito, é de grande interesse para os competentes, e deve servir de auxilio para uma boa organisação medico-castrense, bastante necessaria entre nós. A obra é offerecida e consagrada ao actual presidente do conselho de ministros e ministro da guerra, o sr. A. M. de Fontes Pereira de Mello.

Harmonias phantasticas. — É auctor d'este formosissimo livro de poesias o sr. Sousa Viterbo, talento robusto mais de uma vez provado por escriptos em prosa e em verso. O sr. Sousa Viterbo, adepto fervoroso da escola denominada da idéa moderna, não se extasia ante a fórma romantica; mira principalmente nas suas obras a um fim de que resulte mais proveito do que o simples entretenimento do espirito durante a leitura. Bom metrificador, poeta imaginoso, da sua penna firme e por vezes arrojada, sáem versos magnificos como os de que se compõe o volume de que trato, nos quaes, longe de se topar com os defeitos de que andam eivados os trabalhos de muitos dos que seguem a escola do auctor, se encontra sã linguagem e boa doutrina. O sr. Sousa Viterbo está a concluir o curso de medicina. Praza a Deus que não lhe succeda como ao mallogrado Cardeira, moço de talento, poeta antes de ser medico, do qual o sr. Julio Cesar Machado conta chistosamente, que o seu primeiro livro se denominava — *Uma corda da lyra* e o segundo... *Da estomatite ulcerosa!*

A senhora viscondessa. — Com este formoso titulo baptisou o sr. Magalhães Lima um romance original, impresso em Coimbra e posto ultimamente á venda nas principaes livrarias. O sr. Magalhães Lima é geralmente conhecido por moço de talento e por assiduo trabalhador, o que attesta o registo das suas publicações, todas ellas tendentes a affirmarem as idéas livres e os principios mais avançados do escriptor que as assigna. Agora tentou o sr. Magalhães Lima o romance, e, se não conseguiu escrever um livro em que revelasse todos os dotes que constituem um bom romancista, mostrou comtudo que a pratica e o estudo lhe hão de abrir caminho largo e seguro por entre as difficuldades e asperezas que se encontram n'esse genero de litteratura. A *Senhora viscondessa* é uma tentativa, o romance que se lhe seguir, estou certo, será uma affirmação perfeita de que o sr. Magalhães Lima póde afoutamente empregar os seus ocios de publicista, em trabalhos mais amenos e mais gratos ao espirito.

Sorrisos e lagrimas. — O nome da ex.^{ma} sr.^{a} D. Maria Rita Chiappe Cadet é, de ha muito, conhecido na republica das letras, por alguns lavores de subido merito. O seu ultimo livro de versos *Sorrisos e lagrimas* não é das obras da auctora, a que menos merece a boa acceitação publica; encerra formosas poesias ora repassadas de suave tristeza, ora scintillantes de innocente alegria, todas agradaveis e dignas de prenderem a attenção não só dos que, na qualidade de obreiros do mesmo officio, passam por entendedores, mas dos que só têem por guia a boa razão e o gosto pelo bello. A obra é dedicada a *madame* de Gérando, e tem no começo o retrato da auctora, desenhado pelo sr. Macedo e gravado pelo sr. Alberto.

A filha do emir. — Eis o titulo do romance que no seu 18.º volume distribuiu aos seus assignantes, a *Bibliotheca universal*, de que são editores os srs. Lucas & Filho. É original do sr. Carlos Pinto de Almeida. Cumpre notar que de quatorze romances que esta benemerita empreza tem publicado, apenas um é traduzido, o que prova os serviços por ella prestados á litteratura nacional. A *Filha do Emir* prende a attenção, e lê-se com agrado até a ultima pagina, pelo que estabelecerá em bases cada vez mais seguras, os bons creditos da empreza que o escolheu para a sua valiosa collecção.

Liberdade! — Lê-se na segunda pagina d'este folheto a seguinte dedicatoria: — Ao eximio cidadão Anthero do Quental off. D. e C. A auctora. A poesia é, portanto, de uma senhora. Esta circumstancia e o assumpto da obra, hão de certamente despertar a curiosidade do leitor.

Observações sobre o actual estado do ensino das artes em Portugal, a organisação dos museus e o serviço dos monumentos historicos e da archeologia, offerecidas á commissão nomeada por decreto de 10 de novembro de 1875. — O sr. marquez de Sousa Holstein, auctor da curiosa memoria assim denominada, tem por auxiliar para trabalhos d'esta ordem, não só a grande intelligencia de que é dotado, e a copia de conhecimentos que os seus estudos escolasticos e particulares lhe têem adquirido, senão tambem a longa pratica dos assumptos de arte cuidadosamente investigados por s. ex.^{a} em terras estrangeiras, e actualmente entregues á sua gerencia na propria terra. Não admira, portanto, que a memoria apresentada pelo sr. marquez de Sousa á commissão nomeada em 10 de novembro ultimo, seja obra digna, por todos os respeitos, da attenção d'aquelles que sinceramente se interessam pelo progresso das bellas artes em Portugal.

Na referida memoria expõe concisa, mas claramente, o sr. marquez, a situação em que se acha o ensino artistico no paiz; a falta que temos de museus e collecções; o estado deploravel a que chegaram os nossos monumentos historicos; a necessidade absoluta que ha de organisar trabalhos archeologicos, para que os estrangeiros não venham explorar valiosas antiguidades que possuimos, como está succedendo em Troia; finalmente, a miseria em que se acha o indecoroso pardieiro a que chamamos Academia de bellas artes, onde ninguem póde apresentar um forasteiro, sem que as faces se lhe tinjam de vergonha. A todos estes pontos tratados com vasto conhecimento do assumpto, acrescenta o sr. marquez observações muito judiciosas, propondo ao mesmo tempo alvitres de que resultarão incontestaveis vantagens, se vierem a ser adoptados. A commissão creada pelo governo para tratar das urgentes reformas de que actualmente carece tudo que diz respeito a bellas artes, tem, pois, na memoria escripta pelo sr. marquez de Sousa, excellente guia para encaminhar seus trabalhos.

Algumas questões apontadas pelo esclarecido auctor da memoria, deve a commissão estudar com o maximo cuidado. Uma das mais difficeis, porém de maior importancia e urgencia, é sem duvida alguma a do ensino. Torna-se absolutamente preciso que da nova reforma da educação artistica se obtenha que o discipulo da Academia conclua o seu curso, tendo a illustração indispensavel a um artista professador de qualquer arte nobre. Não basta saber desenhar e conhecer os processos da pintura ou da modelação, é tambem mister possuir luzes bastantes da parte esthetica da arte, ser sufficientemente lido em historia, perceber as linguas mais conhecidas, dispôr, em fim, de noções theoricas taes, que o individuo seja verdadeiro artista e não simples mechanico. Julgo, porém, que estes estudos devem ser feitos em aulas dependentes da Academia, sem que se altere o que se acha estabelecido com respeito ás exigencias para a matricula. N'uma terra em que o futuro das artes é tão pouco prospero, só vae ser artista quem não póde ser outra coisa. Isto tem excepções, mas infelizmente rarissimas. Portanto, se se exigir para a matricula na Academia maiores habilitações do que a de instrucção primaria marcada hoje na lei, os paes preferirão, de certo, applicar os filhos a outra carreira de futuro menos contingente, e um dia virá em que teremos de fechar a Academia á falta de alumnos que a frequentem.

Outro ponto que, segundo me parece, a commissão deve discutir largamente, é o que o sr. marquez trata na sua memoria sob o titulo de *Cadeiras (de desenho) nos lyceus*. É mister que o estado vexatorio em que o ensino do desenho está nos lyceus, acabe de uma vez para sempre. Como muito bem diz o sr. marquez, não se deve exigir para o curso de instrucção secundaria senão o desenho linear. É absurdo obrigar um rapaz que não tem a minima vocação para desenhar, e que se destina ao estudo de medicina, theologia ou direito, a fazer rigoroso exame de principios de desenho de ornato. Conserve-se o exame obrigatorio do desenho graphico — sendo-se, ainda assim, o mais benevolo possivel para com os examinandos — e acabe-se com o outro em Lisboa e no Porto, onde ha escolas publicas para quem quizer estudar figura ou ornato. Em terras onde não existam essas escolas, criem-se as respectivas cadeiras nos lyceus, mas sendo facultativa a frequencia d'ellas, isto é, não as tornando parte integrante do curso de instrucção secundaria. Volva tambem a commissão olhos misericordiosos para as creanças que vão fazer exame de instrucção primaria, as quaes são obrigadas a desenhar panellas, cafeteiras, potes e... nem eu sei o que mais! Isto além de ser irrisorio, tem o gravissimo inconveniente de tomar muito tempo ás creanças, desviando lhes a attenção dos estudos realmente necessarios.

De outro ponto importante da memoria publicada pelo sr. marquez, deve outrosim occupar-se a commissão com verdadeiro interesse; é do que se refere á acquisição de obras de arte. O auxilio que o estado presta n'outros paizes com a compra de obras produzidas pelos artistas que merecem tal honra, é o mais poderoso meio de desenvolver o estudo e o gosto publico. O exemplo do estado é sempre seguido pelos particulares, e assim se estabelece o mercado, sem o qual não ha artistas, porque ninguem vae seguir um curso longo e difficilimo, para no fim d'elle se vêr reduzido a morrer de fome, ou a ensinar creanças em collegios e casas particulares. O que a camara municipal de Lisboa tão louvavelmente acaba de praticar, deve, pois, ser imitado pelo governo em mais larga escala. É o caso de semear para colher. Compre e encommende o estado obras aos nossos artistas, e verá como se povoam as academias e apparecem talentos em Portugal.

Medite tambem a commissão no que o sr. marquez diz ácerca do edificio da Academia de Lisboa. Ha economias que redundam em disperdicios. O risco imminente em que estão os valores representados pelos quadros gothicos, e outros, da nossa Academia, isto porque ainda se não dispoz de verba para se levantar edificio proprio e decente em que elles se colloquem, deve prender a attenção dos individuos encarregados de aconselhar o governo sobre a importante questão das bellas artes.

Dos referidos assumptos, e de muitos outros, qual d'elles o mais importante e digno de ser estudado com interesse, trata o sr.

marquez de Sousa na sua bem escripta memoria, cuja leitura eu a todos recommendo, certo de que ella representa um dos trabalhos mais bem feitos e de mais reconhecido proveito, que, em materias de bellas artes, ultimamente se tem publicado em Portugal.

A caveira da martyr.—É este o titulo do romance historico escripto pelo sr. Camillo Castello Branco, em seguimento da *Filha do regicida*. Está publicado o primeiro tomo, e n'elle se encontram as eminentes qualidades que distinguem as obras de tão apreciado escriptor, sobresaindo a todas, a do vigor e vernaculidade do estylo. O sr. C. Castello Branco, como *preito á virtude do trabalho realçada pela grande moralidade da instrucção voluntaria*, offerece a obra ao gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro. A edição é da casa Mattos Moreira & C.ª

Novellas do Minho — Gracejos que matam — O commendador.— Esta mesma casa editora, á qual a moderna litteratura portugueza tão subidos favores deve, encetou uma publicação mensal sob o titulo de *Novellas do Minho*, sendo os dois primeiros volumes distribuidos, *Gracejos que matam* e o *Commendador*. É o sr. Camillo Castello Branco o auctor d'esta serie de interessantes livrinhos,—esboços, por assim dizer, de excellentes romances—que, de mez em mez, irão deleitar os que não se envergonham de lêr obras portuguezas, tendo o bom gosto de as preferir a tanta frandulage estrangeira, que por ahi traz embasbacada muita gente boa. A primeira obra é dedicada ao sr. dr. Thomaz de Carvalho, e a segunda ao sr. D. Antonio da Costa.

Almanach de caricaturas para 1876.—Pertence ainda aos srs. Mattos Moreira & C.ª a edição d'este almanach, espirituosamente illustrado pelos srs. Bordallo Pinheiro e Manuel de Macedo. Deve esgotar-se depressa, porque é curioso e custa modico preço.

Dolmens ou antas dos arredores de Evora, *notas dirigidas ao ex.mo sr. dr. Augusto Filippe Simões*.—O pequeno folheto da denominação acima, assignado pelas iniciaes G. P., trata de assumpto que não póde escapar ás pessoas que se dedicam ao estudo da archeologia. Agora que temos uma commissão encarregada de propôr os meios de melhorar, ou antes crear, este serviço, vem muito a proposito o folheto do sr. G. P., dedicado a um dos mais esclarecidos membros da referida commissão, o sr. dr. Filippe Simões.

Sessão publica da academia real das sciencias de Lisboa em 12 de dezembro de 1875.—Contém o folheto assim denominado, o discurso proferido na mesma sessão pelo vice-presidente da academia, o sr. dr. José Vicente Barbosa du Bocage, e o relatorio dos trabalhos d'aquella corporação, eruditamente escripto pelo secretario geral interino, o sr. conselheiro José Maria Latino Coelho.

Inglez e francez.—Corre impressa esta formosissima comedia em um acto, original do sr. Sousa e Vasconcellos, auctor applaudido pelas platéas dos nossos primeiros theatros. Ao agrado que teve a engraçada comedia quando se representou no Gymnasio, deve corresponder o desejo do publico de a lêr e relêr. Foi editor d'ella a casa Mattos Moreira & C.ª

Exame medico dos milagres de Lourdes.—Pela redacção do periodico a *Democracia* foi dada a publico a traducção d'este folheto, escripto pelo dr. P. Diday. É curioso o trabalho do conhecido medico francez, não só pelos esclarecimentos que dá a respeito da apparição de Nossa Senhora de Lourdes, facto que tem alvoroçado a Europa christã em pleno seculo XIX! mas pelas explicações assisadas dos suppostos milagres que se tem attribuido á agua brotada na gruta onde a Senhora, com os seus vestidos brancos, cinto azul e rosario na mão, se dignou apparecer á pastora Bernardette Soubirous.

Almanach burocratico, geral, districtal e concelhio para 1876.—Das vantagens que deviam resultar d'este almanach habilmente coordenado pelo sr. Aristides Abranches, fallei eu quando annunciei o apparecimento d'elle em 1875. Foram reconhecidas essas vantagens, e a prova está em que o livro teve tão facil venda, que a empreza se animou a continuar a sua publicação, aliás dispendiosissima, desenvolvendo e ampliando convenientemente as diversas materias n'elle contidas.

Nas cinzas.—Assim se intitula o ultimo romance publicado pela empreza editora Carvalho & C.ª É auctor d'elle Contran Borys, e traductor o sr. L. C. M. A empreza Carvalho & C.ª tem feito as melhores diligencias para offerecer aos seus assignantes optimos romances, quer originaes, quer traduzidos, pelo que lhe cabem os maiores louvores.

Historia da revolução franceza.—Sob o titulo de *Bibliotheca historico-scientifica* vão ser publicadas varias obras de auctores estrangeiros e nacionaes, recommendaveis pelo interesse historico e pela reputação litteraria que tem adquirido. A primeira d'ellas é a *Historia da revolução franceza*, de Ernesto Hamel, traduzida e com um prologo pelo sr. Consiglièri Pedroso. É fóra de duvida que os livros de tão elevado alcance, encontram sempre no publico intelligente favoravel acolhimento; é de crer por isso que a *Bibliotheca historico scientifica*, na qual hão de figurar os nomes de Raspail, Buckner, Stern, Littré, Michelet, Quinet e outros, tome largo desenvolvimento e consiga viver desafogadamente, o que eu sinceramente lhe desejo.

(Continúa.) RANGEL DE LIMA.

DIVERSAS NOTICIAS

A commissão encarregada de escolher o projecto do monumento que se ha de erigir ao duque da Terceira na praça dos Romulares, adoptou o n.º 2 dos srs. José Antonio Gaspar e José Simões de Almeida, sollicitando dos artistas certas modificações. A escolha foi acertada. O segundo premio conferiu-o a commissão ao sr. Alberto Nunes, e o terceiro ao sr. Manuel Maria Bordallo Pinheiro. N'este ponto é que, segundo nos parece, a commissão não procedeu tão regularmente como fôra para desejar. Que se premiasse o trabalho do sr. Alberto, um dos quatro melhores da exposição, achamos justissimo; mas que se deixasse no esquecimento, sem se lhe conceder, ao menos, o terceiro premio, o projecto do sr. Soller, projecto que tem, com certeza, a melhor estatua, isso é que ninguem que perceba de artes, pouco que seja, poderá perdoar á commissão. Se o sr. Soller apresentou o seu projecto em desenho, foi porque o programma official assim lh'o havia permittido; e á commissão não era dado, por nenhuma fórma, ter em consideração tal circumstancia para negar um premio a quem tanto o merecia. A não ser por este motivo, que, como se vê, não tem rasão de ser, não sabemos a que attribuir esta resolução menos acertada da commissão, mormente depois de a termos visto deliberar com tanto criterio na escolha do projecto dos srs. Gaspar e Simões, e na distincção conferida ao sr. Alberto.

Na camara municipal de Lisboa têem estado expostos oito projectos para o monumento que a Sociedade 1.º de dezembro vae erigir no Passeio Publico, a fim de commemorar a gloriosa revolução de 1640. Cinco dos projectos são em desenho e tres em vulto. Temos por melhores os n.os 1 e 2 feitos em vulto. O n.º 1 é um obelisco egypcio sobre uma base grega, tendo quatro dragões com os escudos da casa de Bragança, aos cantos. A ornamentação da base parece-nos destoar da simplicidade das linhas do monumento, e não gostamos dos dragões, posto sejam symbolicos e apropriados. O projecto n.º 2 é tambem um obelisco egypcio, tendo aos cantos quatro sphinges. Não é feio este projecto. Dispensavamos-lhe, porém, as sphinges, não obstante reconhecermos que o auctor as collocou ali para dar ao monumento todo o caracter egypcio. Tambem não nos pareceram do bom gosto as armas reaes nas duas faces do obelisco. Este genero de monumentos não admitte outra ornamentação que não seja a dos hierogliphicos. Modificado o projecto no sentido que deixamos apontado, jugamol-o preferivel aos demais que se acham expostos.

Abriu-se em París uma subscripção para se erigir um monumento a Carpeaux, e para ser executada a sua ultima producção—a estatua de Watteau.

Os pintores francezes tratam de formar uma associação á similhança da dos homens de letras e dos auctores dramaticos. Quando estabeleceremos nós por cá associações d'esta ordem?

Falleceram ultimamente os seguintes artistas: —Theodoro Bruni, pintor russo; João Engelmann, lithographo, inventor da chromo-lithographia; Carpeaux, o celebre esculptor francez; Carlos Cambon, pintor scenographo francez; Alexandre Colin, pintor francez; Paulo Lauters, paizagista e aguarellista belga; Paulo Hadol, desenhador francez; Chevron, gravador francez; Julia Palmyra Van Marcke, pintora de flores belga.

